



UFPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA  
E TECNOLÓGICA**

**ANA LUIZA WAYAND DE ANDRADE**

**NARRATIVAS DIGITAIS: Uma análise da criação de narrativas digitais  
em vídeo, na perspectiva dos multiletramentos**

Recife  
2020

ANA LUIZA WAYAND DE ANDRADE

**NARRATIVAS DIGITAIS: Uma análise da criação de narrativas digitais  
em vídeo, na perspectiva dos multiletramentos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

**Área de Concentração:** Ensino de Ciências e Matemática.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thelma Panerai Alves.

Recife  
2020

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Natália Nascimento, CRB-4/1743

A553n      Andrade, Ana Luiza Wayand de.  
Narrativas digitais: uma análise da criação de narrativas digitais em vídeo, na perspectiva dos multiletramentos. / Ana Luiza Wayand de Andrade. – Recife, 2020.  
192f.

Orientadora: Thelma Panerai Alves.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica, 2020.

Inclui Referências e Apêndices.

1. Educação – Tecnologias Digitais. 2. Narrativas. 3. Vídeos Educativos. 4. Letramento. 5. UFPE - Pós-graduação. I. Alves, Thelma Panerai. (Orientadora). II. Título.

371.333 (23. ed.)      UFPE (CE2020-033)

ANA LUIZA WAYAND DE ANDRADE

**NARRATIVAS DIGITAIS: Uma análise da criação de narrativas digitais  
em vídeo, na perspectiva dos multiletramentos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thelma Panerai Alves  
Universidade Federal de Pernambuco – (Orientadora )

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Beatriz Gomes de Carvalho  
Universidade Federal de Pernambuco – (Examinadora Interna)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivanda Maria Martins Silva  
Universidade Federal Rural de Pernambuco – (Examinadora Externa)

Dedico esse trabalho à minha família, à professora Mércia e à equipe do Jornal  
O Fato Social.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha SUPER ORIENTADORA pela paciência, incentivo, carinho e orientações, sem as quais esse avanço intelectual e acadêmico não teria sido possível.

Agradeço aos demais docentes do EDUMATEC pelas contribuições durante o processo de elaboração desta dissertação.

Agradeço aos funcionários do EDUMATEC que, direta ou indiretamente, contribuíram com o seguimento dos meus estudos.

Agradeço à Professora Mércia e toda equipe do Jornal O Fato Social por terem permitido que esta pesquisa acontecesse.

Agradeço aos colegas de mestrado pelas conversas enriquecedoras e pelos momentos de descontração.

Agradeço à minha família e amigos pelo apoio, incentivo e muita paciência.

Agradeço à instituição em que ensino e aos meus colegas de trabalho pela oportunidade de estudar de novo e poder contribuir com o avanço da ciência.

Aí está o ver, o olhar e a luz, que fazem parte de toda uma narrativa da visibilidade, do destaque. Se a luz permite a existência dos objetos ao olho humano, também transforma o oculto em visível, o secreto em público. A luz revela contornos, topografias, desinências, penetra nos resquícios para complementar as figuras, para tornar possível inclusive o movimento da vida.

(MARTÍN-BARBERO: REY, 2001, p. 83).

## RESUMO

Este estudo está inserido na Linha de Pesquisa de Educação Tecnológica, do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica (EDUMATEC), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As pessoas que cresceram na era digital estão habituadas a experienciar e representar o mundo com o uso de tecnologias digitais, com seus *tablets*, computadores ou smartphones, utilizando uma variedade de dispositivos e aplicativos educacionais, consumindo e criando narrativas digitais em múltiplos suportes. Narrativas digitais no suporte vídeo — em seu processo de criação — são o **objeto de estudo** desta dissertação. Em particular, este estudo analisou as narrativas digitais criadas por alunos do Ensino Médio para o Jornal *O Fato Social - Seu Jornal de Sociologia*. Este Jornal escolar, produzido e transmitido pelos alunos, **sujeitos dessa pesquisa**, faz parte de uma escola técnica, pública, localizada no município de Igarassu, Pernambuco. Por meio das câmeras dos seus celulares, os estudantes contam a realidade de sua escola, de sua cultura e do aprendizado das disciplinas que cursam. A pesquisa descreveu as atividades que foram desenvolvidas para a criação das narrativas digitais durante a produção de vídeos; identificou tais narrativas; e relacionou a criação das narrativas com os vídeos produzidos. Durante o processo de produção dos vídeos, ocorreu o uso da linguagem, sendo assim, seus usuários participaram de práticas de letramentos. Com base nessa contextualização, estabelecemos o seguinte **objetivo geral**: *Analisar a criação de narrativas digitais, na produção de vídeos, na perspectiva dos multiletramentos*. A compreensão de narrativas como atos de expressão cultural e representação da realidade foi feita a partir de Bruner (1991). Para entendermos sobre as narrativas e inseri-las no contexto do ciberespaço, utilizamos Murray (2003). Quanto às narrativas digitais no contexto da educação, recorremos a Robin (2008, 2005), Almeida e Valente (2012) e Almeida (2010). Para uma melhor compreensão do percurso trilhado pelos alunos, para a criação das narrativas digitais em vídeo, recorremos a Ohler (2013) e Lambert (2007). Discutimos também os conceitos de letramento a partir de Xavier (2005), Soares (2002) e Rojo (2009) e de multiletramentos de Rojo (2012, 2013) e Grupo Nova Londres (GNL, 1996). Para compreender o uso dos vídeos digitais na educação, foram incluídos os conceitos de Martin-Barbeiro & Rey (2001) e Moran (2000). Utilizamos também os pressupostos trazidos por Castells (2017, 1999) para a contextualização socio-histórica na qual a sociedade contemporânea está inserida. Como **metodologia**, optamos por uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos entrevista, registros em diário de campo e os vídeos produzidos pelos discentes para o Jornal, no ano de 2019. Os dados coletados foram analisados por meio da Análise Textual Discursiva (MORAES: GALIAZZI, 2016). Após a análise dos resultados, concluímos que, durante o processo de criação das narrativas digitais, os alunos participaram colaborativamente para que as suas produções conquistassem a audiência, informassem e instruissem. Também identificamos que as atividades desenvolvidas nas etapas de criação foram oportunidades para o desenvolvimento da autoria, autonomia, criatividade e criticidade. Ao analisarmos as narrativas produzidas nos vídeos, constatamos o olhar crítico dos repórteres em algumas reportagens. Constatamos também que os recursos audiovisuais estavam adequados ao conteúdo, enriquecendo o significado da narrativa. Durante o processo, percebemos que os alunos eram digitalmente fluentes e que utilizavam várias linguagens para criar suas produções em vídeo.

**Palavras-Chave:** Tecnologias Digitais, Narrativas, Vídeos Educativos, Letramento.

## ABSTRACT

This research is part of the Technological and Educational Research Study, which belongs to the Post-Graduation Program in Mathematical and Technological Education (EDUMATEC) in the Federal University of Pernambuco (UFPE). People who grew up in the digital age are used to experiencing and representing the world through digital technologies armed with their tablets, computers or smart phones they leverage a wide range of learning resources, tools, and applications, they consume and create digital narratives across multiple platforms. Digital narratives in its process of video production is the object of study of this dissertation. It analyzes digital narratives created by high school students for the newscast *O Fato Social - Seu Jornal de Sociologia*. This newscast, produced and broadcasted by the students, subjects of this research, is part of the academic program of a public vocational school located in Igarassu, Pernambuco. Through the cameras of their cell phones, the students capture their school life, their culture as well as the learnings from the classrooms. The analysis carried out by this research encompasses the activities developed in the creation of the digital narratives during the video production; a description of the characteristics that define digital narratives, and the relation between the creation of the digital narratives to the videos. In the process of video production, language is used, and the participants join in literacy practices. Based on this contextualization, the general objective of the research was established: To analyze the creation of digital narratives in video production by the high school students newscast *O Fato Social*, from a multiliteracies perspective. The understanding of narratives as acts of cultural expression and representations of reality was made from Bruner (1991). Murray (2003) was also used to complement this understanding and to place narratives in the context of the cyberspace. To weave digital narratives in the context of education, we used Robin (2008, 2005), Almeida and Valente (2012) and Almeida (2010). For a better understanding of the path taken by students to create digital video narratives, we used Ohler (2013) and Lambert (2007). The concepts of literacies from Xavier (2005), Soares (2002) and Rojo (2009) and of multiliteracies from Rojo (2012, 2013) and NLG (1996) were also discussed. To understand the use of digital videos in education, the concepts of Martin-Barbeiro (2001) and Moran (2000) were included. To understand the socio-historical context in which contemporary society is placed, this analysis resorted to the assumptions made by Castells (2017, 1999). The methodology used was qualitative research, of an exploratory and descriptive nature. Instruments of data collection included interviews, field diary records, and digital video narratives produced by students for the Journal in 2019. The information collected was analyzed through Discursive Textual Analysis (MORAES: GALIAZZI, 2016). The research concluded that during the production process of digital narratives, the students showed a good degree of collaboration to ensure that the messages being communicated via their news reports would inform and instruct their audience. We could also conclude that activities developed in the process were an opportunity for authorship, autonomy, creativity, and critical thinking. It was also concluded that the student's critical point of view in the narratives was noticeable in some messages, and that they also made an effort to enrich the meaning of the content of their messages by resorting to audio-visual and other resources.

**Keywords:** Digital Technology, Narratives, Educational Videos, Literacy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01. Logomarca do Jornal .....	70
Ilustração 02. Modelo Reunião de Pauta .....	71
Ilustração 03. Vídeo Circuito dos Museus .....	76
Ilustração 04. Vídeo Uso das Novas Tecnologias .....	78
Ilustração 05. Vídeo Coletivo Fábrica .....	81

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01. Características dos multiletramentos .....	48
Gráfico 02. Categorias encontradas na entrevista .....	101

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Revisão Sistemática das Narrativas Digitais 2015 – 2019 .....	17
Quadro 02. Revisão Sistemática das Produções de vídeos 2015 – 2019.....	17
Quadro 03. Sete elementos das ND.....	26
Quadro 04. Taxonomia das Narrativas Digitais .....	28
Quadro 05. Lista de elementos para análise das ND .....	30
Quadro 06. Gêneros de vídeos na educação <i>on-line</i> .....	37
Quadro 07. Temas das produções de vídeos 2018 .....	57
Quadro 08. Título dos Vídeos 2018.....	58
Quadro 09. Título dos Vídeos 2019.....	60
Quadro 10. Instrumentos e procedimentos para coleta de dados .....	61
Quadro 11. Instrumentos e categorias de análise .....	66
Quadro 12. Registro Diário de Campo 01 .....	70
Quadro 13. Registro Diário de Campo 03 .....	72
Quadro 14. Registro Diário de Campo 04 .....	73
Quadro 15. Registro Diário de Campo 05 .....	75
Quadro 16. Registro Diário de Campo 06 .....	78
Quadro 17. Registro Diário de Campo 07 .....	80
Quadro 18. Registro Diário de Campo 08 .....	82
Quadro 19. Tema da narrativa dos vídeos analisados .....	85

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Ficha Técnica 01 Narrativa Digital em Vídeo 01.....	86
Tabela 02. Ficha Técnica 02 Narrativa Digital em Vídeo 02.....	88
Tabela 03. Ficha Técnica 03 Narrativa Digital em Vídeo 03.....	90
Tabela 04. Ficha Técnica 04 Narrativa Digital em Vídeo 04.....	92
Tabela 05. Ficha Técnica 05 Narrativa Digital em Vídeo 05.....	94
Tabela 06. Ficha Técnica 06 Narrativa Digital em Vídeo 06.....	96
Tabela 07. Ficha Técnica 07 Narrativa Digital em Vídeo 07.....	98

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES**

DS	Desenvolvimento de Sistemas
ETE JBL	Escola Técnica Estadual Jurandir Barbosa Lins
ND	Narrativas Digitais
GNL	Grupo Nova Londres
GT	Guia de Turismo
NLG	New London Group
DST	Digital Story Telling
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1 NARRATIVAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO.. .....</b>	<b>22</b>
1.1 NARRATIVAS E NARRATIVAS DIGITAIS .....	22
1.2 CRIANDO NARRATIVAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO .....	29
<b>2 PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA EDUCAÇÃO: O OLHAR DIGITAL DOS JOVENS.....</b>	<b>34</b>
2.1 O EXERCÍCIO DE VER E PRODUZIR. ....	34
2.2 PRODUÇÃO DE VÍDEOS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO .....	41
<b>3 MULTILETRAMENTOS: PRÁTICAS SOCIAIS PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>43</b>
3.1 LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS .....	43
3.2 NARRATIVAS DIGITAIS EM VÍDEO E OS MULTILETRAMENTOS .....	49
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>54</b>
4.1 NATUREZA E OBJETIVOS DA PESQUISA .....	54
4.2 SUJEITOS E CAMPO DA PESQUISA.....	56
4.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	61
4.4 PERCURSO DA PESQUISA .....	62
4.5 CATEGORIAS DE ANÁLISE .....	66
4.6 TRATAMENTO DOS DADOS .....	67
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>69</b>
5.1 REGISTRO NO DIÁRIO DE CAMPO .....	69
5.2 ANÁLISE DAS NARRATIVAS DIGITAIS EM VÍDEOS.....	84
5.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	100
5.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	110
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>116</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>121</b>
<b>01 DIÁRIO DE CAMPO - MODELO .....</b>	<b>121</b>
<b>02 PROCESSO DE PRODUÇÃO DE ND EM VÍDEO - MODELO .....</b>	<b>122</b>
<b>03 ENTREVISTAS COM ESTUDANTES .....</b>	<b>123</b>
<b>04 FICHA TÉCNICA ND EM VÍDEO - MODELO.....</b>	<b>125</b>

<b>05 DIÁRIO DE CAMPO.....</b>	<b>126</b>
<b>06 TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>148</b>
<b>07 NARRATIVAS DIGITAIS EM VÍDEO .....</b>	<b>164</b>
<b>08 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>192</b>

## INTRODUÇÃO

“Olá, meu nome é Nayra. Olá, meu nome é Nicolas, e essa é mais uma edição do jornal O Fato Social”. Essa é a abertura do telejornal, disponível na plataforma YouTube, que conquistou nosso interesse investigativo e tornou-se uma “marca registrada” do jornal e de seus apresentadores. O Jornal O Fato Social é produzido por alunos de uma escola técnica da rede pública de Pernambuco, em Igarassu. Escolhemos a narração dos apresentadores para introduzir nosso texto, pois ela direciona a temática desta pesquisa: narrativas digitais em vídeo.

Nosso interesse em realizar este estudo sobre o uso de narrativas digitais em vídeo, no âmbito escolar, surgiu após observações da participação dos alunos ao realizarem gravações simples em sala de aula. Com isso, analisamos a participação dos estudantes ao utilizarem um *tablet* em gravações de suas *role-play*, com o interesse de “*se sair bem*”, e tal participação não ocorria com a ausência da mídia. Observamos, também, que os alunos trabalhavam juntos e os desafios eram superados durante o processo de produção dos vídeos e de criação das mensagens, as quais iremos chamar de *narrativas digitais* (ND).

No contexto da era da informação e da convergência das mídias para suportes digitais, tem-se proliferado a produção de narrativas digitais para construir realidades. As ND se encontram em vídeo, *podcast* e fotos, entre outros suportes. No âmbito da Educação, uma possibilidade é de que as narrativas digitais sejam criadas pelos estudantes.

Na tentativa de entender como as ND vêm sendo estudada no meio acadêmico, realizamos uma pesquisa na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando o período de 2015 a 2019 e os achados não foram diferentes. É importante ressaltar que, ao realizarmos alguns levantamentos em repositórios de pesquisas, percebemos que essa temática apresenta poucas pesquisas relevantes na área de educação, no contexto do Ensino Médio. O tema relacionado às narrativas digitais encontra-se mais popularizado em teses e doutorados. Uma busca na base de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) nos levou a um quantitativo de **8.200** pesquisas, demonstrando que a temática já encontra espaço no meio acadêmico, entretanto, ao restringirmos a pesquisa para uma busca avançada e acrescentarmos o descritor “ensino”, encontramos **753** pesquisas, ocorridas no período de 2015 a 2019, nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil. Para podermos conhecer melhor esse cenário em relação ao nosso objeto de estudo, direcionamos uma busca para aspectos discutidos nesta dissertação. Mais tarde, realizamos um segundo levantamento e, a partir dessa informação, verificamos que as 753 pesquisas não contemplavam totalmente nosso objeto de estudo, pois encontramos pesquisas relacionadas apenas a narrativas

ou apenas à temática “digital”. Então, optamos por restringir a busca pelo título e pelo assunto e encontramos um quantitativo bastante reduzido, confirmando nossa hipótese de que há necessidade de mais pesquisas nessa área. Assim, encontramos um total de 11 pesquisas conforme quadro abaixo:

**Quadro 01. Revisão Sistemática Narrativas Digitais 2015 - 2019**

QUANTITATIVO	DESCRITORES
02	<i>Narrativa digital</i> no título e <i>ensino médio</i> no resumo que incluísse todos os termos.
01	<i>Narrativa digital</i> no título e <i>produção de vídeo</i> no resumo que incluísse todos os termos.
04	<i>Narrativa digital</i> no assunto e <i>ensino médio</i> no resumo que incluísse todos os termos.
04	<i>Narrativa digital</i> no assunto e <i>produção de vídeo</i> no resumo que incluísse todos os termos.

Fonte: Elaboração própria (2019)

Entretanto, ao eliminar as pesquisas repetidas e sem relevância, apenas sete (07) se referem ao uso de ND para o processo de ensino e aprendizagem. Diante dos achados, consideramos que esse quantitativo não foi suficiente para abranger o aspecto referente à produção de vídeos. Assim, realizamos uma segunda pesquisa, no mesmo repositório (Quadro 02). O lapso temporal continuou de 2015 a 2019, para que pudéssemos ter um cenário bastante recente das pesquisas realizadas no contexto educacional. Escolhemos as pesquisas que estivessem relacionadas à produção de vídeos pelos alunos do ensino médio e que produzissem vídeos no contexto educacional. Das 33 pesquisas encontradas, apenas 07 se enquadraram no critério adotado. As demais pesquisas se referem à formação de professores, ou são videografações, ou são produções do Ensino Fundamental.

**Quadro 02. Revisão Sistemática Produção de Vídeos. 2015 – 2019**

QUANTITATIVO	DESCRITORES
02	<i>Produção de vídeo</i> no resumo e <i>Ensino Básico</i> no resumo que incluísse todos os termos.
02	<i>Produção de vídeo</i> no resumo e <i>Ensino Médio</i> no resumo que incluísse todos os termos.
03	<i>Produção de vídeo</i> no resumo e <i>Ensino Médio</i> no resumo que incluísse todos os termos.

Fonte: Elaboração própria (2019)

No geral, as pesquisas contemplam práticas pedagógicas que integram a aprendizagem de conteúdos por meio de produção de vídeos pelos alunos. Essas produções podem ser da escolha dos estudantes ou previamente determinadas pelo docente.

Diante do exposto, sentimos falta de pesquisas no contexto do Ensino Médio que descrevessem o processo em que as narrativas são produzidas. Dessa forma, resolvemos contribuir com o reduzido quantitativo de pesquisas sobre narrativas digitais no Ensino Médio, direcionando o olhar para a análise do seu processo de criação, assim como das narrativas produzidas. Acreditamos que o enfoque dado na presente pesquisa contribuiu para que, em futuras práticas pedagógicas, tanto os discentes como os docentes desenvolvam narrativas digitais em vídeo considerando elementos e especificidades próprios da linguagem adotada.

Observamos que, no decorrer do processo de criação das narrativas digitais, os alunos participam de práticas de letramentos, integram recursos audiovisuais ao conteúdo das narrativas e diversas atividades são desenvolvidas. Dessa forma, estabelecemos o seguinte **problema de pesquisa**: *Como são criadas as narrativas digitais, na produção de vídeos, para o Jornal O Fato Social, na perspectiva dos multiletramentos?*

Com base nessa contextualização, estabelecemos o seguinte **objetivo geral**: *Analisar a criação de narrativas digitais, na produção de vídeos, para o Jornal O Fato Social, na perspectiva dos multiletramentos.* Ao se propor um estudo sobre a produção de narrativas digitais em vídeo, direcionamos nosso olhar investigativo para as etapas de sua produção e os elementos que compõem uma narrativa digital. A perspectiva dos multiletramentos guiou nossa interpretação do uso da linguagem nesse processo de criação/produção. Assim, chegamos aos seguintes objetivos específicos:

- a) Descrever a criação de narrativas digitais, pelos alunos, na produção de vídeos para o Jornal *O Fato Social*.
- b) Identificar as narrativas digitais criadas pelos alunos na produção de vídeos para o Jornal *O Fato Social*
- c) Relacionar a criação de narrativas digitais com a produção de vídeos, para o Jornal *O Fato Social*, na perspectiva dos multiletramentos.

A nossa **hipótese** é de que, em um mundo de multiletramentos, como o atual, os alunos do Ensino Médio produzem narrativas digitais em vídeo com autoria, autonomia, criatividade, colaboração e criticidade. Isso se deve ao fato de os estudantes refletirem sobre suas escolhas quanto ao uso dos recursos tecnológicos e à construção dos conteúdos das narrativas

O **objeto de estudo** está relacionado às narrativas digitais no suporte vídeo e seu processo de produção por estudantes do Ensino Médio que fazem parte do jornal *O Fato Social*. Estabelecemos como eixos teóricos: narrativas digitais, produção de vídeos e multiletramentos.

Para a realização desta investigação, escolhemos um contexto educacional que pudéssemos explorar e descrever o universo midiático — as ND no processo e produção de

vídeo —, e encontramos o projeto da disciplina de Sociologia de uma escola da rede pública do Estado de Pernambuco. O projeto foi o jornal *O Fato Social – Seu Jornal de Sociologia*. Trata-se de um jornal produzido por meio de vídeos, pelos alunos, e tem como objetivo informar e debater os conteúdos das disciplinas de Sociologia, de Desenvolvimento de Sistemas e de Guia de Turismo, relacionando-os aos acontecimentos do cotidiano dos discentes. Com este propósito, as reportagens e entrevistas são desenvolvidas de uma forma divertida e dentro da linguagem dos adolescentes, que são estudantes de uma escola técnica do Estado de Pernambuco. Assim, a realidade explorada em suas produções refere-se aos temas das áreas contempladas no curso técnico em que eles estão matriculados. Por meio das câmeras dos seus celulares, os estudantes gravam a realidade de sua escola, de sua cultura e das disciplinas que lecionam e contam a sua história, que agora está eternizada na narrativa da Rede. Desta maneira, ao analisarmos a produção de narrativas digitais em vídeo para o jornal, no ano de 2019, procuramos descrever as narrativas digitais, explicando as atividades desenvolvidas, a participação dos estudantes no processo de produção de vídeos e como essas produções contribuíram para as mensagens do Jornal.

Os **sujeitos** desta pesquisa nasceram na era da informação digital, se comunicam utilizando mídias digitais e, frequentemente, são vistos com seus *smartphones* no bolso. Esses jovens são estudantes da segunda série do Ensino Médio, têm entre 16 e 17 anos e, na sua maioria, fazem parte das atividades do jornal desde 2018.

Para o desenvolvimento desta investigação, propusemos uma **metodologia** baseada em uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com procedimento de Estudo de Caso. Para o método de análise, optamos pela Análise Textual Discursiva (MORAES: GALIAZZI, 2016)

Os instrumentos para a coleta de dados foram a realização de uma **entrevista** semiestruturada com os discentes integrantes do jornal; o registro de um **diário de campo**, constando observações das reuniões de pauta, as gravações e as edições dos vídeos; e 07 (sete) vídeos produzidos pelos discentes para o jornal *O Fato Social*, no ano de 2019.

O presente trabalho está estruturado em cinco partes: o referencial teórico (**capítulos 1, 2, 3**), a metodologia e a coleta de dados (**capítulo 4**), e, por fim, a análise dos dados (**capítulo 5**). Os dois grandes eixos teóricos desta pesquisa tratam das narrativas digitais e dos multiletramentos (**capítulos 1 e 3**). No **capítulo 2** exploramos o uso do vídeo digital na educação. Recorreremos aos pressupostos trazidos por Castells (2017, 1999) quanto à contextualização socio-histórica na qual a sociedade contemporânea está inserida, sempre que necessário.

Primeiramente, foram discutidos os conceitos de *narrativas* e *narrativas digitais* (**capítulo 1**). Na seção 1.1, recorreremos à *compreensão de narrativas*, como atos de expressão da cultura e suas versões da realidade, feita a partir de Bruner (1991) e recorreremos a Murray (2003) para ampliar essa compreensão e inserir as narrativas no contexto do ciberespaço e da sociedade em rede. Também, neste item, discutimos o conceito de *narrativas digitais* a partir de Robin (2008, 2006). Em seguida, (seção **1.2**), discutimos as narrativas digitais, considerando o seu processo de criação (OHLER, 2013, LAMBERT, 2007).

No **Capítulo 02**, exploramos a produção de vídeos digitais, a partir do uso de celulares. Também abordamos o aspecto crítico do exercício de ver, proposto por Martin-Barbero e Rey (2001); e as características da linguagem audiovisual e seus recursos de produção, propostos por Moran (2001). Em seguida, tratamos a produção de vídeos no contexto educacional, a partir de Almeida (2012) e Buckingham (2010).

No **capítulo 03**, dialogamos sobre os aspectos relativos ao letramento e aos multiletramentos. Trouxemos (seção **3.1**) o conceito de *letramento* como prática social e que demanda um posicionamento crítico a partir de Rojo (2009) e Soares (2012, 2004) concluímos essa seção apresentando o conceito dos multiletramentos e suas características, segundo Rojo (2009) e o New London Group (NLG, 2006). Finalizamos esse capítulo (**seção 3.2**), abordando a produção de narrativas digitais em vídeo na perspectiva dos multiletramentos.

No **capítulo 04**, apresentamos os percursos metodológicos, os sujeitos, o objeto desta investigação e os instrumentos de coleta de dados. Surgiu, então, a necessidade de apresentar as categorias de análise que guiaram a construção dos instrumentos de coleta de dados. Retomaremos os autores do referencial teórico, assim como outros estudiosos da área ajudarão nessa categorização.

O **quinto** capítulo se refere à interpretação e análise dos dados, processos nos quais o olhar crítico do analista buscou as marcas deixadas na fala dos discentes, e o registro do pesquisador, de forma a encontrar elementos que confirmassem ou não, a hipótese desta pesquisa. Essa análise foi realizada a partir da perspectiva da Análise Textual Discursiva (MORAES: GALIAZZI, 2016) como método para proporcionar a interpretação e comunicação da análise do processo de criação de ND em vídeo.

Assim, concluímos nossa pesquisa percebendo que o fenômeno estudado favorece à prática de multiletramentos com a participação *colaborativa* dos alunos-jornalistas em muitas etapas do processo de criação de suas narrativas. Durante o percurso os estudantes utilizaram seus recursos cognitivos e tecnológicos disponíveis para criar artefatos e as reportagens, assim como para superar as situações adversas dessa jornada. Além disso, trouxeram para a sala de

aula seus estilos de editar, gravar e criar textos corroborando para que a criação final das narrativas em vídeo oportunizasse a criatividade, *autoria* e *autonomia*. Durante a criação de suas narrativas digitais em vídeo, também foi possível identificar oportunidades para que os alunos desenvolvessem a *críticidade*, evidenciado nos momentos de escolha dos locais de gravação, por exemplo, ao justificarem suas escolhas.

Após a análise dos vídeos, concluímos que as narrativas digitais foram elaboradas para conquistar sua audiência, informar e instruir; e, constatamos que o olhar crítico dos repórteres foi percebido em algumas reportagens, assim como os recursos audiovisuais foram usados de forma adequada ao conteúdo das reportagens, enriquecendo o significado das narrativas.

## 1 NARRATIVAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Neste capítulo, trataremos dos conceitos de narrativas e narrativas digitais, bem como de suas implicações para o contexto educacional. Esta reflexão ocorrerá em dois momentos: no primeiro momento, na **seção 1.1**, discorreremos sobre a compreensão de narrativas, como atos de expressão cultural e representações da realidade, que será feita a partir de Bruner (1991). Recorreremos a Murray (2003) para ampliar essa compreensão e inserir as narrativas no contexto do ciberespaço. Em seguida, discutimos o conceito de narrativas digitais, a partir de Robin (2008, 2006) e Ohler (2013) e de outros autores brasileiros que discutem essa temática no contexto educacional como Almeida e Valente (2012). No segundo momento, **seção 1.2** exploramos o uso das narrativas digitais (doravante ND) no contexto educacional (ALMEIDA E VALENTE, 2012, e ALMEIDA, 2010), considerando como deve ser seu processo de criação (OHLER, 2013).

### 1.1 NARRATIVAS E NARRATIVAS DIGITAIS

Com a *Poética*, de Aristóteles, em torno de 335 a.C., surgiram os primeiros estudos sobre narrativas, que, nesse caso, referiam-se à estética e à estrutura dos gêneros literários gregos. Acredita-se que eram elaborados no formato de *rolos de papiro*, para serem lidos para os discípulos do Mestre, durante a aula, o que merece um importante destaque, visto que a expressão do pensamento humano (ato de narrar) materializa-se em alguma forma de linguagem, por meio de suporte disponível à sua cultura. Sendo assim, as narrativas acompanham a história da nossa evolução e esse “fazer”, construir ou criar alguma coisa pode ser interpretado como imitação, representação, comunicação, ou transmissão de informação, dependendo da cultura e das suas condições de produção.

A ação de narrar tem relação com o ato de falar. É dizer algo sobre alguma coisa para alguém. Além disso, de acordo com Murray (2003), esta atividade que conecta pessoas é uma arte, uma possibilidade de ser no mundo, “para aprender e interpretá-lo e transformar o pensamento humano” (MURRAY, 2003, p. 10). As narrativas servem para conectar pessoas, comunicar e informar. “A narrativa é um de nossos mecanismos cognitivos primários para compreensão do mundo. É também um dos modos fundamentais pelos quais construímos comunidades” (MURRAY, 2003, p. 10), pois quando nos reunimos em volta de uma fogueira ou nos sentamos diante de uma tela, laços são formados entre os integrantes desse convívio, e

tradições e valores são preservados e/ou transformados. Nesse sentido, de acordo com Motta (2013), ao narrarmos os acontecimentos vividos, estamos formando “teias” que nos unem a nós mesmos, aos outros e as nossas histórias.

Bruner (1991) também propõe que narrativas são expressões da cultura e por ela são transmitidas, contadas e recontadas. Por isso, narrativa é uma prática social. É esta cultura que conta, reconta, transmite histórias (reais ou ficcionais). Ainda segundo Bruner (1991), o domínio das interações humanas, no qual a narrativa está inserida, assim como o domínio da realidade lógico-científica, têm características semelhantes. Ambos se sustentam em “ferramentas culturais”, logo, estudos nessa área não devem considerar o indivíduo isolado, mas, a partir dos sistemas simbólicos culturais. Apesar de as narrativas representarem o real, sua legitimidade depende de sua aceitação cultural e do nível de conhecimento de seu interlocutor não se trata de uma verificação empírica, como ocorre com textos advindos do pensamento lógico-científico (BRUNER, 1991).

Uma das importantes características da narrativa que merece destaque é a possibilidade de contar a realidade por um olhar de imitação criativa a mimesis. Kearney (2012) define mimesis como olhar imaginativo para *redescobrir* nossas vidas, entretanto, isso não significa uma imitação submissa à realidade, mas sim uma forma de recontar o real favorecendo seus “*detalhes essenciais*” (KEARNEY, 2012). Lima amplia esse conceito e distingue o olhar sobre o real na obra ficcional em duas definições: *mimesis de representação* e *mimesis de produção*. A mimesis da representação se refere a descrição de um correlato ao real, uma concepção ou sua representação. Em oposição, quando não é possível fazer uma correlação com o real, quando há uma “destruição” deste, ou se torna um produto rebelde do real, entre o possível e o impossível, o autor recorre à mimesis de produção (LIMA, 1980).

O ato de narrar acontecimentos da vida humana, ficcional ou fáticos, tem acompanhado o curso da espécie humana, pois, segundo Motta, “As narrativas são representações, construções discursivas sobre a realidade humana. São representações mentais linguisticamente organizadas, a partir de nossas experiências de vida” (MOTTA, 2013, p.44). Dessa forma, o mundo torna-se real ao fazer uso de algum tipo de linguagem, das quais as narrativas fazem parte.

De acordo com Kearney (2012), não há neutralidade no ato de contar histórias, uma vez que tanto narrador quanto receptor emitem algum tipo de avaliação. O receptor irá avaliar esteticamente e eticamente o narrador, seus atores, os eventos, e a própria narrativa. Inclusive, essa é uma “necessidade da narrativa” de resposta positiva ou negativa e uma resposta estilística da audiência. Do ponto de vista do narrador, ele espera que o texto cause algum efeito na

audiência. Há, na contação de histórias, a necessidade de persuadir, ou seja, mostrar a quem nos ouve a trajetória dos personagens durante a contação, o que nos leva a considerar verdadeira a proposição de Kearney: “As histórias alteram nossas vidas quando retornamos do texto para a ação” (KEARNEY, 2012, p. 429). Ainda segundo Kearney (2012), a narrativa é um jogo no qual, pelo menos 03 jogadores devem estar atuando, interagindo: o autor, o ator e o destinatário.

Na era da informação, as narrativas adequam-se ao contexto digital. Estamos em uma era de multilinguagens, entretanto ainda há a ideia de que a coerência do pensamento humano se dá pela escrita (MURRAY, 2003). O ciberespaço aparece como um novo meio da expressão narrativa, que não substitui os filmes e romances, mas que apresenta um novo plano. A narrativa por meios digitais distingue-se dos meios não-digitais por ser multissensorial, o que facilita a imersão e o “aprisionamento” do seu interlocutor na narrativa, uma vez que seus vários sentidos estão acionados. Em contrapartida, na leitura de textos impressos, o leitor tem maior domínio de quando interrompê-la (MURRAY, 2003).

Observando-se a história, notamos a utilização de adequadas tecnologias para registro de expressão de sua linguagem, assim como já foram usadas a cunha<sup>1</sup> e a argila. Talvez alguns povos ainda utilizem essa técnica, mas, para os integrantes da Sociedade em Rede (CASTELLS, 1999) são as tecnologias digitais de informação e comunicação as formas mais adequadas a representação da realidade. Para Castells (1999), Sociedade em Rede é muito mais que os diversos nós que o sistema de rede permite interligar. Essa estrutura social opera a partir dessa rede de nós, é verdade, mas a Sociedade em Rede, entretanto, contempla a complexidade dos fatores relacionados ao fluxo e à troca de informação, comunicação e capital. Os jovens nascidos na Era da Informação ou na Sociedade em Rede se identificam com a comunicação no ciberespaço (espaço virtual, não-tátil, no qual as pessoas e as coisas estão conectadas por meio de seus artefatos digitais). A comunicação com a ajuda das telas, de alguma forma, se torna mais adequada a esse público.

Com as transformações impulsionadas pela evolução e pelo acesso às tecnologias digitais, surgem novas linguagens. Nesse contexto, Almeida e Valente (2012) apontam a necessidade de adaptação a essa mudança:

Os meios mudaram, certamente a linguagem de cada formato também mudou e, portanto, não pode ser tratado como antes. As facilidades de manipulação de textos e imagens passam a alterar radicalmente a maneira como as linguagens verbal e visual

---

<sup>1</sup> Segundo o dicionário *on-line* Houaiss, *cunha* significa *peça de metal ou madeira dura cortada em ângulo agudo, usado para fender pedra ou madeira, bem como para calçar, nivelar ou ajustar objetos.*

são produzidas, como são usadas, interpretadas e transformadas. (ALMEIDA e VALENTE, 2012, p. 65)

Contemporâneas ou antigas, as tecnologias sempre fizeram parte da nossa história, entretanto, o que as tecnologias digitais de informação e comunicação apresentam de “novo” é justamente a possibilidade que os usuários têm de personalização e adaptação, principalmente os jovens:

A distinção entre velhas e novas tecnologias é que as novas estão sendo customizadas, e personalizadas em formas dinâmicas e imprevisíveis pelos seus usuários, e esta personalização tem um impacto profundo em como as pessoas e especialmente os jovens, estão conduzindo os negócios, se divertindo e participando em relacionamentos sociais (ROBIN, 2008, p. 221, tradução nossa)<sup>1</sup>

No contexto contemporâneo no qual há maior oportunidade para personalização na produção por meio digitais, a criação de narrativas digitais aparece como opção para a expressão do pensamento humano. De acordo com Robin (2006), narrativas digitais podem ser entendidas como narrativas que acontecem em um formato digital e são construídas com a diversidade de linguagens e formatos disponíveis para uma representação mais vívida das “memórias” de seus narradores. De acordo com este autor, é possível encontrar algumas definições sobre o conceito de narrativas digitais na literatura, entretanto, para o referido autor, elas se caracterizam pela união em contar histórias e o uso de alguma mídia digital, e sempre do ponto de vista do narrador. Assim, as ND integram algum tipo de mídia digital:

[...]gráficos, texto, gravação de narrativas em áudio, vídeo e música, para apresentar informação sobre um tópico específico. Como é o caso com as narrativas no formato tradicional, narrativas digitais se referem a um tema escolhido e frequentemente contém um ponto de vista particular (ROBIN, 2006, p. 1, tradução nossa)<sup>2</sup>

Outros autores, como Ohler (2013) também reforçam a característica da personalização das ND com a integração das TDIC. Ohler (2013) apresenta as características de ND para o contexto escolar, assim como outros recursos didáticos que devem ter um objetivo acadêmico. E cabe à sensibilidade do docente na escolha do suporte a ser usado, priorizando os interesses dos alunos. Segundo este autor, com relação às produções audiovisuais, elas devem ser curtas, entre dois e quatro minutos.

---

<sup>1</sup> What further distinguishes these emerging technologies from earlier ones is that they are being customized and personalized in dynamic, and often unpredictable, ways by their users, and this personalization is having a profound impact on how people, especially young people, are conducting business, finding entertainment, and participating in social relationships. (ROBIN, 2008, p. 221).

<sup>2</sup>[...] some mixture of digital graphics, text, recorded audio narration, video and music to present information on a specific topic. As is the case with traditional storytelling, digital stories revolve around a chosen theme and often contain a particular viewpoint. (ROBIN, 2006, p. 1).

Desse modo, esse gênero discursivo característico da sociedade contemporânea (SILVA, 2019) pode ser entendido como uma narrativa que acontece em um formato digital. Essa forma de contar histórias tem sua origem no termo em inglês “*Digital Storytelling*” (DST) e ganhou notoriedade no final dos anos 1980, nos Estados Unidos, por Dona Atchley e Joe Lambert, como parte integrante do movimento de narrativas digitais que se configurou no *Center for Digital Storytelling* (doravante CDS), uma organização não-governamental sem fins lucrativos, que passou a treinar e dar assistência sobre a produção de narrativas digitais. De acordo com Robin e Pierson (2005), as narrativas podem servir como meios de comunicação ou de reflexão, a depender do que é solicitado: ensaios, artigos, documentários, entre outros, podem ser classificadas em 03 categorias (ROBIN, 2008, p. 224-225):

- **Narrativas pessoais:** o autor conta suas experiências pessoais;
- **Histórias que informam ou instruem:** geralmente os professores criam as histórias para apresentar algum tema procedimento, mas também pode servir de complemento para a construção de narrativas pessoais;
- **Narrativas que examinam eventos da História:** uso criativo das mídias digitais para construir um relato de algum evento histórico.

O CDS elaborou 07 (sete) elementos da ND (ROBIN, 2008, p. 222, quadro 01) que, de acordo com seus elaboradores, mostrou-se muito eficaz para a construção de narrativas digitais. De acordo com Lambert (2007), esses elementos foram desenvolvidos a partir da própria estrutura de uma narrativa e da aparência de uma história. Esses elementos podem guiar o processo de criação de uma narrativa digital ou podem ser utilizados como parâmetros para avaliação de narratividade. O CDS sugere que a produção das narrativas ocorra em equipe ou grupo, pois sua construção supõe a atividade colaborativa, ganha força pelo coletivo, pelas interações e aprendizagens. O quadro abaixo apresenta esses 07 (sete) elementos e uma síntese do que eles representam.

### Quadro 03. Sete Elementos da Narrativa Digital

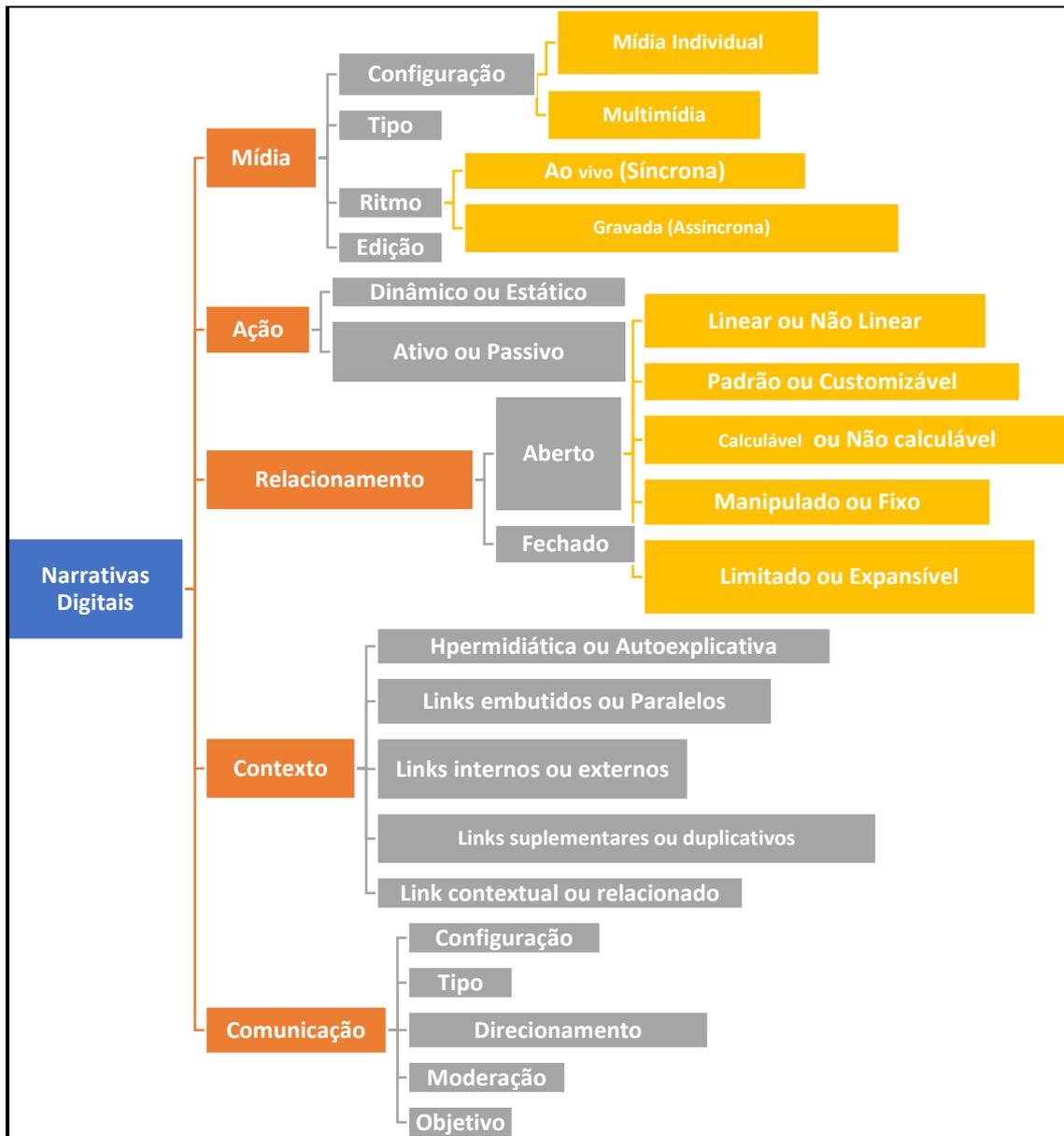
1	Ponto de vista	Consiste no ponto de vista principal da história, qual a perspectiva do narrador.
2	Questão dramática	A questão dramática da narrativa, sendo a chave para manter a atenção do espectador, devendo ser respondida até o fim da narrativa
3	Conteúdo emocional	Problemas sérios que ganham vida de uma maneira pessoal e poderosa, conectando a história ao público
4	O presente da sua voz	Uma maneira de personalizar a história para ajudar o público a entender o contexto.
5	Música e trilha sonora	Músicas e outros sons dão suporte e embelezam a história.
6	Economia	Usar conteúdo suficiente para contar a história, sem sobrecarregar o espectador.
7	Ritmo	O ritmo da história, o quão rápido ou lento ela progride.

Fonte: Adaptado de ROBIN (2008, p. 223) tradução: SILVA (2019, p. 29)

Esses elementos não devem aparecer na narrativa isoladamente, mas, sim, em uma integração harmoniosa. Os sete elementos ajudam a superar os problemas que existem nos processos de criação, como, por exemplo, na escolha das informações, na integração dos recursos de edição e no teor crítico. É uma prática que também trabalha com a linguagem verbal, tentando evitar o uso de palavras repetidas ou redundantes. Assim, os sete elementos que compõem a ND, propostos por Lambert (2007), são uma forma sucinta de contribuir para a criação de boas narrativas.

O uso de ND não se restringe ao âmbito escolar. Esta prática também tem sido realizada em outros contextos, como o jornalístico, publicitário, artístico, entre outros. Paul (2014) discute acerca de cinco (05) elementos constitutivos de narrativas digitais e seus atributos, além de sugerir discussões para investigar o impacto das ND. Esses elementos são **mídia**, **ação**, **relacionamento**, **contexto** e **comunicação**. O elemento **Mídia** se refere ao suporte escolhido para a criação da narrativa. O elemento **ação** contempla a movimentação do conteúdo e a atividade feita pelo usuário para acessar o conteúdo. O atributo **relacionamento** se refere aos elementos desenvolvidos para que os usuários possam ter uma experiência mais interativa com o conteúdo. **Contexto** refere-se ao conteúdo adicional, que proporciona a atmosfera enciclopédica ao texto, é a possibilidade de agregar material de apoio ou adicional ao conteúdo que está sendo trabalhado na narrativa, geralmente por meio de *links*. O elemento **comunicação** refere-se aos meios disponíveis para que a comunicação entre emissor e o usuário ocorram, e também indica qual é o tipo de comunicação, se ocorre ao mesmo tempo em que é produzida ou não, por exemplo. Os cinco elementos e suas subcategorias podem ser visualizados na taxonomia a seguir para uma melhor compreensão:

**Quadro 04. Taxonomia das Narrativas Digitais**



Fonte: Silva (2019)

Paul direciona seu texto para pesquisadores de mídias e, mais especificamente, para a área de jornalismo, mas acreditamos que a área de educação também pode se beneficiar com essas características, no sentido de que tais elementos contribuem para o entendimento da mensagem a ser usada nas narrativas. Outro elemento enfatizado no artigo é considerar a resposta do usuário para as narrativas. Nesse aspecto, retomamos o que foi discutido por Kearney (2012) sobre que todo texto gera uma persuasão e necessidade de resposta. Em uma era de comunicação bilateral, usuários e produtores trocam constantemente de posição. Além disso, Valente e Almeida (2014) apontam a relação do conceito teórico de narrativa de Kearney (2012) no que se refere ao:

[...] uso das mídias e tecnologias digitais no ato de criar um enredo, na ação que integra os contextos narrados e o vivido pelo autor, na comunicação que permite ao leitor relacionar-se com o narrado, deixando-se conduzir para outros tempos e lugares e ver o mundo com outros olhos (VALENTE; ALMEIDA, 2014, p.38).

Além disso, as narrativas digitais não encontram limites geográficos e temporais: qualquer pessoa com acesso a algum equipamento eletrônico e acesso à internet consegue criar ou produzir seu texto sobre qualquer assunto e ainda compartilhar ou depositar em algum canal de transmissão de internet. Diante do exposto, as ND possibilitam ao seu narrador mais oportunidades de representar o real devido à diversidade e flexibilidade de linguagens e mídias que podem ser utilizadas. É o olhar, o ponto de vista do narrador que está em evidência.

## 1.2 CRIANDO NARRATIVAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Por se tratar da própria fala do indivíduo, o ato de narrar, pela produção de narrativas digitais, colabora com o desenvolvimento da expressão e comunicação discente ao incentivar o olhar subjetivo dos narradores.

De acordo com Ohler (2013), a produção de narrativas digitais pode estimular o desenvolvimento da criatividade, a subjetividade e o sentido crítico do discente. Ao apresentar diretrizes para o contexto educacional, o referido autor reforça que os alunos devem desenvolver a criatividade e imaginação para resolver problemas encontrados no processo de criação de suas narrativas.

Ohler (2013, p. 173-174, tradução nossa) apresenta uma sequência, em cinco etapas, para criação de narrativas digitais com suporte de alguma mídia. As etapas sugeridas se baseiam em produções de mídia utilizadas em outros contextos, como, por exemplo, produção de desenhos, filmes, documentários e noticiários.

- I) Planejamento da história = finalização da história, planejamento dos documentos, mapas das histórias, *scripts*, *storyboards*.
- II) Pré-produção = seleção e preparação dos elementos de mídia digital que serão usados
- III) Produção = concluir a gravação e edição com utilização de algum *software*, avaliar o projeto antes de sua postagem.
- IV) Pós-produção = adicionar ou alterar elementos de edição, adicionar títulos, créditos, preparar o projeto para publicação e distribuição
- V) *Performance* e Distribuição = o projeto está finalizado e pronto para ser apresentado, distribuído e compartilhado.

Geralmente esse processo não é individual, sendo que há o estímulo ao desenvolvimento de interações entre os estudantes e negociações. Além dos aspectos de organização da construção da narrativa, o autor enfatiza que há um estímulo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências, tanto da audiência como dos próprios narradores, assim como é possível observar o surgimento de talentos entre os estudantes a partir dessa oportunidade criativa (OHLER, 2013). Ohler (2008) propõe alguns parâmetros para o professor considerar, tanto no processo das produções como no instrumento de avaliação das produções dos alunos. Essas diretrizes podem ser visualizadas no quadro abaixo:

#### Quadro 05. Lista de elementos para análise das ND

Narrativa	Qual a qualidade da história? Este item se relaciona à estrutura, envolvimento, e transformação do personagem
Planejamento	Há evidência de um planejamento consistente com uso de mapas de histórias, <i>scripts</i> e <i>storyboards</i> ?
Processo de desenvolvimento da Mídia	Como o estudante desenvolveu a fluidez do processo?
Pesquisa	O projeto do aluno foi bem pesquisado e documentado?
Compreensão do conteúdo	Como o estudante atingiu os objetivos acadêmicos da atividade e como se identifica a compreensão do material entregue?
CrITÉRIOS para avaliação	Observar e manter os critérios previamente estabelecidos com relação ao tamanho da história, quantidade de imagens, duração de música
Escrita	Qual foi a qualidade dos textos dos estudantes no planejamento e na pesquisa?
Originalidade, voz, criatividade	As produções foram criativas? Os alunos demonstraram originalidade na voz?
Apresentação e <i>Performance</i>	Como foi a apresentação e performance dos alunos? Isto inclui queimar DVD, postar a narrativa na web de forma efetiva, apresentação diante de uma audiência, ou qualquer outra forma solicitada.
Fluidez, organização e ritmo	A história foi bem organizada? Houve fluidez, movendo de uma parte para outra sem distorções?
Economia	A informação apresentada na narrativa foi usada de forma otimizada evitando desperdícios linguísticos?
Percepção da audiência	Como a narrativa atendeu a necessidade da audiência?
Aplicação da Mídia	O uso da mídia foi apropriado. Balanceado e adequado para apoiar a narrativa.
Gramática Midiática	A história teve desvios gramaticais midiáticos? Existem vários aspectos a serem considerados a critério do docente
Citações e Permissões	Houve o cuidado de fazer referência aos direitos autorais? Foi necessário solicitar permissões? As citações foram usadas no formato adequado?

Fonte: Adaptado de OHLER (2008, tradução nossa).

Ohler (2013) ressalta que cada projeto tem suas particularidades e a sensibilidade do executor irá identificar o que é necessário modificar e adaptar em cada projeto e em cada etapa da narrativa, levando em consideração os recursos tecnológicos e cognitivos disponíveis do contexto de produção, o tempo disponível, a natureza da atividade ou a necessidade dos participantes.

Atualmente, os jovens da cibercultura (termo utilizado para se referir à sociedade contemporânea, contemplando a relação entre a sociedade, cultura e as novas tecnologias) estão inseridos em uma cultura de consumo, produção e criação de conteúdo (LEMOS, 2003).

Deste modo, as novas mídias fazem parte da cultura digital, na qual os alunos do ensino básico estão inseridos, favorecendo uma nova forma de comunicação. Os alunos assumem novos papéis: além de emissores de mensagens, são também audiência. Têm-se novos ecossistemas comunicativos. *(Analogia feita com a noção de ecossistema da Biologia no qual há uma troca mútua e contínua entre seres vivos e meio ambiente, no que se refere aos ecossistemas comunicativos, há uma simbiose entre as TDIC e suas linguagens, suas narrativas e como essa inter-relação interfere nas ações do cotidiano).*

As narrativas digitais, no contexto escolar, são efetivas práticas de “reapropriação do espaço físico”, ao mesmo tempo em que seu uso, além do consumismo, é uma forma de “fortalecer a democracia contemporânea” (LEMOS, 2007 apud NOGUEIRA, 2014, pp. 217-218).

Várias capacidades são exploradas ao utilizar-se a produção de narrativas no contexto escolar como organização, observação, síntese e de interpretação. Além disso, para Almeida e Valente (2012), tais narrativas são uma oportunidade para que os alunos reflitam sobre sua própria história de aprendizagem, assim como as narrativas digitais são uma forma de registro das produções escolares (portfólios).

Entretanto, a apropriação das TDIC nas quais as narrativas digitais estão inseridas deveria levar os alunos a não reproduzir a cultura hegemônica. A educação ainda não entendeu os efeitos das TDIC nem a melhor apropriação do seu uso pelos alunos. Para Castells (2017), vivemos o risco de sermos *absorvidos* pelo “poder da comunicação” (CASTELLS, 2017), uma vez que, em uma sociedade midiaticizada, as forças hegemônicas de poder que organizam a sociedade tentam moldar a mentalidade humana (CASTELLS, 1999). A sociedade midiaticizada interfere em como o conhecimento e a informação são comunicados. Para escapar a esse controle estar na sociedade, mas sem se submeter a ela os indivíduos constroem suas autonomias como agentes sociais que se tornam sujeitos desse processo (ANDRADE, M., 2013, CASTELLS, 2017). Para que isso ocorra é necessário que a condução do processo de utilização da mídia proposta, ou da linguagem usada, desenvolva o posicionamento crítico discente.

As narrativas digitais são um desses modos de ver, ler, pensar e aprender. No contexto formal de ensino, as ND são um meio de relacionar educação e autoria, segundo Valente e Almeida (2014, p. 37), “por meio da construção, análise e reconstrução de suas histórias, permitindo registrar os processos de aprendizagem, organizar os modos de pensar sobre as

experiências e as relações que o aprendiz estabelece consigo mesmo e com o mundo”. Outro aspecto dos benefícios das ND integradas ao currículo é apresentado por Almeida e Valente (2012) ao concluir que:

[...] a produção de narrativas tem todas as características para auxiliar na compreensão dos processos que os aprendizes usam para a construção de conhecimento, e funcionar como uma “janela da mente” do aprendiz, explicitando os conceitos e as estratégias que eles usam para esta produção. (ALMEIDA e VALENTE, 2012, p. 73)

Por sua vez, Jenkins (2015) discorre sobre as competências necessárias ao contexto atual. Ao se usar as novas mídias, seus usuários estão aprendendo a programar computadores, gerir negócios, produzir filmes e distribuí-los, organizar mobilizações para defender direitos e liberdades. Estes são alguns exemplos de atividades citadas pelo referido autor que os jovens da sociedade em rede inseridos na cultura participativa estão empregando, e essas não são práticas desenvolvidas no espaço escolar. Ou seja, a influência das interações do ciberespaço está ajudando os jovens a desenvolver suas narrativas de vida a partir das diversas tecnologias digitais. Eles se apropriam delas e representam o mundo e seus sentidos.

Assim, é possível perceber que o ensino formal pode atuar por meio das ND. Como já afirmava Freire (1997, p. 33), “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo; o seu caráter formador”. O contexto escolar precisa se voltar para essa realidade e fazer valer as palavras de Paulo Freire (1997).

Devido às características apresentadas até aqui sobre as ND, entendemos que os alunos agem como autores-atores, não só em sua criação, mas em todo desenvolvimento das práticas geradas nesse processo de construção, pois, de acordo com Bonilla (2011):

[...] não estamos mais dependentes da mídia de massa, ou da indústria cultural; temos a possibilidade efetiva de usufruirmos — professores e alunos — de um canal emissor, onde todos nos posicionemos como propositores, idealizadores, criadores, onde tenhamos voz e vez; e de transformarmos a escola num espaço de criação e socialização dessa produção. Produção que pode ser realizada nas mais diferentes linguagens, já que as tecnologias digitais possibilitam trabalhar com qualquer uma delas. Historicamente, a produção da escola não tem visibilidade, pois fica restrita ao seu contexto interno. Temos agora as condições para ultrapassar suas paredes, aproximando o mundo de dentro da escola do contexto social mais amplo. (BONILLA, 2011, p. 64)

O aluno tornar-se protagonista do processo e de suas produções, no contexto contemplado acima, significa que o estudante representa a sua realidade a sua maneira, na sua linguagem, seja para informar alguma coisa, seja para contar uma história. Cabe aos professores tornar esses espaços possíveis e respeitar que as “novas” éticas e estéticas da cultura da

comunicação pós-massiva encontrem *voz e vez*, e se tornem uma ponte entre os espaços escolares e o seu cotidiano.

Outro aspecto levantado por Bonilla (2011), na citação acima, está na possibilidade proporcionada pela sociedade contemporânea de utilizar uma variedade de linguagens para materializar o pensamento humano. Vivemos em uma sociedade letrada, de múltiplas linguagens (visual, sonora, escrita, gestual, numérica etc.) e, em cada momento de leitura e de (ré)produção, ocorrem as práticas de letramento. A ND é uma prática de letramento, pois possibilita o manuseio de diversas linguagens. Analisaremos com mais detalhes esses aspectos no capítulo 3 (três).

Diante do exposto, podemos conceber *narrativas digitais* como uma atividade para várias práticas pedagógicas no âmbito educacional, por exemplo, sua elaboração pelo docente para apresentação de conteúdo ou para o envolvimento do estudante em uma aprendizagem ativa, estimulando o protagonismo e a autoria dos discentes.

Por enquanto, nos interessa escolher e compreender o suporte no qual as narrativas digitais serão criadas. Em uma situação de produção linguística, o canal/suporte interfere nas condições de produção, em como os usuários irão atuar, se estão aptos, se possuem os recursos necessários (cognitivos e emocionais). O suporte escolhido para esta pesquisa foi o vídeo digital, pois além de dominar a tecnologia, seus usuários devem também dominar o olhar digital. Esse e outros aspectos relativos à produção de vídeos serão discutidos a seguir.

## 2. PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA EDUCAÇÃO: O OLHAR DIGITAL DOS JOVENS

Neste capítulo, faremos uma exploração da produção de vídeos digitais no contexto atual da cibercultura, inclusive com o uso de celulares. Também vamos discutir o aspecto crítico do exercício de ver, proposto por Martin-Barbero e Rey (2001), as características da linguagem audiovisual e seus recursos de produção propostos por Moran (2000). Em seguida, discutiremos a produção de vídeos no contexto educacional, a partir de Almeida (2012) e Buckingham (2010).

### 2.1 O EXERCÍCIO DE VER E PRODUZIR

Com o surgimento dos vídeos, ampliaram-se as possibilidades para expressão do pensamento humano. Assim como as demais formas de expressão e comunicação humanas, os vídeos transitam entre o real, imaginário, arte e informação.

Assistir ou produzir vídeos se popularizou em todos os segmentos da sociedade, que acompanha sua evolução desde as primeiras câmeras analógicas, a câmera digital e mais recentemente com a possibilidade de produzir vídeos, facilmente, por meio de Tecnologias de Informação Móvel Sem Fio (TIMS). Isto passou a ser viável a partir do desenvolvimento tecnológico pelo Palo Alto Research Center (PARC), da Xerox, USA, nos quais os conteúdos audiovisuais digitais foram incorporados aos dispositivos portáteis (*tablets*, celulares, Ipod, PDAs).

Atualmente, dentre estas tecnologias, os celulares ou smartphones alcançaram maior popularização, superando a quantidade de computadores domésticos. De acordo com dados da FGV (2016)<sup>1</sup>, 14% dos domicílios brasileiros tinham acesso à internet, mas não tinham computador. Em 2018 (NE10,2018)<sup>2</sup>, foram vendidos 334,3 milhões de aparelhos celulares no Brasil, dos quais, segundos dados da ANATEL (2019)<sup>3</sup>, 109,8% dos brasileiros tem algum tipo de acesso à internet móvel (1G, 2G, 3G ou 4 G). No nosso estado, o acesso móvel oscila entre 90 a 100% dos pernambucanos. Isso é verificado no nosso cotidiano, nos usos dos espaços urbanos, há sempre alguém navegando pelo celular.

---

<sup>1</sup> <https://link.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-ja-tem-mais-de-um-smartphone-ativo-por-habitante-diz-estudo-da-fgv,70002275238>.

<sup>2</sup> [www.portalt5.com.br/noticias/economia/2018/5/87915-mais-de-334-milhoes-de-smartphones-foram-vendidos-em-2018](http://www.portalt5.com.br/noticias/economia/2018/5/87915-mais-de-334-milhoes-de-smartphones-foram-vendidos-em-2018)

<sup>3</sup> <http://www.anatel.gov.br/dados/acessos-telefonia-movel>

Com a evolução tecnológica, esses artefatos digitais podem *fazer* quase tudo, desde os celulares mais simples. Vários recursos são encontrados neles, como reproduzidor de áudio e vídeo, câmera fotográfica, câmera de vídeo, sistema de geo-referenciação (GPS), plataformas de jogos, televisão móvel, Bluetooth, Wi-fi, alarme, entre outros. Esta diversidade de recursos possibilita inúmeras e inusitadas aplicações: a produção e compartilhamento de vídeos é uma delas.

O vídeo é um suporte para diversas formas de expressão. Nele, encontramos os filmes, o jornalismo, *clips* de música, animações. São vídeos sobre todos os temas e para todas as idades, divertidos ou sérios, pessoais ou institucionais. Os vídeos podem ser produzidos com ou por um *videomaker*, personagens animados ou por palavras, tipografia ou *lettering*<sup>1</sup>. Toda essa versatilidade contribui para sua popularização. Basicamente, os vídeos podem ser produzidos pela técnica de captação<sup>2</sup> ou *Motion graphics*.

No vídeo de captação, o *videomaker*<sup>3</sup> utiliza algum tipo de câmera e após organização do ambiente da produção, ajustes de iluminação e sons, acontece a gravação (luz/câmera/ação), que pode ser realizada em ambiente externo e natural ou em estúdio. Ao final da captação, o vídeo é levado para ser lapidado, esse é o momento de ajustar o conteúdo da narrativa ao audiovisual e demais detalhes de edição.

O *Motion graphics* é uma técnica antiga que vem se remodelando às novas tendências digitais. Também conhecido por *design em movimento*, é produzido por meio de *softwares* específicos para o trato da imagem e pode ser feito sem desenho, ícones, formas, personagens em animação ou ilustração. Tornou-se um versátil e promissor segmento da produção da linguagem audiovisual pela sua forma criativa, objetiva, fácil e memorável. Os formatos desta técnica são os mais variados, podem seguir o padrão de desenhos e animações para dar vida aos personagens desse tipo de narrativa em vídeo, ou podem ser vídeos carteados, no qual ícones, formas ou outros elementos gráficos são usados na medida em que a narrativa é desenvolvida. O *Stopmotion* é um formato bastante popularizado, no qual é realizado com o uso de fotografias: várias fotos são tiradas para formar o conteúdo da narrativa. Assim, cenas, expressões dos personagens e posições são sequenciados pelas fotografias tiradas e justapostas durante a edição para dar a impressão de movimento. Nessa técnica, o vídeo é feito de quadro a quadro e

---

<sup>1</sup> *Lettering* é a arte de desenhar letras em uma combinação de letras trabalhadas quando a fonte é trabalhada, e técnicas são empregadas para definir o estilo e cor da composição, tem-se a tipografia.

<sup>2</sup> <https://designculture.com.br/motion-graphics-um-pouco-sobre-o-design-em-movimento>.

<sup>3</sup> De acordo com o dicionário Michaelis, o verbete *videomaker* significa pessoa que cria, produz, ou dirige vídeos pessoais, institucionais ou publicitários. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/videomaker/>

recomenda-se que, para cada segundo, sejam tiradas de 07 a 10 fotografias. Outro formato de vídeo é o *Whiteboard Animation* ou vídeo em quadro branco, que se caracteriza pela habilidade do artista em criar desenhos em um quadro branco de forma sequenciada e desenvolvida à medida em que a narrativa é contada. Esses formatos de vídeos demonstram como o universo dos vídeos digitais está servindo para que diversas vozes encontrem um meio de atender a seus anseios de expressão, tanto para produzir como para assistir.

Cinema, TV e vídeo utilizam a linguagem audiovisual. O vídeo distingue-se das demais linguagens por utilizar a tecnologia de acesso democratizada em sua produção e visualização. São produzidos com poucos recursos, sua edição é viabilizada por inúmeros *softwares* específicos para isso (*Sony Vegas* ou *Wondershare Filmora*, por exemplo) e sua distribuição tem sido cada vez mais facilitada com os *sites* de transmissão disponíveis na internet, como Vimeo, Instagram, Facebook, UOL TV, Blip e o mais popular de todos, YouTube. Assistir, produzir e postar vídeos se tornou marca registrada da geração que cresceu com tecnologias digitais nas mãos. O YouTube é uma das plataformas na qual isso acontece e conta hoje com mais de 2 bilhões<sup>1</sup> de usuários conectados. Diariamente, são mais de um bilhão de horas de vídeo que geram bilhões de visualizações. Para acessar o YouTube, basta ter algum equipamento de tecnologia de informação digital com acesso à internet. Segundo o YouTube<sup>2</sup>, 70% do tempo de exibição é realizado por meio de algum dispositivo móvel.

Na educação, a inserção dos vídeos se deu por volta da década de 1980, após a popularização dos aparelhos de videocassete, servindo de suporte para exibição de filmagens pessoais, programas de televisão ou cinematográficas. Tal fato encurtou a distância entre o espaço escolar e o não escolar. Mas faltava ao vídeo o que o torna único: a democratização. Hoje, com aparelhos cada vez mais intuitivos e populares, qualquer um pode realizar suas produções, inclusive compartilhar, e assim as narrativas de vida, institucionais ou publicitárias não se restringem apenas ao individual. Docentes ou discentes se tornam *videomakers* ao criarem, produzirem ou gerenciarem vídeos em suas atividades escolares.

Além da técnica usada para produção dos vídeos digitais, existem vários formatos disponíveis. No contexto da Sociedade em Rede, a *net* se amplia cada vez mais em suas expressões, possibilitando que as narrativas se conectem em multilinguagens. Diversas culturas passam a conversar e interagir, as produções em vídeo são um exemplo dessa oportunidade. Nesse espaço de convergência de mídias, linguagens e culturas, em que narrativas estão sendo transmidiadas, um tipo de vídeo que representa bem esse contexto é o *remix*. Seu objetivo é

---

<sup>1</sup> <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/press/>

<sup>2</sup> <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/press/>

utilizar o que já foi dito e acrescentar, modificar a expressão comunicativa com uma nova roupagem. É uma forma de dialogar com o discurso do outro, mas trazendo uma nova roupagem. Esse novo discurso que surge sempre traz a subjetividade do seu narrador. Traçando um paralelo com a contação de histórias, talvez seja assim mesmo que sempre aconteceu quando recontamos uma história. A remixagem pode ser chamada *de remade trailer, hybrid crossover* ou paródia.

Há também os **vídeos no formato de documentário**. Neles, o ponto de vista do narrador é apresentado pelo olhar ou pela fala dos personagens que viveram determinada situação. Há também os **vídeos debate**, são muito práticos para discutir pontos de vista conflitantes sobre um mesmo tema. Outro formato encontrado é o **vídeo reportagem**, que apresenta alguma informação ou narra algum evento histórico ou fictício, pode ser feito em formato de documentário, exposição, entrevista.

A força do audiovisual no contexto educacional também se destaca na plataforma do YouTube. Há um canal exclusivo para isso: YouTube Edu. Neste canal, a qualidade dos vídeos educacionais é exigência para se obter permissão de transmissão e conta hoje com mais de 400 mil inscritos<sup>1</sup>, registrando milhares de visualizações diárias. Oferece conteúdo para o Ensino Fundamental e Médio nas disciplinas de Matemática, Português, Ciências, História, Geografia, Língua Inglesa e Língua Espanhola.

O vídeo, enquanto suporte tecnológico, pode aparecer em diversos gêneros. Isso é constatado ao verificarmos o quantitativo de narrativas que são criadas neles. Santos e Martins (2018) realizaram um mapeamento dos gêneros de vídeos usados no contexto de educação on-line, e chegaram a um somatório de 05 gêneros principais: hipervídeo, videoconferência, vídeo volátil, *webinar* e videoaula. As autoras adotaram a nomenclatura de **cibervídeos** para se referir aos vídeos que estão disponíveis na internet. Esses vídeos (ou cibervídeos) estão descritos no quadro a seguir:

#### **Quadro 06- Gêneros de vídeos na educação on-line.**

<b>1. Hipervídeo</b>	Contém características do hipertexto. Em sua edição foram acrescentados recursos para serem acessados pelos espectadores, aumentando, assim, seu poder de interação com a audiência. Essa forma de adicionar informação ao vídeo digital pode aparecer no formato de outros vídeos, imagens, textos e hiperlink para outros conteúdos em rede. Outra característica desse gênero é a sua não-linearidade, a qual permite que o espectador navegue pelo vídeo por meio das diversas adições de informação ao conteúdo audiovisual. Quando comparados às narrativas digitais em rede, percebemos que
----------------------	--

<sup>1</sup> [https://www.youtube.com/channel/UCs\\_n045yHUIC-CR2s8Ajlwg](https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUIC-CR2s8Ajlwg)

	esse é um elemento apontado por Paul (2014) com relação ao atributo <b>contexto</b> (vide capítulo 02), no qual há adição de conteúdo, conferindo-lhe o caráter enciclopédico e de interatividade. A própria plataforma do YouTube possibilita que a inserção desses recursos adicionais aconteça durante a edição do vídeo. Outros <i>softwares</i> específicos podem ser utilizados.
<b>2. Videoconferência</b>	É um sistema de teleconferência. Esse vídeo é feito para reunir um grupo de pessoas, com o auxílio das câmeras de seus dispositivos móveis ou do seu computador ou <i>notebook</i> , para que, quando em lugares diferentes se comuniquem de forma síncrona. Enquanto prática pedagógica, é importante que seus integrantes possam interagir e contribuir entre si para aumentar seu potencial de aprendizagem. Aplicativos como Skype, Hangouts e Zoom oferecem essa modalidade.
<b>3. Vídeo volátil.</b>	Distingue-se dos demais pela sua ausência de arquivamento. Esse tipo de vídeo é feito para ser assistido e depois descartado — como uma conversa que se participa. O momento de aproveitá-lo é o instante em que ele está acontecendo. Esse vídeo de natureza efêmera pode ser utilizado em alguns <i>sites</i> de redes sociais que permitem exibições por um período determinado. Uma dessas opções é a mídia social Snapchat, cujo <i>slogan</i> do aplicativo sugere essa volatilidade: “A maneira mais rápida de compartilhar um momento”. <sup>1</sup> (tradução nossa).
<b>4. Webinar</b>	Esse gênero de vídeo já se encontra dicionarizado. De acordo com o Cambridge Dictionary, este verbete é traduzido por uma situação na qual um grupo de pessoas se encontra ao mesmo tempo pela internet para estudar ou discutir algo <sup>2</sup> . O mediador conduz a conferência ou a apresentação e a discussão se dá pelo <i>chat</i> , que é disponibilizado na tela para todos os participantes interagirem e visualizarem.
<b>5. Videoaula</b>	Bastante utilizada em vídeos do YouTube por <i>videomakers</i> , pode ser encontrada em vários formatos e estilos, desde os mais sérios e mantendo o padrão de aula expositiva, as aulas mais engraçadas e interativas. Não importa o formato, a videoaula é feita com o intuito de informar, ensinar algum conteúdo. Geralmente, seus produtores utilizam o quadro branco ao fundo, no qual fazem anotações ou intercalam com apresentações de <i>slides</i> . Nesse caso, várias modalidades linguísticas podem ser usadas.

Fonte: Elaboração própria, 2020

Como podemos ver, o universo dos vídeos digitais é imenso, não há uma padronização em gêneros ou técnicas empregadas. O que há é a possibilidade de criatividade artística para

<sup>1</sup> “the fastest way to share a moment” (o <https://www.snapchat.com/>)

<sup>2</sup> **Webinar** = an occasion when a group of people go on the internet at the same time to study and discuss something. <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/webinar>

atender as demandas de comunicação e expressão. Contudo, enquanto uso de linguagem outras questões devem ser consideradas. Assim como as palavras, a linguagem audiovisual pode levar ao engano, ao entretenimento, à educação, ou servir de instrumento de manipulação política, religiosa ou mercadológica. É necessário um olhar atento e reflexivo sobre essa linguagem: que enxerguemos muito mais que a tecnicidade de seus recursos, mas que, possamos exercitar o ver com criticidade. (MARTIN-BARBERO; REY, 2001).

O audiovisual é também prática social e, como tal, percebe-se a relação com as mudanças tecnológicas e com os diversos discursos que permeiam a sociedade e as competências de sua linguagem. Ainda segundo os autores, há nos usos do audiovisual na contemporaneidade um desgaste de imagens e de sentidos, apesar da riqueza de possibilidades proporcionados pelos avanços da tecnologia. A imagem tem-se tornado banal. Além disso, o uso da imagem pela mídia gera um *ocultamento* da narrativa (do real), uma vez que há um predomínio mercadológico e de relatos de informação para seduzir uma audiência que se torna objeto, e não mais sujeito (MARTIN-BARBERO; REY, 2001).

Segundo estes autores, a escola e a família têm papel importante no exercício do ler e ver. Em 2001, a ênfase dos autores era dada ao computador e à televisão. Praticamente 20 anos se passaram e nos parece que estas questões, de como ler e ver, e acrescentamos de produzir mídias, continuam a ser de desordem cultural. Os autores argumentam que o livro gerou segregação entre adultos e jovens, enquanto a TV e o computador estão causando um *curto-circuito* decorrente da falta de supervisão dos pais ou adultos, que preferem banir tal acesso, a sentar juntos e discutir, descobrir juntos, avaliar. Uma colocação interessante dos autores traz que, no impresso, era mais fácil de se fazer censura e controle, uma vez que a mensagem e os temas eram facilmente compreendidos pelas capas ou títulos. Isso não ocorre com as mídias visuais, que disfarçam suas mensagens por meio de imagens atraentes, sedutoras e, por vezes, inocentes, mas que, na verdade, podem estar manipulando dados/informações, inclusive no contexto educacional. Nesse mesmo sentido, Moran (2000) questiona se uma imagem vista em alguma mídia pode ser suficiente para considerá-la verdadeira. A imagem tem o poder de tornar o seu contexto crível, de generalizar a partir do concreto.

Para Moran (2000) o ver está interligado não linearmente ao passado, mas também ao futuro. Nesse sentido, a atitude de ver é *proativa*, permitindo a observação, exploração, análise e o contraste. Os autores propõem uma metáfora da luz sobre as telas para a atitude de ver. Permitir a luz, sobre as imagens, é tornar claro o obscuro, evidente o dúbio, é enxergar sem medo a realidade (im)posta. Podemos estender essa metáfora proposta por Martin-Barbero e Rey (2001), para as demais mídias da comunicação. Além disso, os autores nos levam a refletir

sobre o uso da mídia no contexto do público e privado, da democracia e da cidadania. Como já comentamos no segundo capítulo 01 (um), a narrativa (em qualquer forma) espera sempre uma resposta. Aristóteles nos ensinou sobre a retórica como persuasão e convencimento. Os atos de comunicação, dos quais as produções audiovisuais fazem parte, estão inseridos nesse contexto.

Diante do exposto, estar envolvido com as mídias, como consumidores/emissores ou audiência/produtores, ou *prosumers* (CASTELLS, 1999), é correr o risco de absorver a opinião hegemônica. *A ilusão cenográfica pelos meios de comunicação* padroniza opiniões utilizando a homogeneização. Ao mesmo tempo em que a sociedade é plural, ela cria nichos, bolhas e guetos. Não fazer parte desses grupos pode levar à exclusão social. “Não há somente temas que ficam de fora da deliberação social facilitada pelas mídias, mas também se diluem as variações possíveis de suas interpretações em jogo”. (MARTIN-BARBERO; REY, 2001, p. 89). Acrescentemos a isso, o questionamento sobre o que não é mostrado, dito, ou escrito – negar a luz sobre a realidade também é uma forma de expressão.

De acordo com Moran (2003), a combinação de todos os elementos da linguagem audiovisual lhe confere o poder de conquistar a audiência, a integração da imagem em movimento e recursos sonoros, o sensível e o concreto, em uma combinação entre a dimensão espacial e a cinestésica e o ritmo da transposição das cenas. Ainda de acordo com Moran (2000), o uso da linguagem audiovisual que o indivíduo experimenta e sente a realidade se dá por meio de:

- Conexão com vários sentidos, razão, emoção e intuição.
- Experiência sensorial-cinestésica.
- Tem início pela situação concreta.
- *Atravessada* pelos recursos de som (música, falas, áudio) e de imagem (recortes visuais, closes) e das relações-espaciais (tamanhos, aproximações, formas, equilíbrios).

Acreditamos que empregar qualquer tecnologia demanda conhecer suas especificidades e, assim, obter melhor uso para atingir o objetivo de comunicação pretendido. Nesse sentido, o autor nos mostra que, para a produção de vídeos, os recursos visuais e sonoros se integram e se interpõem nas cenas (MORAN, 2000).

As se produzir vídeos em dispositivos móveis, como o celular, o usuário deve também considerar as condições físicas do aparelho para captação da imagem, edição e transmissão da produção final de forma a preservar o conteúdo da mensagem. Nesse sentido, o usuário deve estar atento à duração das narrativas, focando em mensagens curtas e objetivas, evitando uma perda, total ou parcial da mensagem.

## 2.2 PRODUÇÃO DE VÍDEOS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Os alunos de hoje estão inseridos em um contexto de múltiplas linguagens, de tecnologias e da cultura digital, que são novas formas de construir significados. É o desenvolvimento de um pensamento simbólico, da produção de linguagens e uso das tecnologias (BONILLA, 2011). Nesse processo, a linguagem direciona as interações entre os colaboradores, as produções e a comunicação com a audiência. Percebemos como a linguagem participa ou talvez conduza a interação entre os indivíduos. Uma dessas linguagens é a audiovisual. O hibridismo da linguagem audiovisual permite a expressão de sentidos de forma mais abrangente. De acordo com Martin-Barbero e Rey (2001), espera-se que o envolvimento dos jovens com a linguagem audiovisual seja de cumplicidade cognitiva e expressiva, pois nos seus elementos constitutivos (som, imagem, segmentação, velocidade) o usuário “cria” seu idioma. Já para Buckingham (2010) utilizar as mídias ou multimídias é relacionar “recursos simbólicos” com as mídias, ou multimídias, no qual é necessário analisar e interpretar.

Em uma cultura de imagem como a que vivemos, percebe-se o poder que tem a linguagem audiovisual. Conhecer seus mecanismos de produção e saber usá-los criticamente permite que seus usuários confrontem e avaliem a sociedade, para que a representação da realidade em suas produções revele seus valores e crenças.

O percurso da produção na linguagem audiovisual demanda muito: a autoaprendizagem, os alunos aprendem fazendo, errando e acertando, a trabalhar juntos e a superar os desafios no caminho, além de gerir conflitos que envolvem: elaborar roteiros, definir lugares para as filmagens, aprender a contabilizar o tempo disponível para as cenas, e as demais questões técnicas da filmagem. Esse percurso é permeado de habilidades de análise, julgamentos e avaliações, criatividade e convívio social. Os estudantes se apropriam da linguagem como um agente social, cultural e protagonista de sua aprendizagem. (BUCKINGHAM, 2005).

No caso de produções do gênero jornalístico audiovisual, há um risco de se enfatizar cenas ou reportagens impactantes que prendem a atenção imediata da audiência, mas não necessariamente gera conhecimento. Outro risco apontado por Becker e Teixeira (2009) é a preocupação com a qualidade do conteúdo, em meio ao acesso e produção multimodais, pode-se incorrer no uso excessivo de diversas linguagens sobrepondo-se ao conteúdo.

Os jovens em idade escolar demonstram uma facilidade intuitiva de manuseio das TDIC, uma familiarização com o digital que facilita essa integração. Além disso, as mídias digitais são atraentes e promovem o entretenimento, fatores que levam à motivação estudantil e servem

como um gancho às mediações pedagógicas. A produção de vídeos pelos alunos se enquadra nesse contexto.

Ascher e Pincus (2012) propõem 5(cinco) fases para a produção de filmes. Segundo os autores, essa sequência cronológica é adotada em grandes produções cinematográficas ou em produções caseiras. Apresentamos a seguir a nomenclatura adotada pelos autores e algumas características de cada etapa:

- 1) Desenvolvimento = Tudo começa com a ideia, desenvolvimento da história e realização dos roteiros, busca de patrocinadores e previsão de orçamento.
- 2) Pré-produção = é a preparação para a filmagem, local de gravação, quem serão os envolvidos, equipamento necessário, todos os elementos para a filmagem.
- 3) Produção = É o período de gravação.
- 4) Pós-produção = Começa a edição do filme. Dependendo da duração do filme já se pode começar a partir das primeiras cenas. São acrescentadas as trilhas sonoras, títulos e efeitos visuais.
- 5) Distribuição = Finalizada a edição, o filme está pronto para ser lançado para a distribuição e alcançar sua audiência.

Os autores comentam que o processo de produção de filmes pode ser adaptado a diferentes tipos de produções, uma vez que recursos financeiros e de equipamento, o tipo de audiência, e a equipe de produção interferem em sua execução. Finalizado o processo de produção, os vídeos estão disponíveis para exibição e distribuição. Assim como nas narrativas, o tamanho de um vídeo irá depender da intenção do usuário e dos recursos disponíveis.

Quando as narrativas encontram o suporte do audiovisual, têm-se narrativas digitais em vídeo. Há semelhanças no processo de produção de uma narrativa (OHLER, 2013) e na produção de vídeo. Como podemos ver, os termos pré-produção, produção, pós-produção e distribuição também são utilizados por Ohler (2013). O termo planejamento, adotado por Ohler (2013), aqui é utilizado como Desenvolvimento, que, nesse caso, engloba aspectos mais específicos da produção de filmes em um âmbito profissional.

Como podemos perceber, a expressão do pensamento humano encontra-se materializada em algum tipo de linguagem, formando teias e conectando pessoas. Com a linguagem em uso, práticas de letramento são oportunizadas e desenvolvidas. Esse será o tema para o próximo capítulo.

### 3 MULTILETRAMENTOS: PRÁTICAS SOCIAIS PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Neste capítulo, iremos explorar o conceito de letramentos enquanto prática social de leitura e escrita e como essa atividade tomou “multi” formas, com a diversidade de linguagens e com a aproximação entre as culturas, impulsionadas pelas características da sociedade de informação e comunicação.

A base teórica para compreensão de linguagem no contexto educacional, envolvendo a multiplicidade cultural e a diversidade de linguagens nos textos produzidos e em circulação, tão característicos da sociedade contemporânea, chama-se multiletramento. As narrativas digitais estão inseridas nesse cenário e, em seu formato de vídeo, contemplam principalmente a linguagem audiovisual. Desse modo, abordaremos aspectos referentes a essa prática social que, por meio da linguagem audiovisual (imagem, som, texto), os alunos representam a realidade que veem e entendem.

Primeiramente, apresentamos a distinção entre letramento e alfabetismo; em seguida, alguns conceitos do termo letramento (ROJO, 2009, SOARES, 2004), incluindo o conceito de letramentos digitais (XAVIER, 2005). Os multiletramentos GNL (1996), Rojo (2012, 2013) os novos letramentos (LANKSHEAR; KNOBEL, 2003) para contemplar essa prática em seu caráter crítico. E finalizamos o capítulo apresentando a relação entre ND em vídeo e os multiletramentos.

#### 3.1 LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS

Vivemos em uma sociedade letrada, envolvidos em práticas e eventos de letramentos. A linguagem é a mediação entre o indivíduo e a realidade por ele representada, ou seja, a mensagem é mediada por signos linguísticos que se materializam em algum suporte midiático. Nestas situações de comunicação ocorrem os eventos de letramentos.

Quando se fala em leitura e escrita, dois termos aparecem correlacionados a esta temática no Brasil: alfabetismo e letramento. Para evitar uma compreensão diferente da adotada aqui, gostaríamos de enfatizar as distinções entre esses dois termos. O termo *letramento* foi importado do inglês “*literacy*”<sup>1</sup> e que no Brasil tem sido traduzido por *alfabetismo* ou *letramento* (SOARES, 2004; ROJO, 2009).

---

<sup>1</sup> O termo “*literacy*” pode ser traduzido como a habilidade de leitura e escrita ou ainda como uma habilidade ou conhecimento de um assunto específico. (<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/literacy>)

De acordo com Soares (2004), o termo letramento começou a ser empregado no contexto da educação pela necessidade de se especificar os comportamentos e práticas sociais relativos ao exercício da leitura e da escrita. O *alfabetismo* contempla o domínio do sistema alfabético e ortográfico, com as capacidades de ler e escrever. Desta forma, segundo a educadora, em uma necessidade de ampliação do conceito de alfabetização, o termo letramento foi sendo *fundido* e confundido. Para evitar essas confusões, e na compreensão de que há diferenças pedagógicas entre os dois termos, Soares (2004) enfatiza que alfabetização está com o domínio dos signos linguísticos enquanto letramento compreende as habilidades e comportamentos requeridos para o uso desses signos linguísticos em práticas sociais. Além disso, Soares (2004) também argumenta que, embora distintos, são indissociáveis e interdependentes, pois, a alfabetização é significativa quando ocorre em atividades de letramento (práticas sociais). O letramento só se concretiza se associado a partir da aprendizagem do sistema de escrita e leitura. Dessa forma, é no envolvimento de diversas práticas de letramentos que se desenvolvem os níveis de alfabetismo. Estes ocorrem nos espaços escolares ou fora deles, uma vez que o indivíduo pode passar um troco na rua sem ser alfabetizado, mas está participando em uma prática de letramento. (ROJO, 2009, p. 11) “é possível ser não-escolarizado e analfabeto, mas participar de práticas de letramento, sendo assim letrado de uma certa maneira”.

Segundo Rojo (2009), existem as práticas de letramento que acontecem na escola e aquelas que acontecem, nos demais espaços da vida, no cotidiano, como, por exemplo, escrever bilhetes, acessar o banco pelo computador, consultar a agenda telefônica pelo celular ou materiais impressos, assistir a telejornais, ler textos, estudar online, escutar o rádio.

Por sua vez, Buzato (2009) nos lembra que os conteúdos e significados que circulam nas práticas sociais são culturalmente estabelecidas e que desses letramentos decorrem efeitos cognitivos e sociais. Os eventos de letramentos demandam atividades de interpretação e interações, a depender do objetivo, atitudes, crenças, mídias e tecnologia de cada prática social em que ocorrem os letramentos. Os letramentos ocorrem em situações específicas, estando assim diretamente relacionados ao seu contexto (BUZATO, 2009).

Como podemos perceber, letramento é um termo amplo e as práticas sociais de linguagem, sejam elas valorizadas ou não valorizadas, locais ou globais, englobam contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.). As práticas de letramento podem ser ampliadas na medida em que os espaços culturais e de uso das linguagens também o sejam.

Na sociedade contemporânea, as TDIC e suas linguagens demandam novas práticas de letramento. O que antes se restringia à técnica analógica, do papel, agora é reconfigurada pela tecnologia digital. Usamos a linguagem escrita para realizar transações bancárias pelo

smartphone; e, para conversas síncronas, recorremos às videoconferências; a linguagem oral é a que predomina; assistimos a um filme e usamos várias decodificações para compreender toda semiose desse evento; acessamos a agenda telefônica, zapeamos pelos contatos e selecionamos a pessoa desejada para uma conversa e a linguagem visual está presente, estes são alguns eventos de letramentos em diversas linguagens, escrita, numérica, imagética, auditiva. Segundo Marcuschi e Xavier (2010), a linguagem é flexível e se adapta às mudanças e transformações sociais, políticas e culturais. Além disso, a grande quantidade de equipamentos tecnológicos exige uma sociedade de linguagens mais complexas. Essa não é uma questão atual. Na verdade, sempre tivemos que nos adaptar às tecnologias, entretanto, na sociedade contemporânea, a expansão tecnológica se mostra rápida e constante. Assim, da mesma forma, são as práticas de letramentos.

Essas mudanças nos levam ao conceito de letramento digital. Esta prática de letramento não significa uma ruptura ou transposição de um processo a outro de letramento. Existem características distintas entre essas duas modalidades, embora também sejam semelhantes. A essa *integração* de tecnologia digital com os letramentos, chamamos de letramentos digitais.

De acordo com Soares (2002), letramento digital é um certo *estado* ou *condição* adquiridos pelo indivíduo nas práticas de leitura e escrita, ao utilizar tecnologias digitais.

Em alguns estudos sobre letramento no contexto educacional (NOGUEIRA, 2014, SAITO, 2011, BUZATO, 2007) é mencionada a dificuldade de conceituar letramento digital, devido à diversidade de fatores envolvidos nesse tema, quais sejam, habilidades, valores, conhecimentos, usos e funções sociais (SOARES, 2002). A conceituação deste termo também está atrelada ao domínio ideológico, tradicional, técnico do letramento. Entretanto, apesar de enfatizarem aspectos diferentes, há uma congruência de que as TDIC interferem nas práticas de letramento.

E qual a relevância para o contexto escolar? Segundo Marcuschi (2010, p. 74,) ao falar sobre os novos e-textos que surgem “a escola não pode passar à margem dessas inovações sob pena de não estar situada na nova realidade dos usos linguísticos. Neste sentido, o letramento digital deve ser levado a sério, pois veio para ficar”. Deste modo, escolhemos o conceito de Xavier (2005) para letramento digital, como vemos na sequência.

O letramento digital implica realizar práticas de leitura e de escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2005, p. 135)

Ainda segundo Xavier (2011), o letramento digital exige do sujeito o domínio de códigos e sinais verbais próprios da linguagem midiática que está manuseando, e o sujeito letrado digital com facilidade utiliza “os recursos expressivos como imagens, desenhos, vídeos para interagir com outros sujeitos” (XAVIER, 2011, p. 06). Em um mundo cada vez mais digital ter esse domínio aumenta as possibilidades de o indivíduo participar das práticas sociais da Era da Informação. Entendemos que esse tema também tangencia aspectos de inclusão digital, mas devido aos limites dessa pesquisa, não contemplaremos essa discussão, aqui.

As novas atividades relativas às TDIC estão relacionadas à “evolução constante da interface gráfica computacional” (SAITO, 2011, p. 30), o que demanda do usuário/leitor a apropriação de linguagens muito mais complexas, quando comparadas às produções não-digitais. Cada vez mais as linguagens interagem e convergem: som, áudio, escrita, vídeo. São diferentes representações simbólicas, diferentes formas de revelar e comunicar sentidos e realidades. De acordo com Massarolo e Mesquita (2013), as interações com as tecnologias presentes na sociedade em rede demandam habilidades cognitivas e aptidões individuais específicas dos atuais artefatos tecnológicos e, conseqüentemente, novas práticas de letramento. Para os usuários, essas novas possibilidades contribuem para uma mais completa representação da realidade, da expressão de sentidos, potencializando as formas de comunicação e expressão.

Outra definição sobre a diversidade de linguagens proporcionadas pela TDIC é apresentada por Buzato (2007, p. 168, grifos do autor) “**redes complexas de letramento (práticas sociais) que se apoiam, se entrelaçam, se contestam e se modificam mutua e continuamente, por meio ou em virtude e/ou por influência da TIC**”. Por outro lado, para Kleiman (2010, p. 19), letramento é um “conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Concordamos com Saito (2011) quando afirma que há dificuldade em encontrar uma definição que inclua a dimensão crítica, uma vez que ora a ênfase recai sobre o domínio das tecnologias, ora sobre domínio das linguagens, ou sobre o domínio ideológico. Como vimos, os três autores citados apresentam definições que contemplam o aspecto social e cultural do letramento, deixando em aberto sua dimensão como posicionamento crítico, característica fundamental da sociedade em rede, pois, como afirma Castells (1999), espera-se que os indivíduos se apropriem das mídias, sem serem “apropriados” por elas.

Entretanto, foi no conceito de multiletramentos apresentado pelo New London Group<sup>1</sup>

---

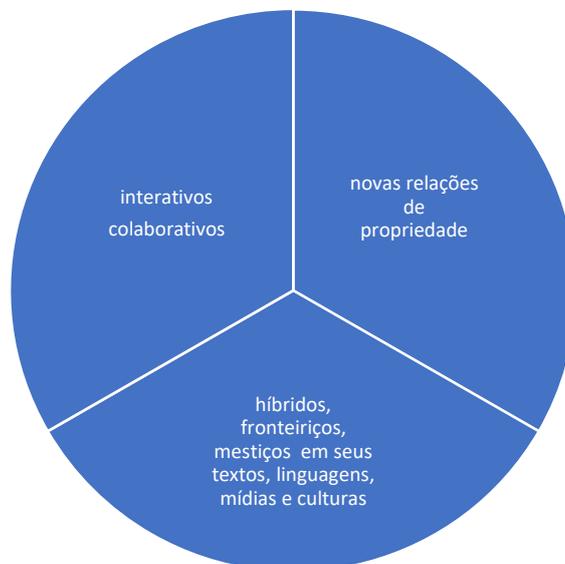
<sup>1</sup> New London Group também é utilizado no Brasil pela expressão traduzida Grupo Nova Londres (GNL). Esta tradução também será empregada no texto desta pesquisa.

(NLG, 2006; ROJO, 2012) que encontramos uma identificação mais adequada à proposta deste trabalho. Este termo foi cunhado em 1996 e surgiu das discussões para elaboração de um manifesto criado por um grupo de 10 educadores que se reuniu para debater a necessidade de uma nova abordagem para as questões do letramento no mundo globalizado (ROJO, 2012).

Multiletramentos englobam a diversidade cultural e a diversidade de linguagens dos textos produzidos, compartilhados, remixados, armazenados da sociedade contemporânea. O que nos chama atenção para esse termo são as possibilidades que ele abrange, pois, ao incluir a multiplicidade cultural de um mundo progressivamente interativo e desterritorializado e suas produções textuais, abre as portas para participação social nas quais todos têm vez e voz para se expressar, comunicar-se, informar-se em seus diversos formatos (vídeo, grafite, *mash-ups*, artigos acadêmicos) e linguagens. E, nesse aspecto, consideram-se as novas estéticas e nova ética, (ROJO, 2012). Em meio à mistura de raças, culturas e linguagens, e compartilhamentos de informação, a geração atual dos jovens estudantes mantém uma relação diferente com o conceito de propriedade e privacidade, do mesmo modo que novos conceitos de estéticas estão sendo introduzidos aos padrões tradicionais.

Neste sentido, segundo Rojo (2012), multiletramentos contemplam três (03) características básicas:

**Gráfico 01. Características dos Multiletramentos.**



Fonte: Elaboração própria, baseada em Rojo (2012).

A interação e a colaboração apontam para a relevância do convívio social nas práticas atuais de letramento, sendo que seus usuários demonstram uma despreocupação em se prender às regras estabelecidas em relação aos direitos de propriedade, ao mesmo tempo que valorizam a liberdade de expressão das formas, conteúdos, de maneira que sua força criativa encontre uma mídia digital para se expressar. No âmbito educacional, multiletramentos respeitam e valorizam a cultura de referência do aluno ao considerar as novas estéticas e éticas que surgem desse contexto “multi”.

É importante lembrarmos da distinção entre multiletramentos e letramentos múltiplos. Segundo Rojo (2012), *letramentos múltiplos* se refere à “multiplicidade e variedade das práticas letradas, valoradas ou não nas sociedades em geral”. E, como já expusemos, *multiletramento* se refere à multiplicidade em dois aspectos: multiplicidade cultural das populações e multiplicidade semiótica de constituição dos textos, por meio dos quais ela se comunica e se informa (idem, p. 13).

Isso demonstra que ser letrado em tempos de cibercultura envolve o uso, domínio e entendimento, de diversas mídias. Tal aspecto já havia sido abordado pelo GNL em 1996:

Isso inclui compreensão e controle eficiente das formas de representação que estão se tornando cada vez mais significativas para os meios de comunicação, tais como, imagens visuais e como se relacionam com o mundo da escrita — por exemplo, *design* visual em impressos feitos no computador, ou a interface do visual e do significado linguístico na multimídia. (GNL, 1996, p. 61, tradução nossa)<sup>1</sup>

Assim, podemos retomar o que estamos discutindo com relação ao letramento. As multilinguagens (diversas linguagens) estão presentes em praticamente todos os textos e ser letrado é saber dominar, interpretar e produzir todo esse hibridismo, preferencialmente, com crítica e reflexão. É esperado que na Sociedade da Informação a habilidade de reflexão crítica esteja presente nas práticas de letramento dos indivíduos, assim como o posicionamento crítico dos estudantes no contexto educacional.

Em uma perspectiva dos multiletramentos é apresentado o conceito dos novos letramentos. Lankshear e Knobel (2003) introduziram o conceito de novos letramentos (*new literacies*), envolvendo um novo “*ethos*”. Nas práticas de letramento na era digital há uma

---

<sup>1</sup> This includes understanding and competent control of representational forms that are becoming increasingly significant for the overall communication environments, such as visual images and their relationship to the written world — for instance, visual design in desktop publishing or the interface of visual and linguistic meaning in multimedia. (GNL, 1996, p. 61)

lógica diferente, uma nova postura do indivíduo de interagir, colaborar, distribuir e redistribuir informação. Nesse sentido, essa nova postura incorpora o espírito e os valores da web (LANKSHEAR, KNOBEL, 2006). Ao discorrer sobre os novos letramentos, Lankshear & Knobel (2006) definem letramento como mecanismos socialmente validados de comunicação, Além disso, segundo Lankshear (2007), um novo pensamento: *participação ilimitada* no qual a opinião de qualquer um é válida até que outra opinião a substitua, e não há a necessidade de que apenas participantes especialistas contribuam, muito menos que essa contribuição seja obrigatória. *Colaborativo*, na qual cada um dá a sua contribuição, a autoria é descentralizada e a informação é distribuída, tanto pela construção (processo coletivo) como pelo acesso. Segundo os autores, é uma inclusão, participação de massa e *informação distribuída*. Tais características estão presentes no mundo da cibercultura Wikipédia, *fanfiction* (ficções criadas por fãs), e jogos com múltiplos jogadores, por exemplo. Esse novo letramento, nova forma de usar os textos e as práticas sociais em que eles ocorrem, se refletem para o mundo físico e são viabilizados pela evolução tecnológica.

Diante disso, ainda temos um desafio: como ter certeza de que os alunos estão sendo reflexivos em suas escolhas, diante de tanta diversidade? Ter uma postura interativa e colaborativa é suficiente? De acordo com Rojo (2012) é na educação que se pode levar o aluno acrítico às práticas de letramento crítico. Foi, então, que o GNL, em 1996, elaborou toda a Pedagogia dos Multiletramentos e esta prática tem sido empregada em alguns contextos educacionais.

Em contextos de comunicação, as práticas sociais são desenvolvidas e a linguagem é o meio que une as pessoas. Mais do que uma prática social permeada por princípios socialmente construídos, em um mundo de multiletramentos, ser letrado se torna um bem cultural. Os espaços escolares podem ser uma oportunidade para que os estudantes desenvolvam seu capital cultural.

### 3.2 NARRATIVAS DIGITAIS EM VÍDEO E OS MULTILETRAMENTOS

De acordo com Robin (2008), quando os alunos produzem ND eles se envolvem em diversas práticas de letramentos e desenvolvem várias habilidades e competências. Tal aspecto pode ser percebido pela diversidade de suporte das ND e pelo hibridismo de seus textos. São estas as características de multilinguagens dos multiletramentos das quais os estudantes participam ao manusear câmeras, vídeos, scanner, microfones e softwares, por exemplo.

Uma habilidade que ganha destaque nas produções digitais é a musical. Os estudantes despertam ou talvez ampliem sua aptidão musical, ao escutarem músicas e criarem trilhas sonoras adequadas às narrativas. De acordo com Robin (2008), há o desenvolvimento do letramento digital no manuseio e digitalização de áudio e efeitos sonoros.

Além dos aspectos tecnológicos durante as etapas de criação das narrativas digitais é esperado que os estudantes desenvolvam o interesse pela pesquisa e coleta de material que seja relevante para o significado da narrativa. (ROJO, 2017, ROBIN, 2008).

Como vimos, a construção de narrativas digitais é um convite ao trabalho coletivo (LAMBERT, 2007, OHLER, 2013). Na perspectiva dos multiletramentos esse é um dos aspectos levantados pelos teóricos, de aproveitamento de oportunidades para o trabalho com as diversas culturas presentes na sala de aula, no sentido de tentar diminuir a intolerância da “convivência cultural” (ROJO, 2012). É a oportunidade para a organização de tempo, de gerenciar divergências, de desenvolver liderança e negociação. No trabalho em equipe, os estudantes discutem, refletem, arriscam e colaboram juntos para a construção dos seus textos.

Ao considerarmos que a criação de ND são práticas sociais, no contexto escolar, podemos assumir que sua aplicabilidade não contempla apenas a aprendizagem de conteúdos de disciplinas, mas uma gama de habilidades e competências encontram espaço para se desenvolverem. Assim, quanto mais textos, mais práticas de letramentos serão oportunizadas.

As narrativas digitais também se encontram na rede. Estar na rede demanda a habilidade de navegação no ciberespaço. A narrativa também pode ser construída a partir de outras narrativas e com a inserção de outros textos.

De acordo com Valente e Almeida (2014, p. 39), ao integrar as narrativas digitais ao currículo, os alunos são levados a “articular o conhecimento objetivo e subjetivo para representar experiências”. Inclusive, nesse sentido, são oportunidades para se tornarem “janelas da mente” dos alunos, ao contribuir “para entender o nível de conhecimento do qual ele dispõe sobre os conteúdos, procedimentos, atitudes e sentimentos em relação aos temas trabalhados” (VALENTE; ALMEIDA, 2014, p. 39). A depender do seu formato, as ND permitem novas formas de comunicação e expressão do pensamento e da escrita. Além disso, na narrativa digital, com o suporte de vídeo, há uma valorização da oralidade e o posicionar-se na frente das câmeras pode contribuir para o fortalecimento da autoestima.

As narrativas digitais em vídeo articulam a linguagem do áudio, do visual, da imagem, do texto, pelo menos, ou seja, o que ocorre é uma fusão de sentidos e de novas possibilidades de expressão. Ao se utilizar a linguagem audiovisual, o “leitor” passa a ser espectador, e sua interpretação deixa de se voltar ao *design* da página e volta-se para a leitura da tela. Essa forma

de comunicação não possui apenas os registros de multimodalidade, mais de um código linguístico sendo empregado, imagem, áudio, palavras, gráficos, linhas, desenhos, cada um deles chama a atenção do espectador de uma maneira subjetiva, e essa maneira impacta em como a mensagem será interpretada. Uma das teorias que estuda essas nuances é a Semiótica Social que, segundo Kress (2010), é uma teoria que estuda o significado em todas os formatos de expressão usados nas diversas situações sociais e culturais.

É notório que, ao utilizar o vídeo, os estudantes acabam por se envolver em diversas atividades que desenvolvem o domínio de conhecimento tecnológico, como, por exemplo, o uso de *software*, compartilhamento de vídeos em plataformas *on-line*, o olhar digital para gravar e editar imagens. Além disso, é importante enfatizar, assim como Ohler (2013) e Lambert (2007) recomendam, que as narrativas não sejam muito longas, exigindo a habilidade de síntese própria da elaboração das narrativas.

As narrativas digitais em vídeo integram os conteúdos das disciplinas com os recursos das linguagens das NTDIC em seu processo de produção. Além das aprendizagens específicas de cada disciplina, algumas habilidades são desenvolvidas e práticas de multiletramentos são oportunizadas. Entre elas podemos citar: criatividade, criticidade, autonomia, autoria, colaboração, vida investigativa e uso de diversas linguagens. Para evitar discordâncias de significado, elencamos a seguir nosso entendimento sobre o conceito desses termos.

“**Colaboração** serve como mecanismo social de apoio e estímulo à aprendizagem, e possibilita a expressão da diversidade de visões dos participantes, contribuindo para soluções mais criativas e para a ampliação das capacidades de auto e heterocríticas dos aprendizes. Além disso, o trabalho em grupo possibilita o desenvolvimento de competências interpessoais (comunicação, liderança, negociação etc.), bem como a integração e socialização dos alunos” (ANDRADE, F., 2013, p.66).

“**Autoria**. É quando o sujeito narra seu entendimento sobre algum tema ou posicionamento de determinado autor; quando discute suas produções e a dos colegas; quando se propõe a refletir sobre o que leu, escreveu ou vivenciou, quando reescreve um texto, enfim, quando se dispõe a arriscar-se a expressar o que pensa, configura-se o que se pode chamar de autoria de pensamento.” (ANDRADE, F., 2013, p.70)

Adotamos a definição de **Autonomia** a partir de Nogueira e Pilão (1998), ao analisar esse conceito no desenvolvimento do indivíduo. Os autores compreendem *autonomia* como a capacidade que uma pessoa desenvolve para governar-se ou reger-se por suas próprias leis ou regras. Assim, segundo Nogueira e Pilão (1998), pressupõe uma “reciprocidade e cooperação; ele é capaz de aceitar e respeitar o ponto de vista do outro, preservando sua individualidade.

Autonomia não é apenas a liberdade de se fazer o que se quer, mas a responsabilidade em decidir sobre seu próprio comportamento, identificando e assumindo seus direitos e deveres, incorporando o relacionamento social como recíproco” (NOGUEIRA e PILÃO, 1998, p. 23). Entretanto, tal autonomia não significa individualismo, porque como seres sociais, o indivíduo preserva princípios e valores morais pertencentes ao grupo social. Nesse sentido, este indivíduo discute e reflete sobre suas ações.

**Criatividade.** A produção de ND é um estímulo à criatividade. Segundo Ohler (2013), ocorre quando os alunos utilizam o conhecimento prévio para criar ideias, processos e produtos, ou quando seu produto, ideia, processo são originais.

**Criticidade.** A palavra *crítica* tem origem do grego *kritikos*, usada para indicar a capacidade de o indivíduo fazer julgamentos ou, segundo o dicionário Michaelis *on-line*<sup>1</sup>, é uma “avaliação baseada apenas na razão, com um propósito final, uma análise detalhada de qualquer fato”. Lipman (1987) amplia esse entendimento acerca do pensar com criticidade ao defender que a atividade cognitiva engloba análise, julgamento, hipóteses e explicações. Dessa forma, não é apenas refletir, expressar ou escutar a opinião do outro. De acordo com Lipman (1987), pensar criticamente possui 03 características: autocorreção; adoção de critérios consistentes, coerentes e confiáveis; e compreensão e sensibilidade ao contexto. Nesse processo, se fazem presentes valores, leis e convenções sociais nas quais os indivíduos estão inseridos, fazendo-se necessário uma compreensão do contexto de forma a contemplar todos os elementos que o compreendem.

**Multilinguagens.** São as diversas linguagens presentes em praticamente todos os textos, e ser letrado é saber dominar, interpretar e produzir todo esse hibridismo. **Novo *ethos*, novos letramentos.** Um novo pensamento: *participação ilimitada*, no qual a opinião de qualquer um é válida até que outra opinião a substitua, e não há a necessidade de que apenas participantes especialistas contribuam, muito menos que essa contribuição seja obrigatória. *Colaborativo*, na qual cada um dá a sua contribuição, a autoria é descentralizada e a informação é distribuída, tanto pela construção (processo coletivo) como pelo acesso. Segundo os autores é uma inclusão, participação de massa e *informação distribuída*. (LANKSHEAR & KNOBEL, 2006, LANKSHEAR, 2007).

**Vida investigativa** é uma das demandas do mundo contemporâneo (ROJO, 2017). Ao se desenhar uma pedagogia para multiletramentos e novos letramentos, os alunos seriam estimulados a uma postura de pesquisa, síntese, interações com diversas mídias e contextos de

---

<sup>1</sup> <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/critica/>

aprendizagens. No contexto de nossa pesquisa, adotaremos esse termo para descrever a ação dos alunos durante a produção dos vídeos, quando vão em busca dos saberes necessários à realização das reportagens.

Posto isso, vale ressaltar que os aspectos aqui explicitados estão em consonância com as recomendações dadas para a condução do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação, no que se refere às aprendizagens essenciais para a Educação Básica. Estas orientações foram compiladas em um documento normativo que fornece a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e visam à formação humana integral dos estudantes do Ensino Infantil, Fundamental e Médio. As aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas nos anos escolares da Educação Básica devem garantir o desenvolvimento de 10 (dez) competências gerais. De acordo com o referido documento (BRASIL, 2018), *competência* é compreendida enquanto mobilização de conceitos, habilidades, procedimentos, atitudes e valores. Esse entendimento, nos faz crer que narrativas digitais em vídeo no Ensino Médio se enquadram nesse contexto.

Deste modo, a criação de narrativas digitais em vídeo é uma oportunidade de diálogo entre narrador-público-linguagem. Uma conversa entre palavras, imagens e áudios presentes na narrativa, de onde emerge a voz do narrador. É o cérebro emotivo e o analítico compondo juntamente (LAMBERT, 2007). É confiar em sua própria voz, valorizando a intuição, é também a habilidade intuitiva de edição e criação, pois ela ajuda a estruturar a narrativa.

## 4. METODOLOGIA

### 4.1 NATUREZA E OBJETIVOS DA PESQUISA

A metodologia empregada nesta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, uma vez que pretendemos analisar e explicar o fenômeno das narrativas digitais em seu caráter complexo e não quantitativo. A metáfora apresentada por Creswell (2010) ilustra nossa escolha por essa abordagem:

Penso metaforicamente na pesquisa qualitativa como um tecido intricado composto de minúsculos fios, muitas cores, diferentes uras, e várias misturas de material. Este tecido não é explicado com facilidade ou de forma simples. Como o tear em que o tecido é produzido, pressupostos gerais e as estruturas interpretativas sustentam a pesquisa qualitativa. (CRESWELL, 2010, p. 30-32)

Ao pesquisarmos o ato narrativo materializado nas narrativas digitais em vídeo, acreditamos que ele está tecido no amplo complexo ato de comunicação, no qual o contexto cultural e condições de produção interferem em sua produção. Desta forma, uma análise quantitativa não seria suficiente para costurar esses *minúsculos fios*.

Para alcançarmos os objetivos propostos neste estudo, optamos por desenvolver uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo. A pesquisa de caráter *exploratório* tenta aprofundar a temática proposta e/ou descobrir novos horizontes sobre ela. Além disso, permite uma flexibilidade no planejamento, favorecendo “a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (GIL, 2002, p. 41). Ao investigarmos atos de comunicação no contexto escolar, deparamo-nos com elementos inusitados. Assim, é válida a possibilidade de reavaliar e redirecionar os rumos da pesquisa. Por outro lado, ao optarmos pela pesquisa descritiva, a nossa pretensão foi a de descrever a criação das narrativas digitais durante a produção de vídeos; além de proceder à identificação de tais narrativas e de relacionar a criação das narrativas com os vídeos produzidos.

Estudos sobre narrativas digitais no contexto escolar têm se referido à aprendizagem da escrita ou da língua estrangeira, à formação de professores como forma de reflexão sobre a própria prática, além de outros estudos teóricos que apontam para os benefícios cognitivos da narrativa, para ler e escrever e para desenvolver subjetividades, competências e habilidades. Acreditamos que o enfoque exploratório e descritivo dado ao fenômeno irá servir de base para futuros produtores de narrativas digitais.

Diante do exposto, e em consonância com o objetivo metodológico da pesquisa, escolhemos como procedimento *o estudo de caso*. Creswell (2010) compreende o estudo de caso como uma pesquisa de abordagem qualitativa que possibilita ao pesquisador explorar:

Um sistema delimitado contemporâneo da vida real (um caso) ou múltiplos sistemas delimitados (casos) ao longo do tempo, por meio da coleta de dados detalhada em profundidade envolvendo múltiplas fontes de informação [...] e relata uma descrição do caso temas do caso. (CRESWELL, 2010, p.86)

O estudo de caso permitiu o aprofundamento e detalhamento do tema proposto. De acordo com Gil (2002), ao utilizarmos o estudo de caso como procedimento de pesquisa, o pesquisador poderá encontrar dificuldades de desenvolver generalizações, entretanto, para esta investigação, não pretendemos identificar generalizações, mas sim, identificar as variantes e estabelecer a relação entre elas. Acreditamos que o delineamento apresentado nos ajudou a atingir o objetivo da pesquisa.

O objetivo deste estudo não foi de intervenção, e surgiu da constatação de que durante o processo de criação das narrativas digitais os alunos participam em práticas de letramentos, integram recursos audiovisuais ao conteúdo das narrativas e diversas atividades são desenvolvidas. Com o intuito de contemplar as diversas linguagens usadas no processo, adotamos o olhar dos multiletramentos (ROJO, 2012, 2013). Assim, ao analisarmos a criação de narrativas digitais em vídeo produzidas para o Jornal no ano de 2019, nosso olhar investigativo foi impulsionado para o seguinte **problema de pesquisa**: *Como são criadas as narrativas digitais, na produção de vídeos, para o Jornal O Fato Social, na perspectiva dos multiletramentos?*

Com base nessa contextualização, estabelecemos o seguinte **objetivo geral**: *analisar a criação de narrativas digitais, na produção de vídeos, para o Jornal O Fato Social, na perspectiva dos multiletramentos*. E os objetivos **específicos**:

- a) Descrever a criação de narrativas digitais, pelos alunos, na produção de vídeos para o Jornal *O Fato Social*.
- b) Identificar as narrativas digitais criadas pelos alunos na produção de vídeos para o Jornal *O Fato Social*
- c) Relacionar a criação de narrativas digitais com a produção de vídeos, para o Jornal *O Fato Social*, na perspectiva dos multiletramentos.

Assim, esperamos que o presente estudo sobre a construção de narrativas digitais no processo de produção de vídeos traga novas contribuições para a temática, ao analisarmos como ocorre a criação de narrativas digitais em vídeo por alunos do Ensino Médio.

## 4.2 SUJEITOS E CAMPO DA PESQUISA

Optamos por analisar a criação de narrativas digitais no processo de produção de vídeos, por alunos do Ensino Médio, para um jornal estudantil chamado *O Fato Social – Seu Jornal de Sociologia*. O referido jornal foi criado e é produzido, dirigido e editado pelos estudantes e está sob a supervisão de uma professora de Sociologia, idealizadora do projeto. As matérias do jornal se referem à realidade dos alunos, considerando o espaço físico escolar e esta relação com o contexto sociocultural. Nesse sentido, o objetivo é informar e apresentar temas e conteúdos relacionados à área de Sociologia e das outras disciplinas técnicas ofertadas na escola, Desenvolvimento de Sistemas (DS) e Guia de Turismo (GT), sempre traçando um paralelo com a realidade em que os estudantes estão inseridos.

O projeto em questão ocorreu em uma escola técnica de Nível Médio, da rede estadual do Governo do Estado de Pernambuco, situada no município de Igarassu. Os cursos técnicos ofertados são: Desenvolvimento de Sistemas e Guia de Turismo. Geralmente os cursos ofertados nas escolas técnicas têm por objetivo atender à demanda da região. No caso de Igarassu, este município faz parte da Região Metropolitana de Recife e está inserido na rota turística do Estado.

A escola foi inaugurada no ano de 2018 e tem capacidade para atender 1.200 alunos. Para ingressar na escola é necessário participar de um processo seletivo. Em 2018, a escola contava com 250 alunos, todos alunos do primeiro ano do Ensino Médio. As demais vagas estão sendo preenchidas à medida que os candidatos são aprovados nos anos subsequentes. No ano de 2019, novos alunos (364) ingressaram na escola como integrantes do primeiro ano do Ensino Médio. Os alunos egressos no ano de 2018 são hoje do segundo ano do Ensino médio e em 2020 serão a primeira turma a concluir o curso nessa instituição. Os sujeitos desta investigação são alunos desta instituição e suas idades variam entre 15 e 17 anos. A escola é de tempo integral e funciona das 07h30 às 17h, com 9 tempos de aula. Durante esse período os alunos estão envolvidos nas atividades das aulas das diversas disciplinas. Sendo assim, a reunião de pauta das edições do jornal acontece semanalmente na hora do intervalo do almoço.

O jornal *O Fato Social* foi idealizado para contar com a participação de estudantes das duas primeiras séries do Ensino Médio, assim, seus integrantes podem permanecer no jornal durante esse período. A participação no projeto é voluntária, sendo que seus integrantes ficam dispensados de uma das atividades de avaliação da disciplina de Sociologia. As reuniões para produção das matérias jornalísticas acontecem na própria escola. Todos os encontros geram uma ata de reunião (diário); nela, são registradas as deliberações, os planejamentos e funciona

como um *fotolog*. Suas produções seguem o modelo americano para telejornal, no qual uma dupla de apresentadores chama e anuncia as notícias, de forma sequenciada.

O jornal *O Fato Social* foi idealizado para contar com a participação de estudantes das duas primeiras séries do Ensino Médio, assim, seus integrantes podem permanecer no jornal durante esse período. A participação no projeto é voluntária, sendo que seus integrantes ficam dispensados de uma das atividades de avaliação da disciplina de Sociologia. As reuniões para produção das matérias jornalísticas acontecem na própria escola. Todos os encontros geram uma ata de reunião (diário); nela, são registradas as deliberações, os planejamentos e funciona como um *fotolog*. Suas produções seguem o modelo americano para telejornal, no qual uma dupla de apresentadores chama e anuncia as notícias, de forma sequenciada.

A equipe jornalística é composta de 18 integrantes que estão envolvidos na execução das seguintes atividades relativas à produção jornalística direção geral, apresentação, reportagem, roteiro, chamadas de vídeo, montagem de vídeo, edição final e postagem no YouTube (PASSOS, 2018). Apesar de funções específicas, durante a preparação das matérias, há a contribuição conjunta de todos. Os vídeos finalizados estão publicados no canal *O Fato Social*<sup>1</sup> e podem ser visualizados, comentados e compartilhados, além de poder ser acompanhado nas redes sociais Instagram e Facebook.

Para uma melhor contextualização do campo de pesquisa, apresentamos algumas informações relativas aos vídeos produzidos nos dois anos de duração do projeto. No ano de 2018, as edições do jornal abrangiam 06 temáticas distintas. O quadro abaixo apresenta os temas das reportagens.

**Quadro 07. Temas das produções dos vídeos 2018**

<b>Temas das Reportagens e Entrevistas</b>	<b>Objetivo</b>
<b>A Sociologia está em todo lugar</b>	Apresentar os fatos mais relevantes na vida do adolescente, fazendo com que este perceba que a sociologia está em tudo.
<b>Educação em transformação</b>	Apresentar o poder de transformação social da educação por meio de exemplos cotidianos.
<b>Da escola para o mundo</b>	Apresentar ações, projetos e iniciativas que, levadas para a vida em comunidade fora da escola, terão o poder de transformação social.
<b>Adolescentes em foco</b>	Apresentar, a partir de relatos dos nossos alunos adolescentes, os principais dramas vividos por eles nesse momento de transição para a vida adulta, buscando, por meio de entrevistas com especialistas, a resolução e a amenização destes conflitos.

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC2fATmcjvtC-DQsqSAE7xtQ>. Acesso em: 30/01/2020.

<b>Fazendo Turismo</b>	Envolver o curso de Turismo em uma frequência de reportagens, apresentando o potencial turístico de Igarassu.
<b>Um pouco de História</b>	Apresentar em cada edição uma história importante para nossa cidade.

Fonte: Elaboração própria, baseada em PASSOS (2018).

No jornal estudantil analisado, uma mesma edição pode contar com várias temáticas. Assim, em uma mesma produção, a narrativa se dividia em reportagens e entrevistas. Em 2018, foram produzidos 13 vídeos. O quadro a seguir apresenta os títulos dos vídeos e uma síntese deles para podermos identificar como as narrativas foram diversas neste período.

### Quadro 08. Título dos Vídeos 2018

<b>Títulos</b>	<b>Narrativas</b>
1. SPECIAL CIÊNCIA JOVEM!!! *Semente de minha GRE: Uma distribuição consciente*	Entrevista sobre o projeto.
2. Ilha de Itamaracá	Reportagem na Ilha de Itamaracá. Reportagem Forte Orange.
3. Ecoando em várias vozes	Entrevista – Educação em Transformação. Entrevista – Da escola para o mundo, o LITERART.
4. EXTRA #1 (portal mais PE)	Reportagem /Entrevista, da escola para o mundo: dicas para o ENEM.
5. Sociedade pós-moderna e seus grupos sociais.	Reportagem – Sociologia. Entrevista – Adolescência em Foco/grupos de socialização (bem espontâneo e subjetivo).
6. Psicologia + adolescência (projetos).	Entrevista – Educação e transformação/ do lixo ao empreendedorismo. Entrevista – Da escola para o mundo/reciclagem. Entrevista – Adolescência em foco.
7. Especial aniversário de Igarassu#3	Entrevista/Reportagem – Turismo Museu histórico de Igarassu.
8. Sociabilidade e socialização na escola.	Entrevista/Reportagem – Sociologia em toda parte: Sociabilidade e socialização. Reportagem/Entrevista – História: A escola ETE/PE-Igarassu.
9. Especial Igarassu # 2.	Entrevista, reportagem. Turismo Museu Pinacoteca.
10. Especial Igarassu #1.	Reportagem Turismo: Igreja de São Cosme e Damiao.
11. Sociologia na adolescência.	Reportagem: Adolescência em foco (bem espontâneo e subjetivo). Dia a dia do adolescente na ETE. Reportagem: Turismo: marco de Pedra
12. A chave para a Sociologia (primeiro vídeo).	Reportagem – Sociologia: <i>O Fato Social</i> .

	Reportagem – História: Jurandir Bezerra Lins.
13. Educação e sociologia.	Entrevista: Educação e transformação: Sobre quem é o estudante de escola técnica.  Entrevista: Da escola para o mundo eu também sou Índio; Biologia e plantas medicinais; Apresentação cultural.

Fonte: Elaboração própria, baseada em vídeos disponibilizados no YouTube, em 2019.

No ano de 2018, a equipe jornalística contava com um roteirista que elaborava a reportagem que seria narrada pelo repórter e apresentador. Devido a alguns problemas de organização, atrasos e dificuldades de comunicação, foi decidido em reunião que o repórter e o apresentador passariam a preparar seu próprio texto, evitando, assim, os transtornos elencados.

Devido à saída de alguns membros e necessidade de adaptações à rotina escolar, a organizadora do projeto decidiu delimitar os temas das reportagens para três áreas: Sociologia, Desenvolvimento de Sistemas e Guia de Turismo. Dessa forma, poderiam contemplar, de uma forma mais específica, a realidade escolar e os temas trabalhados nos cursos ofertados na escola.

Outra mudança ocorrida na estrutura do jornal, que interferiu diretamente nas atividades desenvolvidas pelos seus integrantes, foi a criação de uma nova equipe de jornalistas, na verdade de futuros jornalistas. Os alunos que ingressaram na escola em 2019, como alunos do primeiro ano, puderam fazer parte da equipe, para darem seguimento às atividades do jornal em 2020, uma vez que a equipe de 2019 não mais faria parte do jornal. Sendo assim, alguns alunos da equipe de 2018 passaram a atuar no jornal, como formadores.

Para uma melhor compreensão técnica das ND nos 11 vídeos produzidos pelos estudantes, recorreremos à taxonomia proposta por Paul (2014). A referida pesquisadora defende que a interatividade e a intuição são atributos das narrativas digitais, aspectos que também consideramos importantes na estrutura das ND, contempladas em sua taxonomia. Em nossa pesquisa, as narrativas estudadas estão na mídia vídeo, tendo uma configuração de mídia individual, o conteúdo do vídeo foi previamente gravado e editado. A ação da audiência para acessar as ND é por meio da plataforma do YouTube. Os conteúdos têm movimentos dinâmicos ao longo do vídeo e são passivos, pois não requerem a atuação do espectador para que sejam transmitidos. Já o relacionamento do espectador com o conteúdo da ND é fechado, uma vez que não há intervenção do espectador. Para se aproximar da propriedade enciclopédica própria da web, em alguns vídeos, há links embutidos na tela que inscrevem o espectador no canal do jornal, no YouTube. Entretanto, os links adicionados não ampliam os conteúdos das ND, por isso o contexto da ND é autoexplicativo. Por fim, com relação à comunicação que parece ser atributo pouco explorado pelo Jornal, não é disponibilizado outro meio de contato com os

integrantes do jornal, além das postagens dos comentários disponíveis na página de cada vídeo. Também não acontece em tempo real, configurando uma comunicação assíncrona (PAUL, 2014).

Até o mês de novembro de 2019 foram produzidos 11 vídeos. A seguir, o quadro com os títulos dos vídeos produzidos no referido período.

### Quadro 09. Títulos dos Vídeos 2019

<b>Títulos dos vídeos</b>	<b>Narrativas</b>
1. Contribuição do carnaval de Igarassu (Guia de Turismo)	Reportagem: Turismo: Carnaval.
2. Ilha de Itamaracá. (Guia de Turismo)	Reportagem: Ilha de Itamaracá.
3. Sociologia: A moda muda: a moda na modernidade líquida	Reportagem: narração e imagem sobre o tema.
4. Edição especial: A Caravana da educação	Entrevista: gestor da escola, funcionários do governo ligados a educação, governador de Pernambuco (Paulo Câmara).
5. Edição especial: Páscoa Solidária	A missa. Entrevista tipo depoimento.
6. O uso de Novas Tecnologias (Desenvolvimento de Sistemas)	Reportagem: narração e imagem sobre o tema.
7. Matemática em toda parte	Reportagem: depoimento de professores sobre o evento; depoimento de alunos sobre o evento.
8. Edição especial: Praia do Capitão! Meio Ambiente	Entrevista tipo depoimento. Gravação externa.
9. Circuito dos museus (Guia de Turismo)	Reportagem: narração e imagem sobre o tema. Gravação externa.
10. Edição Especial: Cobertura da 2º conferência estadual da educação integral e profissional de Pernambuco!!!	Reportagem e entrevista. Gravação Externa.
11. Coletivo Fábrica (Sociologia)	Reportagens e entrevistas informativas. Gravação Externa.

Fonte: Elaboração própria, baseada em vídeos disponibilizados no YouTube, em 2019.

Podemos perceber que os temas são variados e estão relacionados a eventos que ocorrem na escola, com seus integrantes, com os conteúdos trabalhados e com curiosidades das áreas contempladas, sobre a carreira dos cursos. Os conteúdos das narrativas têm o objetivo de informar e esclarecer o público sobre os temas em questão, com fatos que pudessem também, “de alguma forma estar relacionados com vivências dos estudantes, uma perspectiva mais prática” (PASSOS, 2019).

#### 4.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi feita a partir de 03 instrumentos: diário de campo, com observações e registros feitos pela pesquisadora durante os momentos de criação das narrativas digitais em reuniões de pauta, com gravações e edições dos vídeos, para registrar as atividades e a participação dos discentes; 07 vídeos produzidos pelo Jornal O Fato Social: 03 vídeos que acompanhamos o processo de produção, em alguma de suas etapas de criação e 04 vídeos produzidos ao longo de 2019; e, por fim, entrevista dos alunos que desempenhavam as funções de repórteres, apresentadores, editores, auxiliares técnicos, diretor, coordenador do jornal e dos formadores, com o objetivo de obter informações detalhadas sobre o processo de criação das narrativas digitais em vídeo, assim como suas opiniões sobre os vídeos produzidos. Dessa forma, pudemos estabelecer relações entre a criação de ND em vídeo e as narrativas produzidas, tendo como referência os multiletramentos.

O quadro 10 apresenta os instrumentos de coleta de dados e sua relação com os objetivos específicos e procedimentos que foram adotados.

**Quadro 10. Instrumentos e procedimentos para coleta de dados**

<b>OBJETIVO ESPECÍFICO</b>	<b>INSTRUMENTOS</b>	<b>PROCEDIMENTO</b>
a) Descrever a criação de narrativas digitais, pelos alunos, na produção de vídeos para o Jornal <i>O Fato Social</i> .	1. Diário de Campo  <i>Reuniões de pauta e situações de produção das reportagens, gravação, edição, apresentações</i>	<i>Observação e registro das atividades desempenhadas pelos estudantes, e como foi sua participação nas cinco etapas de criação das ND na produção dos vídeos.</i>
b) Identificar as narrativas digitais criadas pelos alunos na produção de vídeos para o Jornal <i>O Fato Social</i> .	2. vídeos  <i>07 vídeos foram analisados:</i>  Circuito dos Museus; O Uso de Tecnologias, Praia do Capitão-meio ambiente, A moda muda a moda na modernidade líquida, Ilha de Itamaracá, Coletivo Fábrica, II Conferência Estadual da Educação Integral e Profissional de Pernambuco.	<i>Identificar os 07 elementos que compõem uma ND nos vídeos do Jornal O Fato Social. Análise de como o conteúdo das reportagens foi integrado aos recursos audiovisuais do vídeo.</i>
c) Relacionar a criação de narrativas digitais com a produção de vídeos, para o Jornal <i>O Fato Social</i> , na perspectiva dos multiletramentos.	3. Entrevista semiestruturada  Gravação em áudio feita com os repórteres, apresentadores,	<i>Entrevistas síncronas e individuais, com os integrantes do Jornal que consentiram em participar da pesquisa. As perguntas se referiam</i>

	<p>editores e diretor do jornal, totalizando 18 alunos. *</p> <p>*02 alunos não quiseram participar da entrevista. E 03 alunos não entregaram o termo de consentimento assinado pelo responsável. Foram realizadas 13 entrevistas.</p>	<p><i>ao processo de criação das ND com os vídeos do jornal.</i></p> <p><i>ANÁLISE GERAL: Relacionamos o que foi observado, com o que foi analisado dos vídeos, as falas dos estudantes, tendo como direção a perspectiva dos multiletramentos</i></p>
--	--	--

Fonte: Elaboração própria (2020)

#### 4.4 PERCURSO DA PESQUISA

Primeiramente, realizamos contato com a professora idealizadora do projeto para conseguir maiores informações sobre as produções dos vídeos e tivemos a oportunidade de assistir à apresentação do jornal *O Fato Social* no evento Feira de Ciências Jovem/PE – 2018. Durante a explanação da equipe, nos familiarizamos com a história do jornal, desde sua criação, e o objetivo das reportagens. Neste momento, os alunos mostraram um instrumento de iluminação — *softbox* — e um estabilizador de *smartphone*, construído pelos próprios alunos.

O engajamento e o orgulho dos alunos em fazer parte do jornal, a criatividade em superar desafios técnicos e a atenção da professora responsável pela turma foram decisivos para a escolha deste campo de pesquisa. Feita essa coleta de informações, concordamos que aguardaríamos o início do ano letivo para realização do acompanhamento das produções no ano de 2019.

Iniciamos, então, nossa busca por um aporte teórico que contemplasse os aspectos que estávamos encontrando nesse campo de pesquisa: o uso da linguagem audiovisual, as narrativas do jornal, as interações dos alunos e o contexto escolar. Assim, estabelecemos a perspectiva dos multiletramentos, pois ela contempla práticas sociais de uso de algum tipo de linguagem e sua tecnologia em contextos multissemióticos, multiculturais, tendo o aluno como protagonista. Aspectos que esperávamos observar ao longo do percurso, do processo de produção dos vídeos. Para a análise dos vídeos, estabelecemos a classificação de Narrativas Digitais, pois permite uma abordagem dos recursos audiovisuais e sua integração ao conteúdo.

Naquele contato, a professora autorizou nossa pesquisa e as informações coletadas começaram a fazer parte do nosso registro do diário de campo. Ao todo, foram realizados 10 registros em que aconteceram alguma atividade do Jornal. Idealizamos de que iríamos acompanhar as cinco etapas da produção de uma ND para cada vídeo produzido. Entretanto, a realidade de uma pesquisa de campo, em um espaço que não pertence ao pesquisador, está

sujeito a uma série de fatores, como organização de tempo, burocracias e imprevistos. Apesar da ótima receptividade da direção da escola, dos demais professores e da equipe do jornal em ter a pesquisadora em seu meio, tivemos dificuldades de ajustar os horários para as observações. Alguns imprevistos como falta de abastecimento de água na escola e dias de enchente na cidade modificaram a programação das gravações e não pudemos comparecer a todas essas etapas. Além disso, a equipe procurava se reunir semanalmente, durante o horário de almoço, quando havia necessidade de editar, gravar ou produzir o roteiro das reportagens, mas não havia um planejamento de horários, pois se adaptavam também às atividades na escola. É importante lembrar que não há um horário específico na grade curricular para a realização dessas atividades e que os alunos e a professora utilizavam seu horário de descanso/almoço/intervalos, ou muitas vezes realizavam as atividades em casa, dificultando um agendamento prévio com a pesquisadora. Entretanto, das 10 observações, 07 se referiram a alguma das 05 etapas de produção de uma ND. Concluímos que isso não invalidou a análise do processo, pois, nessas 07 observações, foi possível registrar o padrão de atividades utilizadas e o comportamento dos alunos que selecionamos para nossa categorização

O ano letivo de 2019 iniciou e a equipe do jornal estava passando por algumas mudanças na sua organização. Assim, ficou combinado que nosso primeiro contato com a equipe aconteceria depois do carnaval. Em março, tivemos um encontro com a professora para obter mais informações sobre o andamento do processo, para a nossa familiarização com a estrutura e organização da escola. Também tivemos o contato com a direção da escola e alguns professores. Foram coletadas as informações relativas ao detalhamento do campo de pesquisa, previamente descritas, na seção 4.2 desta dissertação. Finalmente, conseguimos conciliar os horários de reuniões dos alunos com os da pesquisadora para o mês de abril e, então, começamos nosso registro de diário de campo.

Optamos pela técnica da observação para servir de ponto de partida da nossa investigação e explorar o fenômeno como ele realmente acontece. Segundo Marconi e Lakatos (2003), por meio da observação, o pesquisador é capaz de “identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 191). Assim, como nosso objetivo para esse instrumento foi identificar as categorias *a priori* estabelecidas, e chegamos a elas a partir do objetivo específico, elaboramos um modelo de diário de campo (Apêndice 01) que permitisse acompanhar as atividades e a participação dos estudantes na etapa de criação das narrativas observada. Os campos do formulário sem numeração correspondem aos informativos para ajudar na organização da análise. Algumas gravações não ocorreram na escola, assim

destinamos um local para registro em que as observações ocorreram. A frequência dos integrantes é variável, então resolvemos registrar quem seriam os integrantes de cada evento. O item 1 (**ATIVIDADE PROPOSTA**) foi destinado ao registro do objetivo ou atividade principal para aquele dia; no item 2 (**ETAPA DA PRODUÇÃO**), registramos a(s) etapa(s) criação da narrativa digital observada; no item 3 (**DESCRIÇÃO DO ENCONTRO**), registramos com detalhes as atividades que ocorreram, seus agentes, os espaços usados e algumas falas; no item 4 (**PARTICIPAÇÃO DOS PRESENTES**), fizemos anotações com relação às ações da equipe jornalística. Não foi nosso objetivo acompanhar cada estudante, até porque isso não seria possível nesse formato, uma vez que a participação deles é voluntária, dependendo dos compromissos de aulas, autorizações dos pais para as gravações externas, alguns problemas de saúde com os integrantes, dificuldade de deslocamento para as gravações externas; o item 05 (**DESAFIOS E PROCEDIMENTOS**) funcionou como uma síntese, focando nos desafios e procedimentos deliberados para resolvê-los; o item 6 (**OBSERVAÇÕES**) foi utilizado para registrar situações inusitadas, avisos, informações extras, a atividade daquele dia e também o utilizamos para registro das práticas de letramentos em que os estudantes participaram

Esse acompanhamento durou até o mês de agosto. Durante esse período também mantivemos contato com toda equipe jornalística por meio de conversas via WhatsApp do grupo, para os agendamentos e acompanhamento das atividades. Não foram realizadas gravações após esse período. Tivemos um último encontro no mês de novembro, para encerramento das atividades do jornal para 2019. Foi realizada uma cerimônia de encerramento, com homenagens e agradecimentos.

Após o período de observações, nos preparamos para a realização das entrevistas com os alunos. Para obtermos a permissão dos responsáveis pelos discentes para participação nessa etapa da pesquisa, elaboramos um Termo de Consentimento que foi assinado pelo responsável do discente (Apêndice 08). Planejavamos entrevistar os 18 integrantes, mas apenas 16 estudantes concordaram em participar. E destes, 03 não entregaram o termo de consentimento assinado pelos responsáveis. Assim, tivemos um total de 13 respondentes. Mais uma vez, tivemos dificuldades em agendar um horário que os alunos não estivessem em aula. Foram utilizados dois dias do mês de outubro, a partir das 13 horas, adentrando nos horários de aula dos estudantes. Solicitamos permissão à coordenação e aos professores e aproveitamos os dias em que os alunos estariam desenvolvendo atividade de estudo individualizado. Dessa forma, os estudantes puderam se ausentar para a realização da entrevista e, em seguida, retornaram para a sala de aula.

Utilizamos a entrevista para que, por meio da fala dos discentes, pudéssemos explorar e descrever a criação das ND em vídeo com o olhar estudantil. Após a realização das entrevistas relacionamos o que foi observado e as falas dos estudantes, tendo como direção a perspectiva do multiletramentos. Utilizamos uma entrevista semiestruturada (Apêndice 03), com perguntas abertas e fechadas, sobre os vídeos e as narrativas digitais. Nessa etapa da pesquisa não tínhamos objetivo de que os estudantes avaliassem suas produções ou que as perguntas levassem a isso. Dessa forma, elaboramos perguntas que expressassem a opinião dos estudantes sobre os vídeos do jornal e algumas perguntas também se referiram a alguns aspectos da criação das ND ou da produção dos vídeos, mas que levaram diretamente ao entendimento do vídeo pronto. Na elaboração das perguntas, utilizamos os termos conteúdo, mensagem ou reportagem para nos referirmos às narrativas digitais porque os alunos não estão familiarizados com esse conceito. Gostaríamos de ressaltar que os discentes não tiveram formação sobre os conceitos de ND, entretanto, foi a classificação adotada nesta pesquisa para fins de análise. As perguntas estão divididas em dois grupos:

- Perguntas para todos os integrantes (perguntas 1 a 10).
- Perguntas direcionadas para cada função desempenhada (perguntas 11, 12, 13).

Essa divisão se justifica porque os integrantes participam em atividades diferentes ao longo do processo. Assim, acreditamos que esta divisão contribuiu para atingirmos o objetivo geral, no sentido de descrever com maior detalhe a criação de narrativas digitais no processo de produção de vídeos. Durante as observações, pudemos identificar que o termo usado para se referir às produções do Jornal adotado pelos seus integrantes foi *vídeo*. Portanto, também adotamos esse termo na elaboração das perguntas. Durante a análise dos dados, constatamos que algumas perguntas poderiam ter sido mais bem elaboradas. Houve uma tentativa da pesquisadora de realizar uma segunda entrevista com os integrantes dos jornais, mas, devido às atividades escolares, isso não foi possível.

E, por fim, realizamos a análise dos vídeos. Foram analisados 03 vídeos que acompanhamos o processo de produção, em algum momento da etapa de criação das narrativas digitais e 04 vídeos produzidos em 2019. Assim, 07 vídeos foram utilizados para que pudéssemos obter a identificação das narrativas digitais produzidas para o jornal, que foram descritas durante a análise dos dados. Para esta identificação optamos pelos elementos que caracterizam uma ND de acordo com Lambert (2008). Os vídeos foram analisados a partir do registro na Ficha Técnica das ND em vídeo (Apêndice 04). Coletamos informações do canal do Jornal da plataforma do YouTube para o preenchimento dos dados com relação ao título, visualizações, *likes*, tema da reportagem e comentários. Julgamos essas informações relevantes

para considerar também a resposta da audiência, já que foi um elemento utilizado na entrevista e referenciado no aporte teórico. Durante a análise consideramos todos esses aspectos relevantes para que o significado das ND do Jornal fosse compreensível, estando assim de acordo com o uso da linguagem em uma perspectiva de multiletramentos.

#### 4.5 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para direcionar as categorias escolhidas, consideramos a nossa **hipótese**, que é a de que, em um mundo de multiletramentos, como o atual, os alunos do Ensino Médio criam narrativas digitais, na produção de vídeos, com autoria, autonomia, criatividade, colaboração e criticidade. Isso se deve ao fato de os estudantes refletirem sobre suas escolhas quanto ao uso dos recursos tecnológicos e à construção dos conteúdos das narrativas.

Além disso, a escolha das categorias se fundamentou em aspectos discutidos no referencial teórico desta pesquisa.

Desta forma, iremos considerar as categorias elencadas a seguir:

**Quadro 11. Instrumentos e categorias**

Objetivo específico	Instrumento/	Categoria – fonte
a) Descrever a criação de narrativas digitais, pelos alunos, na produção de vídeos para o Jornal O Fato Social.	<u>1. Diário de Campo</u>	- Colaboração (ANDRADE, F, 2013) - Autoria (ANDRADE, F., 2013) - Autonomia (NOGUEIRA e PILÃO, 1998) - Criatividade (OHLER, 2013) - Criticidade (LIPMAN, 1987)
b) Identificar as narrativas digitais criadas pelos alunos na produção de vídeos para o Jornal O Fato Social.	<u>2. Análise dos vídeos</u>	07 elementos da ND proposto por Lambert, 2007: - Ritmo - Economia - Música e trilha sonora - O presente da sua voz - Conteúdo emocional - Questão dramática - Ponto de vista

c) Relacionar a criação de narrativas digitais com a produção de vídeos, para o Jornal <i>O Fato Social</i> , na perspectiva dos multiletramentos.	3. <u>Entrevista semiestruturada</u>	<u>A priori:</u> Multiletramentos (ROJO, 2012; GNL, 1996); Multilinguagens  <b>Subcategoria:</b> Novo <i>ethos</i> , novos letramentos (participativo, colaborativos e distribuídos) (LANKSHEAR e KNOBEL, 2006, LANKSHEAR, 2007) <i>A posteriori</i> Vida Investigativa (ROJO, 2017)
--	--------------------------------------	---

Fonte: Elaboração própria (2020).

#### 4.6 TRATAMENTO DOS DADOS

Para esta pesquisa, adotamos a Análise Textual Discursiva. Esse é um método analítico para pesquisas qualitativas com dados apresentados em forma de textos “origina-se daí a denominação de análise textual, em que o sentido de texto se aproxima de discurso” (MORAES & GALIAZZI, 2016, p. 134). Assim, a análise textual discursiva (doravante ATD) por ser uma técnica de análise textual, apresenta-se entre os extremos da análise de conteúdo e da análise de discurso, podendo apresentar semelhanças e diferenças a essas duas análises textuais.

Na análise com ATD ocorre a síntese dos dados a partir do processo aprofundado e rigoroso de leitura dos materiais textuais. Ao conjunto de materiais textuais da pesquisa dá-se o nome de *corpus*. O *corpus* é descrito e interpretado, e o olhar subjetivo do pesquisador que irá conferir originalidade e criatividade do texto que emerge dessa análise. Na ATD, o processo de análise ocorre pela desconstrução e reconstrução dos textos.

Ao adotarmos uma pesquisa *descritiva e exploratória*, nosso objetivo principal não é comprovar hipóteses ou refutá-las, mas compreender melhor o fenômeno estudado. Segundo Moraes (2003), a Análise Textual Discursiva se enquadra nesse contexto como método para análise de dados qualitativos. Outro motivo que nos levou a escolha desse método de análise é o fato de que nossa fonte de dados é textual, proveniente da fala dos alunos nas entrevistas, nas narrativas em vídeo e nas anotações feitas pela pesquisadora durante as observações do processo de criação das ND.

O material textual utilizado para análise, deve ser lido, descrito e interpretado, em um processo auto-organizado, de desconstrução e reconstrução dos textos, até que novos entendimentos sejam interpretados e gerem um metatexto (interpretativos e descritivos). Esse processo ocorre em 03 ciclos: *unitarização* (desconstrução dos textos), *categorização*

(estabelecimento de relações entre os elementos unitários) e *validação* (identificação das novas compreensões). Dessa forma, em nossa pesquisa, analisamos os dados coletados em cada momento, separadamente, e, em seguida, buscamos estabelecer a relação entre processo e produto, na perspectiva dos multiletramentos. Utilizamos os próprios recursos do Word e Excel para administrar e organizar os dados gerados, que registramos em tabelas e quadros.

Apresentaremos a análise de cada etapa: da observação registrada no diário de campo, da observação das narrativas digitais em vídeos e da relação entre as etapas anteriores, a partir das entrevistas, na perspectiva dos multiletramentos. Para a ATD, a realidade é uma construção humana da qual a linguagem tem grande participação.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 5.1 REGISTRO NO DIÁRIO DE CAMPO

Para analisar os registros realizados no diário de campo, seguimos as três etapas propostas por Moraes (2003). A etapa *unitarização* dos dados iniciou-se a partir de uma leitura cuidadosa e aprofundada do registro do diário de campo. Em seguida, buscamos as unidades significativas, que foram identificadas em **negrito** e *itálico* (Apêndice 05) no próprio texto do diário de campo, tendo como direção padrões na participação dos estudantes ao desenvolverem as atividades relativas à produção das narrativas em vídeo nas 05 etapas de produção propostas por Ohler (2013): planejamento, pré-produção, produção, pós-produção e performance/distribuição.

Para a etapa *categorização* partimos das categorias previamente estabelecidas para esta fase da pesquisa: colaboração, autoria, autonomia, criatividade e criticidade. Logo, seguimos para a busca das relações, padrões, do geral para o particular, pois já tínhamos em mente que nosso objetivo era descrever o processo de criação das narrativas digitais em vídeo. Os exemplos retirados dos registros do diário de campo e o embasamento teórico foram usados para validar nossa categorização. A informação coletada foi registrada no quadro Processo de Criação de Narrativa Digital em vídeo (Apêndice 02).

Para a análise do diário de campo, elaboramos um quadro para cada dia de registro. Para efeitos desta pesquisa, apresentaremos apenas os 07 registros relevantes ao objetivo em questão, com informações coletadas em cada etapa observada e o resultado de nossa análise, tornando-se nosso metatexto. No apêndice desta pesquisa, estão todos os diários de campo e com maior detalhe. Para a construção desta seção da dissertação, optamos por uma versão mais resumida. Considerando-se esse panorama, passaremos a análise dos diários de campo individualmente. Para facilitar a visualização, apresentamos os exemplos de cada registro no quadro que acompanha cada análise.

Diante do novo ecossistema comunicativo que se forma, os discentes assumem novos papéis sociais, além de alunos são também jornalistas. Dessa forma, usaremos os termos *aluno-jornalista*, *aluno-diretor*, *aluno-apresentador*, *aluno-repórter*, *aluno-editor*, *aluno-câmera*, para se referir à sua participação nesse processo de criação de narrativas digitais na produção de vídeos, nas seções que se seguem.

## Registro 01

Ilustração 01- Logomarca do Jornal



Fonte: Elaboração própria, baseada em canal do YouTube (2020).

O registro de diário de campo número 01 ocorreu ainda em 2018 durante a 24ª Feira de Ciência Jovem de Pernambuco. Nós classificamos essa etapa como *performance/distribuição* proposta por Ohler (2013), uma vez que os alunos-jornalistas estavam expondo suas falas em um evento para a comunidade e alguns vídeos também estavam à disposição para serem assistidos. A partir do que registramos nesse dia e, segundo o relato da docente e dos discentes presentes ao evento, a participação dos estudantes durante a *performance* ocorreu de forma **colaborativa**. Identificamos a **criatividade** da equipe no desenvolvimento de um equipamento de iluminação (*softbox*), equipamento ainda em uso em 2019. É perceptível o surgimento de talentos entre alunos-jornalistas a partir dessa oportunidade criativa (OHLER, 2013).

Quadro 12. Registro Diário de Campo 01

n° 01	Processo de Criação de Narrativa Digital em vídeo		
	Atividade	Atuação dos estudantes	Descrição da situação
<b>Distribuição e performance</b>	Exposição; <i>Performance</i>	<b>Colaboração</b>  <b>Criatividade</b>	Os alunos-jornalistas expuseram suas falas sobre a história do jornal <i>O Fato Social</i> com entusiasmo e segurança, relataram um pouco da estrutura do Jornal, da produção e dos temas das reportagens. Além disso, auxiliaram a professora na organização e condução do evento, que incluiu a preparação dos materiais distribuídos e a montagem do estande, também estava em exposição e demonstração o <i>softbox</i> confeccionado por eles.

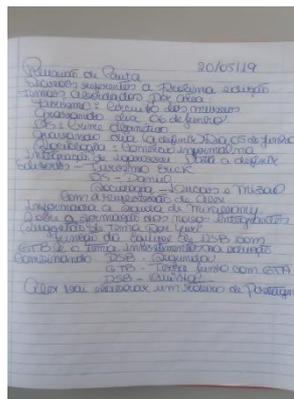
Fonte: Elaboração própria, 2020.

## Registro 02

O registro de diário de campo número 02 não foi considerado para essa descrição por não ter contado com a participação dos alunos. Nessa segunda visita à escola, ocorreu uma entrevista com a docente. Dessa forma não foi gerada a tabela **Processo de Criação de Narrativa Digital em vídeo 02**.

## Registro 03

### Ilustração 02. Modelo Reunião de Pauta.



Fonte: *O Fato Social* (2019).

No registro de diário de campo número 03, ocorreu a etapa planejamento (OHLER, 2013) com a atividade Reunião de Pauta. Geralmente, nesses encontros, a docente consegue reunir toda a equipe. A reunião do Jornal é conduzida pela docente e, após a leitura da pauta e alguns avisos, ela dá oportunidade para que os alunos-jornalistas participem. Nesse caso, o objetivo para a construção da narrativa foi a escolha do tema dos próximos vídeos e reportagens. Percebemos que há oportunidade para que os 20 (naquela época) integrantes participem, entretanto, alguns alunos apenas não apresentaram opinião individualmente, se expressaram de forma coletiva, concordando com o que estava sendo exposto.

Foram apresentadas algumas sugestões, houve concordância, alguns apontaram problemas nas ideias propostas, e argumentos foram feitos, as sugestões giram em torno do tema proposto, em como executar, as condições de filmagens, não se fala em questões sociais, (a temática já é uma questão social). Nessa etapa do processo, pudemos perceber que a intenção é que a narrativa seja construída de forma coletiva (OHLER 2013, LAMBERT, 2007), contando com a **colaboração** de todos. Na etapa planejamento, esse é um elemento fundamental.

Também observamos, outro aspecto que parece contribuir para a participação dos integrantes, que é a disposição das cadeiras na sala em formato de “U”, no qual todos estão se vendo.

Ainda nessa etapa da criação da ND, há **autoria** de pensamentos durante as discussões sobre os temas das reportagens. Os alunos-jornalistas se arriscam ao lançarem sugestões e opinarem sobre as questões apresentadas, demonstrando segurança e firmeza ao apresentarem argumentos positivos e negativos para a sugestão do tema de sociologia, considerando os ricos do contexto e as necessidades da produção de vídeo, o que também consideramos que demonstra **criticidade**. A docente delega responsabilidades para os integrantes do jornal e, com isso, eles desenvolvem **autonomia** para resolver problemas e tomar decisões.

**Quadro 13. Registro Diário de Campo 03**

n° 03	Processo de Criação de Narrativa Digital em vídeo		
Etapa da produção de ND	Atividade	Atuação dos estudantes	Descrição da situação
<b>Planejamento</b>	Reunião de pauta; Escolha do tema das reportagens; Resolução de problemas para conclusão dos vídeos	<b>Autoria de pensamento</b>	Um aluno teve iniciativa para apontar um problema que eles estavam tendo. Um integrante lançou uma proposta de reportagem. Um integrante apresentou uma sugestão para o tema de turismo.
		<b>Criticidade</b>	Um integrante lançou uma proposta de reportagem que foi apoiada pela turma, <u>mas, com pontos positivos e negativos a essa proposta</u> , foi sugerido entrevistar alguém que eles veem sempre, foi comentado que eles teriam que pedir permissão, teriam um contato prévio, houve um pouco de receio com relação a segurança dos alunos-jornalistas e dos direitos autorais.
		<b>Colaboração</b>	A reunião é conduzida pela professora. Apesar de pouca participação (em termos quantitativos de alunos), todos têm oportunidade de opinar, criticar e sugerir. Percebe-se que quando há dúvidas ou dificuldades ou sugestões os alunos-jornalistas participam. Há estímulo para que o tema seja uma construção coletiva.
		<b>Autonomia</b>	A docente responsabilizou o aluno-diretor para solucionar o problema da falta de computadores.

Fonte: Elaboração própria, 2020.

#### **Registro 04**

O registro de diário de campo número 04 ocorreu na própria escola e contou com a participação das equipes de formação e em formação. A etapa do processo foi *planejamento* e

a atividade realizada foi Reunião de Pauta, para que as equipes pudessem decidir quais ações seriam tomadas para os vídeos seguintes, assim como verificar o andamento.

Percebemos que a participação foi pequena em relação à quantidade de alunos presentes, entretanto, a oportunidade existe. Os integrantes que sentem necessidade sugerem ou criticam. Há a intenção de que o trabalho seja coletivo. Isso é possível de perceber pela organização das cadeiras, que ficam posicionadas em formato de “U”, facilitando a participação de todos. A aluna-coordenadora demonstrou **liderança** em expor a pauta e as dificuldades que estavam tendo. A discente conduziu com segurança a reunião e deu oportunidade para as contribuições. Também demonstrou autonomia para decidir os impasses e soube conduzir a participação e a **colaboração** dos demais, com opinião e exposição das atividades executadas. Esta reunião aconteceu de forma semelhante à do outro grupo, descrita no registro de diário de campo número 03 (página 71). Percebemos que o fator tempo foi limitante. Como já foi mencionado, as reuniões ocorriam após a refeição, ainda no horário de almoço e antes das aulas da tarde.

Constatamos que, na etapa *planejamento*, houve participação dos alunos-jornalistas na escolha do tema dos vídeos seguintes e nas negociações para resolver algumas dificuldades, como a situação da entrevista que não pode ser gravada ou filmada porque o entrevistado não estava se sentindo confortável para fazê-lo. Percebemos **autoria** de pensamento, porque os alunos expressaram o que pensavam e demonstraram seu entendimento sobre as questões apresentadas, por exemplo, nas contribuições dos alunos-jornalistas formadores, que alertavam aos demais para a importância de deixar o entrevistado à vontade e do imprescindível que era ter o *termo de consentimento* assinado. Podemos ver que o processo de construção de narrativas, segundo os teóricos Lambert (2007) e Ohler (2013), cresce no coletivo e no trabalho em equipe, pois os alunos desenvolvem a **autoria de pensamento** e se posicionam diante dos fatos. A **colaboração** também se faz presente na resolução dos problemas que surgem.

**Quadro 14. Registro Diário de Campo 04**

n ° 04	Processo de Criação de Narrativa digital em vídeo		
Etapa da produção de ND	Atividade	Atuação dos estudantes	Descrição da situação

Planejamento	Escolha do tema das reportagens  Documentos e equipamentos necessários	<b>Liderança da coordenadora da equipe</b>	A aluna-coordenadora do jornal e a aluna-coordenadora da equipe de formação foram responsáveis pela lista de presença. <u>A aluna-coordenadora da equipe</u> de formação fez a apresentação da pesquisadora e narrou os assuntos que foram tratados. Os presentes concordaram com a proposta. A líder informou que “alguns integrantes formadores [...] teceram comentários: ‘aprender fazendo, errando, acertando’.”
		<b>Autoria de pensamento</b>	Dois alunos-jornalistas contribuíram concordando. Uma aluna-jornalista sugeriu que a reportagem fosse sobre o convívio social. Outra integrante realizou uma entrevista. Outra integrante disse que “só pode ser feita se a pessoa se sentir confortável”; alguns segundos para se pensar o que fazer e foi sugerido o uso de uma imagem.
		<b>Colaboração</b>	Alguns integrantes formadores teceram comentários (as falas estavam misturadas, não foi possível identificar quem proferiria). Em seguida, foi dada oportunidade para os alunos apresentarem suas opiniões, comentários, críticas. Dois integrantes do jornal contribuíram concordando com as mudanças e informaram sobre seus projetos.

Fonte: Elaboração própria, 2020.

## Registro 05

No registro de diário de campo número 05, ocorreram as etapas *pré-produção* e *produção* para a conclusão do vídeo da equipe de Desenvolvimento de Sistemas, com o tema **Vazamento de informação na internet**. A atividade ocorreu dentro do espaço escolar e no horário de almoço. Apesar de todo o processo concluído, ao chegarem nas etapas *Performance* e *Distribuição*, o *pendrive* que continha o vídeo foi perdido e o vídeo não pode ser publicado. Essa informação é relevante para considerarmos que as condições de pesquisa de campo estão sujeitas a esses imprevistos. Da mesma maneira, constatamos que os alunos-jornalistas, sujeitos da pesquisa, estão suscetíveis a cometerem erros e, apesar de demonstrarem uma participação positiva durante o processo, também identificamos falta de organização e planejamento, como o ocorrido neste momento. Nessa etapa da produção, a **colaboração** ocorreu em relação à escolha do local da gravação e auxílio nos pequenos problemas técnicos que surgiram no percurso. Os alunos-jornalistas agiram com **autonomia**, uma vez que não precisavam consultar a docente para resolver os problemas que iam surgindo, de acordo com o que Buckingham (2005) ressalta acontecer em um processo de produção de mídia, em contexto educacional. A criação da narrativa ocorreu em dois momentos. Primeiramente o aluno-repórter realiza a elaboração do texto e em um segundo momento ocorre a gravação. A matéria (texto escrito à

mão redigido em uma folha de caderno) que estava sendo lida durante a gravação do vídeo havia sido previamente elaborada pelo aluno-repórter, exemplificando o aspecto **autoral** do processo. O aluno produziu uma síntese de suas pesquisas realizadas sobre o tema. Durante a etapa *pré-produção* da criação da ND, os estudantes decidem o cenário e local para gravação, considerando o tema da narrativa como elemento norteador. Em seguida, acontece a etapa produção com a gravação do vídeo, nesse momento a narrativa toma forma mais concreta ao ser digitalizada nos celulares dos alunos-editores. Destacamos a **criatividade** dos estudantes, em utilizar seus recursos tanto cognitivos como materiais para produzir novos processos, produtos ou conceitos (OHLER, 2013). Assim, na falta de microfones adequados, utilizaram seus celulares; na falta de equipamento, bateram palmas; na falta de um tripé longo, utilizaram uma cadeira. Também destacamos que os alunos-jornalistas demonstram responsabilidade em vários momentos: nos equipamentos que manuseiam, nas “chaves e salas” que administram, na manutenção dos espaços que frequentam.

**Quadro 15. Registro Diário de Campo 05**

nº05		Processo de Criação de Narrativa digital em vídeo	
Etapa da produção de ND	Atividade	Atuação dos estudantes	Descrição da situação
Pré-produção e produção	Escolha do local das filmagens  Gravação dos vídeos	<b>Responsabilidade</b>	A aluna-coordenadora do jornal recepcionou a pesquisadora e a conduziu para a sala de informática, onde aconteceriam as gravações. Todo o processo de organização para a gravação é feito pelos alunos: escolha das salas, procurar chaves, abrir, fechar ligar e desligar equipamentos.
		<b>Criatividade, uso dos recursos disponíveis</b>	“ <u>Ação</u> ” e <u>bate palmas</u> (para compensar a falta de equipamento) na frente do repórter para indicar o início da gravação. O aluno-repórter <u>usa seu celular acoplado a um microfone</u> colocado na lapela para gravação do áudio, enquanto o aluno-câmera filma, durante a edição as duas partes serão integradas. Após posicionamento do aluno-repórter e da câmera (celular em um tripé pequeno, e em cima de uma cadeira e colocação do microfone próximo ao aluno-repórter, mas que não ficasse visível).
		<b>Negociação</b>	E após a filmagem, a aluna-coordenadora junto com os demais negociaram como poderiam ilustrar isso, e concordaram em colocar a foto do autor da citação durante a narração do aluno-repórter no vídeo.

		<b>Autoria</b>	A escolha do cenário tem a gerência do repórter, entretanto toda equipe também apresenta sugestões de onde se posicionar, qual mobília será usada. Há negociação.
		<b>Colaboração</b>	O aluno-câmera também auxilia no enquadramento, e desenvolve uma sintonia com o repórter, com relação aos cortes, às interrupções, aos erros, eles percebem que uma gravação não ficou boa e decidem repetir. Essa negociação transcorreu sem problemas. Há iniciativa para negociação. A aluna-coordenadora e o aluno-editor também prestavam auxílio na condução da gravação. Há iniciativa para sugerir melhorias.
		<b>Autonomia</b>	Os alunos-jornalistas decidem sobre os pequenos problemas que surgem, não há necessidade de consultar a professora.

Fonte: Elaboração própria, 2020.

## Registro 06

### Ilustração 03. Vídeo Circuito dos Museus



Fonte: Elaboração própria baseado em canal do YouTube, 2020.

No registro de diário de campo número 06, as etapas observadas foram a *pré-produção* e *pós-produção*. A atividade realizada foi a gravação de um vídeo com o título **Circuito dos Museus**. Participou dessa gravação toda a equipe do curso de Guia de Turismo do Jornal,

incluindo a professora. As gravações ocorreram em 3 museus da cidade de Recife: Cais do Sertão, Paço do Frevo e Forte das Cinco Pontas. Durante as visitas, os alunos-repórteres fizeram anotações, fotos e filmagens. Estas, foram utilizadas na elaboração de suas narrativas. Assim, a visitação foi utilizada como momento de pesquisa e coleta de dados. Naquele momento, também foram feitas as gravações de abertura e fechamento da reportagem, pela aluna-apresentadora e a aluna-repórter de turismo. Os alunos da ETE JBL do curso de Guia de Turismo estavam participando de uma atividade pedagógica da disciplina de Turismo, com o objetivo de visitar esses 03 museus do Estado e apresentar algumas informações sobre eles durante a visitação. O Jornal aproveitou o evento para fazer a reportagem da equipe de Guia de Turismo sobre os museus. A equipe do Jornal teve dificuldade de conciliar suas atividades de gravação com as atividades propostas pela disciplina de Turismo. As gravações foram rápidas e ocorreram entre os momentos de intervalo das visitas. Assim, a escolha do local da filmagem e a adequação ao tema da narrativa ocorreram sem um planejamento prévio ou sem tempo para discussão. Após a visitação, e com os materiais coletados em mãos, a repórter de Turismo preparou sua reportagem, gravou o áudio no celular e entregou para o editor (diário de campo 07). Alguns problemas técnicos surgiram, principalmente, com relação à gravação em espaço natural, pois havia ruídos de vozes, de vento, de música e, devido à falta de equipamento adequado, esses ruídos interferiram na qualidade da narrativa. Apesar das dificuldades de gravação, constatamos que houve **colaboração** dos integrantes na execução das atividades e, mais uma vez, percebemos que houve **negociação** para decidir os locais de gravação, o posicionamento dos alunos-repórteres, a solução dos problemas. Entretanto, percebemos um momento de desorganização, quando o aluno-câmera responsável pela filmagem esqueceu seu celular no armário do Cais do Sertão. Foi necessário utilizar outro celular, de qualidade inferior. Percebemos que os alunos opinaram e escutaram a opinião dos outros, e conseguiram chegar a um consenso. A presença da professora foi fundamental, motivando e orientando os alunos-jornalistas a melhor conduzirem o processo. Eles demonstraram **autonomia** para decidir onde e como gravar e para resolver problemas que surgiram. Um exemplo disso é que a aluna-repórter teve liberdade para preparar sua reportagem a partir de seu ponto de vista, mas tendo em mente as condições de produção. Identificamos o olhar **crítico** do aluno-câmera, ao considerar o contexto e demonstrando critérios coerentes ao estar constantemente reavaliando suas escolhas na seleção das cenas de filmagem. As etapas pré-produção e produção da criação da ND, nessa situação, ocorreram concomitantemente, e por se tratar de uma gravação externa (e de um local desconhecido da equipe jornalística) não houve um planejamento prévio ou

elaboração de um roteiro para a gravação. Essas decisões foram tomadas à medida em que as gravações aconteciam e procuravam adequar ao tema e conteúdo da narrativa em questão.

**Quadro 16. Registro Diário de Campo 06**

n° 06	Processo de Criação de Narrativa digital em vídeo		
Etapa da produção de ND	Atividade	Atuação dos estudantes	Descrição da situação
Pré-produção	Coleta de material;	<b>Autonomia</b>	Durante toda visitação, a aluna-repórter tirou fotos e fez anotações para preparar sua reportagem.
	Elaboração das reportagens Escolha do local das filmagens	<b>Negociação</b>	As tomadas são curtas, o aluno-repórter demonstra domínio do que vai falar e como se posicionar, a filmagem foi rápida, às vezes, durante as tomadas, ocorriam problemas técnicos de travar o celular e/ou o gravador de áudio, que foram rapidamente contornados pelos estudantes e a tomada refeita. Há uma boa sintonia entre o aluno-câmera e a demais integrantes da equipe, então a negociação nesses momentos é eficaz para a condução e solução desses pequenos problemas.
Produção	Gravação dos vídeos	<b>Colaboração</b>	A aluna-apresentadora também fez uma tomada nesse primeiro museu e teve dificuldade de narrar seu texto, a tomada foi repetida algumas vezes. A aluna-apresentadora teve ajuda da equipe. A aluna-repórter também fez uma tomada no início da visitação, a equipe negocia o local da gravação.
		<b>Criticidade</b>	Houve dificuldade para a escolha da cena para gravação porque muitos alunos estavam circulando e havia o risco de filmar o rosto e incorrer nos direitos de imagem. Esse era um dos cuidados do aluno-câmera para auxiliar na escolha da cena.

Fonte: Elaboração própria, 2020.

## Registro 07

### Ilustração 04. Vídeo Uso de Novas Tecnologias



*O USO DE NOVAS TECNOLOGIAS.* ▼

Fonte: Elaboração própria baseado em canal do YouTube, 2020.

No registro de diário de campo número 07, as etapas do processo de criação da narrativa digital foram a *pós-produção*, com a atividade de edição do vídeo **Circuito dos Museus**, e a etapa *produção*, com a atividade de gravação de abertura e fechamento do vídeo da turma de Desenvolvimento de Sistema.

A primeira atividade registrada foi a gravação de abertura e fechamento do vídeo da disciplina de Desenvolvimento de Sistemas. Nela, a participação dos alunos-jornalistas foi muito semelhante à participação nas demais atividades já observadas. Os discentes atuaram com **colaboração**, pois se apoiaram e se estimularam para concluir a atividade. Eles negociaram local de filmagem, erros de gravação e como poderiam corrigi-los e se ajudaram em momentos de dúvidas, com relação à própria fala ou a outro aspecto técnico, sempre considerando o tema e conteúdo da reportagem.

A edição ocorreu na sala do grêmio da escola. A princípio, contou com a participação do aluno-diretor, da coordenadora, apresentadores e equipe do curso Guia de Turismo. O aluno-diretor utilizou o computador do grêmio, selecionou o arquivo com a vinheta do Jornal para ser acrescentada ao vídeo e, em seguida, os editores assumiram o comando do computador para, junto com a equipe, começarem a busca pelos arquivos coletados pela repórter, durante a visitação, e da narração da reportagem que havia sido gravada em seu celular. Nesse momento, percebemos que a organização não é o forte da equipe, pois perderam muito tempo procurando os arquivos nos celulares. Feita a coleta dos arquivos, o aluno-editor, junto com a aluna-repórter e a aluna-apresentadora, continuou a selecionar as fotos e o melhor áudio. Finalizada essa etapa, o aluno-editor do curso Guia de Turismo passou a trabalhar sozinho na realização do processo de edição do vídeo para a finalizar mais uma etapa a criação da ND. Durante esse processo o aluno-editor escutava o áudio gravado pela repórter com a narrativa narrada e seguia fazendo a edição do vídeo, para que narrativa e vídeo falassem a mesma linguagem. Quando questionado pela pesquisadora sobre como ele faria para escolher ou ter certeza de que teria concluído o projeto, respondeu que, além das questões técnicas aprendidas e disponíveis de cada *software*, existe muito do “*feeling*” do editor. Ao observar a destreza do aluno-editor, constatamos sua aptidão individual para a tecnologia em uso, inclusive em relação ao uso dos *softwares* de edição, o que revela práticas de letramento digital e apropriação do usuário dessa linguagem gráfica (SAITO, 2011 e XAVIER, 2005). O aluno-editor não conseguiu finalizar a edição naquele momento e o restante seria terminado em sua residência. Ele relatou que as imagens (estáticas e em movimento) selecionadas pela repórter não estavam muito adequadas, inclusive pela questão dos direitos de imagens. Mas, para uma busca por outras imagens, seria necessário acesso à internet, o que a escola não dispunha. Conforme os exemplos no quadro seguinte, nas

diversas situações observadas na criação das narrativas em vídeo, os alunos-jornalistas participaram com **autoria, autonomia, colaboração**, demonstrando **criatividade e criticidade** na resolução de problemas e execução das atividades.

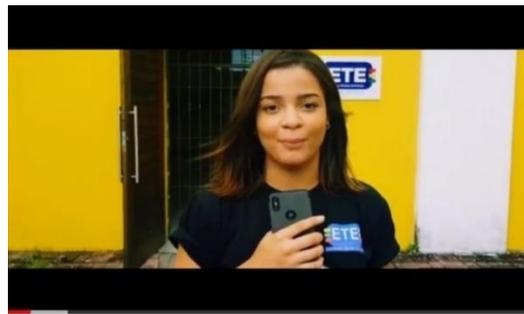
**Quadro 17. Registro Diário de Campo 07**

<b>n° 07</b>			
<b>Processo de Criação de Narrativa Digital em vídeo</b>			
<b>Etapa da produção de ND</b>	<b>Atividade</b>	<b>Atuação dos estudantes</b>	<b>Descrição da situação</b>
Produção	Escolha do local da filmagem;  Gravação	<b>Autoria de pensamento</b>	O aluno-repórter <u>sugere</u> o local de cena, buscando encontrar aproximação ao tema. Nesse dia, a sala de informática estava ocupada com alguma atividade da escola, foi perdido algum tempo procurando a sala até que foi encontrada outra sala de aula.
		<b>Autonomia</b> <b>Colaboração</b> <b>Cooperação</b> <b>Criatividade</b> <b>Negociação</b>	Os alunos-jornalistas providenciam a chave, solicitam permissão para utilizar e organizar a sala. Não demonstraram frustração ou raiva, agiram com tranquilidade. O aluno-câmera e o aluno-ajudante demonstraram criatividade em resolver a falta de tripé, utilizaram uma cadeira. Quando o aluno-repórter erra, a cena é tomada e repetida, o áudio é gravado no celular do aluno-repórter, o aluno-editor e o aluno-ajudante usam outro celular e, durante a edição no <i>software</i> , as duas partes são integradas. Ao final da gravação, os alunos-jornalistas fecham a sala e devolvem as chaves. Alguns integrantes dessas equipes permaneceram na sala acompanhando, ajudando onde encontrar figuras e gravações no computador. O aluno-editor também auxiliou a transferir alguns arquivos do celular para o computador e indicou onde estavam as pastas para edição. Os dois negociaram, apontavam, escolhiam e decidiam juntos (editor e repórter).
	<b>Criticidade</b>	Quando o áudio e a imagem estavam ruins, o aluno-editor usava os recursos do <i>app</i> para melhorar. Os dois alunos-editores demonstravam usar os recursos de <i>app</i> para tornar o vídeo agradável visual e sonoramente, considerando a narração e a foto ou imagem para relacionar ao tema narrado, e demonstraram essa preocupação tentando outras pastas. Como não tinha internet, tentou com suas próprias fotos, inclusive para que a reportagem não ficasse “muito chata”. Quando questionados pela pesquisadora se poderiam gravar externamente, <u>justificaram</u> que não, devido ao vento que causa ruído no áudio.	
Pós-produção	Edição e publicação		

Fonte: Elaboração própria, 2020.

## Registro 08

### Ilustração 05. Vídeo Coletivo Fábrica



COLETIVO FÁBRICA

Fonte: Elaboração própria baseado em canal do YouTube, 2020.

No registro do diário de campo número 08, as atividades desempenhadas foram de organização e gravação das tomadas para o vídeo da reportagem da equipe de Sociologia, durante as etapas *pré-produção* e *produção*. Esta foi uma gravação externa que aconteceu na escola. A professora da turma teve a iniciativa em realizar uma integração entre o Jornal de duas escolas. A escolha dessa escola se deu por ela ter sido o berço do *Jornal O Fato Social*, no ano de 2017. A professora da segunda escola deu continuidade à proposta inicial, realizando algumas alterações. Na primeira escola, o jornal é chamado **Coletivo Fábrica** e está apenas na versão impressa.

Após apresentações iniciais, boas-vindas e algumas informações sobre os dois jornais, iniciou-se a etapa *pré-produção*. A equipe do jornal estava no pátio da escola, local que foi disponibilizado para visitação e circulação, além da biblioteca. Com o auxílio da professora, houve uma rápida reunião para decidirem exatamente o local e o cenário da filmagem. Alguns alunos-jornalistas sugeriram e apontaram para determinados locais, considerando a iluminação do local, o barulho do vento e outros elementos técnicos, mas, rapidamente, de forma conjunta, acataram a sugestão da professora e toda equipe contribuiu para montar o cenário. Em seguida, cada integrante da equipe seguiu fazendo suas atividades. Nesse momento, constatamos mais uma oportunidade para **colaboração** de todos os integrantes. Este vídeo ocorreu no formato de entrevistas. Os entrevistados foram a professora idealizadora do jornal da escola, dois estudantes voluntários e o gestor da escola. As perguntas dirigidas à professora e aos estudantes foram sobre a história do Jornal e a experiência dos estudantes em participar dele; a pergunta para o diretor foi sobre a integração de projetos ao currículo de escolas integrais. A aluna-repórter e a docente **negociaram** a elaboração das perguntas.

Os integrantes do *Jornal O Fato Social* atuou de forma semelhante às demais etapas observadas. Então, foi possível concluir que, na produção das narrativas digitais em vídeo,

nesse contexto de produção, houve **colaboração**, **autonomia** e **críticidade**. Em alguns momentos, percebemos **criatividade**, ao utilizarem os recursos disponíveis para resolver os problemas e criar as próprias narrativas. Com relação à criação da ND, ocorreu de forma semelhante conforme mencionado no registro do diário de campo número 06, por se tratar de uma gravação externa (e de um local desconhecido da equipe jornalística). Percebemos que não houve um planejamento prévio ou elaboração de um roteiro para a gravação. Essas decisões foram tomadas *in loco* à medida em que as gravações aconteciam. Os alunos-jornalistas procuravam adequar o tema e conteúdo da narrativa às atividades de gravação.

Ressaltamos que também foi identificado um momento de divergência entre os alunos, quando o aluno-câmera que estava fazendo a filmagem não seguiu as orientações de um aluno-câmera mais experiente. Nesse caso, não houve negociação.

**Quadro 18. Registro Diário de Campo 08**

<b>Nº 08</b>			
<b>Processo de Criação de Narrativa Digital em vídeo</b>			
<b>Etapa da produção de ND</b>	<b>Atividade</b>	<b>Atuação dos estudantes</b>	<b>Descrição da situação</b>
Pré-produção e Produção	Elaboração das reportagens;	<b>Colaboração</b>	A professora coordenou a montagem do cenário (local e arrumação da mobília), e os alunos auxiliam, arrastando e organizando).
	Coleta de material;	<b>Negociação</b>	A aluna-repórter negocia com a professora sobre como vai ser a pergunta.
	Escolha do local das filmagens	<b>Autonomia</b>	Enquanto alguns alunos-jornalistas organizavam o local da gravação, outros alunos do Jornal ou tiravam fotos ou faziam filmagens para completar a reportagem.  A posição dos alunos repórteres e suas falas foram organizadas pelos alunos, nesse sentido, geralmente, a professora primeiramente perguntava: “vai ser onde?”, “A pergunta está pronta?”.
Produção	Gravação	<b>Divergência</b>	Durante a filmagem, houve divergência de opinião com relação a como posicionar a câmera, o aluno-câmera iniciante (que estava filmando nesse dia) não aceitou a dica do aluno-editor/câmera sênior.

Fonte: Elaboração própria, 2020.

O resultado do processo de criação de narrativas digitais em vídeos, descrito nos diários de campo deste estudo, revela que a criação de ND em vídeo está diretamente associada às suas condições de produção. A relação tempo-currículo escolar dificultou o planejamento e a execução das atividades para a criação das ND. Houve ainda a falta de equipamentos adequados

para a gravação e edição dos vídeos. Além disso, acrescentemos o fato de que apenas a metade da equipe recebeu formação para a produção e edição de vídeos ao participaram de uma oficina, mas não receberam formação específica para a criação de ND ou para desempenharem sua função de jornalistas. Apesar disso, a vontade de desenvolver uma produção com qualidade impulsionou os integrantes da equipe do jornal a superar os desafios impostos pela falta de infraestrutura tecnológica das escolas públicas do estado e da pouca formação específica. Tal aspecto foi relatado nos momentos em que observamos a **criatividade** em superar os desafios do percurso de produção e autoaprendizagem, foi uma oportunidade de aprender fazendo, acertando e errando (BUCKINGHAM, 2005).

Nas 05 etapas de criação de uma ND (OHLER, 2013), conseguimos observar várias atividades desempenhadas pelos estudantes. Contudo, devido aos fatores elencados acima, duas atividades desse processo não foram possíveis o acompanhamento pela pesquisadora, quais sejam, a elaboração do texto e a postagem do vídeo na internet. O que pudemos constatar é que essas atividades foram elaboradas pelos alunos-repórteres ou pelos alunos-editores em outros momentos. Conforme relatado nas entrevistas, para a redação da reportagem e a elaboração do roteiro da narrativa, havia a preocupação dos alunos-repórteres de narrar as ideias principais sobre o tema escolhido para as reportagens. Essas atividades ocorreram após uma pesquisa individual e a produção de um texto escrito pelos alunos-repórteres. As reportagens foram redigidas no celular ou escritas em uma folha de papel, narradas ou memorizadas para a gravação do vídeo. As postagens dos vídeos no YouTube foram feita pelo aluno-editor, em espaço e horário por ele estabelecido. De acordo com Ohler (2013), uma vantagem da criação de ND é o estímulo ao desenvolvimento de interação e negociação entre os discentes, justamente pela possibilidade de trabalharem em equipe. Dessa forma, deduzimos que não houve **colaboração** para execução dessas atividades, uma vez que ocorreram de forma individual.

Essa forma de redação da reportagem revela a habilidade de síntese que é desenvolvida na criação de narrativas digitais, aspecto enfatizado pelos autores da área (ALMEIDA: VALENTE, 2012; LAMBERT, 2007; OHLER, 2013; ROJO, 2017).

Outro aspecto que nos chamou atenção foi o pequeno quantitativo de alunos que apresenta contribuições durante as reuniões. Talvez essa constatação possa estar relacionada ao que Castells (2017) explica sobre a atuação dos atores sociais na atual sociedade em rede, da qual a autonomia social é para uma minoria de indivíduos. Entretanto, isso não se tornou impeditivo para considerar a criação de uma ND com *colaboração e autonomia*, uma vez que durante todo o processo de criação das ND em vídeo percebemos estudantes desenvolvendo

funções e trabalhando em equipe para atingir o objetivo proposto. Diante do exposto, as narrativas digitais em vídeo são uma possibilidade para o exercício de atitudes e habilidades, como é recomendado pelas orientações da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica (BRASIL, 2018). Esta prática social viabiliza que seus narradores desenvolvam a **colaboração** por ser uma atividade realizada coletivamente. A **criatividade** é fundamental tanto para superar desafios do processo de criação quanto para dar originalidade e personalização às produções. Além disso, coloca os alunos em posição protagonista que requer **autonomia** para se posicionar e fazer escolhas de acordo com crenças e valores próprios do indivíduo. Há ainda o desenvolvimento da **autoria** para criar e tudo deve estar harmoniosamente integrado à **críticidade** para utilizar as diversas linguagens com reflexão. Entretanto, sentimos falta de um posicionamento crítico diante dos temas abordados, um posicionamento questionador sobre os porquês dos fatos. Castells (2017) nos fala sobre a necessidade de posicionamento crítico diante da produção e do consumo das mídias na atual Sociedade em Rede. Em algumas reportagens, esse aspecto é percebido, mesmo que sutilmente e será comentado na seção seguinte ao realizarmos a análise do que foi dito pelos alunos-jornalistas em suas narrativas digitais em vídeo. Assim, finalizamos a análise sobre o processo de criação de ND concluindo que nele há muito mais que emprego de tecnologia, produção linguística, ou práticas de conteúdos disciplinares, o processo descrito nesta seção da pesquisa demonstra que essa experiência educativa contribuiu para a formação desses discentes enquanto autores e atores sociais (FREIRE, 1997; BONILLA, 2011).

## 5.2 ANÁLISE DAS NARRATIVAS DIGITAIS EM VÍDEO

Utilizando a análise textual discursiva, seguimos as três etapas propostas por Moraes (2003). Na etapa *unitarização* dos dados das narrativas digitais, em vídeo, iniciamos uma leitura cuidadosa e aprofundada das transcrições dos vídeos e fomos em busca das unidades significativas que foram identificadas em cores diferentes (Apêndice 06), no corpo das transcrições, tendo como direção os recursos visuais e sonoros do vídeo, que se integraram à narrativa para que a mensagem fosse transmitida.

Para a *categorização* recorremos ao aporte teórico deste estudo com relação ao uso dos recursos sonoros e visuais (MORAN, 2000) e os 07 (sete) elementos da narrativa digital (LAMBERT, 2007). Em seguida, seguimos para a busca das relações e padrões existentes, partindo do geral para o particular, pois já tínhamos em mente que nosso objetivo era apresentar as narrativas em vídeos a partir dos 07 (sete) elementos de uma ND (LAMBERT, 2007). Os

exemplos retirados das narrativas (*corpus 1*) e o embasamento teórico foram usados para validar nossa categorização.

Para a análise da ND nos vídeos produzidos, construímos uma Ficha Técnica com informações coletadas no canal do *Jornal O Fato Social*, na plataforma YouTube, e a caracterização das ND a partir dos elementos que caracterizam uma ND, tornando-se nosso metatexto. No apêndice desta pesquisa, encontram-se as Fichas Técnicas de cada ND em vídeo com maiores detalhes. Para a construção desta seção da dissertação, optamos por uma versão mais resumida.

Observamos que nos 07 (sete) vídeos analisados, todos os temas das narrativas são fáticos (MOTA, 2013), a representação da memória dos narradores (ROBIN, 2006) está ilustrada no quadro abaixo:

**Quadro 19. Tema da narrativa dos vídeos analisados**

Título dos Vídeos	Tema da narrativa dos vídeos	Hiperlink
1. Circuito dos museus	Explanação sobre a importância da conservação dos patrimônios históricos e culturais, com a história de três museus de Pernambuco.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=hSwCjcsR5QY">https://www.youtube.com/watch?v=hSwCjcsR5QY</a>
2. O uso de tecnologias	Definição do que são as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (doravante NTIC) e explanação sobre seu uso na vida contemporânea.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Jx6iy4fL6Qc">https://www.youtube.com/watch?v=Jx6iy4fL6Qc</a>
3. Coletivo Fábrica	Apresentação do jornal estudantil <i>Coletivo Fábrica</i> desenvolvido em uma escola técnica e integral.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=mQE5sUFDoko">https://www.youtube.com/watch?v=mQE5sUFDoko</a>
4. II Conferência Estadual da Educação Integral e Profissional de Pernambuco.	Cobertura da apresentação de dança cultural (Somos todos Índios) dos estudantes da escola no referido evento.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=8CzWEkF_KMQ">https://www.youtube.com/watch?v=8CzWEkF_KMQ</a>
5. Praia do Capitão- meio ambiente	Denúncia da poluição que ocorre na Praia do Capitão	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Q8uin86FyzY">https://www.youtube.com/watch?v=Q8uin86FyzY</a>
6. Ilha de Itamaracá	Descrição do potencial geoturístico da Ilha de Itamaracá.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=RNyGmTww5e_M&amp;t=17s">https://www.youtube.com/watch?v=RNyGmTww5e_M&amp;t=17s</a>
7. A moda muda a moda na modernidade líquida	Explanação da distinção entre moda vintage e moda retrô.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=zUsxLJjU-s">https://www.youtube.com/watch?v=zUsxLJjU-s</a>

Fonte: Elaboração própria, baseado no canal YouTube, 2020.

A narrativa dos vídeos revela o olhar digital dos estudantes procurando recontar os detalhes essenciais da realidade, ora nas atividades da sua escola, ora sobre os acontecimentos vivenciados em seu cotidiano.

Narrativas dizem alguma coisa sobre algo, nossa análise seguiu nesse sentido. Considerando-se esse panorama, passaremos a descrição dos vídeos para identificar as características e os elementos em suas narrativas.

Tabela 01 - Ficha técnica 01 – Narrativa Digital em Vídeo 01

<b>Ficha técnica 01</b>		<b>Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia</b>
Post no <b>YouTube</b> :		Venha conhecer um pouco mais sobre nosso patrimônio histórico e cultural nesta matéria muito bacana do curso de Guia de Turismo.
Título do vídeo: Circuito dos Museus		Data da publicação: 06.07.2019
Hiperlink: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=hSwCjcsR5QY">https://www.youtube.com/watch?v=hSwCjcsR5QY</a>		Comentários: 0
Duração: 4'40"	Likes: 14	Visualizações: 65
<b>Elementos da Narrativa</b>	<b>Comentários</b>	
<b>01. PONTO DE VISTA</b>	Claro.	
<b>02. QUESTÃO DRAMÁTICA</b>	Claro.	
<b>03. CONTEÚDO EMOCIONAL</b>	Obtido por meio de gestos, falas e olhar fixo na câmera.	
<b>04. O PRESENTE DA SUA VOZ</b>	Boa clareza vocal da repórter, entretanto, foi possível escutar o ruído do vento em alguns momentos, o que prejudicou a compreensão.	
<b>05. MÚSICA E TRILHA SONORA</b>	A edição da trilha sonora ficou bem adequada. <b>Músicas:</b> Saudade de Pernambuco e Forró de Luiz Gonzaga. Frevo dos Vassourinhas – Frevo de Severino Araújo e sua Orquestra Tabajara (1950).	
<b>06. ECONOMIA</b>	A edição de imagem e gravação ficaram satisfatoriamente estruturadas.	
<b>07. RITMO</b>	O ritmo da narrativa foi parcialmente mantido.	

Fonte: Elaboração própria, 2020.

### Análise 01

Esse é um vídeo captação e suas cenas foram geradas em ambiente natural. As tomadas aconteceram no museu Cais do Sertão, no Marco Zero, no museu Paço do Frevo e no Forte das Cinco Pontas, todos situados na cidade de Recife.

Na análise da ND 01, observamos que os 07 elementos estão adequados ao tema da narrativa apresentada pela repórter, na chamada de início da matéria e na postagem publicada na plataforma YouTube:

*“Venha conhecer um pouco mais sobre nosso patrimônio histórico e cultural nesta matéria muito bacana de Turismo.”* (O Fato Social, 2019 — grifo nosso) *“O tema dessa edição será a importância da conservação do patrimônio cultural e juntamente com o circuito de museus do Recife.”* (Repórter de GT, vídeo Circuito de Museus)

Entretanto, as informações foram gerais e poderia ter sido fornecida uma contextualização, inclusive, a chamada de abertura da edição do Jornal também não apresenta dado novo:

*“Olá, meu nome é Nayra, sejam bem-vindos a mais um vídeo do Jornal O Fato Social.”*

Apenas ao ler as duas informações, o público é capaz de inferir que o “nosso”, usado na postagem inicial, se refere ao estado de Pernambuco e, ao longo da narrativa, das músicas e das imagens, o espectador é capaz de captar o tema proposto.

Na análise da ND 01, destacamos que o ponto de vista da repórter sobre o tema da narrativa é claro e percebido pelo uso do adjetivo *infelizmente*, demonstrando que os museus visitados são exemplos de patrimônio histórico cultural e devem ser conservados e apreciados, criticando o descaso dos órgãos competentes para esse cumprimento e da população pelo vandalismo.

*“[...]Porém, infelizmente, em geral, a maior parte dos patrimônios, não são vistos com tão bons olhos pelas autoridades. São conhecidos as histórias e frequentes casos e descasos, demolições pichações e abandono de monumentos, e que são testemunhas da história local e que faz parte da, [da] ligação da população e sua identidade cultural.”*

Segundo Motta (2013), “narrativas são representações sobre a realidade humana”, o ponto de vista da repórter leva o espectador a perceber essa realidade que ocorre em nosso país e especificamente em nosso estado, inclusive, com os recursos de edição são apresentadas imagens de estátuas de poetas pernambucanos como exemplos de vandalismo.

A boa clareza vocal da repórter e o tom de conversa e imersão na narrativa foram um ponto forte da narrativa. Percebemos que a aluna-repórter utiliza gestos, falas e o olhar fixo na câmera para interagir com a audiência e fazer parte da narrativa, “venha conhecer mais um pouco da nossa história” (aluna-repórter de GT, 2019), aspecto que, para Lambert (2007), auxilia na compreensão da narrativa.

Houve adequação e coordenação das músicas ao espaço que estava sendo visitado e ao tema da narrativa. Tal fato contribuiu para o significado da narrativa. Assim, foram usadas duas músicas representativas da cultura pernambucana: a música *Saudade de Pernambuco* foi utilizada como trilha sonora principal, pois foi escutada ao longo da duração do vídeo e em duas reportagens, sobre o Museu Cais do Sertão e o Museu da Cidade do Recife. Já a música *Frevo dos Vassourinhas* foi tocada durante a reportagem sobre o espaço cultural Paço do Frevo, entretanto. Foi possível escutar o ruído do vento em alguns momentos, o que prejudicou a compreensão da mensagem. Conforme relatado no registro do diário de campo 06, esses ruídos aconteceram por falta de equipamento adequado.

A edição de imagem e a gravação ficaram satisfatoriamente estruturadas. As imagens são apresentadas de acordo com o conteúdo da narrativa, na maioria das vezes. Por se tratar de uma temática bastante visual — visitação a museus —, a própria ideia de visitação ficou reforçada pelo uso de imagens e vídeos presentes na narrativa. Tal aspecto transmitiu uma sensação de visitação. Entretanto, algumas imagens ficaram muito gerais e outras exigiram conhecimento de História e Geografia para se compreender a referência feita. Neste caso, a inserção de legendas poderia ser interessante.

O ritmo da narrativa foi parcialmente mantido, porque a transição do tema *patrimônio histórico nacional* para a reportagem sobre o Cais do Sertão foi muito rápida. Não houve um fechamento dessa reportagem. A reportagem é encerrada e, de repente, começa a chamada para a próxima reportagem. Há algumas pausas rápidas na narração da repórter, que também prejudicaram a fluidez da narrativa.

Então, na análise da ND 01, constatamos que houve adequação parcial de recursos visuais e sonoros, contribuindo para atingir o objetivo de comunicação pretendido pelos alunos (MORAN, 2000).

**Tabela 02 - Ficha técnica 02 - Narrativa Digital em Vídeo 02**

Ficha técnica 02		Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia
<b>Post no YouTube:</b>		Desenvolvimento de Sistemas é um dos cursos técnicos ofertados em nossa escola. Esse quadro do nosso jornal é desenvolvido com base na área de Tecnologias da Informação (TI), com o objetivo de manter nosso público informado sobre o uso de novas tecnologias. Confere aí.
<b>Título do vídeo:</b> O Uso de Tecnologias		<b>Data da publicação:</b> 29.04.2019
<b>Hiperlink:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Jx6iy4fL6Qc">https://www.youtube.com/watch?v=Jx6iy4fL6Qc</a>		<b>Comentários:</b> 6
<b>Duração:</b> 5'32"	<b>Likes:</b> 31	<b>Visualizações:</b> 119
<b>Elementos da Narrativa</b>		<b>Comentários</b>
<b>01. PONTO DE VISTA</b>	Claro.	
<b>02. QUESTÃO DRAMÁTICA</b>	Claro.	
<b>03. CONTEÚDO EMOCIONAL</b>	Obtido por meio de gestos, falas e olhar fixo na câmera.	
<b>04. O PRESENTE DA SUA VOZ</b>	A clareza vocal é um aspecto a ser melhorado.	
<b>05. MÚSICA E TRILHA SONORA</b>	Não houve edição de trilha sonora durante a narração da reportagem ou apresentação da matéria. Uma trilha sonora foi utilizada para acompanhar a introdução da reportagem.	

<b>06. ECONOMIA</b>	A edição de imagem e da gravação ficaram bem estruturadas.
<b>07. RITMO</b>	Algumas falhas da narração da reportagem comprometeram o ritmo da narrativa.

Fonte: Elaboração própria, 2020.

## Análise 02

Esse vídeo também foi produzido pela técnica de captação, sendo realizado na sala de aula da escola onde os alunos-jornalistas estudam. Foi escolhido o ambiente da sala de informática para corroborar com o tema proposto na reportagem. Durante as entrevistas, os estudantes relataram ter essa preocupação, que o local da gravação fizesse uma relação com o tema proposto da narrativa.

Na análise dessa ND 02, constatamos que os recursos estão adequados ao tema da narrativa. O tema explorado também foi apresentado na postagem no YouTube, na abertura da reportagem pelos alunos-apresentadores e na fala do aluno-repórter para iniciar sua reportagem. A expressão *novas tecnologias* é citada nos três textos, mas apenas a fala do apresentador traz maiores informações sobre o tema, entretanto, não contempla todos os aspectos abordados na matéria.

*“[...] Esse quadro do nosso jornal é desenvolvido com base na área de Tecnologias da Informação (TI) com o objetivo de manter nosso público informado sobre o uso de novas tecnologias. Confere aí. “(O Fato Social, 2019)*

*“Olá! Meu nome é Nicolas e na matéria de hoje nós iremos abordar uma matéria que é muito importante para o nosso mundo. Iremos abordar uma matéria de novas tecnologias e como elas podem ser implementadas em nossa educação e nosso mercado de trabalho. Então assista aí a matéria com nosso repórter, 05.”*  
(Apresentador, ND 02)

*“Olá! Eu sou repórter 05. Eu sou repórter de DS e vamos ter uma conversa hoje sobre as novas tecnologias.”* (Repórter de Desenvolvimento de Sistema, ND 02)

Apesar do aluno-repórter não apresentar maiores informações sobre o que será apresentado sobre o uso de tecnologias na abertura da reportagem, essa informação é fornecida ao espectador, pelo próprio estudante, ao longo de toda narrativa. O estilo adotado pelo aluno-repórter é um tom descontraído, uso de gestos, entoação da voz, e registros na fala, como se estivesse conversando com sua audiência:

*“Agora nós vamos falar um pouco das tecnologias nas empresas. Bom, falamos um pouco das novas tecnologias, falamos sobre outros sobre outros tipos [...] vamos falar do lado negativo, ou seja, malefícios que as novas tecnologias nos trazem.”*

Esse traço forte do aluno-repórter reforça o conteúdo emocional da narrativa. Entretanto, a clareza vocal é um aspecto a ser melhorado, pois há falhas na oratória do discente, quanto à impostação da voz e às interrupções na fala, além da voz não ficar muito compreensível em alguns momentos. Essas falhas da narração da reportagem comprometeram o ritmo da narrativa. Para superar esse aspecto, foi usado um recurso de edição no vídeo, utilizando imagens em preto e branco, *closes* e pausas rápidas. Além disso, há que se acrescentar que a acústica do ambiente não contribuiu para a qualidade sonora da gravação.

O aluno-repórter deixa claro que o seu ponto de vista em relação às Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) é positivo, apesar de também apresentar aspectos negativos ou *malefícios* acerca do uso das tecnologias.

Não houve edição de trilha sonora durante a narração da reportagem ou apresentação da matéria. Uma música foi utilizada para acompanhar a introdução da reportagem, sem que isso tenha comprometido a qualidade da produção ou compreensão da narrativa. A edição de imagem e gravação ficaram bem estruturadas e as imagens são coordenadas com o momento da narrativa e adequadas ao tema proposto da narrativa.

**Tabela 03 – Ficha técnica 03 - Narrativa Digital em Vídeo 03**

<b>Ficha técnica 03</b>		<b>Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia</b>
<b>Post no YouTube:</b>		Em uma sequência de vídeos especiais sobre o bairro da Macaxeira, hoje apresentaremos o projeto COLETIVO FÁBRICA, desenvolvido pela professora LV na ETE MB
<b>Título do vídeo:</b> Coletivo Fábrica		<b>Data da publicação:</b> 12.08.2019
<b>Hiperlink:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=mQE5sUFDoko">https://www.youtube.com/watch?v=mQE5sUFDoko</a>		<b>Comentários:</b> 0
<b>Duração:</b> 7'03''	<b>Likes:</b> 19	<b>Visualizações:</b> 93
<b>Elementos da Narrativa</b>	<b>Comentários</b>	
<b>01. PONTO DE VISTA</b>	Não está claro.	
<b>02. QUESTÃO DRAMÁTICA</b>	Não está claro.	
<b>03. CONTEÚDO EMOCIONAL</b>	Obtido por meio de gestos, falas e olhar fixo na câmera. Os gestos, os olhares e as expressões convidam o espectador a se juntar à narrativa (movimentos das mãos, “vamos, vem com a gente”, “espero que tenham gostado”).	
<b>04. O PRESENTE DA SUA VOZ</b>	Boa clareza vocal da repórter.	
<b>05. MÚSICA E TRILHA SONORA</b>	A edição da trilha sonora ficou bem estruturada.	
<b>06. ECONOMIA</b>	A edição de imagem e a gravação ficaram bem estruturadas.	

<b>07. RITMO</b>	A narrativa fluiu sem interrupções ou falhas e há uma sequência lógica: abertura, introdução, desenvolvimento e fechamento, entretanto, o ritmo não foi bem estruturado, devido à longa duração das entrevistas.
------------------	--

Fonte: Elaboração própria, 2020.

### Análise 03

Esse vídeo também foi obtido por captação em ambiente natural. Foi adotada a entrevista como forma de apresentar a narrativa. Na análise da ND 03, destacamos o texto na postagem na plataforma YouTube apresentando uma introdução para o tema da narrativa.

*“Em uma sequência de vídeos especiais sobre o bairro da Macaxeira, hoje apresentaremos o projeto Coletivo Fábrica desenvolvido pela professora LV na ETE MB.”*

A fala da repórter na abertura de sua narrativa, na matéria em questão, também apresenta o tema da reportagem, mas não traz informações mais específicas sobre esta:

*“Oi gente, estamos aqui, no bairro da Macaxeira, na ETE MB, e vamos apresentar para vocês o projeto o Coletivo Fábrica, coordenado pela professora LV. Vem com a gente.”*

Nessa edição, não houve a participação de apresentadores. Como podemos perceber, o tema da narrativa foi sobre o projeto Coletivo Fábrica, entretanto, não identificamos uma frase que indicasse o ponto de vista da narrativa. A repórter mantém uma posição imparcial ao tema, mas é possível perceber que ela compreende o projeto Coletivo Fábrica como uma oportunidade na vida dos estudantes:

*“Estou aqui com dois estudantes da ETE MB, P. e A. Contém pra gente como tem sido participar da experiência Coletivo Fábrica, e qual opção de futuro que vocês têm desse projeto, e como está sendo a experiência?”*

Gostaríamos de destacar a *questão dramática* da narrativa que ocorreu ao final da matéria: na última entrevista feita ao diretor da escola, percebemos tanto a criticidade quanto o envolvimento da repórter na narrativa, uma vez que ela também enfrenta o mesmo problema em sua escola, compreendendo a dificuldade que as escolas técnicas integrais têm de integrar projetos interdisciplinares, nos seus currículos escolares. Assim, ela pergunta ao gestor da escola MB a opinião dele em relação a como integrar esses projetos ao ensino integral:

*“Estamos aqui com o diretor da escola, MB., e eu queria saber, como o senhor faz para integrar os projetos da escola com o ensino integral?”*

Nesse momento, o suporte da mídia vídeo foi fundamental para complementar o significado da narrativa, pois conseguiu captar a reação do entrevistado (expressão facial de surpresa e dificuldade), que foi reforçado pelo uso de recursos de edição em preto e branco,

pausa e silêncio. É o “poder” dos recursos da linguagem audiovisual em mexer com os sentidos (MORAN, 2000).

O conteúdo emocional é obtido por meio de gestos, falas e olhar fixo na câmera. Os gestos, os olhares e as expressões faciais, convidam o espectador, como se estivessem juntos nessa narrativa (movimentos das mãos, “vamos, vem com a gente”, “espero que tenham gostado”).

A edição da trilha sonora ficou bem estruturada na passagem das imagens da escola. Durante as entrevistas, não foram utilizadas músicas ou trilha sonora. Não houve prejuízo da mensagem. A edição de imagem e gravação ficaram bem estruturadas.

A narrativa fluiu sem interrupções ou falhas e há uma sequência lógica: abertura, introdução, desenvolvimento e fechamento, entretanto, o ritmo não foi bem estruturado, devido à longa duração das entrevistas. A fala dos entrevistados foi longa (com média de duração de 1’20”). Assim, a inserção de algumas imagens poderia ter sido colocada nesses momentos.

**Tabela 04 – Ficha técnica 04 – Narrativa Digital em Vídeo 04**

Ficha técnica 04		Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia
Post no YouTube		Nós do Jornal O fato social fizemos a cobertura dos nossos alunos da <b>ETE- JBL</b> na “2ª Conferência Estadual da Educação Integral e Profissional de Pernambuco”.
Título do vídeo: 2ª Conferência Estadual da Educação Integral e Profissional de Pernambuco.		Data da publicação: 04.08.2019
Hiperlink: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=8CzWEkF_KMQ">https://www.youtube.com/watch?v=8CzWEkF_KMQ</a>		Comentários: 0
Duração: 7:25	Likes: 35	Visualizações: 162
<b>Elementos da Narrativa</b>	<b>Comentários</b>	
<b>01. PONTO DE VISTA</b>	Evidente.	
<b>02. QUESTÃO DRAMÁTICA</b>	Evidente.	
<b>03. CONTEÚDO EMOCIONAL</b>	Obtido por meio de gestos, falas e olhar fixo na câmera	
<b>04. O PRESENTE DA SUA VOZ</b>	Boa clareza vocal da repórter.	
<b>05. MÚSICA E TRILHA SONORA</b>	A edição da trilha sonora ficou bem estruturada durante a passagem das cenas. <b>Música:</b> <i>Chegança</i> ; <b>Artista:</b> Antônio Nóbrega; <b>Álbum:</b> <i>Madeira Que Cupim Não Rói</i> .	
<b>06. ECONOMIA</b>	A edição de imagem e a gravação ficaram bem estruturadas.	

<b>07. RITMO</b>	Ritmo bem estruturado, a narrativa fluiu sem interrupções ou falhas e há uma sequência lógica: abertura, introdução e desenvolvimento, mas faltou o fechamento.
------------------	---

Fonte: Elaboração própria, 2020.

#### **Análise 04**

Esse é um vídeo captação e suas cenas foram geradas em ambiente natural não controlado, uma vez em que as tomadas foram realizadas em um local público. Na análise da ND 04, constatamos que os sete elementos analisados foram observados na construção da narrativa e contribuíram para a compreensão da mensagem. O tema foi bem apresentado no texto introdutório postado na plataforma do YouTube:

*“Nós, do Jornal O fato social, fizemos a cobertura dos nossos alunos da ETE – Jurandir Bezerra Lins na 2ª Conferência Estadual da Educação Integral e Profissional de Pernambuco.”*

A abertura pela repórter traz o tema da narrativa, mas apresenta informações diferentes:

*“Hoje estamos aqui, no 22º Seminário Nacional **Escola Presente**, e nossa escola foi convidada para fazer uma apresentação cultural, venha ver mais com a gente.”*

Pelo recurso das imagens, ao assistir ao vídeo, o espectador é capaz de inferir que se trata de dois eventos ocorrendo simultaneamente. É a linguagem visual, comunicando (LAMBERT, 2007). Emissor e receptor de qualquer mensagem devem estar cientes desses mecanismos. São os letramentos (ROJO, 2009).

O ponto de vista é percebido ao se considerar as perguntas feitas pela repórter. Percebemos um tom otimista em relação ao evento e ao sistema de ensino integral e profissional do estado de Pernambuco, pelo uso da palavra *importância* na pergunta feita à pessoa entrevistada nº 01. Além disso, ao utilizar o termo *representar*, pronunciado em entoação alegre, a repórter reitera esse ponto de vista.

*“Estamos aqui com a secretária executiva da educação profissional e integral de Pernambuco. Conte para nós a importância desse evento para a educação profissional e integral de Pernambuco?”*

*“Repórter: estamos aqui com o estudante da Jurandir Bezerra Lins. Como é para você estar aqui representando nossa escola?”*

Parece-nos também que o *conteúdo dramático* da narrativa gira em torno de levar o espectador a perceber a relevância do evento e a contribuição da escola. O conteúdo emocional

é obtido no uso de gestos, falas e olhar fixo na câmera, apesar da repórter manter uma expressão facial menos emblemática. Ainda assim é possível perceber o tom informal e interativo, principalmente devido às falas (“venha ver mais com a gente”). Há clareza vocal da repórter.

A edição da trilha sonora ficou bem estruturada durante a passagem das cenas. O aumento e a diminuição do volume foram coordenados com os momentos da narrativa. A escolha da trilha sonora também demonstrou a reflexão do editor em utilizar músicas que não tenham restrições legais. A música foi *Chegança*, de Antônio Nóbrega.

A edição de imagem e a gravação ficaram bem estruturadas. Durante as entrevistas, houve um bom jogo de câmera para valorizar as cenas gravadas que foram usadas para intercalar a narração da repórter, no entanto, a apresentação da dança consumiu muito tempo do vídeo no final, após as reportagens. Ritmo bem estruturado, a narrativa fluiu sem interrupções ou falhas. Todos esses elementos enriqueceram o significado da narrativa.

**Tabela 05 – Ficha técnica 05 Narrativa Digital em Vídeo 05**

<b>Ficha técnica 05</b>		<b>Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia</b>
Post no YouTube		Vídeo realizado pelos alunos do 2º ano Guia de Turismo B juntamente com O Fato Social, da ETE JBL.
<b>Título do vídeo:</b> Praia do Capitão – Meio Ambiente		<b>Data da publicação:</b> 20.06.2019
<b>Hiperlink:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Q8uin86FyzY">https://www.youtube.com/watch?v=Q8uin86FyzY</a>		<b>Comentários:</b> 0
<b>Duração:</b> 2'27"	<b>Likes:</b> 09	<b>Visualizações:</b> 45
<b>Elementos da Narrativa</b>	<b>Comentários</b>	
<b>01. PONTO DE VISTA</b>	Evidente.	
<b>02. QUESTÃO DRAMÁTICA</b>	Evidente. De acordo com a fala dos moradores, percebe-se que a intenção do repórter é questionar sobre de quem deve ser a responsabilidade pela limpeza da praia.	
<b>03. CONTEÚDO EMOCIONAL</b>	As imagens servem de denúncia e registro de abandono. Os narradores são parte da história, eles são a história. “A minha família também vem... filho, neto, esposa... então, eu faço a minha parte, o melhor pra mim, e pro pessoal de fora”.	
<b>04. O PRESENTE DA SUA VOZ</b>	Por se tratar de um documentário, não houve a narração dos repórteres.	
<b>05. MÚSICA E TRILHA SONORA</b>	A edição da trilha sonora ficou bem estruturada.	
<b>06. ECONOMIA</b>	A edição de imagem e a gravação ficaram muito bem estruturadas.	
<b>07. RITMO</b>	Ritmo muito bem estruturado, a narrativa fluiu sem interrupções ou falhas e há uma sequência lógica: abertura, introdução e desenvolvimento.	

Fonte: Elaboração própria, 2020.

## Análise 05

Esse vídeo também foi produzido pela técnica de captação, sendo realizado na Praia do Capitão, localizada no município de Igarassu. O vídeo foi produzido com características do formato documentário, no qual se destaca o caráter autoral dado aos personagens, com imparcialidade e isenção dos repórteres na construção da narrativa. Na análise da ND 05, constatamos que não é apresentada uma introdução ao tema da narrativa.

Na narrativa em questão, os dois personagens recriam o conceito de poluição na praia onde vivem e apontam os responsáveis. O ponto de vista é de denúncia e amargura diante do descaso com a poluição na praia, tanto pelos frequentadores como pelos órgãos responsáveis, segundo a opinião dos narradores:

*“Sempre acontece dela ser poluída”. (Morador 01)*

*“A minha família também vem, filho, neto, esposa, então eu faço a minha parte, o melhor pra mim, e pro pessoal de fora”. (Morador 01)*

*“O prefeito deveria utilizar essas cascas para alguma coisa, pra ração”. (Morador 02)*

A questão dramática é de quem é a responsabilidade pela limpeza da praia? Há indícios de criticidade, pois, pela mensagem da narrativa, percebemos que houve observação, análise e reflexão.

Gostaríamos de destacar o conteúdo emocional da narrativa, reforçado pela fala dura do morador 01, pela fala cansada da moradora 02 e as imagens da praia poluída. Esses elementos passam a fazer parte da história (LAMBERT, 2007). As vozes dos personagens são um registro de sua condição sociocultural.

A edição da trilha sonora ficou bem estruturada, utilizada apenas na introdução. Durante a fala dos narradores, o que se escuta é o som natural (da praia) que contribui para dar autenticidade à narrativa. A edição de imagem e a gravação ficaram muito bem estruturadas. Houve um uso de *closes* para valorizar as cenas gravadas, as imagens (muitas garrafas plásticas, canudos, cigarro no chão da areia da praia) da praia foram muito bem adequadas ao tema da narrativa e coordenadas aos momentos dela. Além disso, a riqueza das imagens torna a narrativa crível (MORAN, 2000). Ritmo muito bem estruturado, a narrativa fluiu sem interrupções ou falhas. Ao utilizarem os recursos sonoros e visuais, os alunos expressam sem medo a realidade e a denunciam na narrativa. (MARTIN-BARBERO: REY, 2001 e MORAN, 2000). Todos esses elementos enriqueceram o significado da narrativa.

Tabela 06 – Ficha técnica 06 Narrativa Digital em Vídeo 06

<b>Ficha técnica 06</b>		<b>Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia</b>
Post no YouTube:		Vídeo exibido na abertura do carnaval 2019 da <b>ETE JBL</b> . Uma homenagem a Lia de Itamaracá, apresentando o potencial geoturístico da Ilha de Itamaracá.
<b>Título do vídeo:</b> Ilha de Itamaracá		<b>Data da publicação:</b> 01.03.2019
<b>Hiperlink:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=RNYgMTw5e_M&amp;t=17s">https://www.youtube.com/watch?v=RNYgMTw5e_M&amp;t=17s</a>		<b>Comentários:</b> 01
<b>Duração:</b> 3'10"	<b>Likes:</b> 29	<b>Visualizações:</b> 105
<b>Elementos da Narrativa</b>	<b>Comentários</b>	
<b>01. PONTO DE VISTA</b>	Evidente	
<b>02. QUESTÃO DRAMÁTICA</b>	Evidente	
<b>03. CONTEÚDO EMOCIONAL</b>	A narrativa transcorreu sem envolvimento emocional.	
<b>04. O PRESENTE DA SUA VOZ</b>	Boa clareza vocal da repórter.	
<b>05. MÚSICA E TRILHA SONORA</b>	A edição da trilha sonora ficou muito bem estruturada. <b>Música:</b> <i>Eu Sou Lia Minha Ciranda Preta Cirandeira</i> <b>Autoria:</b> Lia de Itamaracá	
<b>06. ECONOMIA</b>	A edição de imagem e gravação ficaram muito bem estruturadas.	
<b>07. RITMO</b>	Ritmo muito bem estruturado, a narrativa fluiu sem interrupções ou falhas.	

Fonte: Elaboração própria, 2020.

## Análise 06

Classificamos esse vídeo como produzido pela técnica de *Motion graphics*, uma vez que foi elaborado sem a captação de imagens. Os elementos visuais são movimentados pelas telas de *slides* que surgem em diversos e ricos efeitos de edição. Ao longo de toda narração da reportagem, surgem imagens estáticas, em movimento, mensagens escritas e gravações. Além do áudio da narração da aluna-repórter, também é possível escutar a trilha sonora. Esse vídeo é um bom exemplo das possibilidades expressivas proporcionadas com o uso de diversas linguagens em uma mesma narrativa.

Na análise da ND 06, constatamos a presença de seis elementos na narrativa. Destacamos que a narrativa transcorreu sem conteúdo emocional e não houve visualização de repórteres, apresentadores ou personagens, entretanto, não houve comprometimento da compreensão da mensagem. O tema da narrativa foi apresentado no texto da postagem da plataforma no YouTube:

*Vídeo exibido na abertura do carnaval 2019 da ETE Jurandir Bezerra Lins. Uma homenagem a Lia de Itamaracá, apresentando o potencial geoturístico da Ilha de Itamaracá.*

Esse tema será ricamente retomado durante toda a narrativa por meio de várias imagens, curtas filmagens, ilustrações da região e pequenos textos, ao mesmo tempo que são banhados ao som da ciranda. *Eu sou lia Minha ciranda preta cirandeira*, de autoria de Lia de Itamaracá. Assim, o potencial geoturístico da Ilha de Itamaracá é narrado pela boa clareza vocal da repórter do curso Guia de Turismo.

O ponto de vista e a questão dramática estão evidentes na narrativa. A repórter deixa claro que Itamaracá é um lugar com muitos atrativos turísticos, quais são esses pontos turísticos? É o que a narrativa responde por meio da descrição dos aspectos turísticos da região. A narrativa é descritiva e informativa.

A edição da trilha sonora ficou muito bem estruturada, com o uso de uma ciranda, marco da cultura da região que enriqueceu a narrativa. A edição de imagem e a gravação também foram muito bem organizadas, sendo que as imagens são detalhadamente apresentadas de acordo com o conteúdo da narrativa. Mais uma vez constatamos que a riqueza do uso das imagens contribui para a credibilidade da narrativa (MORAN, 2000). A transição das cenas e a inserção dos textos também contribuíram para a compreensão da narrativa. O ritmo foi adequadamente elaborado, a narrativa fluiu sem interrupções ou falhas.

Tabela 07 – Ficha técnica 07 - Narrativa Digital em Vídeo 07

<b>Ficha técnica 07</b>		<b>Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia</b>
<b>Post no YouTube:</b>		Coordenação geral: Nomes dos integrantes do Jornal
<b>Título do vídeo:</b> A moda muda a moda na modernidade líquida		<b>Data da publicação:</b> 01/04/2019
<b>Hiperlink:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=zUsxLJjU-s">https://www.youtube.com/watch?v=zUsxLJjU-s</a>		<b>Comentários:</b> 0
<b>Duração:</b> 1'37"	<b>Likes:</b> 17	<b>Visualizações:</b> 93
<b>Elementos da Narrativa</b>	<b>Comentário</b>	
<b>01. PONTO DE VISTA</b>	Não ficou evidente.	
<b>02. QUESTÃO DRAMÁTICA</b>	Não ficou evidente.	
<b>03. CONTEÚDO EMOCIONAL</b>	Obtido por meio de gestos, falas e olhar fixo na câmera.	
<b>04. O PRESENTE DA SUA VOZ</b>	Boa clareza vocal da repórter	
<b>05. MÚSICA E TRILHA SONORA</b>	A edição da trilha sonora ficou bem estruturada, acompanhou a transição das cenas, o volume ficou adequado à narração da repórter.	
<b>06. ECONOMIA</b>	A edição de imagem e a gravação ficaram muito bem estruturadas.	
<b>07. RITMO</b>	Ritmo muito bem estruturado, a narrativa fluiu sem interrupções ou falhas.	

Fonte: Elaboração própria, 2020.

### Análise 07

Esse vídeo também foi produzido pela técnica de captação, sendo gravado na biblioteca da escola onde os alunos-jornalistas estudam. É um exemplo de **vídeo reportagem**, na qual a informação é narrada pela aluna-repórter em formato de exposição.

Na análise da ND 07, constatamos que não ficaram evidentes o ponto de vista ou a questão dramática. O tema da narrativa se confunde com o título e o que é narrado na abertura da matéria. O texto na postagem do YouTube não apresentou nenhuma informação a esse respeito, constando apenas de informação relativa à equipe responsável pela realização da edição. Os apresentadores veicularam a matéria apresentando as mesmas informações presentes no título do vídeo:

*“Olá, meu nome é Nicolas”,  
“Olá meu nome é Nayra,  
e esse é mais um vídeo do jornal, o Fato Social (em coro) [...]”*

*“E agora, vamos falar um pouco sobre esse tema, que eu não sei como falar, que é uma trava língua[...]  
[Efeito: surge escrito na tela, a moda muda a moda na modernidade líquida (em letras pequenas e em seguida em letras grandes)  
[...] com a repórter de sociologia, Juliana, é com você. [Efeito: gesticula apontando para a câmera]”*

A abertura da reportagem pela repórter introduz vários aspectos que despertam a curiosidade do espectador e são reforçados pela pergunta lançada ao final de sua fala, “você sabia?”:

*“A moda une, distingue e separa, representa relações de poder e de status social, há quem julga uma pessoa pela roupa que ela veste, mas a boa notícia é que isso está mudando, todos esses assuntos, são abordados na sociologia da moda, você sabia?”*

Assim, sabemos que o tema é sociologia da moda, que vários assuntos são tratados nessa área, mas só na fala seguinte da repórter é que percebemos o tema central de sua narrativa:

*“Hoje se fala muito em moda vintage e moda retrô, ambas vieram do passado e são muito parecidas, mas hoje eu vou te mostrar a diferença entre elas.”*

Ao procurar por marcas de subjetividade, encontramos a quebra da neutralidade jornalística. Parece que a repórter quer dizer que o fato de como as pessoas se comportam diante da moda está mudando, e isso é um aspecto positivo (“mas, a boa notícia é que isso está mudando”). E, no final da matéria, apresenta um livro que pode ser consultado, sobre todos esses aspectos, sugerindo que a narrativa digital leve o espectador a participar dessa leitura de forma mais ativa. Dessa forma, a questão dramática, não ficou evidente e, para ser respondida, depende da interação da audiência, “quer saber mais”, “sobre sociologia da moda” deve ler o livro de Frédéric Godard.

Gostaríamos de destacar o conteúdo emocional obtido por meio dos gestos, dos olhares, ou de algumas falas da repórter, convidando o espectador, como se estivessem juntos nessa narrativa.

*“Você sabia? vem comigo; mas hoje eu vou te mostrar; quer saber mais?”*

Outro destaque para a compreensão do significado da narrativa foi a boa clareza vocal da repórter. Além disso, a edição da trilha sonora ficou bem estruturada e coordenada aos momentos da transição das cenas, o volume ficou adequado à narração da repórter. A edição de imagem e gravação ficaram muito bem estruturadas. As imagens estavam adequadas ao tema e coordenadas aos momentos da narrativa. Entretanto, a qualidade da câmera não foi adequada e as imagens filmadas ficaram com impressão de desgaste, não comprometendo a compreensão da narrativa, mas sim a qualidade estética. Ritmo teve uma excelente elaboração, a narrativa fluiu sem interrupções ou falhas.

Destacamos que as narrativas digitais em vídeo descritas nesta pesquisa exemplificam a possibilidade que os usuários têm de personalizar suas produções (ROBIN, 2008) e podemos perceber o respeito e a valorização dos estilos dos integrantes da equipe jornalística. A perspectiva dos multiletramentos apresentada nesta pesquisa é o encaminhamento desejado para o uso da linguagem no âmbito educacional (ROJO, 2012).

Concluimos que os 07 elementos foram utilizados na maioria dos vídeos e com a técnica adequada, demonstrando a facilidade que os integrantes da geração digital têm de manusear os artefatos digitais, o que os caracteriza como letrados digitais (XAVIER, 2011). Também consideramos que houve adequado uso dos recursos audiovisuais integrados ao conteúdo nas ND, reiterando o que Martin-Barbero e Rey (2001) defendem, de que tais recursos contribuem para revelar a narrativa, e não para ocultá-la.

### 5.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Nessa etapa da pesquisa, analisamos as entrevistas realizadas com os estudantes, integrantes do jornal. Ao todo, 13 estudantes foram entrevistados e suas falas complementaram o corpus desta pesquisa. Por meio de uma entrevista sobre a opinião dos estudantes com relação aos vídeos produzidos e sua atuação específica nessa realização, tivemos o objetivo de relacionar os vídeos produzidos do Jornal à criação das ND, buscamos identificar se essa prática social favoreceu os multiletramentos, no sentido de que houve o uso de multilinguagens, letramentos colaborativos, participação colaborativa e informação compartilhada e distribuída. Além das competências identificadas na criação da ND, assumimos a conceito de *letramento* enquanto prática, na qual a comunicação entre os indivíduos acontece por meio de algum tipo de texto.

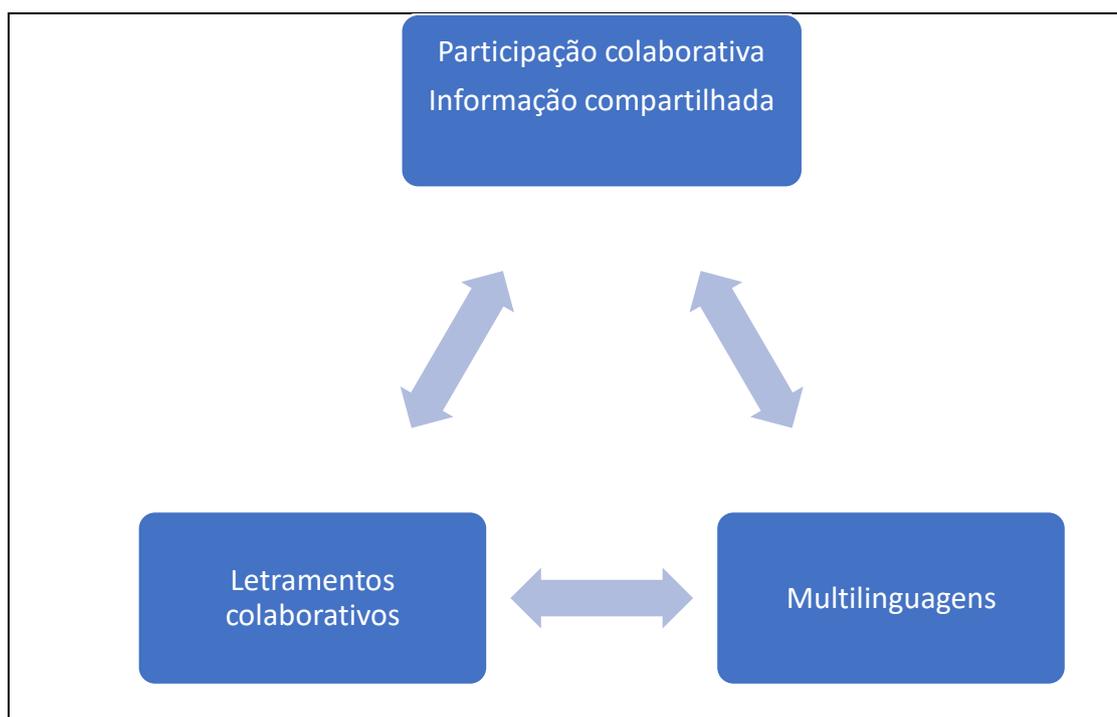
Para uma melhor compreensão da análise, seguimos as três etapas propostas por Moraes (2003), quais sejam, *unitarização* (desconstrução dos textos), *categorização* (estabelecimento de relações entre os elementos unitários) e *validação* (identificação das novas compreensões).

Iniciamos a etapa de *unitarização* dos dados a partir de uma aprofundada leitura das transcrições das entrevistas; em seguida, identificamos as unidades significativas, que foram destacadas em *itálico* ao longo das respostas dadas pelos estudantes, tendo como direção as reflexões dos estudantes acerca dos vídeos produzidos, assim como alguns aspectos relativos à criação das narrativas que interferiram diretamente na produção final.

Para a etapa *categorização*, procuramos identificar as categorias relacionadas ao objetivo deste instrumento. Algumas colocações feitas pelos alunos se distanciaram muito do nosso objeto de estudo, sendo, por isso, desconsideradas.

Elaboramos um modelo de tabela e um gráfico. Uma tabela constando da transcrição das 13 entrevistas, comentários da pesquisadora e categorias de análise. As unidades significativas e as falas dos entrevistados estão destacadas em itálico e com aspas (Apêndice 07). Para encontrarmos as unidades de significado e as categorias, utilizamos os recursos do Word /Office 10 para navegar pelas transcrições, em busca de palavras-chave. Assim, pudemos traçar a relação entre as categorias que havíamos selecionado para alcançar o objetivo desta etapa. Por fim, para relacionarmos a criação de narrativas digitais aos vídeos produzidos, comparamos os achados obtidos do diário de campo e as reflexões dos estudantes, em uma perspectiva dos multiletramentos. Para preservar a identidade dos discentes, usaremos o termo *aluno-jornalista* seguido de uma numeração para as citações retiradas da entrevista. O gráfico abaixo apresenta as categorias encontradas na entrevista:

**Gráfico 02. Categorias encontradas na entrevista**



Fonte: Elaboração própria, 2020.

O gráfico 02 sintetiza vários aspectos levantados em nossa pesquisa: retoma como se deu a participação dos alunos-jornalistas durante o processo de criação de ND em vídeo, por

meio da participação colaborativa deles; a relevância de se considerar que a narrativa digital na cibercultura não é uma mensagem criada para ser arquivada, mas sim compartilhada; as práticas de letramentos decorrentes desse processo incorporam as diversas linguagens disponíveis aos seus usuários.

Apresentaremos a seguir alguns exemplos dessa entrevista para elucidar nossos achados. Realizamos algumas perguntas sobre a opinião dos discentes acerca dos conteúdos dos vídeos e como eles contribuem para que os espectadores compreendam, aprendam, ou se informem. Todos os entrevistados defendem que a produção final contribui para o entendimento da narrativa pela audiência. Como podemos perceber na fala abaixo:

*“Eu sei tudo que tá ali, tudo que eu vou falar e passo para as minhas palavras, para o meu jeito de agir de ser, e tipo, agora aí eu percebo sim ajuda muito as pessoas, eu entendi aquilo e, é sim, os assuntos são bem variados, agora eu sou repórter de DS as pessoas querem entrar aqui na escola, querem fazer DS entender o que é DS e como é esse mundo, então ajuda sim, as pessoas”.* (Aluno-repórter 05, linha 10)

Nessa fala, o aluno-repórter 05 explica que, primeiramente, procura compreender sobre o assunto da narrativa, em seguida prepara a sua reportagem, utilizando suas próprias palavras e do seu *jeito*. Também identificamos o caráter autoral e a personalização em suas produções, uma vez que há a oportunidade para que seu estilo e sua cultura de referência sejam expressados, aspecto defendido por Rojo (2012) para as práticas de letramento discente.

Aqui podemos fazer uma relação direta com a criação da ND, identificamos que nessa etapa não houve o trabalho coletivo ou colaborativo que deveria ocorrer na criação da ND segundo Ohler (2013, Lambert 2007), pois a criação da narrativa se deu de forma individual. Além disso, em uma perspectiva de multiletramentos, espera-se que as práticas levem a construção colaborativa. Entretanto, surge um questionamento, em um processo de ensino aprendizagem, há sempre o momento para atividade individual, acreditamos que se torna um desafio, combinar momentos de trabalho em equipe com momentos de elaboração individual. Até porque esses momentos de colaboração foram evidenciados em outras etapas da criação, durante as discussões para se decidir sobre os temas da narrativa ou na execução das demais etapas relativas à pré-produção e produção.

Nessa fala também identificamos a preocupação do aluno-jornalista 05 em atender as expectativas do público “[...] as pessoas querem entrar aqui na escola, querem fazer DS entender o que é DS e como é esse mundo” e que os vídeos finalizados, atendem esse objetivo, Essa preocupação também é identificada por outro aluno-jornalista:

*“[...] a gente traz (a informação) com o objetivo de, é, ajudar quem tá com dificuldade naquele assunto e a gente principalmente no início pelo menos minha visão foi, a*

*gente vai trazer esses assuntos para o pessoal da escola vê[...]”.* (Aluno-jornalista 01, Linha, 10)

Dessa forma, quando os estudantes-jornalistas, planejam seus vídeos e narrativas levam em consideração o interesse da audiência. Em alguns momentos da etapa de criação das ND, também pudemos identificar essa preocupação, por exemplo, durante a etapa *planejamento* ocorrida no diário de campo 03. Isso fica evidenciado quando os jornalistas escolhem os temas dos próximos vídeos. Além disso, na etapa pré-produção, os estudantes conversam sobre a gravação, no sentido de preservar a qualidade para que haja compreensão e aceitação do público. Com relação aos novos letramentos, podemos concluir que isso é marca de se considerar que a informação deve ser distribuída. Nesse sentido, os estudantes demonstram incorporar o espírito do novo *ethos* e os valores da web (LANKSHEAR: KNOBEL, 2007) ao perceberem que seus vídeos são compartilhados ou assistidos por muitas pessoas, demonstram que o conhecimento não é para ser arquivado, mas compartilhado.

*“A gente, quando a gente faz o vídeo aí a gente solta. Bem no começo até hoje aí solta no grupo da família, solta no grupo dos professores, os próprios professores aqui da escola, eles saem compartilhando os vídeos da gente e tal, e depois eles param a gente no corredor, olha ficou muito legal, massa porque aquele teu vídeo que tu fez assim ficou muito bom, então tipo é super, esse feedback é super dá muita energia[...]”.* (Aluna-jornalista 06, linha 29)

*“É o pessoal da escola vê, e depois o pessoal de fora vê também, então, assim, é acabou que todo mundo vê, tanto dessa escola como de outra escola, foi surgindo de escola para escola, tem muitas escolas dos sertões, de longe que nosso vídeo que tipo a gente fica impressionado com a distância que ele consegue percorrer o assuntos”* (Aluna-jornalista 02, linha 10)

*“Não. De início a gente pensou que o jornal fato social só iria preencher justamente a escola, quando nós lançamos na internet, o nosso canal, a gente sabe que tudo que a gente lança na rede hoje não fica só para nós, pode levar ao mundo, e foi isso que aconteceu, o fato de pessoas de todos os locais de tarem vendo, de tá reconhecendo nosso trabalho, isso é bem significativo para todos nós”.* (Aluno-jornalista 04, linha 27)

O gráfico 02 sintetiza vários aspectos levantados em nossa pesquisa: retoma como se deu a participação dos alunos-jornalistas durante o processo de criação de ND em vídeo, por meio da participação colaborativa deles; a relevância de se considerar que a narrativa digital na cibercultura não é uma mensagem criada para ser arquivada, mas sim compartilhada; as práticas de letramentos decorrentes desse processo incorporam as diversas linguagens disponíveis aos seus usuários.

Apresentaremos a seguir alguns exemplos dessa entrevista para elucidar nossos achados. Realizamos algumas perguntas sobre a opinião dos discentes acerca dos conteúdos dos vídeos e como eles contribuem para que os espectadores compreendam, aprendam, ou se informem.

*“Sim, porque, como a gente tava percebendo um dia desses, as mudanças os primeiros vídeos, quanto, o último, o primeiro vídeo teve muito som, muito ritmo, muito barulhinho, muito pequeno, isso incomodava demais da gente compreender o resto, né, os assuntos né e agora ultimamente não tá tendo isso”. (Aluna-jornalista 02, Linha 18)*

*“Ajuda bastante é isso é muito importante em relação, porque ninguém vai querer assistir um vídeo que não tá com som bom, que não sabe, que a pessoa não tá sabendo falar, eu acho muito legal que as pessoas, as pessoas estão se esforçando muito para isso, isso é muito legal.” (Aluna-jornalista 11, linha 20)*

Destacamos a fala do aluno-jornalista 06 que demonstra a importância da integração harmoniosa de todos os elementos da narrativa digital ao afirmar que “tudo” precisa estar “encaixado”, ou seja, de acordo com Ohler (2008), o uso da mídia deve estar balanceado e adequado para apoiar a narrativa. Outro aspecto que nos chama a atenção é a resposta da aluna-jornalista 02 que demonstra sua reflexão sobre sua própria história de aprendizagem, ao analisar os vídeos antigos e perceber melhorias em sua qualidade técnica (ALMEIDA: VALENTE, 2012).

Nesse quesito, também perguntamos sobre o que se destaca nos vídeos, o uso dos recursos visuais e sonoros ou o conteúdo. As respostas variaram, ora os recursos prendem mais atenção, ora o conteúdo ou ambos são importantes para a qualidade do vídeo e captar a atenção e não tornar o vídeo *chato*:

*“Eu acho que embora os recursos sejam muito importantes, eu acho que, o que mais prende realmente é o conteúdo, porque não adianta nada ter um vídeo com a voz super boa mas o assunto é chato então eu acho que conteúdo prende mais.” (Aluna-jornalista 11, linha 22)*

*“Eu acho que é a junção dos dois porque não adianta ter só as imagens sem ter uma narração boa e ter as imagens e sem a narração, então a junção fica muito bom”. (Aluna-jornalista 12, linha 16)*

*“É pelo uso dos recursos, é assunto como a gente é jovem, pode achar chato, entediante, aí a gente sempre usa os recursos, para prender a atenção mesmo.” (Aluno-jornalista 13, linha 22)*

Destacamos a fala do aluno-jornalista 06 que demonstra a importância da integração harmoniosa de todos os elementos da narrativa digital ao afirmar que “tudo” precisa estar “encaixado”, ou seja, de acordo com Ohler (2008), o uso da mídia deve estar balanceado e adequado para apoiar a narrativa. Outro aspecto que nos chama a atenção é a resposta da aluna-jornalista 02 que demonstra sua reflexão sobre sua própria história de aprendizagem, ao analisar os vídeos antigos e perceber melhorias em sua qualidade técnica (ALMEIDA: VALENTE, 2012).

Nesse quesito, também perguntamos sobre o que se destaca nos vídeos, o uso dos recursos visuais e sonoros ou o conteúdo. As respostas variaram, ora os recursos prendem mais atenção, ora o conteúdo ou ambos são importantes para a qualidade do vídeo e captar a atenção e não tornar o vídeo *chato*:

*“eu acho que embora os recursos sejam muito importantes, eu acho que, o que mais prende realmente é o conteúdo, porque não adianta nada ter um vídeo com a voz super boa mas o assunto é chato então eu acho que conteúdo prende mais.”* (Aluna-jornalista 11, linha 22)

*“eu acho que é a junção dos dois porque não adianta ter só as imagens sem ter uma narração boa e ter as imagens e sem a narração, então a junção fica muito bom”* (Aluna-jornalista 12, linha 16)

*“É pelo uso dos recursos, é assunto como a gente é jovem, pode achar chato, entediante, aí a gente sempre usa os recursos, para prender a atenção mesmo.”* (Aluno-jornalista 13, linha 22)

A função da aluna-jornalista 11 em 2018 foi a de elaboração do roteiro das reportagens e durante a entrevista relatou que tem preferência pela linguagem verbal escrita, essa identificação pode ser relacionada ao fato de acreditar que o conteúdo das reportagens é o que prende mais atenção dos espectadores ao assistirem os vídeos, contudo a aluna-jornalista acredita que é importante a harmonia e integração entre recursos e conteúdo, o aluno-jornalista 13 reforça que para atingir o público jovem o uso dos recursos é necessário. Percebemos assim a relevância do domínio do letramento digital para uma valorização do significado da narrativa e conquista da audiência, retomamos então ao aspecto da informação compartilhada, os discentes demonstram o reconhecimento de que suas produções são feitas para serem apreciadas por uma audiência.

Quando perguntados sobre o vídeo que mais gostaram de fazer e o motivo dessa escolha, as respostas também foram variadas.

*“Foi com os meninos, que a gente ia selecionar algumas turmas, aí a gente ficou, eu fiquei responsável pela parte do primeiro ano do DS-A, e a gente criou um vídeo bem legal que era sobre o hino nacional, só que a gente, além de só, da gente colocar o hino nacional, a gente colocou figuras, que eles fizeram, a gente fez meio que uma paráfrase do hino e ficou bem legal. [...]”* (Aluna-jornalista 12, linha 10 – grifo nosso)

*“Para mim tá no jornal, para mim o que eu mais gostei foi o documentário a gente fez no início do ano, [ano passado ou desse ano] no início do ano, acho que foi de Ilha de Itamaracá, acho que foi, que ele é de Itamaracá, [o que vocês foram para praia?] Não, não é que a gente foi tipo a gente foi para o carnaval, aí o tema meio que foi Itamaracá, aí eu gostei muito porque tanto eu aprendi sobre tudo isso aqui, tanto como eu gostei muito de editar, eu gostei de editar e aquela pressão tipo vai logo é pra terça feira, é foi bom eu gostei”.* (Aluno-jornalista 9, linha 12)

*“Ah eu gostei do vídeo da edição no MB acho que ficou bem interessante, o vídeo, a gente entrevistou algumas pessoas”. (Aluna-jornalista 08, linha 10)*

*“Acho que foi do circuito dos museus, foi um conteúdo muito, muito rico, eu achei, gostei muito.” (Aluna-jornalista 07, linha 12)*

*“Eu acho que o primeiro vídeo, é assim, eu acho que eu já assisti aquele vídeo mais de 500 vezes, mas sei lá, o que mais gostei de fazer, eu acho que foi um eu acho que se não me engano foi a terceira Edição do ano passado que foi quando eu tava bem assim, na parte técnica e tal, ajetei tudinho aí foi o que mais gostei, mas todos os vídeos do jornal, sei lá, são bons.” (Aluna-jornalista 06, Linha 13)*

Ao falarem sobre os vídeos que mais gostaram de fazer, os estudantes mencionam o aspecto do conteúdo, sobre seu envolvimento no vídeo, na edição, por exemplo. As opiniões divergem, mas isso só ilustra que a narrativa cresce com o coletivo, com cada opinião e ponto de vista, no qual aspectos distintos são valorizados havendo um enriquecimento da produção final.

Os estudantes também foram perguntados sobre a repercussão dos vídeos, alguns comentaram que não consideravam esse aspecto, outros comentaram que se surpreenderam com a repercussão e alcance *dos vídeos*:

*“Esse feedback é super, dá muita energia para gente continuar e também tem os pontos negativos, já não sei se foi ano passado ou foi esse ano, a gente postou um vídeo, que é, um rapaz que assistia a gentes e foi lá e comentou sobre o vídeo e foi um comentário, ele já era um telespectador, do jornal, e quando ele viu o vídeo tinha uma coisa que a gente tinha deixado a desejar e ele foi lá e comentou, isso é super importante”. (Aluna-jornalista, 06, linha 29 – grifo nosso)*

*“A gente considera né, que muitas pessoas vejam compartilhem nos grupos para ter uma maior visibilidade O que é informação, informação tem que tá sempre em andamento não existe informação parada informação tem que girar pelo mundo e é isso que a gente busca, sempre transpassar a mensagem.” (Aluno-Jornalista 05, linha 26 – grifo nosso)*

*“Não. De início, a gente pensou que o jornal fato social só iria preencher justamente a escola, quando nós lançamos na internet, o nosso canal, a gente sabe que tudo que a gente lança na rede hoje não fica só para nós, pode levar ao mundo, e foi isso que aconteceu, o fato de pessoas de todos os locais de tarem vendo, de tá reconhecendo nosso trabalho, isso é bem significativo para todos nós”. (Aluno-jornalista 04, linha 28)*

Constatamos nas falas dos estudantes que, ao criarem suas narrativas em vídeo e publicarem na internet, o vídeo irá alcançar o mundo, e a informação presente nele irá assim alcançar outras pessoas. O aluno-jornalista 05 nos confirma que o objetivo da produção do jornal é ser eficaz em transmitir o conteúdo da narrativa. A jornalista 06 enfatiza a relevância do *feedback* da audiência, ao comentar que um espectador fez uma crítica construtiva aos vídeos. Isso foi possível pelo uso da comunicação dos comentários.

Com relação à criação das narrativas na fala da aluna-jornalista 12, comentou o aspecto do trabalho em equipe, *“da gente colocar o hino nacional, a gente colocou figuras, que eles*

*fizeram, a gente fez meio que uma paráfrase do hino e ficou bem legal*”, que observamos durante as etapas da criação da ND. Por meio da descrição da criação das ND e nas entrevistas (questão 02 sobre a função do Jornal de cada integrante), cada estudante tinha uma função, entretanto havia a *colaboração* dos que estavam presentes para que se produzisse um vídeo de qualidade. Esse fazer juntos foi observado nas etapas da criação das ND. Além disso, durante a criação das ND percebemos a intenção de produzir com qualidade para que as narrativas atinjam o seu objetivo de informar, de ajudar alunos com dificuldades em algum conteúdo, e de esclarecer sobre as disciplinas estudadas na escola.

Nos momentos da criação da ND, percebemos que a *autonomia* ocorreu para negociar e resolver os problemas que surgiram e a *autoria* de pensamento nos momentos de apresentar sugestões. No que se refere aos vídeos produzidos ocorre *autonomia* e *autoria* dos estudantes na edição ou elaboração dos textos das narrativas, para dar vez as suas vozes e estilos. Assim, a fala dos alunos revelou que seus estilos estão presentes em suas produções. Os repórteres e editores têm *autonomia* para criarem suas narrativas, considerando seus “jeitos” e seus estilos. Que há a valorização da cultura de referência do estudante e estética em suas produções:

*“Assim eu acho as minhas edições, eu gosto muito de fazer uma coisa meio suave, não tipo aquele corte Cruz de filme, tá na cara de um e vai para o outro, eu gosto de fazer uma coisa meio suave, que você relaxa quando assiste.” (Aluno-jornalista 09, linha 24)*

Características da produção cultural da sociedade contemporânea que cada um, (ou de cada grupo) estabeleça seus próprios critérios estéticos (ROJO, 2012).

Com relação à *criatividade* identificada na criação das ND em vídeo identificamos que na produção dos vídeos foi um aspecto pouco mencionado, mas destacamos a fala do aluno-jornalista 01. Ele menciona a presença da “criatividade da edição” do vídeo (Edição Especial: Cobertura da 2º conferência estadual da educação integral e profissional de Pernambuco, 2019.) ao comentar sobre o vídeo que mais gostou de ter feito em 2019, nesse quesito ele destacou a “jogada de câmera” (Aluno-jornalista 01, linha 12). Com relação às categorias que classificamos como *autoria* e a *criatividade* percebemos que ocorreram tanto ao longo do processo de criação das narrativas em vídeo como nas próprias ND em vídeos. Vemos a *autoria* e *criatividade* dos estudantes em suas produções, como, por exemplo, na ND 02. Percebemos a marca da *representatividade*, descrita pelo autor na entrevista e constatada em sua narrativa, além da espontaneidade, comunicação e expressão corporal na linguagem visual:

*“Ah tem que ter a representatividade, eu me considero a representatividade e nos vídeos eu sempre busco transpassar isso, a minha alegria, a minha euforia, e é isso*

*eu sempre, porque você tá fazendo uma entrevista, aí aquela coisa formal, você está acostumado com aquela coisa formal, mas se você fizer sei lá, uma brincadeira, uma coisa mais voltada para o entretenimento, acho que muda, aí eu busco sempre isso, tipo numa pesquisa, numa fala, dá sempre meu jeito, como eu falo, o meu jeito.” (Aluno-jornalista 05, Linha 26)*

A *críticidade* foi identificada durante o processo e em algumas narrativas, no sentido de que os alunos têm seus critérios para as escolhas que fazem na produção dos vídeos e para questionarem alguns temas presentes nas mensagens das narrativas, como foi evidenciado na ND 01, 02 e 05. Tais aspectos estão exemplificados nas falas a seguir:

*“Mais ou menos, eu sou uma pessoa muito tímida muito muito muito foi bem difícil no início, eu acho que quando você gosta é algo mais leve, você, é algo mais fácil, mas não que eu seja craque. Eu ainda estou aprendendo, Mas aos poucos eu vou me desenvolvendo, eu acho.” (Aluna- jornalista 08, Linha 23)*

*“Não, não sou muito bom não [E tem alguma coisa específica que você acha que tem que melhorar?] Assim, em tudo a gente sempre precisa melhorar alguma coisa, mas eu nunca parei, assim para reparar muito.” (Aluno-jornalista 13, Linha 21)*

Assim, os alunos refletem sobre suas produções ao longo desses dois anos, avaliam, percebem sua evolução de letramento digital e sua própria atuação como repórteres e apresentadores, na tentativa de melhorias e buscando sempre que o conteúdo das narrativas seja mais bem compreendido. Tal aspecto se reflete na qualidade das ND que foram se aprimorando na integração dos recursos sonoros e visuais e na desenvoltura dos próprios repórteres e apresentadores. Nesse aspecto, percebemos que, em mundo de multilinguagens, saber usar e compreender as especificidades de cada uma delas é requerido de emissor e receptor. (ROJO, 2012; MORAN, 2000; MARTIN-BARBERO, 2001). Essa criticidade reflete a tentativa de integrar recursos sonoros e visuais para atingir melhor o objetivo da mensagem da narrativa, mas sentimos falta de uma observação mais crítica na perspectiva do letramento crítico.

Outro exemplo de criticidade resultante do desenvolvimento das produções de vídeo foi identificado na fala do aluno-jornalista 05, ao responder sobre o que tinha feito para aprender sua função. O repórter demonstrou autocorreção ao avaliar sua estratégia usada e julgar que não estava funcionando e, com seus critérios, considerando a situação contexto que estava inserido, pôde estabelecer suas próprias conclusões. Identificamos como o letramento digital se faz presente nesses momentos, pois foi com o uso do Google e do YouTube que o repórter desenvolveu esse treinamento:

*“[...] eu aceitei e comecei a olhar no YouTube, eu botei no YouTube: como ser repórter aí tipo não aparecia muita coisa aí fiz, não, eu vou pensar. Tipo, em um jornalista e vou me basear nele, aí eu sai pegando várias, várias inspirações, pra,*

*resumindo eu descobri que eu tenho que ser eu mesmo, mas é bom sempre ter inspirações[...]" (Aluno-jornalista 05, linha 10)*

Nos momentos de criação a *críticidade* foi identificada no registro 07, por exemplo, quando o editor, durante a etapa *produção* refletia, usava critérios coerentes para escolher o local para as gravações.

E, por fim, um aspecto observado foi a falta de treinamento prévio em cursos e oficinas. Os próprios alunos mais uma vez demonstraram sua *autonomia* em ir atrás das informações necessárias para executar suas funções, para produzirem os roteiros, para criarem as narrativas e, assim, para desenvolverem uma *vida investigativa*, (ROJO, 2017), por meio de buscas na internet, visualizações de vídeos e tutoriais, idas às bibliotecas e conversas com professores. Constatamos que práticas de multiletramentos estão presentes nesses momentos em que os estudantes têm acesso a diversos textos em diferentes contextos. Identificamos essas atividades no registro de diário de campo 07, durante a edição dos vídeos, o editor mencionou que aprendeu a fazer edições sozinho, por meio de tutoriais e por ter o domínio da língua inglesa, mencionou sua facilidade em utilizar sites nesse idioma.

Consideramos que o objetivo de relacionar a criação das ND com os vídeos, em uma perspectiva de multiletramentos, foi parcialmente atingido. Tivemos dificuldades em estabelecer relações. Acreditamos que as perguntas da entrevista poderiam ter sido mais bem direcionadas ao objetivo específico. Mesmo assim pudemos identificar que a intenção de que a informação seja distribuída e compartilhada. Que a participação deve ser coletiva (LAMBERT, 2007), e que ocorreram principalmente durante a fase de planejamento e produção. Com relação ao letramento colaborativo constatamos que as condições de produção deveriam ter sido diferentes para que todas as etapas ocorressem de forma colaborativa. Contudo, não identificamos indícios de que as práticas favorecem a multiculturalidade nas falas ou no processo. Acreditamos que as perguntas da entrevista não contemplaram essa característica dos multiletramentos. Contudo, identificamos que a liberdade de expressão na criação das ND, respeita tanto as culturas e valores dos estudantes; isso ficou evidente em algumas falas dos jornalistas ao confirmarem que seu estilo está presente em suas produções.

Com relação às multilinguagens, a multimodalidade se fez presente, exigindo o domínio de uma série de multiletramentos, como na utilização de arranjos de diagramação e tratamento da imagem, da ND 06, por exemplo. Também constatamos a linguagem verbal, na modalidade escrita dos roteiros; a linguagem verbal, em áudios dos repórteres e apresentadores, em cada

vídeo produzido; a inserção de imagens estáticas, em movimento ou em vídeo nas ND analisadas.

#### 5.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os vídeos produzidos pelos alunos podem ser classificados como pertencentes do gênero videoaula devido ao objetivo de suas narrativas ter o intuito de informar ou apresentar alguma informação.

Conforme observado na descrição dos registros de diário de campo, as situações em que as ND foram criadas não se restringiram apenas ao espaço da sala de aula. Nesse processo, os discentes demonstram que se reapropriaram do espaço físico escolar (LEMOS, 2007 apud NOGUEIRA, 2014), percebemos que ganham a escola em seus diversos espaços, como: biblioteca, sala de informática, sala do grêmio, quadra esportiva, sala dos professores, sala do diretor, todos esses espaços foram usados para que a criação das narrativas acontecesse, ora para organizar, planejar, estudar ou produzir, e assim reforçam sua participação nesse ecossistema comunicativo enquanto agentes sociais desse processo (ANDRADE, M., 2013). Considerando o resultado dos dados dos três instrumentos da pesquisa, concluímos que os vídeos do Jornal fazem parte da cibercultura e ganham o mundo, inclusive na sala de aula de outros docentes — que acharam o conteúdo das reportagens relevante para a aprendizagem de suas disciplinas. Além disso, quando os vídeos alcançam a internet, ultrapassam os muros da escola, “aproximando o mundo de dentro da escola do contexto social mais amplo” (BONILLA, 2011, p. 64). De acordo com os estudantes, o objetivo do vídeo é trazer a informação para quem está com dificuldade ou tem curiosidade em conhecer um pouco sobre a educação integral e as disciplinas da escola.

Esse processo também nos mostrou a preocupação dos alunos-jornalistas em realizarem suas produções com a qualidade que o espectador merece, e pensando em atender às expectativas de informação. Tal fato foi evidenciado nos diários de campo 05, 06, 07 e 08 durante a gravação e a edição dos vídeos (Apêndice 05) e confirmado na fala dos estudantes, durante as entrevistas, principalmente ao comentarem sobre suas expectativas em relação ao *feedback* da audiência (Apêndice 06, aluno-jornalista 01) e sobre como as gravações dos vídeos são feitas (Apêndice 06, aluna-apresentadora 03).

Ressaltamos que os estudantes não receberam formação específica para criação de ND ou sua produção. Conforme relatado nas entrevistas, quando perguntados sobre suas experiências em produção de vídeos, foi observado que apenas metade dos alunos teve

formação específica em produção de vídeo ao participarem de duas oficinas, receberam alguma orientação da docente idealizadora do projeto; e a outra forma em que os discentes aprenderam a manusear vídeos foi para produções pessoais cuja aprendizagem foi por meio do aprender fazendo e perguntando aos mais experientes ou em tutoriais disponíveis na internet. Esse aspecto foi superado pela iniciativa dos alunos em busca de informações necessárias à conclusão de suas atividades, desenvolvendo, assim, uma *vida investigativa* (ROJO, 2017). Essa autoaprendizagem no manuseio das mídias digitais corrobora com o que se vem discutindo nesta pesquisa com relação à familiarização dessa geração com o uso de TDIC, mas ter o domínio da técnica é o bastante? Os alunos estão conscientes dos discursos que estão reproduzindo em suas narrativas? Os docentes estão preparados (ou dispostos) para acrescentar essas discussões efetivamente em sua prática? Mais uma vez observamos que o cuidado maior é com a qualidade técnica. Contudo, se queremos estudantes questionadores em busca de uma educação libertária, essa prática deve ser incorporada também ao empregar tecnologia.

De acordo com Ohler (2013; 2008) o planejamento e a preparação do roteiro ou *storyboard* são importantes para a melhor qualidade da produção final, fato também enfatizado pelos produtores de vídeos (ASCHER: PINCUS, 2012). Em vários momentos do processo de criação das ND em vídeo pudemos observar a falta de planejamento para a preparação da gravação (quanto à organização de cenário e escolha de equipamento necessário) e a edição do vídeo (escolha das imagens, trilhas sonoras e efeitos). Fato que ocorreu com a perda do único *pendrive* que continha o vídeo pronto para a distribuição, com o esquecimento do aluno-câmera em levar seu celular para uma das gravações e com a perda de tempo em procurar imagens para a edição do vídeo *Circuito dos Museus*. Essas atividades deveriam ter acontecido nas etapas pré-produção e pós-produção.

Ohler (2008) também recomenda que as produções façam referências às fontes usadas para pesquisa e esse cuidado não foi constatado.

Já no diário de campo 07, constatamos que as práticas escolares utilizaram diferentes linguagens, pois, nessa situação, os alunos-jornalistas empregaram suas habilidades de linguagem audiovisual, de linguagem escrita ao produzirem seus textos para serem narrados e linguagem gráfica para editar as imagens no vídeo (BONILLA, 2011; ROJO, 2009).

Além disso, durante a criação de narrativas digitais na produção dos vídeos, percebemos estudantes que sentem prazer em fazê-lo, e não de forma imposta pelo docente ou demandas curriculares.

Ao analisar o registro no diário de campo e a fala dos estudantes, constatamos que *colaboração* ocorre em várias atividades desempenhadas pelos discentes: elaboração das

perguntas para entrevistas, organização do cenário, manuseio de equipamentos, preparação das falas, erros de gravação, escolha do tema das reportagens. A criação de narrativas digitais no âmbito escolar proporciona oportunidade para o exercício da interatividade e colaboração. Traçando um paralelo enquanto prática de letramento, em um mundo cada vez mais *multi*, saber trabalhar junto é uma tendência e, talvez, exigência da sociedade contemporânea (ROJO, 2012; GNL, 1996) e que estamos percebendo nas práticas desenvolvidas pelos estudantes no contexto descrito desta pesquisa. Nesse sentido, também identificamos que o conhecimento (que, no caso desta pesquisa, é a mensagem das narrativas) é distribuído e compartilhado. Os estudantes demonstram incorporar o espírito do novo *ethos* e os valores da web (LANKSHEAR, KNOBEL, 2007) ao perceberem que seus vídeos não devem ser arquivados, mas compartilhados.

Nas ND em vídeo, os elementos *questão dramática e ponto de vista* foram menos destacados, provavelmente pelo fato de se tratar de uma narrativa informativa. O elemento *presente da minha voz* teve uma boa resolução, entretanto, um dos repórteres precisa melhorar nesse quesito e relatou na entrevista ser este um aspecto que vem melhorando, pois já havia identificado essa necessidade ao analisar seus próprios vídeos.

Com relação ao elemento *economia*, que identificamos como adequado, também é percebido nas entrevistas quando os discentes relatam a importância de que o conteúdo da reportagem ou vídeo seja compreendido e haja a integração harmoniosa dos recursos sonoros e visuais para enriquecer o significado da narrativa. Entretanto, na fala dos discentes, a opinião diverge com relação a prender a atenção ou relevância para o conteúdo da ND. Alguns alunos consideram que os recursos ajudam para “prender a atenção e “evitar dar sono”, e outros relatam que tudo depende se o conteúdo for “chato”, os recursos devem ser interessantes para que o vídeo seja atrativo ou interessante. Os dados da ficha técnica complementam a compreensão das narrativas. Percebemos que a audiência não interage com comentários. Além disso, a quantidade de visualizações supera a quantidade de likes. De acordo com Kearney (2012), toda narrativa tem algum tipo de resposta da audiência ou algum tipo de avaliação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo de *analisar a criação de narrativas digitais, na produção de vídeos, para o Jornal O Fato Social, na perspectiva dos multiletramentos*. Para atingir esse objetivo apresentamos algumas considerações sobre conceitos de narrativas como atos da expressão da cultura em suas versões da realidade e como esse ato vem ganhando espaço na cibercultura. No contexto das mídias digitais, as narrativas são narrativas digitais e se encontram em diversos suportes. O suporte escolhido para esta pesquisa foi o vídeo, assim também apresentamos alguns aspectos relativos à produção de vídeos na educação e os elementos relevantes na sua produção, como a importância do olhar crítico tanto do produtor como do espectador para compreender as “artimanhas” da linguagem audiovisual. As narrativas digitais fazem parte da comunicação e são uma materialização do pensamento humano. Assim, consideramos pertinente acrescentarmos a perspectiva dos multiletramentos a este fenômeno. Adotamos a compreensão de que multiletramentos são *multi*, devido à diversidade de linguagens e culturas dos textos que eles compõem na sociedade contemporânea.

Optamos por uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo, que em relação ao objetivo geral, consideramos que foi responsável pelo descobrimento de novos horizontes sobre a criação das ND na produção de vídeos, pois possibilitou a descrição de como o processo ocorreu e propiciou a análise do seu resultado: as narrativas digitais em vídeo. Entretanto, por outro lado, percebemos que este objetivo geral foi parcialmente atingido, uma vez que as atividades de elaboração do roteiro, do texto e das finalizações das edições dos vídeos com sua postagem na internet não puderam ser observadas pela pesquisadora devido às condições em que elas ocorreram no contexto do estudo de caso analisado. Além disso, algumas perguntas poderiam ter sido acrescentadas às demais questões da entrevista para uma melhor relação entre o processo de criação e os vídeos finalizados, no sentido de que, ao falar dos vídeos, os alunos pudessem se referir à criação da narrativa e às características dos multiletramentos com maior detalhe. O aspecto dos multiletramentos que não conseguimos identificar na fala dos alunos foi com relação à multiculturalidade.

Contudo, tal constatação não nos impediu de comprovar nossa hipótese. As atividades observadas na criação das narrativas digitais em vídeo e os vídeos produzidos postados no canal do Jornal O Fato Social da plataforma YouTube puderam estabelecer um padrão que serviu para confirmar nossa hipótese, visto que, em um mundo de multiletramentos, como o atual, os alunos do Ensino Médio produzem narrativas digitais em vídeo com autoria, autonomia,

criatividade, colaboração e criticidade. Isso se deve ao fato de os estudantes refletirem sobre suas escolhas quanto ao uso dos recursos tecnológicos e à construção dos conteúdos das narrativas.

Assim, concluímos nossa pesquisa, percebendo que o fenômeno estudado, a criação das narrativas digitais em vídeo, favorece à prática de multiletramentos com a participação *colaborativa* dos alunos-jornalistas em muitas etapas deste processo. Os estudantes utilizaram seus recursos cognitivos e tecnológicos disponíveis para elaborar artefatos e as reportagens, assim como para superar as situações adversas dessa jornada. Além disso, trouxeram para a sala de aula seus estilos de editar, gravar e criar textos, corroborando para que a criação final das narrativas em vídeo oportunizasse a criatividade, a *autoria* e a *autonomia*. Também foi possível identificar oportunidades para que os alunos desenvolvessem a *criticidade*, evidenciado nos momentos em que tinham, por exemplo, de justificar suas escolhas quanto aos locais de gravação.

Apesar do envolvimento dos discentes nas diversas atividades exigidas pelo processo tais como: gravação e edição dos vídeos e publicação na internet, situações de produção das narrativas em vídeo, elaboração dos roteiros e do texto da narrativa, discussões para escolha do tema das reportagens, ressaltamos que, no quesito colaboração para discussão do tema da reportagem, era registrada a presença de todos os integrantes da equipe jornalística, mas, entretanto, observamos que nem todos os integrantes do grupo apresentavam comentários ou sugestões. Também verificamos que a elaboração do roteiro do texto da narrativa e edição dos vídeos foram realizados individualmente, não configurando nessa etapa a participação *colaborativa* ou *coletiva*. Quando os estudantes se organizavam em equipes para produzirem algo, geralmente os mais tímidos ou menos motivados apresentavam uma contribuição menor para o processo.

Posto isso, surge um questionamento: como viabilizar para que as atividades consigam contemplar a participação colaborativa em todas as etapas da criação de ND em vídeo? Cabem aqui novas pesquisas, a fim de investigar se é possível que todo o processo seja de participação colaborativa e ilimitada.

Independente dos aspectos a serem aperfeiçoados, ressaltamos a satisfação da pesquisadora em ter tido a oportunidade de conhecer e analisar as produções destes jovens. E destacamos a qualidade técnica de suas produções, principalmente se considerarmos que estes jovens tiveram pouca formação formal em produções de vídeos: os saberes adquiridos foram decorrentes da busca individual. Nesse processo, para atingir seus objetivos, esses jovens superaram medos e se arriscaram, e aprenderam a resolver problemas, aspectos que vão além

da aplicabilidade de conteúdo e configuram como práticas que acontecem nos espaços fora da sala de aula. Assim, a atividade pedagógica desenvolvida possibilitou encurtar a distância entre o espaço escolar e o não escolar. Além dos aspectos específicos contemplados na nossa metodologia, gostaríamos de ressaltar que os estudantes enquanto narram a realidade por meio das reportagens do Jornal, têm oportunidade para expressar seus estilos individuais, e sua “representatividade” desejada. Além disso, talentos foram evidenciados, tanto docentes como discentes.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. de. **Integração currículo e tecnologias: a emergência de web currículo.** Endipe. Belo Horizonte: 2010. Disponível em: [https://www.academia.edu/33937476/INTEGRA%C3%87%C3%83O\\_DE\\_CURR%C3%8DCULO\\_E\\_TECNOLOGIAS\\_A\\_EMERG%C3%8ANCIA\\_DE\\_WEB\\_CURR%C3%8DCULO](https://www.academia.edu/33937476/INTEGRA%C3%87%C3%83O_DE_CURR%C3%8DCULO_E_TECNOLOGIAS_A_EMERG%C3%8ANCIA_DE_WEB_CURR%C3%8DCULO). Acesso em: 10 jan. 2019.

ALMEIDA, M. E. B. de; VALENTE, J. A. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem Fronteiras**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 57-82, set-dez, 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss3articles/almeida-valente.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

ANDRADE, M. **O ato Narrativo audiovisual e a inclusão digital: concepções e perspectivas por jovens de periferia.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

ANDRADE F., H. **Efetividade do uso de ferramentas da web 2.0 em AVAs: Colaboração, Autonomia e Autoria do aluno.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

ARISTÓTELES. **A Retórica: obras completas.** Coordenação de Antônio Pedro Mesquita. 2. ed. Lisboa: Biblioteca de autores clássicos, 2005. v. 3, tomo 1.

BECKER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana. **Narrativas jornalísticas audiovisuais: um estudo dos efeitos da convergência no JN e no UOL.** Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.232-246, dez. 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/50361680\\_Narrativas\\_jornalisticas\\_audiovisuais\\_um\\_estudo\\_dos\\_efeitos\\_da\\_convergencia\\_no\\_JN\\_e\\_no\\_UOL](https://www.researchgate.net/publication/50361680_Narrativas_jornalisticas_audiovisuais_um_estudo_dos_efeitos_da_convergencia_no_JN_e_no_UOL). Acessado em: Jan/2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC. 2017. Disponível em: < [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf) Acesso : Março de 2020

BUCKINGHAM, D. **Media education: literacy, learning and contemporary culture.** Cambridge: Polity, 2005. (e-book)

BUCKINGHAM, D. **Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da escolarização.** Educ. Real., Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em: 15 fev. 2019.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Formação de professores em tempos de WEB 2.0. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (org.). **Escola, tecnologias digitais e cinema.** Juiz de Fora: UFJF, 2011.

BRUNER, J. A construção narrativa da realidade. **Critical Inquiry**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991. Disponível em: [https://www.academia.edu/4598706/BRUNER\\_Jerome.\\_A\\_constru%C3%A7%C3%A3o\\_narrativa\\_da\\_realidade](https://www.academia.edu/4598706/BRUNER_Jerome._A_constru%C3%A7%C3%A3o_narrativa_da_realidade). Acesso em: 12 fev. 2019.

BUZATO, M. E. K. **Entre a Fronteira e a Periferia: Linguagem e Letramento na Inclusão Digital**. 2007. 284f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007

BUZATO, Marcelo. **Letramentos digitais, apropriação tecnológica e inovação**: In: III Encontro Nacional sobre Hipertexto, 2009, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/gl/letramentos-digitais-apropriacao-tecnologica.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**: a era da Informação: economia, sociedade e cultura. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010. (e-book)

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997. (2004,1996)

JENKINS, H. As competências necessárias na cultura dos novos media. **In**: Brites, Maria José; Jorge, Ana & Santos, Sílvio Correia. (Editores). **Metodologias Participativas: Os media e a educação**. Covilhã: LabCom Books, 2015. Disponível em: [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150629-2015\\_10\\_metodologias\\_participativas.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150629-2015_10_metodologias_participativas.pdf). Acesso em: outubro 2018

KEARNEY, R. Narrativa. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 409-438, 2012. Disponível em: <http://ref.scielo.org/3yh9w7>. Acesso em: 15 out. 2018.

KRESS, G. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. Londres e Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2010.

MARCONI M. de A, LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LAMBERT, J. **Digital storytelling Cookbook**. Digital Diner Press. Berkeley, USA, 2007

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (2007) Sampling «the New» in New Literacies. In: Knobel, M.; Lankshear, C. (Eds.) *A New Literacies Sampler*. New York: Peter Lang, 2006, pp. 1-24. Disponível em: [http://everydayliteracies.net/files/NewLiteraciesSampler\\_2007.pdf](http://everydayliteracies.net/files/NewLiteraciesSampler_2007.pdf). Acesso em: 20 Nov. 2019.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **New Literacies**: changing knowledge and classroom learning. Open University Press. USA, 2003.

LANKSHEAR, C. **The “Stuff” of New Literacies**. Crafted with care for the Mary Lou Fulton Symposium. James Cook University and McGill University, 2007. Disponível em: <http://everydayliteracies.net/files/stuff.pdf>, Acesso em: 06 de janeiro de 2020.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23.

LIMA, L.C. **Mimesis e Modernidade: formas das sombras**. GRAAL, RJ, 1980.

LIPMAN, M. Critical Thinking. What can it be? **In: Analytic Teaching**. vol 09. n 01. 1987. Disponível em: <http://journal.viterbo.edu/index.php/at/article/view/403>, Acesso em: Dezembro 2020

MASSAROLO, J. C., MESQUITA, D. **Jogos e aprendizado**. Narrativa transmídia e a Educação: panorama e perspectivas. 1 Especial Novas mídias e o Ensino Superior. Revista Ensino Superior Unicamp. 2013. Disponível em: [https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09\\_abril2013/NMES\\_3.pdf](https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_3.pdf) Acesso em: 20 out. 2017.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. IN: MARCUSCHI, L. A., XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros textuais: novas formas de construção de sentido**. (orgs).3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A, XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros textuais: novas formas de construção de sentido**. (orgs).3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesus; REY, German. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Senac, 2001.

MORAES, R. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela Análise Textual Discursiva**. A storm of light: comprehension made possible by discursive textual analysis. Ciência & Educação, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003

GALIAZZI, M.C. MORAES R. **Análise Textual Discursiva**. 3ª ed. Editora Unujui 2016.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN; José Manuel; MASSETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 14 ed. São Paulo: Papirus, 2000.

MOTTA, L.G. **Análise Crítica da Narrativa**. Universidade de Brasília, Brasília, 2013

MILLS, K.A. "I'm making it different to the book": transmediation in young children's print and digital texts. **Australasian Journal of Early Childhood**, [s.l.], 2011. Disponível em: <http://eprints.qut.edu.au/43365/>. Acesso em: 3 abr. 2019.

MURRAY, J. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Unesp, 2003.

NOGUEIRA, M. G. **Letramento(s) Digital(is) e Jovens de Periferia: o transitar por (Multi)letramento(s) Digital(is) durante o Processo de Produção de Vídeos de Bolso**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

NOGUEIRA, E., J. PILÃO, M. J. **O Construtivismo**. Edições Loyola. SP. 1998,

NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social future In: COPE, Bill & KALANTZIS, Mary (orgs.). **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. New York: Routledge, 2006.

OHLER, J. **Digital Storytelling in the Classroom: New Media Pathways to Literacy, Learning, and Creativity**. Thousand Oaks California: Corwin Press. (kindle book) Second Edition, 2013.

OHLER, J. **Digital Storytelling in the Classroom: New Media Pathways to Literacy, Learning, and Creativity. Part - IV**. 2008. Assessment Disponível em: <http://www.jasonohler.com/storytelling/assessmentWIX.cfm>. Acesso em: 20 mar 2019.

PAUL, N. Elementos das narrativas digitais. In: FERRARI, P. (Org). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 121-139. E-book.

ROBIN, B. R. Digital Storytelling: A Powerful Technology Tool for the 21st Century Classroom. **Theory Into Practice**, [s.l.], v. 47, n. 3, p. 220-228, 2008. Disponível em: <http://digitalstorytellingclass.pbworks.com/f/Digital+Storytelling+A+Powerful.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.

ROBIN, B. R. **The Educational Uses of Digital Storytelling**. University Houston. 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/228342171\\_The\\_educational\\_uses\\_of\\_digital\\_storytelling](https://www.researchgate.net/publication/228342171_The_educational_uses_of_digital_storytelling). Acesso em: 20 nov. 2018.

ROBIN, B. R.; PIERSON, M. E. A Multilevel Approach to Using Digital Storytelling in the Classroom. In: **Society for information technology & teacher education international conference**, 2005, Phoenix. **Anais [...]**. Phoenix: 2005. Disponível em: <http://digitalstorytelling.coe.uh.edu/archive/multilevel-approach.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.

ROJO, R. **Entre Plataformas, ODAS e Protótipos: novos multiletramentos em tempos de Web2**. IN: **The ESPECIALIST: Descrição, Ensino e Aprendizagem**, Vol. 38 No. 1 jan-jul 2017 Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil, 2017. Disponível em : <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/43203>. Acesso em: 10 julho 2019.

ROJO, R.(org) **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R., MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SAITO, F. S. **(Multi)letramentos digita(is) na escola pública: reflexões sobre as práticas discursivas de professoras que se relacionaram com as tecnologias de informação e comunicação no ensino**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

SANTOS, E. MARTINS, V. **Cibervídeos e Multiletramentos da Educação online.** Revista Observatório, Palmas. Agosto, 2018. v. 4, n 5. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5619/13701>. Acesso em: 02 abr. 2020.

SILVA, R. F. **Narrativas digitais em podcast:** dinâmica avaliativa na disciplina de história. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos.** Revista Pátio: Revista Pedagógica, 29 de fevereiro de 2004, Artmed Editora, n. 29. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>. Acesso em: 20 abril 2019.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** Campinas: Educ. Soc., 2002.v. 23, n. 81, p. 143-160.  
Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 mar. 2019.

VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B. de. Narrativas Digitais e o Estudo de Contextos de Aprendizagem. **Em Rede:** revista de educação a distância. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 32-50, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/CSBup7>. Acesso em: 14 out. 2018.

XAVIER, A. C. S. Letramento Digital e Ensino. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Org.). **Alfabetização e Letramento:** conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. v. 1. p. 133-148.

XAVIER, A. C. S. **Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y. Digital literacy: Impacts of technology on learning from Generation Y** Calidoscópio. In: Vol. 9, n. 1, p. 3-14, jan/abr 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/viewFile/748/149>. Acesso em: Novembro/ 2019

## APÊNDICE 01

### DIÁRIO DE CAMPO – MODELO

<b>DIÁRIO DE CAMPO</b>	Nº: _____ ____/____/____	Duração: _____	DATA: _____
<b>LOCAL:</b>			
<b>EQUIPE JORNALÍSTICA PRESENTE:</b>	<input type="checkbox"/> Diretor <input type="checkbox"/> Coordenador <input type="checkbox"/> Editor <input type="checkbox"/> Repórter <input type="checkbox"/> Apresentador <input type="checkbox"/> Idealizadora do Jornal <input type="checkbox"/> Formadores <input type="checkbox"/> Câmera <b>Equipe de GT / DS / Sociologia</b>		
<b>1. ATIVIDADE PROPOSTA</b>			
<b>2. ETAPA DA PRODUÇÃO</b>			
<b>3. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO</b>			
<b>4. PARTICIPAÇÃO DOS PRESENTES</b>			
<b>5. DESAFIOS PROCEDIMENTOS</b>			
<b>6. OBSERVAÇÕES</b>			

## APÊNDICE 02

### Processo de Criação de Narrativa Digital em Vídeo - MODELO

Nº	Processo de Criação de Narrativa Digital em vídeo		
Etapa da produção de ND	Atividade	Atuação dos estudantes	Descrição da situação
Planejamento	Escolha do tema das reportagens		
Pré-produção	Elaboração das reportagens  Escolha do local das filmagens		
Produção	Gravação dos vídeos		
Pós-produção	Edição e publicação		
<i>Performance/</i> Distribuição	Apresentação em público  Divulgação		

## APÊNDICE 03

### ENTREVISTA COM OS ESTUDANTES

Prezado(a) aluno(a):

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa intitulada “**NARRATIVAS DIGITAIS: Uma análise da criação de narrativas digitais em vídeo, na perspectiva dos multiletramentos.** O objetivo desta pesquisa é entender como foi o processo de criação das ND para o jornal *O Fato Social*, e analisar os próprios vídeos sob o olhar dos multiletramentos.

Nós manteremos o seu anonimato e os dados coletados ficarão disponíveis apenas para a pesquisadora e a equipe de avaliação desta pesquisa. Esta entrevista não tem a intenção de avaliar ou fornecer alguma nota. Pedimos sinceridade ao responder as perguntas. E desde já agradecemos a sua participação! Obrigada!

#### FICHA DO ALUNO

[Para ser preenchida pela pesquisadora após entrevista, durante análise]

Idade: \_\_\_\_\_

Série: \_\_\_\_\_

Curso: \_\_DS \_\_GT

Categoria	Pergunta	Análise
<b>Para todos</b>		
	1. Antes de participar do Jornal O Fato Social, você já fazia gravações em vídeo? Que tipo de vídeos você fazia?	
	2. Qual tem sido sua atuação no jornal no ano de 2019? Você participou de algum treinamento para realizar essa atividade (cursos, oficinas, tutoriais)?	
	3. Você acha que os vídeos do Jornal podem ajudar outras pessoas a aprenderem sobre o conteúdo das reportagens? Por quê?	
	4. Qual vídeo você mais gostou de ter feito em 2019? Por quê?  5. Qual vídeo você menos gostou de ter feito? O que você faria diferente?	
	6. Você se considera um craque dessa mídia? Você considera que consegue se expressar/ comunicar através do vídeo?	
	7. Quando você assiste aos vídeos do Jornal, você presta atenção aos recursos sonoros e visuais? Eles ajudam compreensão da mensagem?	
	8. Você considera que os vídeos do jornal prendem mais atenção pelo conteúdo das reportagens ou pelo uso dos recursos?	
	9. Existe alguma coisa que você fazia que deu a sua “cara” aos vídeos?	
	10. Você pensava na repercussão do vídeo? No feedback da audiência?	

Para os repórteres e apresentadores	11. Como era feito o texto das reportagens? A coleta de informação para a construção da matéria? Como era a escolha do local de gravação?	
	12. Como era feita a edição dos vídeos? Como era a escolha dos recursos (visual e sonoro)?	
	13. Como foram feitas as gravações dos vídeos?	

## APÊNDICE 04

### FICHA TÉCNICA ND EM VÍDEO – MODELO

	<b>Ficha técnica</b>	<b>Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia</b>
<b>Post no YouTube:</b>		
<b>Título do vídeo:</b>		<b>Data da publicação:</b>
<b>Hiperlink:</b>		<b>Comentários:</b>
<b>Duração:</b>	<b>Likes:</b>	<b>Visualizações:</b>
<b>Elementos da Narrativa</b>	<b>Comentário</b>	
<b>01. PONTO DE VISTA</b>		
<b>02. QUESTÃO DRAMÁTICA</b>		
<b>03. CONTEÚDO EMOCIONAL</b>		
<b>04. O PRESENTE DA SUA VOZ</b>		
<b>05. MÚSICA E TRILHA SONORA</b>		
<b>06. ECONOMIA</b>		
<b>07. RÍTMO</b>		

## APÊNDICE 05

### DIÁRIO DE CAMPO

<b>DIÁRIO DE CAMPO</b>	<b>Nº:</b> 01	<b>Duração:</b> 2 horas	<b>DATA:</b> 08/_11_/2018
<b>LOCAL:</b>	Espaço de eventos do Shopping Center Rio Mar Recife		
<b>EQUIPE JORNALÍSTICA PRESENTE:</b>	x Diretor x Repórter Jornal	x Coordenador x Apresentador  x Câmera	x Editor x Idealizadora do
<b>1. ATIVIDADE PROPOSTA</b>	Apresentação em evento público		
<b>2. ETAPA DA PRODUÇÃO</b>	Performance/Distribuição		
<b>3. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO</b>	<p>Era uma tarde de novembro e a pesquisadora se dirigiu ao salão de eventos do <i>shopping center</i> Rio Mar, neste local estava acontecendo a 24ª Feira de Ciência Jovem. A Feira Internacional de Ciências de Pernambuco ocorreu no período de 7 a 9 de novembro de 2018. Para acesso ao local, foi preciso realizar um cadastro. Estando dentro do local do evento, a pesquisadora precisou procurar pelas diversas cabines o local de apresentação do jornal <i>O Fato Social</i>.</p> <p>Encontrado o <i>stand</i> do Jornal, acompanhei a <i>apresentação dos alunos sobre o referido projeto</i>, o <i>stand</i> estava muito bem ilustrado com fotografias e logomarcas, o livro de registro, no qual as pautas de reuniões são anotadas, fotos de alguns momentos do grupo, foi interessante escutar a fala ao vivo dos repórteres (eu já havia visualizado alguns vídeos pelo YouTube). Ao final da apresentação, elogiei o domínio da informação narrada e o entusiasmo do aluno /apresentador e perguntei pela professora, que estava próximo.</p> <p>Fiz minha apresentação e identificação, na verdade já tínhamos nos comunicados via WhatsApp e agendado esse encontro. Expus o objetivo de minha pesquisa e solicitei permissão para investigar os vídeos produzidos pelo Jornal. Assisti à <i>apresentação dos estudantes sobre a história do jornal O Fato Social — que foi iniciado naquele ano</i>. Havia um vídeo para ser assistido também. A professora foi muito simpática e solicita e consentiu que eu pudesse desenvolver minha pesquisa com os alunos. Combinamos manter contato via WhatsApp e marcaríamos um novo encontro em 2019.</p>		
<b>4. PARTICIPAÇÃO DOS PRESENTES</b>	<p><i>Os alunos expuseram suas falas com entusiasmo e segurança.</i></p> <p>Professora Mércia auxiliou na organização e condução do evento, e disse ter contado com a ajuda da equipe na montagem do estande e na preparação do material.</p>		
<b>5. DESAFIOS PROCEDIMENTOS</b>	Não Aplicável		
<b>6. OBSERVAÇÕES</b>	Os Alunos usaram seus conhecimentos e os recursos disponíveis para confeccionar um <i>softbox</i> (artefato para iluminação) que estava em exposição e em demonstração. Considerei essa etapa distribuição e <i>performance</i> por contar com a participação dos estudantes jornalistas e por haver narração e informação sobre o Jornal, vídeos para serem assistidos.		

n° 01	Processo de Criação de Narrativa digital em vídeo		
Etapa da produção de ND	Atividade	Atuação dos estudantes	Descrição da situação
Distribuição e performance	Exposição; Performance	Colaboração  Criatividade	Os alunos expuseram suas falas sobre a história do jornal <i>O Fato Social</i> com entusiasmo e segurança, relataram um pouco da estrutura do Jornal, da produção e dos temas das reportagens. Além disso auxiliaram a professora Mércia na organização e na condução do evento, que incluiu a preparação dos materiais distribuídos e a montagem do estande, também estava em exposição e demonstração o <i>softbox</i> confeccionado por eles.

DIÁRIO DE CAMPO	Nº: 02	Duração: 2 horas	DATA: 10/03/2018
LOCAL:	ETE IGARASSU		
EQUIPE JORNALÍSTICA PRESENTE:	Diretor Repórter Câmera	Coordenador Apresentador	Editor x Idealizadora do Jornal
1. ATIVIDADE PROPOSTA	Angariar maiores informações sobre a organização do jornal, as reportagens e o processo de produção		
2. ETAPA DA PRODUÇÃO	Não aplicável		
3. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO	<p>A pesquisadora aguardava na secretaria da escola quando a professora Mércia a encontrou, o encontro aconteceu por volta das 11h. Nos dirigimos à sala dos professores, fui apresentada aos professores que estavam presentes, à coordenadora pedagógica e ao diretor gestor da escola. Fui bem recebida e todos foram simpáticos.</p> <p>Em seguida, fomos para a sala de aula de Humanas — local onde acontecem algumas aulas, inclusive a de Sociologia, e é a sala oficial do Jornal. Lá, a professora retirou de um armário de ferro os cadernos do Jornal e o projeto pedagógico.</p> <p>Nos cadernos, são registrados todos os acontecimentos e deliberações. Um deles funciona como um portfólio, há matérias de jornais sobre o jornal e fotos. Durante a conversa — que não foi gravada para deixar a entrevistada mais à vontade —, a professora traçou o histórico do Jornal e o objetivo das reportagens, nesse momento disse que poderia me emprestar o projeto para que eu pudesse coletar essas informações e acrescentou que o Jornal, no ano de 2019, passaria por mudanças temáticas e de quantitativo de integrantes. Alguns integrantes pediram para sair e outros gostariam de ingressar. Então, a partir daquele ano seriam trabalhados dois grupos distintos: o dos veteranos e o dos iniciantes. Os iniciantes seriam formados por alguns alunos que participaram do Jornal em 2018, tendo assim a função de “formadores” (tutores).</p> <p>A professora informou que as primeiras gravações de 2019 já tinham sido feitas e logo estariam no YouTube. A professora Mércia informou que a partir daquele ano — para se evitar alguns “problemas” do ano anterior — a função de roteirista seria extinta.</p> <p>Dessa forma, caberia ao repórter a elaboração das reportagens desde o momento da pesquisa da produção textual até a gravação do áudio ou vídeo. Segundo a mestre, houve o “problema de falta de comunicação, divergência de opinião e tempo para a “a execução das reportagens”.</p>		

	Os alunos relataram que tiveram dificuldades em transmitir a reportagem do editor — roteirista — repórter para que a gravação ocorresse no tempo planejado. Tal fato, “teria gerado atrasos ou prejudicado na qualidade das reportagens.”.
<b>4. PARTICIPAÇÃO DOS PRESENTES</b>	Apenas a professora Mércia estava presente. A mestre foi atenciosa, e demonstra muita motivação pelo Jornal, pelo trabalho dos alunos. A professora enfatizou que “os alunos executam tudo, são bastante autônomos”, mas atuam a partir de sua orientação.
<b>5. DESAFIOS PROCEDIMENTOS</b>	Aguardaria o contato da professora Mércia para estar presente na próxima reunião de pauta, que seria para a próxima edição do Jornal.
<b>6. OBSERVAÇÕES</b>	Em 2019, os alunos que atuaram em 2018 seriam formadores dos integrantes iniciantes, os alunos do primeiro ano, eles auxiliam e ensinam os iniciantes em todas as etapas da produção de vídeo (texto, gravação, edição).

<b>n° 02</b>			
<b>Processo de Criação de Narrativa digital em vídeo</b>			
<b>Etapa da produção de ND</b>	<b>Atividade</b>	<b>Atuação dos estudantes</b>	<b>Descrição da situação</b>
Planejamento	Escolha do tema das reportagens	<b>Não aplicável</b>	<b>Não aplicável</b>
Pré-produção	Elaboração das reportagens; Escolha do local das filmagens		
Produção	Gravação dos vídeos		
Pós-produção	Edição e publicação		

<b>DIÁRIO DE CAMPO</b>	<b>N°: __ 03 __</b> <b>Duração: _ 2horas</b> <b>DATA: 24_/04_/2018</b>
<b>LOCAL:</b>	<b>ETE IGARASSU</b>
<b>EQUIPE JORNALÍSTICA PRESENTE:</b>	Diretor _x_      Coordenador __x__      Editor _x_      Câmera: x Repórter: _x_      Apresentador: _x__      Idealizadora do Jornal: x <b>Equipe de <u>GT / DS / Sociologia</u></b>
<b>1. ATIVIDADE PROPOSTA</b>	Reunião de pauta para decidir o tema das reportagens e avisos gerais
<b>2. ETAPA DA PRODUÇÃO</b>	Planejamento
<b>3. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO</b>	A professora me recepcionou na sala dos professores e, após um rápido lanche, nos dirigimos para a sala de humanas (as reuniões acontecem no horário de almoço (12h às 13h20), assim que os alunos comem se dirigem para a sala, ficamos esperando até que todos chegassem. A professora iniciou a reunião me apresentando aos alunos e informando o objetivo de minha presença, alguns responderam olá, e seguiu informando a pauta para aquele dia. Em um tom de voz agradável e forte a professora falou que precisavam rever a organização do Jornal, quem faria o quê. A professora aponta problemas de organização com manuseio de materiais do Jornal. E enfatizou a importância do cuidado com o <i>pen drive</i> , para evitar perder as reportagens quando se passava de um para outro. Ela colocou que agora ficaria apenas como responsável pela edição do vídeo e que cada um teria uma função ou responsabilidade e não mais cada um fazendo um pouco. Não houve discordância nesse sentido.

	<p><i>Um aluno teve iniciativa para apontar um problema que estavam tendo. Ele levantou o problema da necessidade de um computador, “que usar o computador da biblioteca é problemático por estar ocupado, não tem os mesmos recursos, essas coisas” ... e sugeriu que eles tivessem um computador na sala do grêmio só para isso. Houve um pouco de risos nesse momento e a professora comentou que isso seria o ideal, mas teriam que falar com o gestor da escola e deixou o diretor do Jornal com essa função. Também foi sugerido que utilizassem um computador da biblioteca com uma senha de acesso restrita para o usuário do Jornal. Então, ficaram de ver com o diretor qual opção seria viável.</i></p> <p><i>Assim, a professora continuou a reunião para o tema dos próximos vídeos (geralmente é esse o nome usado, ou edição ou matérias). A professora começou falando sobre o tema de <i>Sociologia, que seria, no século XXI, trabalho informal. Um integrante lançou uma proposta de reportagem que foi apoiada pela turma, mas, com pontos positivos e negativos a essa proposta. E um integrante sugeriu a realização de entrevistas com ambulantes de rua, a turma ficou um pouco agitada e entusiasmada, foi sugerido entrevistar alguém que eles veem sempre (muitas vezes ao mesmo tempo, interessante, bom) foi comentado que eles teriam que pedir permissão, teriam um contato prévio, houve um pouco de receio com relação à segurança dos alunos e dos direitos autorais, e a professora enfatizou que eles não fornecessem nenhum contato telefônico. O assunto ficou no ar para se pensar a respeito.</i></i></p> <p><i>O outro tema foi o de turismo, a professora pediu sugestão e um integrante mencionou o incêndio na Catedral de Notre-Dame e no Museu Nacional, de se fazer uma análise sobre essas situações, como não houve discordância, creio que houve uma aceitação para esse tema também, o repórter de Desenvolvimento de Sistema não estava presente e não fecharam a temática da turma.</i></p>
<b>4. PARTICIPAÇÃO DOS PRESENTES</b>	<p>Todos têm oportunidade de opinar. A professora conduz a reunião. Apenas alguns falam, mas, a princípio, parece que quando há dúvidas ou dificuldades ou contribuição, os estudantes participam; um integrante apresentou uma sugestão para o tema de Turismo e outro para o tema de Sociologia. A professora delegou responsabilidades.</p>
<b>5. DESAFIOS PROCEDIMENTOS</b>	<p>Adquirir um computador para o Jornal. O diretor do Jornal fará a mediação com gestor da escola. Os alunos se comprometeram em dar mais atenção a organização do material do Jornal.</p>
<b>6. OBSERVAÇÕES</b>	<p>As equipes tentam se encontrar semanalmente, no horário do almoço, e, quando necessário uma vez por mês acontece a reunião de pauta. Esta acontece com todos os integrantes e a professora, na sala de Humanas. Ficou estabelecido que seriam três equipes agora, os alunos de Sociologia são dispensados de um dos trabalhos da disciplina por participarem do Jornal. Os temas das equipes são: Sociologia = produz reportagens com conteúdo da disciplina de Sociologia, Desenvolvimento de Sistemas (DS) Como não há diálogo com a professora da disciplina, os temas das reportagens também são assuntos e curiosidades da disciplina, assim falam sobre o dia a dia dos alunos, os aspectos culturais, e de como é a formação e atuação de um desenvolvedor de sistemas Guia de Turismo = as reportagens são sobre locais turísticos, principalmente do município de Igarassu. Há interdisciplinaridade com a disciplina, e diálogo com a professora de Turismo.</p>

n° 03		Processo de Criação de Narrativa Digital em vídeo	
Etapa da produção de ND	Atividade	Atuação dos estudantes	Descrição da situação
Planejamento Reunião de pauta Escolha do tema das reportagens	As sugestões giram em torno do tema proposto, em como executar, as condições de filmagens, não se fala em questões sociais, a temática já é uma questão social.	<b>Autoria de pensamento</b>	Um aluno teve iniciativa para apontar um problema que eles estavam tendo. Um integrante lançou uma proposta de reportagem. Um integrante apresentou uma sugestão para o tema de turismo.
		<b>Críticidade</b>	Um integrante lançou uma proposta de reportagem que foi apoiada pela turma, mas, com pontos positivos e negativos a essa proposta, foi sugerido entrevistar alguém que eles veem sempre, foi comentado que eles teriam que pedir permissão, teriam um contato prévio. Houve um pouco de receio com relação à segurança dos alunos e dos direitos autorais.
		<b>Colaboração</b>	A reunião é conduzida pela professora. Apesar de pouca participação (em termos quantitativos de alunos), todos têm oportunidade de opinar, criticar e sugerir. Percebe-se que quando há dúvidas ou dificuldades ou sugestões <i>os estudantes participam</i> . Há estímulo para que o tema seja uma construção coletiva. A docente responsabilizou o editor para solucionar o problema da falta de computadores.
		<b>Autonomia</b>	

<b>DIÁRIO DE CAMPO</b>	Nº: 04 <b>Duração:</b> 25 minutos (das 13h às 13h25) <b>DATA:</b> 31/05/2019
<b>LOCAL:</b>	ETE IGARASSU
<b>EQUIPE JORNALÍSTICA PRESENTE:</b>	12 integrantes (Equipe de formadores e equipe em formação, GTA e GTB) Diretor ____ Coordenador __x_ Editor _____ Câmera: _____ Repórter: __x_ Apresentador: _x_ Idealizadora do Jornal: _x_
<b>1. ATIVIDADE PROPOSTA</b>	Deliberações sobre a ação para os próximos vídeos. Verificação do andamento do roteiro
<b>2. ETAPA DA PRODUÇÃO</b>	Planejamento; Reunião de Pauta

<p><b>3. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO</b></p>	<p>A reunião começou com atraso devido ao atraso no almoço escolar. Antes de iniciar a reunião, foi feita a verificação da presença dos integrantes. <i>A coordenadora do Jornal e a coordenadora da equipe de formação foram responsáveis pela lista de presença. A conferência dos alunos presentes é visual e registram seus nomes em uma lista. A coordenadora da equipe de formação fez a apresentação da pesquisadora e narrou os assuntos que foram tratados. Necessidade de juntar as equipes em formação em uma só para facilitar e otimizar a produção dos vídeos, GTA e GTB. Uma vez que, um dos grupos contava apenas com dois integrantes, tornando inviável a execução dos vídeos. Os presentes concordaram com a proposta. Alguns integrantes acenaram a cabeça positivamente, outros murmuraram “é”. Não houve divergência.</i></p> <p>A líder informou que a partir daquele dia, as equipes estavam liberadas para realizarem a produção de seus vídeos, <b>“em estilo de curta e de reportagem”</b>. Foi estabelecido que eles começariam a produzir um vídeo, como treinamento para que pudessem <b>“aprender fazendo, errando, acertando”</b>. Alguns integrantes formadores teceram comentários (as falas estavam misturadas, não foi possível identificar quem proferiria).</p> <p>Em seguida, foi dada oportunidade para os alunos apresentarem suas opiniões, comentários, críticas. <i>Dois contribuíram concordando com as mudanças e informaram sobre seus projetos. A coordenadora lembrou que era preciso fazer um roteiro antes da gravação e finalmente a edição. Uma aluna sugeriu que a reportagem fosse sobre o convívio social. Os alunos murmuram um “é”, alguns acenaram a cabeça positivamente. Outros não demonstram envolvimento. A coordenadora aponta a necessidade de que tanto o roteiro quanto a reportagem sejam feitas pela mesma pessoa, mesma posição adotada pelas demais equipes do Jornal. Outra integrante contribuiu, realizou uma entrevista e informou que o entrevistado não queria gravar e havia sido feita de forma escrita, a pessoa não estava confortável para gravar áudio ou vídeo.</i></p> <p><i>Outra integrante interferiu dizendo que “só pode ser feita se a pessoa se sentir confortável”; alguns segundos para se pensar o que fazer e foi sugerido uma imagem e depois só gravar o áudio, ou gravar na sombra, ou a possibilidade de não ter imagem, só a narração. Não ficou claro como seria feito. A coordenadora perguntou quem faria a abertura do vídeo e se teria um âncora. “Vai ter um âncora?”</i></p> <p>Não ficou claro quem seria, alguns nomes foram pronunciados, mas não me pareceu que houve um fechamento dessa decisão. Ficou decidido que haveria outra reunião na semana seguinte para acompanhar o andamento das produções.</p>
<p><b>4. PARTICIPAÇÃO DOS PRESENTES</b></p>	<p>Dois integrantes da equipe em formação falaram mais. A apresentadora jornalista 03 também contribuiu. Percebe-se que, quantitativamente, a participação é pequena em relação à quantidade de alunos presentes, mas a oportunidade existe, os que sentem necessidade sugerem ou criticam, ou riem e há uma intenção de que o trabalho seja coletivo. Isso é percebido pela organização das cadeiras que ficam em “U”, o que facilita a participação de todos.</p> <p>A coordenadora demonstra liderança em expor a pauta e as dificuldades que estavam tendo, conduz com segurança a reunião e dá oportunidade para as contribuições. Também demonstrou autonomia para decidir os impasses e soube conduzir a participação dos demais com opinião e exposição das atividades executadas, mas a grande maioria apenas concordou.</p>
<p><b>5. DESAFIOS PROCEDIMENTOS</b></p>	<p>Como gravar a entrevista se o entrevistado não quer fazer a gravação (respondeu às perguntas por escrito). Qual câmera ou qual celular seria usado (várias sugestões foram dadas, e foi sugerido o celular de um integrante que não estava presente). Foi mencionada a dificuldade de ter um bom celular, muitos alunos não têm autorização dos pais</p>

	<p>de saírem de casa com seus aparelhos devido ao risco de assalto. O aluno que tinha um bom celular não está mais na equipe.</p> <p>Ficou agendada a gravação na próxima semana.</p> <p>A apresentadora lembrou que eles deveriam trazer a autorização de uso de imagem.</p> <p>Qual computador pode ser usado para a edição dos vídeos?</p>
<b>6. OBSERVAÇÕES</b>	<p>Reunião das equipes do GTA e do GTB para deliberação sobre os próximos vídeos.</p> <p>Essa equipe já é um desmembramento da equipe de 2018, eles estão atuando como formadores, ensinando os novatos o que eles aprenderam nesse processo. E organizaram uma oficina de produção de vídeos com a equipe em formação. Os jornalistas novatos estiveram acompanhando as reuniões, gravações e edições e, a partir desse momento, passarão a agir com maior autonomia, sendo ainda orientados pela coordenadora que é aluna do segundo ano. Eles já começaram a desenvolver roteiro de reportagens e entrevistas.</p> <p>Como essa equipe passaria a produzir outros vídeos, diferentes dos produzidos pela equipe do segundo ano, decidi não mais acompanhar suas ações. Meu foco são os alunos que começaram em 2018.</p> <p>Letramento: Tudo foi feito oralmente, exceto a lista de presença; e a professora Mércia chegou no final e tirou uma foto, algumas mensagens de WhatsApp aconteceram depois da reunião.</p>

<b>n° 04</b>			
<b>Processo de Criação de Narrativa digital em vídeo</b>			
<b>Etapa da produção de ND</b>	<b>Atividade</b>	<b>Atuação dos estudantes</b>	<b>Descrição da situação</b>
Planejamento	Escolha do tema das reportagens ..... Documentos e equipamentos necessários	<b>Liderança da coordenadora da equipe</b>	A coordenadora do Jornal e a coordenadora da equipe de formação foram responsáveis pela lista de presença. A coordenadora da equipe de formação fez a apresentação da pesquisadora e narrou os assuntos que foram tratados. Os presentes concordaram com a proposta. A líder informou que alguns integrantes formadores [...] teceram comentários: “aprender fazendo, errando, acertando”.  Dois contribuíram concordando.
		<b>Autoria de pensamento</b>	Uma aluna sugeriu que a reportagem fosse sobre o convívio social. Outra integrante que contribuiu realizou uma entrevista.
		<b>Autoria de pensamento</b>	Outra integrante dizendo que “só pode ser feita se a pessoa se sentir confortável”; alguns segundos para se pensar o que fazer e foi sugerido o uso de uma imagem
		<b>Colaboração</b>	Alguns integrantes formadores teceram comentários (as falas estavam misturadas, não foi possível identificar quem proferiria). Em seguida, foi dada oportunidade para os alunos apresentarem suas opiniões, comentários, críticas. Dois contribuíram concordando com as mudanças e informaram sobre seus projetos.

<b>DIÁRIO DE CAMPO</b>	Nº: <u>05</u> Duração: 12h30 às 13h25 DATA: 05/06/2019
<b>LOCAL:</b>	ETE IGARASSU
<b>EQUIPE JORNALÍSTICA PRESENTE:</b>	Diretor <u>x</u> Coordenador <u>x</u> Editor <u>e</u> Câmera: <u>x</u> Repórter: <u>x</u> Apresentador: _____ Idealizadora do Jornal: <u>Equipe de GT / DS / Sociologia</u>
<b>1. ATIVIDADE PROPOSTA</b>	Gravação do vídeo da equipe de Desenvolvimento de Sistemas
<b>2. ETAPA DA PRODUÇÃO</b>	Pré-produção Produção
<b>3. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO</b>	<p>A pesquisadora chegou na escola próximo do horário do almoço e foi recepcionada pela professora Mércia. Esta não pôde participar da gravação por estar envolvida em aula. A pesquisadora ficou aguardando os alunos-jornalistas na sala dos professores. Os alunos almoçaram e em seguida seguiram para a atividade do Jornal.</p> <p><i>A coordenadora do jornal recepcionou a pesquisadora e a conduziu para a sala de informática, onde aconteceriam as gravações.</i></p> <p>A pesquisadora pretendia observar o que os alunos estavam fazendo e fazer algumas anotações. Os alunos já sabiam que a pesquisadora estaria presente, já a conheciam do encontro anterior e pareciam estar à vontade. <i>Já dentro da sala de informática, a coordenadora, o diretor do Jornal e a pesquisadora se sentam em um canto da sala, ficando de frente para o repórter. Este circula pela sala a procura da melhor posição, dando preferência a um local que os computadores pudessem ser vistos para a gravação da chamada e um que a sala fosse vista para a gravação da reportagem.</i></p> <p>As duas gravações foram feitas em tomadas diferentes. <i>Após posicionamento do repórter e da câmera (celular em um tripé pequeno, e em cima de uma cadeira o microfone próximo ao repórter, mas que não estava visível, foi iniciada a tomada, com o câmera/auxiliar: “ação” e bate palmas na frente do repórter para indicar o início da gravação (para compensar a falta de equipamento).</i></p> <p><i>O repórter usa seu celular acoplado a um microfone colocado na lapela para gravação do áudio, enquanto o câmera filma, durante a edição as duas partes serão integradas. Primeiramente foi feita a gravação da chamada do vídeo ao lado de um computador desktop, em seguida se posicionou no meio da sala e gravou a reportagem, em alguns momentos precisou interromper para lembrar sua fala e recorria às suas anotações que estavam por baixo de suas pernas. Durante a reportagem, foi lida uma citação, um pouco longa e, após a filmagem, a coordenadora, junto com os demais, negociou como poderiam ilustrar isso, e concordaram em colocar a foto do autor da citação durante a narração do repórter no vídeo. “E a foto, melhor colocar uma foto” Em seguida, retornou para a primeira posição, e gravou o fechamento.</i></p> <p><i>Ao final, o repórter confessou que estava “um pouco nervoso”. Encerrada a gravação.</i></p> <p>A edição e a publicação do vídeo são atribuições do editor, que faria isso em um horário adequado para ele, e provavelmente em casa.</p>
<b>4. PARTICIPAÇÃO DOS PRESENTES</b>	Repórter, editor, produtor A escolha do cenário tem a gerência do repórter, entretanto toda equipe também apresenta sugestões de onde se posicionar, qual mobília será usada. Há negociação.

	<p>O câmera/ediador também auxilia no enquadramento e desenvolve uma sintonia com o repórter com relação aos cortes, às interrupções, aos erros, eles percebem que uma gravação não ficou boa e decidem repetir. <i>Essa negociação transcorreu sem problemas. Há iniciativa para negociação. A coordenadora e o produtor também prestaram auxílio na condução da gravação. Há iniciativa para sugerir melhorias.</i></p> <p>O tema da reportagem foi <b>Vazamento de informação na internet</b>.</p> <p>Existe negociação e cooperação da equipe, os alunos demonstram autonomia para decidir sobre os pequenos problemas que surgem, não há necessidade de consultar a professora.</p> <p>Todo o processo é autoral.</p>
<b>5. DESAFIOS PROCEDIMENTOS</b>	<p>Todo o processo de organização para a gravação é feito pelos alunos: a escolha das salas, procurar chaves, abrir, fechar, ligar e desligar equipamentos.</p> <p>Encontrar a chave da sala.</p> <p>Memorização do texto, para o repórter; gravação,</p>
<b>6. OBSERVAÇÕES</b>	<p>O repórter Daniel é responsável pela redação da reportagem e gravação do vídeo.</p> <p>A sala de informática foi escolhida por ter acústica e iluminação adequadas para uma gravação em vídeo, além disso, o repórter também queria um espaço com computador, para melhor caracterização com o tema da reportagem.</p> <p>Letramento: leitura do texto pelo repórter, gravação do vídeo, se conversa sobre o barulho, a iluminação, a sombra, o eco.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Esse vídeo não foi ao ar por perda de material de gravação.</li> </ul>

<b>n° 05</b>			
<b>Processo de Criação de Narrativa Digital em vídeo</b>			
<b>Etapa da produção de ND</b>	<b>ATIVIDADE</b>	<b>Atuação dos estudantes</b>	<b>Descrição da situação</b>
Pré-produção e produção	Escolha do local das filmagens;  Gravação dos vídeos	<b>Responsabilidade</b>	<p>A coordenadora do Jornal recepcionou a pesquisadora e a conduziu para a sala de informática, onde aconteceriam as gravações.</p> <p>Todo o processo de organização para a gravação é feito pelos alunos: a escolha das salas, procurar chaves, abrir, fechar, ligar e desligar equipamentos.</p>
		<b>Criatividade, uso dos recursos disponíveis</b>	<p>“Ação” e bate palmas (para compensar a falta de equipamento) na frente do repórter para indicar o início da gravação.</p> <p>O repórter usa seu celular acoplado a um microfone colocado na lapela para gravação do áudio, enquanto o câmera filma, durante a edição as duas partes serão integradas.</p> <p>Após posicionamento do repórter e da câmera (celular em um tripé pequeno, e em cima de uma cadeira e colocação do microfone próximo ao repórter,</p>

			mas que não ficasse visível) é iniciada a gravação do vídeo.
		<b>Negociação</b> <b>Autoria</b>	Após a filmagem, a coordenadora, junto com os demais, negociaram como poderiam ilustrar isso, e concordaram em colocar a foto do autor da citação durante a narração do repórter no vídeo.
		<b>Colaboração</b>	A escolha do cenário tem a gerência do repórter, entretanto toda equipe também apresenta sugestões de onde se posicionar, qual mobilha será usada. Há negociação. O câmera/editor também auxilia no enquadramento e desenvolve uma sintonia com o repórter com relação aos cortes, às interrupções, aos erros, eles percebem que uma gravação não ficou boa e decidem repetir. Essa negociação transcorreu sem problemas. Há iniciativa para negociação. A coordenadora e o produtor também prestavam auxílio na condução da gravação. Há iniciativa para sugerir melhorias
		<b>Autonomia</b>	Os alunos decidem sobre os pequenos problemas que surgem, não há necessidade de consultar a professora.

<b>DIÁRIO DE CAMPO:</b>	<b>Nº: 06</b> <b>Duração: 5 horas</b> <b>DATA: 06/06/2019</b>
<b>LOCAL:</b>	Cais do Sertão, Museu do Frevo, Museu do Forte das Cinco Pontas
<b>EQUIPE JORNALÍSTICA PRESENTE:</b>	Diretor __x__    Coordenador __x__    Editor __x__    Câmera: __x__ Repórter: __x__    Apresentador: __x__    Idealizadora do Jornal: __x__ Equipe de GT / DS / Sociologia
<b>1. ATIVIDADE PROPOSTA</b>	Gravação externa: Circuito dos museus
<b>2. ETAPA DA PRODUÇÃO</b>	Pré-produção Produção
<b>3. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO</b>	<p>A pesquisadora encontrou a equipe do Jornal no Recife Antigo, próximo ao Cais do Sertão. Os alunos da ETE JBL do curso de Guia de Turismo estavam participando de uma atividade pedagógica da disciplina de Turismo, com o objetivo de visitar três museus do estado e apresentar algumas informações sobre eles durante o passeio. O Jornal aproveitou o evento para fazer a cobertura dessa atividade e fazer outras reportagens sobre os museus como reportagem da equipe de GT do Jornal. O encontro iniciou às 13h e encerrou por volta das 17h, antes de cada visita, uma equipe da escola fazia um breve histórico sobre o local a ser visitado, durante esses momentos, a equipe do Jornal também aproveitava para realizar suas gravações de abertura.</p> <p>A pesquisadora acompanhou a equipe do Jornal e, em alguns momentos, precisou auxiliá-la, segurando bolsas ou guiando outros alunos para o local de visitação dentro dos museus.</p> <p>Em cada museu a repórter fez a gravação da chamada de abertura e de fechamento, como teriam que acompanhar a programação da visita da disciplina de Guia de Turismo, tiveram que considerar a relevância com a matéria, o tempo disponível e as condições ambientais de iluminação e barulhos. O mesmo ocorreu com a apresentadora que teve dificuldade de acompanhar e conciliar a atividade da visita com o compromisso das filmagens.</p> <p>O primeiro museu a ser visitado foi o Cais do Sertão e a tomada foi feita no início, antes da visita guiada, que também seria feita na parte externa do museu. Seria feita uma tomada na parte interna do museu, mas foi difícil encontrar um local adequado, apenas no final que foi possível encontrar um local para isso, pois os demais alunos já estavam se retirando do museu (só aí que foi possível juntar localização, repórter e câmera) <i>as tomadas são curtas, o repórter demonstra domínio do que vai falar e como se posicionar, a filmagem foi rápida, às vezes, durante as tomadas, ocorriam problemas técnicos de travar celular e/ou o gravador, que foram rapidamente contornados pelos jornalistas e a tomada refeita. Há uma boa sintonia entre a câmera e a equipe, então a negociação nesses momentos é eficaz para a condução e a solução desses pequenos problemas. Percebemos que há interesse em contribuir para a solução de problemas.</i></p> <p>Em seguida, fomos andando para o Museu Paço do Frevo, e o tempo estava se tornando curto: todos os alunos deveriam estar presentes antes da entrada no museu para escutar as explicações proferidas pelos alunos de Turismo e sobre a própria visita ao museu pela professora e a equipe do museu.</p>

	<p><i>A repórter fez uma tomada no início da visitação. A apresentadora também fez uma tomada nesse segundo museu e teve dificuldade de narrar seu texto, a tomada foi repetida algumas vezes, o câmera foi bastante paciente e cooperou para que a tomada fosse concluída. Houve dificuldade para a escolha da cena para gravação, porque muitos alunos estavam circulando e havia o risco de filmar o rosto e incorrer nos direitos de imagem. Esse era um dos cuidados do câmera para auxiliar na escolha da cena.</i></p> <p>Finalizada a visita ao Museu Paço do Frevo, nos dirigimos para o Marco Zero, para aguardar o ônibus que nos levaria para o terceiro museu. <i>Enquanto aguardávamos o ônibus, a repórter e a apresentadora gravaram outra tomada.</i> A professora também auxiliou na escolha da cena.</p> <p>No Museu do Forte das Cinco Pontas, <i>a repórter gravou sua chamada antes da visitação e durante a explicação da equipe de Turismo</i> (não acompanhei essa filmagem).</p> <p><i>A chamada de encerramento foi feita no final da visita, também com ajuda da professora, orientando como a repórter deveria se posicionar, o local de gravação. Foram feitas duas tomadas, uma próxima à bandeira de Pernambuco, que fica na parte externa, no andar superior do museu; e outra na entrada principal, já próximo ao gramado. As duas tomadas foram feitas seguindo as orientações da professora. A apresentadora também fez a tomada de encerramento da reportagem próximo à bandeira de Pernambuco.</i></p> <p><i>Durante toda visitação, a repórter tirou fotos e fez anotações para preparar sua reportagem.</i></p>
<b>4. PARTICIPAÇÃO DOS PRESENTES</b>	<p><i>Foram três alunos envolvidos diretamente nessa filmagem: apresentadora, repórter e câmera/editor. A professora seguia perguntando se já tinham feito as chamadas, as gravações, ou se estava tudo certo, se sabiam como fazer e o que dizer, os alunos respondiam afirmativamente. Na ausência da professora, a decisão era dos estudantes, decidiam onde e como gravar. Não observei o diretor do jornal acompanhando as gravações. Entretanto, no final, sugeri onde os alunos deveriam se posicionar. A apresentadora e a repórter demonstraram maior comprometimento com a gravação e iniciativa para iniciar as filmagens. Inclusive o câmera esqueceu de pegar seu celular para a primeira gravação (os objetos ficaram guardados nas mochilas para a entrada no Museu Cais do Sertão e o câmera esqueceu de pegar seu celular antes de entrar. Quando percebeu, já estávamos dentro do museu e, no momento de gravar, foi usado o celular de outro aluno (de qualidade de câmera inferior). Quando surgem dificuldades os próprios alunos resolvem com criatividade e autonomia.</i></p>
<b>5. DESAFIOS PROCEDIMENTOS</b>	<p>Gerenciamento do tempo.</p> <p>Falta de equipamento adequado para lidar com problemas de gravações e, ambientes abertos e movimentados, tais como: vento, iluminação e barulhos dos visitantes.</p>
<b>6. OBSERVAÇÕES</b>	<p>O evento foi muito corrido, uma vez que as gravações do Jornal tiveram que acontecer durante a própria visitação, seguindo a programação de cada museu e da professora de Turismo. Percebeu-se que não havia muito tempo para decidir o local da gravação ou para treinos. Decidiu-se que seriam feitas apenas as chamadas de encerramento e a abertura em cada local, e que a repórter de GT teria ficado responsável de coletar informações, fotos, filmagens para preparar sua reportagem. Esta reportagem seria narrada e gravada pela própria repórter em seu celular e integrada aos demais recursos audiovisuais durante a edição do vídeo.</p>

	Letramento: leitura dos <i>posters</i> , sinalizações, legendas, visualização das imagens, fotos, vídeos, mapas, maquetes, estátuas dentro e fora do museu, para ouvir os áudios informativos dentro do museu.
--	--

<b>n° 06</b>	<b>Processo de Criação de Narrativa Digital em vídeo</b>		
<b>Etapa da produção de ND</b>	<b>Atividade</b>	<b>Atuação dos estudantes</b>	<b>Descrição da situação</b>
Pré-produção	Elaboração das reportagens; Escolha do local das filmagens	<b>Autonomia</b>  <b>Negociação</b>	Durante toda visitação, a repórter tirou fotos e fez anotações para preparar sua reportagem.  As tomadas são curtas, o repórter demonstra domínio do que vai falar e como se posicionar, a filmagem foi rápida, às vezes, durante as tomadas ocorriam problemas técnicos de travar celular e ou o gravador de áudio, que foram rapidamente contornados pelos estudantes e a tomada refeita. Há uma boa sintonia entre a câmera e a equipe, então a negociação nesses momentos é eficaz para a condução e solução desses pequenos problemas.
Produção	Gravação dos vídeos	<b>Colaboração</b>	A apresentadora também fez uma tomada nesse primeiro museu e teve dificuldade de narrar seu texto, a tomada foi repetida algumas vezes. A repórter também fez uma tomada no início da visitação.
		<b>Criticidade</b>	Houve dificuldade para a escolha da cena para gravação, porque muitos alunos estavam circulando e havia o risco de filmar o rosto e incorrer nos direitos de imagem. Esse era um dos cuidados do câmera para auxiliar na escolha da cena.

<b>DIÁRIO DE CAMPO:</b>	<b>Nº: 07</b> <b>Duração: 3horas</b> <b>DATA: 12/06/2019</b>
<b>LOCAL:</b>	<b>ETE IGARASSU</b>
<b>EQUIPE JORNALÍSTICA PRESENTE:</b>	Diretor <u>  x  </u> Coordenador <u>  x  </u> Editor <u>  x  </u> Câmera: <u>  x  </u> Repórter: <u>  x  </u> Apresentador: <u>  x  </u> Idealizadora do Jornal: <u>  x  </u> Equipe de <u>GT / DS</u> / Sociologia
<b>1. ATIVIDADE PROPOSTA</b>	Edição dos vídeos do circuito dos museus. <i>Briefing</i> sobre procedimentos para a edição. Gravação da chamada de abertura e fechamento de DS.
<b>2. ETAPA DA PRODUÇÃO</b>	Pós-produção
<b>3. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO</b>	<p>A pesquisadora aguardava pela professora Mércia na sala dos professores. Os alunos utilizariam as aulas de estudo dirigido — com autorização da coordenação e dos respectivos professores para realizar uma gravação e a edição do vídeo.</p> <p>Antes da gravação e da edição a professora reuniu os alunos para explicar a necessidade de se fazer a gravação que estava pendente e a edição em uma mesma tarde. A justificativa se deu pela proximidade da semana de provas e a necessidade de a pesquisadora acompanhar a edição de, pelo menos, um dos vídeos, dentro do horário escolar.</p> <p>A gravação da reportagem de DS já havia sido feita (eu presenciei) mas estava faltando complementar com a chamada de abertura.</p> <p><i>O repórter sugere o local de cena, buscando encontrar aproximação ao tema. Nesse dia, a sala de informática estava ocupada com alguma atividade da escola, foi perdido algum tempo procurando a sala até que outra sala de aula foi encontrada. Os alunos providenciam a chave, solicitam permissão para utilizar a sala e organizá-la. Os próprios alunos que solicitam permissão para o uso da sala, procuram a chave e cuidam da organização dela. Não demonstraram frustração ou raiva, mas sim tranquilidade.</i></p> <p><i>Os alunos comunicaram ao grupo que estavam tendo dificuldade de encontrar a sala, durante a breve reunião. Foram dadas algumas sugestões. Encontrada a sala, a equipe realizou a gravação: o repórter narrou, o câmera e o ajudante demonstraram criatividade em resolver a falta de tripé, utilizaram uma cadeira.</i></p> <p><i>Quando o repórter erra a cena, a tomada é repetida, o áudio é gravado no celular do repórter o editor e o ajudante usam outro celular e durante a edição no software, as duas partes são integradas. Ao final da gravação, os alunos fecham a sala e devolvem as chaves.</i></p> <p><i>Em seguida nos dirigimos para o local em que estava acontecendo a edição, — sala do grêmio — a intenção era que os dois vídeos fossem editados naquela tarde, mas, como havia apenas um computador, o editor de DS não poderia esperar o editor de GT finalizar a sua edição para então dar continuidade, porque teria que retornar para sua aula às 15h20. Este falou que preferia trabalhar em casa, mas estava sem computador, sendo “obrigado a editar na escola”, só que teria que fazer em outro momento, ou no intervalo de almoço ou no recreio, ou entre as aulas. Então a equipe de DS terminou sua participação nesse dia, e se retirou da sala do grêmio.</i></p>

<p><i>Alguns alunos dessas equipes permaneceram na sala acompanhando, ajudando onde encontrar as figuras e gravações no computador. O editor também auxiliou a transferir alguns arquivos do celular para o computador e indicou onde estavam as pastas para edição. Antes de se retirar da sala, os editores das duas equipes conversavam entre si e comentaram o quanto gostavam de fazer edição de vídeos e que aprenderam sozinhos e com muito esforço e que, para se ter qualidade de edição, é um processo demorado, e que quando há uma mistura de linguagens e recursos, o domínio da técnica é importante mas é o <i>feeling</i> do editor que conclui a melhor opção a ser usada., esse <i>feeling</i> que dita como deve ser a integração de imagem e áudio, assim como em outros processos de edição artísticas . Durante esse curto bate papo, percebeu-se um tom alegre, motivador de empolgação.</i></p> <p><i>O diretor do Jornal iniciou o computador, que se encontra na sala do grêmio, que o Jornal usa para suas reportagens para transferir o áudio das chamadas e os fechamentos que estavam no celular dele para este computador. A equipe de Turismo ficou sentada próximo a ele, indicando onde encontrar os arquivos, e o diretor indicou que o arquivo estava na vinheta do Jornal, feito isso se retirou e os demais permaneceram. O editor da equipe de GT se sentou à frente do computador e a apresentadora ao lado dele, para indicar quais áudios seriam usados, ficaram discutindo qual imagem seria usada para cada áudio, o editor também opinava, mas nesse caso a opinião da apresentadora prevaleceu. Quando o editor está só em casa, ele mesmo que faz essas escolhas.</i></p> <p><i>Durante toda a edição, o editor estava tranquilo, mas, às vezes, ficava ansioso por não encontrar os arquivos, ou teria que buscar na internet e demonstrou preocupação com isso, pelos usos de direitos autorais e no uso de imagem de alunos, que não tinham assinado o termo de utilização de imagem.</i></p> <p><i>Também contou que adora fazer edição de vídeo e aprendeu sozinho, mostrou alguns trabalhos que posta em seu <i>blog</i>, comentou que parou de editar porque seu computador em casa está meio devagar e só tem um <i>app</i> de edição em seu computador. Também aprendeu inglês sozinho e que saber o idioma o ajudou a ler os <i>softwares</i>.</i></p> <p><i>Em seguida foi a vez da repórter transferir seus arquivos do celular para o computador. “<b>E o cabo</b>”, esqueceram do cabo <i>usb</i> e perguntaram, “a <b>senhora tem</b>”. Emprestei o meu. A repórter tinha muitos arquivos no celular, demorou para encontrar qual arquivo e depois demorou para encontrar as imagens, os dois negociaram, apontavam, escolhiam e decidiam juntos.</i></p> <p><i>Quando o áudio e a imagem estavam ruins, o editor usava os recursos do <i>app</i> para melhorar, os dois editores demonstravam usar os recursos do <i>app</i> para tornar o vídeo agradável visual e sonoramente, considerando a narração e a foto ou a imagem para relacionar ao tema narrado, e demonstraram essa preocupação tentando outras pastas, não tinha internet, tentou com suas próprias fotos, inclusive para que a reportagem não ficasse “<b>muito chata</b>”...”o que a <b>senhora acha?</b>”, “<b>tá muito chato (ao mostrar uma foto e a narração)</b>”, “<b>e essa?</b>”.</i></p> <p><i>As fotos e os vídeos realizados na visita ou não estavam com qualidade adequadas ou apareciam pessoas que não faziam parte do Jornal, logo não poderiam ser usadas, então precisava buscá-los na internet.</i></p> <p><i>O editor também demorou a encontrar os seus próprios arquivos, pois os tinha em excesso no celular, muitas fotos, não conseguia achar nada, as que encontrava tinha algum tipo de problema.</i></p> <p><i>Os dois editores demonstram muita habilidade no manuseio do <i>app</i>, do mouse e do computador, conseguem navegar facilmente pelos ícones, a dificuldade é a</i></p>
--

	<p><i>organização dos arquivos. Conseguem conversar e editar e manusear muita informação na tela, conversas triviais aconteciam durante a edição.</i></p> <p>Quando eles têm dúvida, o jeito de pedir ajuda é informando o problema: “<b>Não tem cabo</b>”, “<b>cadê essa foto</b>”, “<b>como ficou ruim</b>”. <i>O aluno que está mais próximo tem a iniciativa de achar o cabo, ajudar a encontrar a foto, providenciar algo, esses diversos problemas impediram a conclusão da edição, o editor se comprometeu a fazer em outro horário de intervalo. Ele mesmo fechou a sala, desligou as máquinas e os equipamentos e retornou a chave na coordenação.</i></p>
<p><b>4. PARTICIPAÇÃO DOS PRESENTES</b> (Autonomia, colaboração)</p>	<p>Iniciativa da equipe de DS para encontrar um espaço para a gravação em condições adequadas para gravação, sem eco, com iluminação, sem barulho.</p> <p>A professora perguntou se os alunos já haviam decidido onde aconteceriam a gravação e a edição, duas sugestões foram dadas por um aluno e os demais concordaram. Equipe de DS, câmera (F.), o ajudante, repórter d.</p> <p>O repórter de DS é simpático e atencioso, demonstrava preocupação e comprometimento com suas reportagens, também ajudou a procurar a sala, ou seja, todos colaborando para atingir o mesmo propósito. Mas não demonstram muita pressa para concluir (se movem devagar, são lentos).</p>
<p><b>5. DESAFIOS PROCEDIMENTOS</b></p>	<p>Dificuldade de encontrar um espaço desocupado na escola com condições adequadas para a realização de uma boa filmagem. Quando questionados pela pesquisadora se poderiam gravar externamente, justificaram que não, devido ao vento que causa ruído no áudio. Encontrar as chaves dos locais usados para as atividades do Jornal. Falta de computador.</p>
<p><b>6. OBSERVAÇÕES</b></p>	<p>Frases usadas geralmente incompletas:</p> <p>“Vamos procurar uma sala.”</p> <p>“A sala tá ocupada[..]a biblioteca com a inscrição”</p> <p>Letramento: manuseio do celular para encontrar <i>app</i>, arquivos, gravar, narração a partir da memorização de um texto. Uso do computador para procurar arquivos. Para a edição dos vídeos, há leitura dos ícones do <i>software</i>, leitura de mensagem de WhatsApp para obter informação (sobre a sequência das imagens do vídeo, escutar o áudio).</p>

n° 07		Processo de Criação de Narrativa digital em vídeo	
Etapa da produção de ND	Atividade	Atuação dos estudantes	Descrição da situação
Produção	Escolha do local da filmagem Gravação	<b>Autonomia</b>	<p>O repórter sugere o local de cena, buscando encontrar aproximação ao tema. Nesse dia, a sala de informática estava ocupada com alguma atividade da escola, foi perdido algum tempo procurando a sala até que foi encontrada outra sala de aula.</p> <p>Os alunos providenciam a chave, solicitam permissão para utilizar a sala e organização da sala. Os próprios alunos que solicitam permissão para o uso da sala, procuram a chave e cuidam da organização dela. Não demonstraram frustração ou raiva, mas, sim, tranquilidade.</p> <p>O câmera e o ajudante demonstraram criatividade em resolver a falta de tripé, utilizaram uma cadeira, quando o repórter erra a cena a tomada é repetida, o áudio é gravado no celular do repórter e o editor e ajudante usam outro celular e durante a edição no software as duas partes são integradas. Ao final da gravação, os alunos fecham a sala e devolvem as chaves.</p> <p>Alguns alunos dessas equipes permaneceram na sala acompanhando, ajudando onde encontrar as figuras e gravações no computador. O editor também auxiliou a transferir alguns arquivos do celular para o computador e indicou onde estavam as pastas para edição.</p> <p>Os dois negociaram, apontavam, escolhiam e decidiam juntos (editor e repórter).</p>
		<b>Colaboração</b> <b>Cooperação</b> <b>Criatividade</b> <b>Negociação</b>	<p>Quando o áudio e a imagem estavam ruins, o editor usava os recursos do <i>app</i> para melhorar, os dois editores demonstravam usar os recursos os de <i>app</i> para tornar o vídeo agradável visual e sonoramente, considerando a narração e a foto ou imagem para relacionar ao tema narrado, e demonstraram essa preocupação tentando outras pastas, não tinha internet, tentou com suas próprias fotos, inclusive para que a</p>
Pós-produção	Edição e publicação	<b>Autoria de pensamento</b> <b>Autonomia</b>	<p><b>Criticidade</b></p> <p><b>Autoria de pensamento</b></p>

			reportagem não ficasse “muito chata”. Quando questionados pela pesquisadora se poderiam gravar externamente, justificaram que não devido ao vento que causa ruído no áudio.
--	--	--	--

<b>DIÁRIO DE CAMPO</b>	<b>Nº: 08 Duração: 8h às 12h DATA: 06/08/2019</b>
<b>LOCAL:</b>	<b>ETE Miguel Batista, Macaxeira</b>
<b>EQUIPE JORNALÍSTICA PRESENTE:</b>	GT e Sociologia) Diretor <input checked="" type="checkbox"/> Coordenador <input type="checkbox"/> Editor <input checked="" type="checkbox"/> Produtor: <input type="checkbox"/> Repórter: <input checked="" type="checkbox"/> Apresentador: <input checked="" type="checkbox"/> Idealizadora do Jornal: <input checked="" type="checkbox"/> <b>Equipe de GT / DS / Sociologia (Totalizando 10 alunos)</b>
<b>1. ATIVIDADE PROPOSTA</b>	Gravação externa na escola técnica Miguel Batista
<b>2. ETAPA DA PRODUÇÃO</b>	Pré-produção Produção
<b>3. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO</b>	<p><i>A gravação aconteceu na escola Técnica Estadual Miguel Batista. A iniciativa foi da professora Mércia, em realizar uma integração entre o jornal de duas escolas. A escolha dessa escola se deu por ela ter sido o berço do jornal <i>O Fato Social</i> no ano de 2017. A professora daquela escola deu continuidade à proposta inicial, fazendo algumas alterações, ele é chamado Coletivo Fábrica e está apenas na versão impressa.</i></p> <p><i>Após apresentações iniciais e boas vindas, os alunos do <i>Fato Social</i> fizeram um lanche na cantina da escola, em seguida, nos dirigimos para a biblioteca, onde aconteceu uma pequena apresentação do projeto dos dois jornais, que foi proferido pelas suas idealizadoras. Em seguida, os alunos se apresentaram e contaram um pouco de suas experiências no jornal. A professora Mércia informou que o Jornal já tem 23 vídeos gravados.</i></p> <p><i>As informações coletadas nesses momentos foram usadas pelos repórteres para preparar as perguntas para as entrevistas. Enquanto os alunos organizavam o local da gravação, outros alunos do <i>Fato Social</i> tiravam fotos ou faziam filmagens para completar a reportagem. Os alunos das duas escolas, nessa etapa, já estavam mais entrosados e formaram um grande grupo para ficarem interagindo enquanto as gravações aconteciam. <i>Foram realizadas três tomadas, incluindo as chamadas de abertura e encerramento. A de abertura já havia sido feita na área externa da escola, antes dos alunos entrarem na escola, não pude acompanhar.</i></i></p> <p><i>As entrevistas aconteceram com a professora l e, em seguida, com dois alunos ao mesmo tempo que responderam à mesma pergunta. A repórter realizou todas as entrevistas, em seguida ela se dirigiu para a sala do diretor e fez a última entrevista. Durante a filmagem, houve divergência de opinião com relação a como posicionar a câmera, o câmera iniciante (que estava filmando nesse dia) não aceitou a dica do editor/câmera sênior.</i></p> <p><i>A coordenadora realizou uma entrevista com outros alunos que ocorreu no espaço da biblioteca, essa gravação foi usada em outro vídeo. Ela lia as perguntas pelo celular e o aluno seguia respondendo, só aí que começava a filmagem. A repórter não apareceu na filmagem.</i></p>

<b>4. PARTICIPAÇÃO DOS PRESENTES</b>	<p>A professora coordenou a montagem do cenário (local e arrumação da mobília, os alunos ajudam arrastando e organizando), posição dos repórteres e suas falas, nesse sentido, geralmente ela primeiramente perguntava, “<b>vai ser aonde?</b>”, “<b>a pergunta está pronta?</b>” <i>A repórter negocia com a professora como vai ser a pergunta. Às vezes, os alunos já tinham decidido, expunham e seguiam fazendo, às vezes negociavam, e às vezes ainda não tinham decidido e a professora apresentava sua sugestão. Ela que dá as diretrizes e pede ao aluno do jornal Coletivo Fábrica para ser entrevistado. Eles estão tímidos.</i></p> <p>Durante a apresentação e a interação na biblioteca, o diretor perguntou quem tinha interesse de continuar na área do audiovisual. <i>A maioria afirmou que sim. A entrevistadora prepara os entrevistados antes da gravação, informando quais seriam as perguntas. Câmera orientando o colega, se posiciona atrás dele e dá as orientações de ângulo e distanciamento, que o ajudante não segue.</i></p>
<b>5. DESAFIOS PROCEDIMENTOS</b>	<p>Iluminação inadequada e ruídos externos.  Editor orientando sobre onde e como tirar as fotos:  “<b>Pega sim</b>”; “<b>Aqui oh, bota ali (apontando)</b>”; “<b>Fazer uma assim (segurando o celular)</b>”.</p>
<b>6. OBSERVAÇÕES</b>	<p>Professora: “<b>Esse vídeo que vocês viram foi da semana passada, já temos 23 vídeos gravados</b>”.  <b>Gente. Tá tudo num celular só, a imagem?</b>  <b>Vem ver aqui K., se está bom</b>  <b>Vocês que dizem; “Vai Gravar”</b>  <b>Editor: Para edição faz assim óh,</b> (movimentando o celular).  Letramento: conversaram sobre os vídeos, como tinha sido a experiência, as meninas sugeriram a criação de um grupo de WhatsApp para interação e troca de informação.  Repórter: “eu só vou fazer três perguntas, foi o que Mércia disse. Acho que tá bom”  Câmera: “Já terminou? Só isso? (Ao terminar uma das entrevistas decepcionado com a rapidez da entrevista).</p>

nº 08	Processo de Criação de Narrativa digital em vídeo		
Etapa da produção de ND	Atividade	Atuação dos estudantes	Descrição da situação
Pré-produção e Produção	Elaboração das reportagens; Escolha do local das filmagens	<b>Colaboração</b>  <b>Autoria</b>  <b>Autonomia</b>	<p>A professora Mércia coordenou a montagem do cenário (local e arrumação da mobília), e os alunos auxiliam arrastando e organizando)</p> <p>A posição dos repórteres e suas falas foi organizado pelos alunos, nesse sentido, geralmente a professora primeiramente perguntava, <b>vai ser onde?</b>” a pergunta está pronta?”  A repórter negocia com a prof. como vai ser a pergunta.  Enquanto alguns alunos organizavam o local da gravação outros alunos do Fato Social</p>

			tiravam fotos ou faziam filmagens para completar a reportagem.
		<b>Divergência</b>	Durante a filmagem, houve divergência de opinião com relação a como posicionar a câmera, o câmera iniciante (que estava filmando nesse dia) não aceitou a dica do editor/câmera sênior.

<b>DIÁRIO DE CAMPO</b>	Nº: <u>09</u> Duração: <u>1</u> hora      DATA: <u>02/09/2019</u>
<b>LOCAL:</b>	<b>ETE IGARASSU</b>
<b>EQUIPE JORNALÍSTICA PRESENTE:</b>	Diretor <u>x</u> Coordenador <u>x</u> Editor <u>x</u> Produtor: <u>x</u> Repórter: <u>x</u> Apresentador: <u>x</u> Idealizadora do Jornal: <u>x</u>  Equipe de GT / DS / Sociologia
<b>1. ATIVIDADE PROPOSTA</b>	<b>Briefing sobre andamento dos vídeos. Gravação de DS</b>
<b>2. ETAPA DA PRODUÇÃO</b>	<b>Produção Pós-produção</b>
<b>3. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO</b>	Rápido encontro para a pesquisadora entregar o termo de solicitação para realizar a entrevista. A professora quis saber do andamento das edições pendentes — os vídeos que foram gravados na escola. <i>Os alunos informaram que estavam sem tempo, mas que estavam providenciando. Mas não tinham nenhum material em edição para apresentar. Foi informado pelos alunos que o repórter d ainda estava doente e não pode concluir sua gravação para o vídeo da edição de DS.</i> <i>O diretor informou que estava preparando um documentário sobre o Jornal para o evento de encerramento que será no final do ano.</i>
<b>4. PARTICIPAÇÃO DOS PRESENTES</b>	O diretor ficou de entregar os termos aos alunos ausentes.
<b>5. DESAFIOS PROCEDIMENTOS</b>	Gravação de DS não ocorreu porque o repórter adoeceu.
<b>6. OBSERVAÇÕES</b>	A entrevista para a pesquisa da dissertação foi agendada para a quarta e sexta

<b>nº 09</b>	<b>Processo de Criação de Narrativa digital em vídeo</b>		
<b>Etapa da produção de ND</b>	<b>Atividade</b>	<b>Atuação dos estudantes</b>	<b>Descrição da situação</b>
Produção e Pós-produção	Gravação  Apresentação de material para ajustes	Não ocorreu	Alunos doentes. Alunos não concluíram a tempo.

<b>DIÁRIO DE CAMPO</b>	<b>Nº: __ 10 __</b> <b>Duração: 1hora</b> <b>DATA: 01/11/2019</b>
<b>LOCAL:</b>	<b>ETE IGARASSU</b>
<b>EQUIPE JORNALÍSTICA PRESENTE:</b>	<b>Diretor _x_ Coordenador _x_ Editor _x_</b> <b>Repórter: _x_ Apresentador: _x_ Idealizadora do Jornal: __x</b> <b>Equipe de GT / DS / Sociologia apenas uma integrante ausente</b>
<b>1. ATIVIDADE PROPOSTA</b>	Solenidade de Encerramento das atividades do jornal <i>O Fato Social</i> .
<b>2. ETAPA DA PRODUÇÃO</b>	<i>Performance</i> /distribuição
<b>3. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO</b>	A professora organizou uma solenidade para homenagear a equipe dos alunos do Jornal que atuaram em 2018 e 2019, houve distribuição de prêmios, apresentação de vídeo (realizado pela próxima equipe jornalística), agradecimentos à gestão da escola, à equipe dos professores e da coordenação. A professora lembrou o esforço e a dedicação dos alunos e, assim, chamou a atenção para os “talentos” que foram surgindo tanto na produção das reportagens, nas edições dos vídeos, quanto na organização do Jornal. A pesquisadora também agradeceu a oportunidade de ter acompanhado um pouco da história do Jornal e da construção de suas narrativas. Foi um momento de valorização que ficará registrado nas mentes dos presentes eternizados na rede.
<b>4. PARTICIPAÇÃO DOS PRESENTES</b>	Alguns alunos também falaram um pouco de sua experiência positiva, os laços de amizade, as aprendizagens.
<b>5. DESAFIOS PROCEDIMENTOS</b>	Não aplicável
<b>6. OBSERVAÇÕES</b>	A próxima equipe já começou a produzir o novo jornal: <i>Jornal InfoJovem</i>

## APÊNDICE 06

### ND em vídeo

#### Ficha técnica 01 Narrativa Digital em Vídeo – Completa

	<b>Ficha técnica 01</b>	<b>Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia</b>
<b>Post no YouTube:</b>		Venha conhecer um pouco mais sobre nosso patrimônio histórico e cultural nesta matéria muito bacana de Turismo.
<b>Título do vídeo:</b> Circuito dos Museus		<b>Data da publicação:</b> 06.07.2019
<b>Hiperlink:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=hSwCjcsR5QY">https://www.youtube.com/watch?v=hSwCjcsR5QY</a>		<b>Comentários:</b> 0
<b>Duração:</b> 4'40"	<b>Likes:</b> 14	<b>Visualizações:</b> 51
<b>Elementos da Narrativa</b>	<b>Comentário</b>	
<b>01. PONTO DE VISTA</b>	Claro. Os museus visitados são exemplos de patrimônio histórico-cultural e devem ser conservados e apreciados, crítica ao descaso dos órgãos competentes para esse cumprimento e da população pelo vandalismo. (“infelizmente”) <p style="margin-left: 40px;">“Porém, infelizmente, em geral, a maior parte dos patrimônios é vista com tão bons olhos pelas autoridades, são conhecidas as histórias e frequentes casos, e descasos, demolições pichações, e abandono de monumentos, e que são testemunhas da história local e que faz parte da, [da] ligação da população e sua identidade cultural.”</p>	
<b>02. QUESTÃO DRAMÁTICA</b>	Claro. Qual a relevância da conservação de patrimônios históricos (“é de suma importância”)?	
<b>03. CONTEÚDO EMOCIONAL</b>	Percebe-se que a repórter utiliza o tom de conversa e imersão na narrativa, utilizando gestos, olhar fixo na câmera e segurança fala (“venha conhecer mais um pouco da nossa história”).	
<b>04. O PRESENTE DA SUA VOZ</b>	Boa clareza vocal da repórter, entretanto foi possível escutar o ruído do vento em alguns momentos o que prejudicou a compreensão. Para auxiliar a voz, a repórter utiliza também a linguagem corporal, mantendo-se com os braços estendidos, ou gesticulando-se de forma convidativa, demonstrando interação com o espectador, também procura manter o olhar fixo na câmera, percebe-se esse contato visual e sonoro.	
<b>05. MÚSICA E TRILHA SONORA</b>	A edição da trilha sonora ficou bem adequada, houve a preocupação de adequar a música ao espaço que estava sendo descrito na reportagem.	
<b>06. ECONOMIA</b>	A edição de imagem e a gravação ficaram satisfatoriamente estruturadas, as imagens são apresentadas de acordo com o conteúdo da narrativa, na maioria das vezes. “Pôr se tratar de uma temática bastante visual — visitação a museus —, a própria ideia de visitação ficou reforçada pelo uso das imagens e dos vídeos presentes na narrativa. Tal aspecto transmitiu ao espectador uma sensação de visitação. Entretanto, algumas imagens ficaram muito gerais e outras exigiam conhecimento de História e Geografia para compreender a referência feita (a inserção de legendas seria interessante).	
<b>07. RÍTMO</b>	O ritmo da narrativa foi parcialmente mantido, porque a transição do tema patrimônio histórico nacional para a reportagem sobre o Cais do Sertão foi muito rápida, não houve um fechamento dessa reportagem, a reportagem é encerrada e de repente começa a chamada para a próxima reportagem. Há algumas pausas rápidas na narração da repórter que também prejudicaram a fluidez da narrativa.	

### Transcrição Vídeo 01

**Cena/Filmagem:** Marco Zero, Recife Antigo – PE. Apresentadora vestida com uniforme da escola está em pé diante da câmera/celular e tem o microfone na lapela que conduz o áudio para outro celular condicionado em algum lugar não visível da câmera.

**Apresentadora:** *Olá, meu nome é Nayra, sejam bem-vindos a mais um vídeo do [rápida pausa] jornal O Fato Social. [escuta-se o som de vento durante a narração]*

**Efeitos:** Algumas imagens/fotos de Pernambuco são passadas ao som da música de forró de Luiz Gonzaga através de efeitos Variados: giro. Direita esquerda, rápidos dão movimento e são passados de acordo com o ritmo da música. E de forma tremula.

**Efeito:** Surge imagem do logo do jornal.

**Cena/filmagem:** Área externa do Museu Cais do Sertão e a repórter de Turismo vestida com uniforme da escola está em pé diante da câmera/celular e tem o microfone na lapela que conduz o áudio para outro celular condicionado em algum lugar não visível da câmera.

**Repórter de Turismo:** *()*: *Olá, sou K., sou a repórter de turismo e o tema dessa edição será a importância da conservação do patrimônio cultural e juntamente com o circuito de museus do Recife. [Escuta-se o som do vento e vozes dos estudantes] durante a fala da repórter que dificulta um pouco a compreensão]*

**Efeito:** *Transição de imagem* do tipo quadriculado durante a narração da repórter. Aparece foto de uma rua com igreja e casas antigas (tipo as de Recife Antigo, 1936??), em preto e branco. Em seguida, foto de uma região: natureza, pedras e árvores, tipo cerrado, provavelmente alguma reserva de preservação de acordo com o que é narrado, mantendo o tipo de transição de imagem, surge o monumento de Brasília, uma igreja de Olinda.

**Repórter:** [continuação] antes de abordar os museus é de suma importância de saber o porquê de se conservar os patrimônios histórico-culturais e como houve um processo do reconhecimento destes. Em 1936, Getúlio Vargas decretou Ouro Preto como monumento nacional, e em novembro de 1937, ele instituiu o serviço de patrimônio histórico e artístico nacional e a política nacional de preservação, que atualmente é feita pelo IPHAN, entre 1937 e década de 60, vários monumentos históricos e artísticos representativos da história nacional foram reconhecidos, naquela época, para tornar-se patrimônio nacional, o bem deveria afirmar [...]que, de algum modo, o sucesso da empresa colonial, e era só o Estado que tinha o poder de dizer o que era ou não, um patrimônio nacional, o reconhecimento e atribuições de valores é feita pela Salva Guarda, que atribui um valor cultural a um bem material que e que também determina a sua proteção pelo estado e também determina a sua preservação e sua conservação pelo estado em alterar seu título de propriedade. *Porém, infelizmente, em geral, a maior parte dos patrimônios, não são vistos com tão bons olhos pelas autoridades, são conhecidos as histórias e frequentes casos, e descasos, demolições pichações, e abandono de monumentos, e que são testemunhas da história local e que faz parte da, [da] ligação da população e sua identidade cultural. [Pausa rápida.] A perda de um patrimônio representa a perda da história e da identidade, como é o caso dos poetas e escritores que foram homenageados no Recife. Capital de Pernambuco. Vândalos destroem estatuas de poetas e escritores com pichações, quebras e que deixam rastros, sim, com que todo ano, sejam gastos mais de 15mil reais para a restauração destes. [Pausa]*

O cais do Sertão foi feito em homenagem ao rei do baião, Luís Gonzaga, próximo à beira d'água, junto ao mar, o museu está localizado exatamente onde nasceu a cidade de Recife que lhe rendeu o nome Cais do Sertão, antes, onde se localizava um porto, foi reinstalado o Cais do Sertão. O museu teve como curadora e diretora de criações criadora, a socióloga, pernambucana, Isa Ferraz, [corte vídeo com fala dela... aparentemente não são visíveis]. O Museu Cais do Sertão está com um atrativo... é o Padre João Cânciao.

**Cena/filmagem:** repórter em pé, na parte interna do Museu do Frevo, em um canto, no térreo, próximo da entrada.

**Repórter:** *agora que já passamos pelo Cais do Sertão, iremos conhecer um pouco mais do Paço do Frevo [gesticula chamando, convidando].*

**Efeito:** *a partir desta parte (3'17''), durante a narração dessa cena, escuta-se a narração pela repórter e a transição de filmagens que foram gravadas do espaço do museu.*

**Repórter:** O Paço do Frevo, declarado pela UNESCO como um Patrimônio Cultural e Material da Humanidade, o Frevo, onde pode se ter o conhecimento de todo o seu histórico, estandartes, suas agremiações, exposições de fotografias, e entre outros conhecimentos expendidos da cultura de Pernambuco sobre um dos bens mais importantes que é o Frevo.

**Cena/filmagem:** Repórter vem andando pela entrada principal do Forte das Cinco Pontas e para antes de chegar na área aberta.

**Repórter:** e aqui chegamos no Forte das Cinco Pontas, *venha conhecer mais um pouco da nossa história, [gesticula convidando]*

**Efeito:** a partir desta parte (3'47''), durante a narração dessa cena, escuta-se a narração pela repórter e a transição de filmagens gravadas do espaço do museu e fotos tiradas no local e de outras fontes. Transição em movimento para não ficar cansativo, do forte, imagens antigas, e do museu atual.

**Repórter:** O Museu Cidade do Recife está localizado no Forte São Tiago das Cinco Pontas, este museu conta a história do Recife, onde antes havia sido erguido pelos portugueses em pedra [...] a [...] posteriormente pelos holandeses por madeira e terra, o primeiro forte foi construído para proteger cacimbas de água doce e depois vêm os holandeses que fortificam. O acervo deste museu é variado, com imagens, títulos, peças digitalizadas, azulejos, há também a disponibilização de livros para pesquisa.

**Cena/filmagem:** Parte externa superior do museu próximo à bandeira do Brasil, já no fim da tarde.

**Repórter:** *Gostou? Quer saber mais? [É possível escutar o vento pelo áudio] Então fique por aqui e aproveita. Até a próxima.*

**Cena/filmagem:** a repórter vai sendo substituída pela filmagem da bandeira do Brasil hasteada ao som da música de Luiz Gonzaga.

Créditos informando todos da equipe que participou da gravação e da edição.

## Ficha técnica 02 – Narrativa Digital em Vídeo – Completa

 <p style="text-align: center;"><b>Ficha técnica 02</b></p>	<p><b>Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia</b></p>	
<p>Post no YouTube:</p>	<p>Desenvolvimento de Sistemas é um dos cursos técnicos ofertados em nossa escola. Esse quadro do nosso jornal é desenvolvido com base na área de Tecnologias da Informação (TI) com o objetivo de manter nosso público informado sobre o uso de novas tecnologias. Confere aí.</p>	
<p><b>Título do vídeo:</b> O Uso de Tecnologias</p>		
<p><b>Hiperlink:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Jx6iy4fL6Qc">https://www.youtube.com/watch?v=Jx6iy4fL6Qc</a></p>		
<p><b>Duração:</b> 5'32"</p>	<p><b>Likes:</b> 31</p>	<p><b>Data da publicação:</b> 29.04.2019</p>
<p><b>Elementos da Narrativa</b></p>	<p><b>Comentário</b></p>	
<p><b>01. PONTO DE VISTA</b></p>	<p>Claro, o repórter deixa claro que sua posição em relação às NTIC é positiva, apesar de também apresentar que há aspectos negativos, “malefícios”. Inclusive é reforçado com o uso das imagens durante a narração.</p>	
<p><b>02. QUESTÃO DRAMÁTICA</b></p>	<p>Claro. O que são NTIC?</p>	
<p><b>03. CONTEÚDO EMOCIONAL</b></p>	<p>Por se tratar de um texto informativo, não há a exigência de um conteúdo emocional que prenda o espectador até o final, entretanto percebe-se que o repórter utiliza o tom de conversa e imersão na narrativa, por meio de gestos, olhar fixo na câmera e na fala. Inclusive, logo no início de sua narrativa, o repórter informa que sua fala se trata de uma “conversa” com o espectador.</p>	
<p><b>04. O PRESENTE DA SUA VOZ</b></p>	<p>A clareza vocal é um aspecto a ser melhorado. Apesar do tom descontraído e comunicativo do repórter — reforçando a interação com o espectador —, há falhas na sua oratória, com relação à impostação da voz e as interrupções na fala.</p>	
<p><b>05. MÚSICA E TRILHA SONORA</b></p>	<p>Não houve edição de trilha sonora durante a narração da reportagem ou apresentação da matéria, uma música foi utilizada para acompanhar a introdução da reportagem.</p>	
<p><b>06. ECONOMIA</b></p>	<p>A edição de imagem e a gravação ficaram bem estruturadas, as imagens são apresentadas de acordo com o conteúdo da narrativa.</p>	
<p><b>07. RÍTMO</b></p>	<p>Algumas falhas da narração da reportagem comprometeram o ritmo da narrativa, além da voz não ficar muito compreensível. Além disso, há que se acrescentar que a acústica do ambiente não contribuiu para a qualidade sonora da gravação.</p>	

### Transcrição Vídeo 02

**Cena/filmagem:** Apresentador em pé em uma sala de aula da escola, diante da câmera.

Olá, meu nome Nicolas e na matéria de hoje nós iremos abordar uma matéria que é muito importante para o nosso mundo. Iremos abordar uma matéria de novas tecnologias e como elas podem ser implementadas em nossa educação e nosso mercado de trabalho. Então, assista aí a matéria com nosso repórter, Daniel.

**Cena/filmagem:** o repórter está sentado em uma sala cheia de computadores, ele tem um computador *desktop* diante de si e está com microfone na lapela, e diante da câmera/celular.

**Repórter:** Olá! Eu sou Daniel, eu sou repórter de DS e vamos ter uma conversa hoje sobre as novas tecnologias.

**Efeito:** *transição de fotos com mote de tecnologia enquanto o reporte narra a partir daqui (20”)*

**Repórter:** As tecnologias sempre circularam em nosso meio, mas hoje vamos dar um enfoque para as tecnologias de informação e comunicação, vamos para o vídeo e roda a vinheta.

**Efeito:** *É introduzido o vídeo digitalizado produzido pelos alunos com música e um robô e no final surge a projeção do logo do Jornal.*

**Cena/filmagem:** volta para o repórter, desta vez não mais na frente do computador e *close* até a cintura.

**Repórter:** *enfim, vamos conversar um pouco com a parte da história...[.] e algumas características*

**Efeito/cena:** *diminuição do recuo, diminui o close e percebe-se que o repórter está sentado. E a sala está cheia de computadores nas mesas.*

**Repórter:** são chamadas de novas tecnologias de informação e comunicação, as NTCI, toda tecnologia e [...] são usadas para se comunicar, surgiram no contexto da Terceira Revolução Industrial, na metade da década de setenta e principalmente nos anos de 1990. A maioria delas se caracteriza por agilizar e [...] e tornar menos[palpável?] o conteúdo da informação por meio da digitalização e da comunicação em rede para captação e distribuição e transmissão da informação... Agora vamos falar um pouco sobre o que pode ser considerado as NTCI, Os computadores pessoais, os suportes para portar e guardar dados as [tecno – falha efeito, cena em preto e branco], as câmeras de vídeo e foto para computadores e *laptops*, as tecnologias digitais de tratamento e captação de imagem e de som. *Agora vamos pular para a parte da interatividade.* De modo geral, as tecnologias estão associadas à interatividade e à quebra do modelo comunicacional *um todos*, para agora adotarmos o modelo *todos para todos*, devido às NTC. As tecnologias são questionadas quanto ao seu conceito, esse questionamento é que se elas se encaixam no conceito de novas tecnologias de informação e comunicação ou simplesmente novos modelos de [usos] de tecnologias de informação e comunicação. As novas tecnologias oferecem uma grande estrutura comunicacional em rede que permite a interação em rede de seus integrantes. Numa rede, são descartados modelos em unilateral. Este modelo é reativo e não interativo, e aparece mesmo na internet.

**Efeitos:** *música de fundo e algumas imagens de tecnologia.*

**Cena/filmagem:** **O repórter posiciona-se** sentado, a imagem é transmitida ainda em preto e branco para *indicar a falha na gravação* e segue para a próxima fala do repórter ainda com música de fundo.

**Repórter:** *Agora, nós vamos falar um pouco das tecnologias nas empresas. As novas tecnologias favorecem as empresas a terem um meio de trabalho mais delimitado. Trabalhadores passam a trabalhar mais em redes e com isso o tempo das empresas e os colaboradores [...]*

**Efeito:** *imagens de fábrica de montagem de carros robotizada.*

**Cena:** volta para a cena anterior, *close* no rosto.

**Repórter:** Agora, nós vamos falar um pouco das novas tecnologias na educação. As tecnologias levam o ensino a uma nova dimensão. Esta nova dimensão *é a capacidade de raciocinar em meio ao caos de informação que está aqui a nossa volta.*

**Efeito:** inserção de várias fotos durante vários pontos da fala do repórter para ilustrar o que está sendo narrado.

**Efeito:** cena em preto e branco para ilustrar que houve falha na gravação.

**Repórter:** *Bom, falamos um pouco das novas tecnologias. Falamos sobre outros tipos[...] vamos falar do lado negativo ou seja malefícios que as novas tecnologias nos trazem, primeiro quebra de laços. Antes, as tecnologias só eram utilizadas pelos adultos ou seja, pais e mães, agora, com a era digital, as crianças também passam a utilizar desse artifício, dessa ]d]d]nova tecnologia com isso, acaba tendo um pouco da quebra do laço familiar e do vínculo afetivo existente nas famílias... Segundo, abandono da leitura, é, infelizmente, esse é uma realidade da nossa época, o hábito da leitura era algo natural, com o passar [...] dos anos e com a inclusão das novas tecnologias em nossos dia a dia, é muitas crianças e adolescentes, e até mesmo adultos, acabam deixando esse hábito que deveria ser natural para praticar, utilizando mais essas tecnologias [confuso] ...tecnologias. Bom, também nessa conversa eu gostaria de ressaltar que as tecnologias com o tempo vêm mudando e há dez anos a traz não é utilizado como é utilizado com frequência como hoje, então, posteriormente, virão sim mais novas tecnologias e é, eita, e é isso e até o próximo vídeo... Eu gostaria de dizer para like mas [fala confusa]*

**Cena/filmagem:** Sai o repórter e surge em outra sala o apresentador para o encerramento. Em pé e gesticulando.

**Apresentador:** Obrigado, Daniel. E com isso nós podemos ver como as tecnologias estão inseridas no nosso mercado de trabalho, no nosso cotidiano, no nosso dia a dia, e com isso nos terminamos mais uma edição do jornal *O Fato Social*, até a próxima.

**Efeito:** Créditos sem música, em tela de fundo preto.

### Ficha técnica 03 Narrativa Digital em Vídeo – Completa

 <b>Ficha técnica 03</b>		<b>Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia</b>
<b>Post no YouTube:</b>		Em uma sequência de vídeos especiais sobre o bairro da Macaxeira, hoje apresentaremos o projeto <i>Coletivo Fábrica</i> , desenvolvido pela professora Lídia Vidigal na ETE Miguel Batista.
<b>Título do vídeo:</b> Coletivo Fábrica		<b>Data da publicação:</b> 12.08.2019
<b>Hiperlink:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=mQE5sUFDoko">https://www.youtube.com/watch?v=mQE5sUFDoko</a>		<b>Comentários:</b> 0
<b>Duração:</b> 7'03"	Likes:19	<b>Visualizações:</b> 75
<b>Elementos da Narrativa</b>	<b>Comentário</b>	
<b>01. PONTO DE VISTA</b>	Não está explícito. Está subentendido pelo decorrer da narrativa. Não identifiquei uma frase que indicasse o ponto de vista no narrador. É preciso considerar todas as perguntas feitas pela repórter, mas percebe-se um ar de neutralidade é, a repórter vê o projeto como uma oportunidade na vida de estudantes. Ao mesmo tempo, a repórter compreende a dificuldade que as escolas técnicas integrais têm de integrar projetos interdisciplinares nos seus currículos escolares e pergunta ao gestor da MB, a opinião dele em relação a como integrar os projetos ao ensino integral.	
<b>02. QUESTÃO DRAMÁTICA</b>	A cada entrevista, é gerada uma nova curiosidade e construída uma nova narrativa para atingir o objetivo da reportagem que é descrever o projeto <i>Coletivo Fábrica</i> .	
<b>03. CONTEÚDO EMOCIONAL</b>	Os gestos, os olhares, ou as expressões, convidando o espectador, como se estivessem juntos nessa narrativa (movimentos das mãos, "vamos, vem com a gente", "espero que tenham gostado").	
<b>04. O PRESENTE DA SUA VOZ</b>	Boa clareza vocal da repórter.	
<b>05. MÚSICA E TRILHA SONORA</b>	A edição da trilha sonora ficou bem estruturada durante a passagem das imagens da escola. Durante as entrevistas, não foram usadas músicas ou trilha sonora. Não houve prejuízo da mensagem.	
<b>06. ECONOMIA</b>	A edição de imagem e gravação ficaram bem estruturadas,	
<b>07. RÍTMO</b>	A narrativa fluiu sem interrupções ou falhas e há uma sequência lógica: abertura, introdução, desenvolvimento e fechamento, entretanto, o ritmo não foi bem estruturado, devido à longa duração das entrevistas. Durante as entrevistas, a fala dos entrevistados foi longa (com média de duração de 1'20", a inserção de algumas imagens poderia ter sido colocada nesses momentos.	

### Transcrição Vídeo 03

**Efeito:** 0.06: surge a vinheta de Sociologia. E nome da repórter de Sociologia:

**Cena:** repórter em pé segurando o microfone/celular, fardada com a camisa do jornal na frente da escola, câmera focando *close* perto.

**Repórter:** *oi gente, estamos aqui, no bairro da Macaxeira, na ETE Miguel Batista, e vamos apresentar para vocês o projeto o coletivo fabrica / Coordenado pela professora Lídia Vidigal. Vem com a gente. /objetivo da reportagem/*

**Cena:** repórter encerra a abertura e sai de frente para as câmeras até chegar bem na frente do portão de entrada da escola, se vira e entra, a câmera segue para a fachada da escola, o nome da escola é filmado, e em seguida é feita a gravação parte interior da escola filma-se uma maquete da escola. Corta a cena e outra cena surge, a repórter e a entrevistada estão sentadas, em bancos de artesanato, o totem do jornal *Coletivo Fábrica* por traz das cadeiras e será conduzida a entrevista.

**Repórter:** *Estamos aqui com a professora Lídia Vidigal, e professora, eu queria que a senhora falasse um pouco do projeto do jornal pra gente.*

Ok, e como foi a transição dos projetos *O Fato Social* e *Coletivo Fábrica*, Ok, obrigada professora.

**Cena:** encerra-se a cena com a professora, com o corte e surge a cena no mesmo local sentados dois alunos da escola.

Repórter: Estou aqui com dois estudantes da ETE MB, P e A, contém pra gente como tem sido participar da experiência *Coletivo Fábrica*, e qual opção de futuro que vocês têm desse projeto, e como está sendo a experiência?

Ok, obrigada...

Encerra, a cena.

**Cena:** câmera dá um *close* no totem e filma as imagens dos impressos fixados a ele. Corte de cena, nova cena, em uma sala estão a repórter e o diretor da escola sentados para uma entrevista.

Durante todos os momentos a repórter mantém contato visual com a câmera quando faz a narração da matéria e contato visual com os entrevistados.

**Repórter:** *Estamos aqui com o diretor da escola JC, e eu queria saber do senhor como faz para integrar os projetos da escola com o ensino integral? (Diretor com expressão constrangedora, e ar de dificuldade)*

**Efeito:** *a imagem fica preta e branca... e depois que o diretor volta a falar volta o colorido. A câmera foca no diretor, quando ele vai terminando a fala a câmera se volta para os dois.*

**Repórter:** *Ok, obrigada, gestor.*

**Cena:** volta para a cena na parte de circulação da escola,

**Repórter:** E é isso gente, hoje conhecemos o *Coletivo Fábrica*, que também faz parte da nossa história. Espero que tenham gostado e até o próximo vídeo.

**Efeito:** créditos passam em uma tela preta, símbolo do jornal na parte inferior da tela como *link* para a página do YouTube.

### Ficha técnica 04 Narrativa Digital em Vídeo – Completa

 <p>Ficha técnica</p>	<p><b>Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia</b></p>	
<p>Post no YouTube:</p>	<p>Nós do Jornal <i>O Fato Social</i> fizemos a cobertura dos nossos alunos da ETE-Jurandir Bezerra Lins na “2ª Conferência Estadual da Educação Integral e Profissional de Pernambuco”. Coordenação geral: Mércia Passos. Edição/Finalização: Alex Santos. Filmagem: Alex Santos. Repórter: Nayra Brasileiro (o evento ocorreu nos dias 30 e 31 de julho de 2019)</p>	
<p><b>Título do vídeo:</b> Cobertura da 2ª Conferência Estadual da Educação Integral e Profissional de Pernambuco”</p>	<p><b>Data da publicação:</b> 02.08.2019</p>	
<p><b>Hiperlink:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=8CzWEkF_KMQ">https://www.youtube.com/watch?v=8CzWEkF_KMQ</a></p>	<p><b>Comentários:</b> 0</p>	
<p><b>Duração:</b> 7’25”</p>	<p><b>Likes:</b> 35</p>	<p><b>Visualizações:</b> 147</p>
<p><b>Elementos da Narrativa</b></p>	<p><b>Comentário</b></p>	
<p><b>01. PONTO DE VISTA</b></p>	<p>Claro. É preciso considerar todas as perguntas feitas pela repórter, mas percebe-se um tom otimista dela em relação ao Evento e ao sistema de ensino integral e profissional do estado de Pernambuco pelo uso da palavra “importância” na pergunta, além disso, “representar” a escola em uma apresentação cultural é também motivo de orgulho. <i>(Estamos aqui com a secretária executiva da educação profissional e integral de PE, conte para nós qual a importância desse evento para a educação profissional e integral de PE? Repórter: estamos aqui com... estudante da JBL, como é para você estar aqui representando nossa escola?)</i></p>	
<p><b>02. QUESTÃO DRAMÁTICA</b></p>	<p>Claro. Qual a importância do evento</p>	
<p><b>03. CONTEÚDO EMOCIONAL</b></p>	<p>Os olhares e as expressões, convidando o espectador, como se estivessem juntos nessa narrativa, <b>(“venha ver mais com a gente.”)</b></p>	
<p><b>04. O PRESENTE DA SUA VOZ</b></p>	<p>Boa clareza vocal da repórter.</p>	
<p><b>05. MÚSICA E TRILHA SONORA</b></p>	<p>A edição da trilha sonora ficou bem estruturada durante a passagem das cenas. O aumento e a diminuição do volume foram adequados, a escolha da música fez uma relação entre o evento e a apresentação de dança, a preocupação com direitos autorais. <b>Música:</b> <i>Chegança</i>, <b>Artista:</b> Antônio Nóbrega; <b>Álbum:</b> <i>Madeira Que Cupim Não Rói</i></p>	
<p><b>06. ECONOMIA</b></p>	<p>A edição de imagem e a gravação ficaram bem estruturadas, durante as entrevistas, houve um bom jogo de câmera para valorizar as cenas gravadas que foram usadas para intercalar a narração da repórter, entretanto a apresentação da dança consumiu muito tempo do vídeo no final, após as reportagens.</p>	
<p><b>07. RÍTMO</b></p>	<p>Ritmo bem estruturado, a narrativa fluiu sem interrupções ou falhas e há uma sequência lógica: Abertura, introdução, desenvolvimento, mas faltou o fechamento.</p>	
<p><b>Objetivo da reportagem</b></p>	<p>Repórter: Hoje estamos aqui no 22 conferência nacional Escola Presente e nossa escola foi convidada para fazer uma apresentação cultural, <b>venha ver mais com a gente.</b> / Na abertura a repórter anuncia que o propósito da reportagem é ver o evento e a apresentação cultural</p>	

## TRANSCRIÇÃO Vídeo 04

**CENA:** imagens de alunos dançando ao ritmo de uma música indígena em um teatro, em seguida *flashback*, filmagens em ritmo lento — ao som da música — dos alunos saindo da escola e entretanto nos transportes e se dirigindo para o teatro, ao longo das cenas aparecem os nomes dos repórteres e editores na parte inferior da tela. Corte e entra a cena da repórter/apresentadora fazendo a abertura da reportagem. Em pé em frente do teatro.

**Apresentadora:** Olá meu nome é Nayara, e esta é mais uma edição o fato social.

**Efeito:** música de Chico Science,) marca do Jornal, vinheta do jornal em fundo azul,

**Cena:** repórter aparece no mesmo local e apresenta a reportagem.

**Repórter:** Hoje estamos aqui no 22 seminário nacional Escola Presente e nossa escola foi convidada para fazer uma apresentação cultural, *venha ver mais com a gente*. / Na abertura a repórter anuncia que o propósito da reportagem é ver o evento e a apresentação cultural

**Cena:** filmagem dos alunos já vestidos a caráter (trajes indígenas para a apresentação se dirigindo para o teatro. Aparece a repórter (usa seu celular como microfone, que também é utilizado microfone para entrevistar a secretária) e a entrevistada, ambas estão em pé. A repórter também consegue se comunicar com a câmera e com a entrevistada, mantendo contato visual ora com a câmera ora com a entrevistada.

**Repórter:** Estamos aqui com a secretária executiva da educação profissional e integral de PE, conte para nós *a importância desse evento para a educação profissional e integral de PE?*

**Efeitos:** algumas *imagens de apresentações dos alunos* foram transmitidas durante a fala da entrevistada.

**Repórter:** Obrigada Maria.

**Cena:** Corta a cena (fica escura) escutamos a fala da repórter e sem seguida aparecem a repórter e um aluna vestida em trajes indígenas. Para ser entrevistada,

**Repórter:** Estamos aqui com a aluna ..., Gi... para você qual é *a importância desse evento?*

**Estudante:** *primeiramente eu me sinto muito honrada em estar aqui representando a minha escola e através da dança eu consigo expressar todos os meus [sentimentos?] Aqui podemos ver ao fundo a hall do teatro e algumas pessoas circulando*

**Efeito:** Corta a cena e aparece ao lado de outro estudante

**Repórter:** estamos aqui com... estudante da JBL, *como é para você estar aqui representando nossa escola?*

**Estudante:** *pra mim é um prazer muito grande, porque muitos gostariam de estar aqui mas não estão, pra mim eu gosto muito de dançar e estar representando a escola através da dança. É uma maravilha né.*

**Cena:** finaliza a fala do estudante, durante todas as gravações foi possível escutar vozes do ambiente. Cenas de ensaios antes da apresentação, almas pessoas circulando pelo teatro e alguns momentos de apresentação da dança pelos alunos da JBL.

**Efeito: Encerramento** do vídeo com os créditos ao som da música da apresentação da dança

### Ficha técnica 05 Narrativa Digital em Vídeo – Completa

 Ficha técnica 05		Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia
Post no You Tube		Vídeo realizado pelos alunos do 2º guia de turismo b juntamente com O FATO SOCIAL, da ETE Jurandir Bezerra Lins.
Título do vídeo: <b>PRAIA DO CAPITÃO - MEIO AMBIENTE</b>		Data da publicação: 20.06.2019
Hiperlink: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Q8uin86FyzY">https://www.youtube.com/watch?v=Q8uin86FyzY</a>		Comentários: 0
Duração: 2:27	Likes: 09	Visualizações: 34
Elementos da Narrativa	Comentário	
01. PONTO DE VISTA	Claro. Denuncia e descaso com a poluição na praia, tanto dos frequentadores como dos órgãos responsáveis, segundo a opinião dos narradores <i>“Sempre acontece dela ser poluída” (Morador 01)</i> <i>“O prefeito deveria utilizar essas cascas para alguma coisa, pra ração” (Morador 02)</i>	
02. QUESTÃO DRAMÁTICA	Claro. De quem é a responsabilidade pela limpeza da praia?	
03. CONTEÚDO EMOCIONAL	As imagens servem de denúncia e registro de abandono, os narradores são parte da história, eles são a história. <i>“A minha família também vem, filho, neto, esposa, então eu faço a minha parte, o melhor pra mim, e pro pessoal de fora” (Morador 01)</i>	
04. O PRESENTE DA SUA VOZ	Por se tratar de um documentário não houve a narração dos repórteres, mas os narradores/personagens são autênticos e as suas vozes são um registro de sua condição sócio cultural.	
05. MÚSICA E TRILHA SONORA	A edição da trilha sonora ficou bem estruturada, utilizada apenas na introdução, durante a fala dos narradores o que se escuta é o som natural (da praia) que contribui para autenticidade da narrativa.	
06. ECONOMIA	A edição de imagem e gravação ficaram muito bem estruturadas, houve um uso de <i>closes</i> para valorizar as cenas gravadas que foram usadas para intercalar a narração da repórter Disseram pouco, mas deram o recado, as imagens e o zoom close usados contribuíram, foram muito bem intercalados nas falas dos personagens/narradores.	
07. RÍTMO	Ritmo muito bem estruturado, a narrativa fluiu sem interrupções ou falhas e há uma sequência lógica: Abertura, introdução, desenvolvimento.	

## TRANSCRIÇÃO Vídeo 05

**Cena:** feito em estilo documentário, não há apresentadores ou entrevistadores, nós percebemos a presença do entrevistador pelos celulares que são vistos em algumas cenas para captar o áudio da narração dos entrevistados. O vídeo se passa em uma praia, e dois moradores da região contam suas visões sobre a praia do Capitão, e o meio ambiente. Música de fundo, cena da areia da praia, é possível ver lixo no chão da areia, o mar, e os coqueiros.

**Efeito:** corte e segue para o entrevistado, sentado em frente de sua casa?

**Cena:** Os moradores têm expressão humilde e cansada.

Entrevistado narra de como a praia é sempre poluída, que alguns colaboram outros não, que já vieram (cenas de lixo em close na areia da praia) estudantes com “Bolsinhas” (cena de rua da cidade), o repórter pergunta se ele recolhe ele diz que sim e justifica com o fato de que sua família frequenta a praia então por eles tem que manter a praia limpa, e ele é do pessoal da limpeza.

Fala do Morador 01:

Sempre acontece, sempre acontece de ela ser poluída.

Não, uns colaboram, já outros eles não colaboram.

Já, Já chegou um grupo aqui, de pessoal de estudantes, com os diretores deles e os professores, recolhendo, com aquelas com aquelas bolsinhas, fazendo, quer dizer, uma parte humana, a parte deles, é prevenir a comunidade, o ambiente, para manter a praia limpa, né

Não eu recolho, [o senhor recolhe] é porque... e em primeiro lugar não é s[o os visitantes de fora que vem, A minha família também vem, filho, neto, esposa, então eu faço a minha parte, o melhor pra mim, e pro pessoal de fora, e principalmente pra minha família. Porque se eu não fizer a minha parte, se eu não deixar a praia limpa, até a própria minha família pode dizer assim, oxente, pessoal da limpeza, né? Não tão fazendo a obrigação 100%”.

**Efeito:** Fundo preto e frase dona Lurdes marisqueira.

Aparece dona Lurdes em pé e se vê o celular próximo dela, Sugere que deveria ter algum lugar para recolher a casca das conchas, para gerar trabalho, para fazer ração, ela disse que já tem um lugar que tem esse projeto. Cenas de cascas no chão da praia

Moradora 02:

Eu acho que deveria ter uma um lugar pra... pegar essas cascas e fazer alguma, alguma coisa, algum trabalho, certo? O prefeito deveria utilizar essas cascas, pra alguma coisa, pra ração, como tem um lugar ai que já faz esse projeto.

**Efeito:** fundo preto Extra a repórter: a senhora já viu alguém jogando lixo aqui na praia?

Joga direto. [E isso acaba prejudicando]... é o meio ambiente, complementa dona Lurdes] repórter: a senhora já reclamou, conscientizou alguém? - já a gente reclama mas [mas não] não adianta de nada não, a gente leva é ...leva é bale, dia de domingo mesmo, banhista vem, ai joga, aqui tinha lixeira, tinha tudo, eles quebra e joga o lixo na areia.

**Efeito:** Cena de lixo na areia e o vento

### Ficha técnica 06 Narrativa Digital em Vídeo – Completa

		Ficha técnica 06	Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia
Post no you tube		Vídeo exibido na abertura do carnaval 2019 da ETE Jurandir Bezerra Lins. Uma homenagem a Lia de Itamaracá apresentando o potencial geoturístico da ilha de Itamaracá.	
Título do vídeo: <b>ILHA DE ITAMARACÁ</b>		Data da publicação: 01.03.2019	
Hiperlink: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=RNYgMTw5e_M&amp;t=17s">https://www.youtube.com/watch?v=RNYgMTw5e_M&amp;t=17s</a>		Comentários: 01	
Duração: 3:10	Likes: 29	Visualizações: 105	
<b>Elementos da Narrativa</b>		<b>Comentário</b>	
01. PONTO DE VISTA		Claro, Itamaracá é um lugar com muitos atrativos turísticos. O repórter faz uma rica descrição dos aspectos turísticos da região, não englobando a questão histórica, mas aspectos geográficos	
02. QUESTÃO DRAMÁTICA		Claro Quais são os pontos turísticos geográficos da região?	
03. CONTEÚDO EMOCIONAL		Não houve visualização dos repórteres/ personagens. A narrativa transcorreu sem envolvimento emocional.	
04. O PRESENTE DA SUA VOZ		Boa clareza vocal da repórter. A voz da repórter flui como uma história sendo contada.	
05. MÚSICA E TRILHA SONORA		A edição da trilha sonora ficou muito bem estruturada, foi escolhida uma ciranda, marco da cultura da região que enriqueceu a narrativa. - Eu Sou Lia Minha Ciranda Preta Cirandeira	
06. ECONOMIA		A edição de imagem e gravação ficaram muito bem estruturadas, as imagens são detalhadamente apresentadas de acordo com o conteúdo da narrativa. A transição das cenas, inserção dos textos, também contribuiu para a compreensão da narrativa.	
07. RÍTMO		Ritmo muito bem estruturado, a narrativa fluiu sem interrupções ou falhas. A voz e ritmo da repórter contribuíram.	

### TRANSCRIÇÃO Vídeo 06

**Efeito:** fundo preto e música de fundo, um Notebook se abre enquanto *é narrado a abertura:*

**Repórter:** narração: este vídeo é apresentado pelo jornal o fato social,

**Efeito:** *notebook se fecha, fundo preto, mesma música e imagem em desenho e fundo azul com a palavra Itamaracá e começa mais uma narração*

**Repórter:** **Itamaracá fica situada** na mesma região de Recife, (surge mapa e desaparece) e é acessado pelas BR101 e PE35... (surgem imagens exatamente iguais ao texto). **Turisticamente**

*trata-se de uma das mais importantes microrregiões do estado (surge texto em movimento direita esquerda).*

Tanto em atrativos naturais, tanto em atrativos culturais (surgem imagens e texto, sempre ao ritmo da música, fundo preto)

No município da ilha de Itamaracá, (volta fundo azul e surge esse texto) temos a Barra Nova no canal do Santa Cruz (imagem) o pontal da Ilha de Itamaracá, — *imagem* — a praia do Fortim — *imagem* — Praia do Sossego e estuário do Rio Jaguaribe — *imagens* — / fundo preto, *imagem vídeo da praia.*

Segundo GO, Itamaracá resulta do basculamento de um bloco talhado, movimento negativo de uma porção que separou do continente dando origem a atual Ilha de Itamaracá e ao canal do Santa Cruz, / fundo preto/.

O relevo é amplamente dominado pela planície costeira, com a ocorrência de tabuleiros na sua porção central — *imagem* — / fundo preto/ fundo azul a ilha de Itamaracá pertence a bacia — *imagem hidrográfica g1* — *mapa* — *e segue nesse padrão de edição até a passagem dos créditos* no fundo preto no final, que é o primeiro grupo de bacias hidrográficas de pequenos rios litorâneos que verte suas águas para o oceano Atlântico.

Fundo azul, legendas, Itamaracá em Tupi, significa Pedra que canta, apesar de haver um intenso e desordenado processo de ocupação, ainda possui rico patrimônio natural, onde fica a vocação para o turismo ecológico com o turismo de lazer de sol e mar, aparecem ainda com potencial turísticos, as águas cristalinas do canal e do rio Araripe, com extensas formações de reservas ecológicas de remanescentes de mata atlântica, entre elas, a mata do Amparo e a Mata de Jaguaribe, sua face ocidental é tomada pelo canal de Santa Cruz, já a sua face oriental é banhada pelo atlântico,

O clima é tropical, quente e úmido, a temperatura média anual é de 25 °C, sendo os meses mais chuvosos de abril a julho, a vegetação ocorrente é caracterizada remanescentes de mata atlântica, capoeiras, [ t.] e pequenas áreas de cultivo, e extensas formas de manguezais,

Com relação as manifestações populares, a mais (imagem em movimento de cantora de Ciranda na praia,) importante *é a ciranda, que destaca-se a Lia de Itamaracá*, (a música de fundo fica mais alta e a fala da repórter encerra-se) *vídeo da cantora.*

**Repórter:** *Isso é tudo, feliz Carnaval.*

**Efeito:** A música que se escuta de fundo é de ciranda, que é característica cultural da região mencionada no vídeo. Encerra-se com os créditos ao som da ciranda.

### Ficha técnica 07 Narrativa Digital em Vídeo – Completa

 <p>Ficha técnica 07</p>	<p>Jornal O Fato Social Seu Jornal de Sociologia</p>	
<p>Post no You Tube</p>	<p>Coordenação geral: Mércia passos Direção geral: Alex Santos Edição: Mizael Apresentadores: Nayra brasileiro e Nicollas Riquelme Repórter: Juliana</p>	
<p>Título do vídeo: <b>A MODA MUDA A MODA NA MODERNIDADE LÍQUIDA</b></p>	<p>Data da publicação: 01.04.2019</p>	
<p>Hiperlink: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=zUsxLJjU-s">https://www.youtube.com/watch?v=zUsxLJjU-s</a></p>	<p>Comentários: 0</p>	
<p>Duração: 1:37</p>	<p>Likes: 17</p>	<p>Visualizações: 86</p>
<p><b>Elementos da Narrativa</b></p>	<p><b>Comentário</b></p>	
<p>01. PONTO DE VISTA</p>	<p>Parece que ela quer dizer que o fato de como as pessoas se comportam diante da moda está mudando, e isso é um aspecto positivo (“<i>mas a boa notícia é que isso está mudando</i>”). Entretanto não ficou claro, já que vários aspectos são descritos. O título fala em modernidade líquida, mas em nenhum momento foi feita a relação com a modernidade líquida e em seguida introduz aspectos da sociologia da moda. Na segunda parte a repórter apresenta a diferença entre os conceitos de moda vintage e moda retrô E no final apresenta um livro que pode ser consultado, sobre todos esses aspectos, sugerindo que seu objetivo foi apenas dar uma pincelada nesses tópicos? Parece sugerir que essa é participação do espectador??? Ou faltou traçar relações entre as ideias?</p>	
<p>02. QUESTÃO DRAMÁTICA</p>	<p>Subentende-se que é a pergunta que é lançada ao final. Quer saber mais, sobre sociologia da moda, leia o livro de Frédéric Godard.</p>	
<p>03. CONTEÚDO EMOCIONAL</p>	<p>Os gestos, os olhares, ou em algumas falas, convidando o espectador, como se estivessem juntos nessa narrativa. (Você sabia? vem comigo), mas hoje eu vou te mostrar, quer saber mais</p>	
<p>04. O PRESENTE DA SUA VOZ</p>	<p>Boa clareza vocal da repórter</p>	
<p>05. MÚSICA E TRILHA SONORA</p>	<p>A edição da trilha sonora ficou bem estruturada, acompanhou a transição das cenas, o volume ficou adequado a narração da repórter.</p>	
<p>06. ECONOMIA</p>	<p>A edição de imagem e gravação ficaram muito bem estruturadas, o uso das imagens procura ilustrar o que a repórter está narrando, toque de verossimilhança, recurso usado na narrativa jornalista para provar o que está sendo narrado. Entretanto a resolução da lente da câmera não foi adequada e as imagens filmadas ficaram com impressão de desgaste, não compromete a compreensão da narrativa, mas sim na qualidade estética</p>	
<p>07. RÍTMO</p>	<p>Ritmo muito bem estruturado, a narrativa fluiu sem interrupções ou falhas. A voz e ritmo da repórter contribuiu.</p>	

## TRANSCRIÇÃO Vídeo 07

**Cena:** os apresentadores sentados diante da câmera, com a farda da escola, narram a abertura.

**Apresentadores:** Olá, meu nome é x, olá meu nome é x, e esse é mais um vídeo do jornal, o Fato Social (em coro).

**Efeito:** algumas imagens de gravações anteriores na praia, vinheta do jornal e imagem do slogan do jornal, e é digitado o endereço eletrônico do canal do jornal no YouTube.

**Cena:** volta para os apresentadores na mesma posição, e a apresentadora narra a chamada da reportagem.

**Apresentadora:** e agora, vamos falar um pouco sobre esse tema, que eu não sei como fala, que é um trava língua.

**Efeito:** surge escrito na tela? a moda muda a moda na modernidade líquida (em letras pequenas e em seguida em letras grandes)

Apresentadora: com a repórter de sociologia, juliana, é com você, [gesticula apontando para a câmera]

**Cena:** corte. Outra cena, juliana aparece subindo uma escada na escola, se aproxima da câmera, olha para a câmera, gesticula e narra;

**Efeito:** a moda muda a moda na modernidade líquida

**Repórter:** a moda une, distingue e separa, representa relações de poder, e de status social, a quem julga uma pessoa pela roupa que ela veste, mas a boa notícia é que isso está mudando, todos esses assuntos, são abordados na sociologia da moda, você sabia? [Olha bem para a câmera, convida e gira, desce as escadas. Sempre ao som de Chico Science.]

**Cena:** desce as escadas rápido acelerasse o ritmo da filmagem e a repórter para em uma parede branca e vira para a câmera e continua a reportagem,

**Repórter:** Hoje se fala muito em moda vintage e moda retrô, ambas vieram do passado e são muito parecidas, mas hoje eu vou te mostrar a diferença entre elas, [imagens de pessoas vestidas nas roupas mencionadas na reportagem) – a palavra *vintage* vem de vinho e segundo o ditado, quanto mais velho melhor.

A moda *vintage* representa você pegar peças antigas formando um visual super *fashion*, já a moda retrô reconstrói estilos do passado através de novas modelagens e dá um *look* comportado e saudosista a peça, gostou, quer saber mais sobre a sociologia da moda, fica a dica do livro: sociologia da moda de FG, é isso e até a próxima. Tchau.

**Efeito:** depois das imagens que acompanharam toda a narração para ilustrar o que seriam um estilo ou outro, fica o fundo preto na última frase, aparece o nome do livre digitado em branco no fundo, se preto, e o nome do autor, repórter encerra a reportagem, fundo preto, e muda a cena.

**Cena:** volta para os apresentadores na mesma posição, e narra o fechamento da edição.

**Apresentador:** obrigado Juliana, e com isso nos terminamos mais um vídeo da edição do jornal, o fato social, até a p, corte.

## APÊNDICE 07

### TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

01. ENTREVISTA COM O DIRETOR DO JORNAL				
CATEGORIA	Linha	P/E	UNIDADE SIGNIFICATIVA	ANÁLISE
			<b>Idade: 17 Série: 2º ano Curso: GT</b>	
	1	P	Ok, vamos lá. Antes de começar no jornal você já fazia vídeos?	
	2	E	Já fazia gravações, mas não com objetivo específico	
	3	P	Certo, que tipo de vídeo geralmente você fazia?	
	4	E	AH, eu fazia mais vídeo assim, pegava sei lá, vídeos de meus colegas, pegava assim tipo brincando e fazia, e botava no editor, ia editando e fazia uns vídeos básico	Experiência prévia com vídeos informais
	5	P	Certo, e qual tem sido tua atuação no jornal em 2019?	
	6	E	Olha, eu atuei no início como di, como repórter, e agora em 2019, antes, no finalzinho de 2018 eu passei para diretor	
	7	P	Ah joia, você participou de algum treinamento alguma oficina, para fazer os vídeos?	
Conhecimento prévio	8	E	Particpei, antes, pra entrar no jornal não, a gente não participou, mas durante o jornal, [sim] como o jornal foi, como dizer, muito visualizado, aí o pessoal da TVPE, é, veio aqui e fez uma oficina com a gente, e teve uma oficina aqui e teve uma oficina também no IPHAN. Então foram duas oficinas.	Conhecimento de edição de vídeo, Repercussão dos vídeos
	9	P	Certo, você acha que os vídeos do jornal, já agora falando dos vídeos produzidos, certo, podem ajudar outras pessoas a aprenderem sobre o conteúdo das reportagens, os assuntos que foram trabalhados?	
Distribuição de conhecimento	10	D	Sim, os nossos vídeos inclusive tá sendo usado até por professores dentro de salas de aula, então a gente, tipo, traz as informações, entendeu, não são um objetivo em vão, a vamo gravar só pra dizer que tá gravando não, a gente traz com o objetivo de, ... é ..., a quem tá com dificuldade naquele assunto e a gente principalmente no início pelo menos minha visão foi, a gente vai trazer esses assuntos para o pessoal da escola vê tá ligado, falei tá ligado, é o pessoal da escola vê, e depois o pessoal de fora vê também, então, assim, é acabou que todo mundo vê, tanto dessa escola como de outra escola, foi surgindo de escola para escola, tem muitas escolas dos sertões, de longe que nosso vídeo que tipo a gente fica impressionado com a distância que ele consegue percorrer o assuntos,	Reforça o objetivo do vídeo é informar e ajudar a quem está com dificuldade em algum conceito. – sem fronteiras  Noção da potencialidade da web
	11	P	Ahah, que joia, ahhh, pensando nos vídeos que vocês produziram agora de 2019, certo, foram os que eu acompanhei, qual você mais gostou e porquê?	
Criatividade da edição...	12	D	O que a gente mais gostou de 2019, [se você consegue lembrar]é porque é tanto vídeo, eu nem lembro o último, ah, o que eu mais gostei, não foi porque eu editei,[certo] mas foi pela criatividade da edição, entendeu, todos aqui trabalharam muito bem mais o que eu mais gostei foi o que a gente foi para o centro de convenções, acho que foi o último vídeo lançado, [sim] fomos para o centro de Convenções acompanhar, fazer a cobertura de um evento que tava tendo que o pessoal da escola, o grupo de dança foi dançar, então, eu gostei muito por conta que teve jogada de câmera, m foi um vídeo mais interativo, entendeu, então assim, eu gostei bastante desse vídeo, desse ano,	
Letramento técnico	13	P	Certo, você se considera craque nessa mídia? você acha que consegue se expressar bem produzindo vídeos? Ou fazendo vídeos?	
Auto crítica Senso investigativo	14	D	É, eu queria ter uma base mais profissional, um curso técnico, ou algo do tipo, não me considero nem o melhor nem o pior, tô no meio termo, tô indo bem, eu pretendo me especializar em audiovisual. É pra poder trabalhar	

			com isso porque eu gosto muito do formato de documentário, essas coisas eu gosto muito, então eu tento puxar, trabalhar, pra esse lado e eu me identifico bastante com a função por conta que é bom o que eu faço eu gosto do que eu faço isso é uma coisa que eu gosto de fazer entendeu, eu não tô aqui por obrigação, porque a professora disse a a. vai ser tu que vai fazer isso e é isso, não eu me voluntariei, disse: oh, professora eu posso fazer, entendeu, então é isso que me deixa inspirado para poder administrar.	
	15	P	É, quando você assiste aos vídeos do jornal o que você presta mais atenção, no recurso visual, sonoro, na mensagem?	Obs.: faltou mais detalhes para o conteúdo dos vídeos e os aspectos culturais???
	16	E	No que eu presto mais atenção é na qualidade de tudo, de todo o vídeo, o vídeo em si, na qualidade do repórter falando, se ele trava muito se ele não trava Se ele tá bom travou na qualidade da câmera por que ninguém vai assistir há um vídeo o que é qualidade é baixa entendeu na qualidade do áudio por que por que é um vídeo que está com áudio acelerado e o repórter tá está falando dá pra ler olá Bia o repórter o repórter falando uma outra coisa nada a ver com o áudio é totalmente horrível você assistir o vídeo então você presta atenção em tudo todos os detalhes certo	Narrativa digital em vídeo – não tem como separar seus elementos
	17	P	Ah, tem alguma coisa específica sua que você acha que deixou registrado sua marca nos vídeos? [Ah, isso aqui foi fulano que fez.	
Autoria	18	E	Olha, às vezes eu sou meio ousado né eu coloco pronto no de dança você pode, pode ver que na frente, já tem meu nome direto, direção Alex Santos, edição Alex Santos, não é porque tipo eu gosto de marcar o que eu faço então eu boto meu nome mesmo para marcar entendeu, agora eu boto de uma forma assim , que não vou estragar o vídeo eu não vou botar, o vídeo é 8 minutos, deixar 8 minutos assim no cantinho Alex Santos, vou botar ali pra dizer que fui eu que fiz, se cortar aquela parte pode dizer q f, que é ela, mas eu tenho a noção que eu fiz então eu sempre deixo marcado ali alguma coisinha um detalhezinho por que é o tipo de edição, meu estilo de editar.	
	19	P	Você costumava pensar na repercussão do vídeo, qual seria o <i>feedback</i> ?	
	20	E	Eu nunca liguei muito pra feedback ter muita visualização não sempre pra mim foi tipo vamos com calma, não precisa disso não precisa mostrar pro mundo agora vamos de pouquinho e pouquinho o mundo vai vendo, então pra mim visualização essas coisas nunca me animou assim , é bom ter várias visualizações mas é bom, por exemplo, quando você de 100 visualização é 99 você transmitiu o conteúdo isso que é, bom não de 100 visualização para uma pessoa só você transmitiu esse conteúdo, então o bom é isso entendeu quando você tem a visualização e a galera realmente pega aquele conteúdo, o seu vídeo consegue passar o seu conteúdo.	
	21	P	Ok, certo muito obrigada pela sua ajuda pela sua contribuição, valeu	
	22	E	Precisando	

02. ENTREVISTA COM COORDENADORA DO JORNAL				
CATEGORIA	Linha	P/E	UNIDADE SIGNIFICATIVA	ANÁLISE
			<b>Idade: 17 Série: 2º ano</b> <b>Curso: Guia de Turismo</b>	
	1	P	Pronto, antes de começar no jornal, você já fazia vídeos?	Primeira experiência fazendo vídeos
	2	E	Não, nenhum tipo	
	3	P	Certo, nenhum tipo de vídeo?	
	4	E	Não	
	5	P	Certo, e qual tem sido tua atuação no ano 2019?	
	6		Eu sou vice de Alex, a gente divide as funções, ele fica mais com a parte, com os meninos de edição, e eu ajudo as meninas no roteiro. [Os repórteres no roteiro?]	
	7	P	Ah certo, você participou de algum treinamento para realizar essa atividade especificar ou para produzir os vídeos?	
	8	E	É, a gente teve uma oficina ano passado, com é, Rafael, que é da TVPE, TVPE, aqui, que foi sobre edição, isso tudinho, ajudou todo mundo, e esse ano a gente, eu Alex e Clara, fomos, com o pessoal do primeiro ano, pro IPHAN pra pra também, uma outra oficina de edição.	Letramento funcional em edição de vídeo
	9	P	Ahaha, com relação aos vídeos /now/ agora, do jornal que vocês fizeram, você acha que os vídeos do jornal podem ajudar outras pessoas a aprenderem sobre o conteúdo das reportagens?	
	10	E	Com certeza, o primeiro vídeo do jornal, até foi passado em uma da gente de segundo ano da professora G. ela comentou uma parte, [...] não tinha nada a ver com o assunto, mas ela comentou isso ajudou muito em relação as outras aulas.	E o que tem neles que faz que isso aconteça
	11	P	Certo, você consegue lembrar de um vídeo que você mais gostou de ter feito, mesmo que você não tenha sido, que gravou? Mas, em geral, que você participou	
	12	E	Eu acho que a da, não saiu ainda, mas em relação aos curtas que vai ter no final do ano porque teve o envolvimento tanto do primeiro ano quanto do segundo ano, teve uma relação legal.	Faltaram mais detalhes
	13	P	Certo, teve algum vídeo que você não gostou de ter feito?	
	14	E	Não. [...] todos	
	15	P	Certo, você se considera craque nessa mídia? Você acha que consegue se expressar através de vídeos?	
	16	E	Não um craque, porque eu tenho muita vergonha de aparecer, mas se for preciso [e tem outro tipo de mídia que você considera que também consegue expressar?] Eu, ultimamente, como eu faço o curso de guia de turismo no meu Instagram, eu criei um destaque sobre o curso, então sempre que o pessoal ah, comenta, porque, não é algo que o pessoal vê muito então, tal coisa do teu curso aí eu vou lá e posta entendeu, Tipo, muita gente, muita, não sabe a diferença entre guia de turismo e guia turístico e ultimamente eu venho postando essas coisas, aí eu acho e por ali, eu consigo me expressar legal	Uso de Instagram para se expressar leal  A exposição do vídeo é um entrave, mas supera se for preciso
	17	P	É, quando você assiste aos vídeos do jornal você presta atenção aos recursos visuais? Você acha que eles ajudam a compreender a mensagem?	
Avaliação dos vídeos	18	E	Sim, por quê, como a gente tava percebendo um dia desses, as mudanças os primeiros vídeos quanto, o último, o primeiro vídeo teve muito som, muito ritmo, muito barulhinho, muito pequeno, isso incomodava demais da gente compreender o resto, né, os assuntos né e agora ultimamente não tá tendo, isso	Avaliação dos vídeos  O critério para a qualidade é a edição
	19	P	Certo e você acha que os vídeos do jornal eles prendem mais atenção pelo conteúdo ou pelo uso dos recursos?	
	20	E	Eu acho que depende muito. Porque se for como os primeiros vídeos que foi é sobre a sociologia, que teve ED, isso tudo querendo ou não, prendeu, mas ao longo do jornal a gente tava falando sobre assuntos diversos, Então acho que tanto um pouco do dois.	Ambos são importantes
	22	P	Certo quando você fazia os vídeos, você acha que tinha alguma coisa específica sua que você acha que era a sua cara, ah, esse aqui foi fulana que participou, por causa disso?	
	23	E	Eu acho que eu sempre me identifiquei muito com o de história, que agora é o fazendo turismo porque é sempre nas visitas técnicas do curso, então a gente vai ali, a gente vai animado pra visita, aí tá gravando, aí a gente fica ansioso pra sai, pra ver como ficou, então é a matéria que eu mais me identifico.	Falou o que ela se identifica e não o que ela cria, mas também ela não cria, mas auxilia outros.
	24	P	[Certo você no caso você, esse ano ficou atuando como vice diretora e ajudou mais na questão dos roteiros, aí como era essa parte você ajudava na elaboração do texto como essa parte assim desse roteiro?]	

Avaliação	25	E	Antes, o pessoal tinha o repórter e o roteirista depois cada repórter começou a fazer o seu roteiro, aí foi quando a professora Mércia me colocou para ajudar nisso, as meninas, repórteres, os repórteres pesquisam e me mandam, para mim e para a professora se tiver algo para ajeitar a gente mesmo ajeita, e sempre na gravação a gente tem que estar presente, Porque sempre tem sempre tem alguma frase que as meninas, ah não vai ficar legal isso, Ah então, minha gente fala assim, aí vai ajudando assim na elaboração.	
	26	P	[E como é preparar o texto? Vocês liam coisas pegavam na internet?]	Quem é o pessoal, a audiência?
Pesquisa	27	E	...pega na internet, dependendo do, da matéria, como sociologia tem a professora, as meninas conversam mais com a professora, em turismo a gente fala muito os professores do curso, e na biblioteca tem livros sobre isso, a gente usa os livros da biblioteca e também a internet para isso. [Certo, então você, então era bem um trabalho de busca e depois saia um texto que alguém produzia. ...] A tinha que ser bem resumido até porque um longo, um vídeo longo ficaria muito chato para o pessoal assistir.  [Aí vocês também consideram isso né, se o vídeo vai ficar longo?]  Aí também depende do assunto, tem que ser bem objetivo, o que as pessoas vão falar.	Práticas de letramentos...ir a biblioteca, navegar na internet, ler, buscar escrever  Um bom vídeo não pode ser chato, ter uma narração longa é ser chato, mas também depende do assunto  Considera a mensagem se vai ser bem recebida
	28	P	Você pensava na repercussão do vídeo como seria o <i>feedback</i> da audiência	
Satisfação	29	E	Não, a gente tipo quando a professora falou, a professora reuniu e tinha, que tinha sido selecionado para o Ciência Jovem, ninguém acreditou, "que história professora?", e ela: "eu tô falando sério", e ela chorava, chorava, chorava, aí todo mundo, agora sim, ali, que acho que agora a ficha caiu pelo menos para mim, caiu pô, tá dando certo, que a gente tá fazendo	Certeza de dever cumprido
	30	P	Ok, certo muito obrigada	

03. ENTREVISTA COM APRESENTADORA				
CATEGORIA	Linha	P/E	UNIDADE SIGNIFICATIVA	ANÁLISE
			<b>Idade: 15 anos</b> <b>Série: 2º ano</b> <b>Curso: Guia de Turismo</b>	
	1	P	Certo, antes de participar do jornal O fato social você já fazia vídeos?	Primeira experiência fazendo vídeos
	2	E	Não nunca fiz	
	3	P	Começou agora né?	
	4	E	É, comecei agora no jornal	
	5	P	Certo, qual tem sido a sua atuação no ano de 2019?	
	6	E	Eu sou apresentadora do jornal e já fiz repórter também	
	7	P	Ah certo, você participou de algum treinamento para sua função, de repórter ou para fazer vídeos?	
Investigação	8	E	Não, [aprender tudo fazendo],é fazendo  ... [Certo, e você assistiu algum tutorial, fez alguma coisa sozinha, para aprender alguma coisa?...]  Eu vi tutoriais, digamos assim, de como receita de como se soltar e falar melhor [joia] mas assim coisa simples não foi não foi [não foi nada formal] nenhum curso formal	
	9	E	Sim, sim era.	
	10	P	Você acha que os vídeos do jornal, agora falando um pouquinho dos vídeos que vocês produziram, certo, podem ajudar outras pessoas a aprender o conteúdo das reportagens?	Faltou perguntar porque
	11	E	Pode eu acho muito importante os vídeos.	
	12	P	Certo, qual o vídeo você mais gostou de fazer esse ano de 2019?	
Autoria	13	E	Eu acho que foi o vídeo que a gente fez lá no Centro de Convenções, que foi do projeto Eu também sou Índio que eles se apresentaram lá no evento, eu gostei muito do vídeo, [algum motivo específico você ter gostado mais desse?] eu gostei de gravar ele. A gente entrevistou Maria Medeiros, eu acho que o nome dela é esse, eu não lembro se o nome dela é esse mesmo, eu achei muito interessante, importante, eu achei.	
	14	P	Certo e teve algum vídeo que você menos gostou de fazer?	
	15	E	Não	
	16	P	Tá, você se considera um craque dessa mídia? Você acha que consegue se expressar através de vídeos?	
	17	E	Não, ainda não.	
	18	P	Mas você considera que consegue se expressar se consegue comunicar através do vídeo?	
	19	E	Consigno, ...[e já com essa habilidade que você já tem você acha que se expressa melhor com vídeo do que com outra mídia, papel qualquer outra coisa?] melhor em vídeo.	
	20	P	Quando você assiste aos vídeos do jornal, os que vocês fazem, né você presta atenção aos recursos sonoros visuais e você acha que que eles ajudam a compreender a mensagem	Faltaram os porquês, a entrevistada estava visivelmente nervosa, e fazia questão de já ir respondendo ainda no meio da pergunta, e dando respostas curtas, mantendo aquele silêncio como se não quisesse dar maiores informações, não teve habilidade técnica na hora para contornar essa dificuldade.
	21	E	Sim Com certeza.  ....[e você considera que os vídeos do jornal prendem mais a atenção pelo conteúdo ou pelos recursos sonoros e visuais?...] Ambos, ambos são importantes.	Não apresenta detalhes

			...[e você consegue perceber bem os dois, tanto recurso como a mensagem...] Sim, hum, hum	
	22	P	Existe alguma coisa assim que você faz como apresentadora que você acha que deixa sua marca, Ah eu sempre faço isso, isso aqui é a minha cara.	
Autoria	23	E	Tem a minha abertura [sempre faz daquele jeitinho] sempre [seu jeito né] risos... confirmação	
	24	P	E, assim, quando você vai se apresentar, fazer a sua fala, você planeja antes, você treina antes, você fica na frente do espelho, busca também mais informação de como fazer? como é que é esse processo	
Autonomia/autoria	25	E	Sim... É, a gente antes, a gente tinha uma pessoa destinada a fazer a minha fala, só que depois de um tempo a gente viu que não era, que não era necessário, que era uma coisa mais simples e eu comecei, eu perguntava, eu mesmo, ah qual vai ser o tema da matéria" aí eu eu, ia pesquisar sobre o tema, e dava uma pequena introdução, aí eu mesma fazia minha fala, aí eu treinava um pouco desenrolava, [Ah, você geralmente escreve antes ou era só memorizando mesmo?] Escrevo, eu escrevo algumas coisas e vou assim adaptando certa e você também chega elaborara perguntas, para os entrevistar pessoas?  Quando eu me entrevistei já peguei as perguntas elaboradas eu nunca cheguei a elaborar perguntas	Buscar informação Prática de letramento
	26	P	Certo já se deram né? Sim E a questão da gravação, em si, como era gravar, você escolhia o local que você queria ficar a tua voz? Como fosse iria se posicionar?	
Colaboração	27	E	A gente geralmente era uma coisa muito democrática, é a gente se junta com pessoal da gravação, e diz assim, ah fica melhor do lado de fora. Aí um diz assim, não vamo ver, nesse vídeo a gente faz do lado de dentro, faz a a gente, vai moldando ao tema do vídeo se um tema é mais assim mas aberto, aí a gente faz mais do lado de fora na grama ao ar livre e se for um tema, mais assim mais sério a gente faz geralmente em estúdio mas assim é muito relativo. A gente que resolve [ junto né e você no caso como apresentadora você considera [Você pensava como era o ritmo da sua voz] ia falar muito] Não eu nunca parei O tom da tua voz Mas assim não eu nunca Assim sobre esse negócio de ser longa, eu nunca pensei sobre isso, porque como eu faço a abertura, eu penso assim, eu tenho que falar um pouco pausadamente, para porque eu falo muito rápido naturalmente, eu comecei a analisar os meus vídeos, e eu fui vendo meus vídeos eu tava falando muito muito rápido aí eu comecei, aí deixando minha voz mais lenta para ficar melhor, mas assim eu nunca parei mesmo, para me analisar não.	Negociação, colaboração?  Autoavaliação melhorias, progressos
Autoavaliação/reflexão	28	P	Deixa eu ver minha última perguntinha é com relação a repercussão considerava isso eu fiz devia ter repercussão como seria o feedback da audiência em relação aos vídeos de vocês	
	29	E	No começo eu achei que seria mais sucesso do quê... eu tava apostando muito muito muito muito minha cabeça voou longe mais longe do que eu esperava Mas eu vejo que a gente teve um progresso muito grande no jornal eu vejo que a gente vai crescendo cada vez mais.	Expectativas, mas eu não reforcei o valor da mensagem Avaliação: melhoria
	30	P	Ok, certo muito obrigada.	

04. ENTREVISTA COM APRESENTADOR DO JORNAL				
CATEGORIA	Linha	P/E	UNIDADE SIGNIFICATIVA	ANÁLISE
			<b>Idade: 16 anos</b> <b>Curso: Desenvolvimento de Sistemas</b>	
	1	P	Joia, antes de fazer os vídeos aqui pro jornal O fato social você já fazia vídeos?	Experiência previa informal, fazendo vídeos
	2	E	Fazia, desafios, brincadeira com os meninos, mas nada como o jornal	
	5	P	Certo e qual é a sua atuação do jornal em 2019?	
	6	E	Em 2019 eu sou apresentador do jornal O fato social. [Certo, ano passado você também tinha essa função?] Também eu continuava como apresentador do jornal	
	7	P	Certo você participou de algum treinamento para realizar sua atividade e para fazer os vídeos?	
Investigação	8	E	Alguns cursos, eu já fazia alguns cursos antes de oratória, edição, essas coisas de vídeo, mas também tem um curso bem interessado ano passado um rapaz da TV TV Brasil acho se não me engano, veio aqui fazer um curso de edição de vídeo essas coisas ensinou bastante [e pra essa questão de ser apresentador você fez algum treino para isso?] Só o curso de oratória [você fez fora da escola? ] Fora da escola, já tinha um curso aí me especializar em mais um	Pelo curso de oratória que realizou percebemos seu interesse em desempenhar bem sua função
	9	P	Joia, você se sentiu responsável pela execução de suas atividades que as pessoas dependiam de você?	
	10	E	Não só eu, como toda equipe. Cada um da equipe, dependia de cada um, tanto os roteiristas até os apresentadores.	Senso de corporativismo, colaboração
	11	P	Você acha que os vídeos do jornal podem ajudar outras pessoas a aprender os conteúdos das reportagens?	
	12	E	Sim, sim. É no Ciência Jovem a gente teve até um conhecido lá de, outra escola, no Sertão de Pernambuco e uma de João Pessoa, se não me engano, que tava dizendo que tava usando os nossos vídeos, na sala de aula, por conta que os nossos vídeos dava atração aos alunos para não ficar aquela coisa rotineira na sala de aula	Ajudam a informar e aprender porque são atrativos
	13	P	Joia! Que bom! Qual o vídeo que você mais gostou de ter feito preferência agora de 2019?	
	14	E	Foi o vídeo, rapaz, [qual reportagem uma reportagem] Foi uma reportagem que a gente gravou lá, se não me engano foi Karol, no Centro de Recondicionamento de Computadores de Recife que é bem interessante justamente porque faz parte do nosso curso. Sim, de DS É.	O gostar está relacionado a sua preferência profissional
	15	P	Certo, e teve algum vídeo que você não gostou fazer?	
	16	E	Não, não, sem problemas comigo porque assim, a gente não pode focar em apenas uma área porque o fato social é justamente pra isso é pra abranger todas as áreas específicas,	
	17	P	Certo Você se considera um craque dessa mídia você acha que consegue se expressar através de vídeos, se comunicar através de vídeo?	
Letramento	18	E	Podemos dizer que sim, mas ao mesmo tempo temos que dizer que não. Me expressar, eu consigo me expressar muito bem, mas um craque não, todos nós sempre temos alguma coisa a aprender	
	19	P	Certo. Considerando o que você já sabe sobre vídeo, você acha que se expressa melhor através de vídeos que em outra mídia?	
Criticidade ou autonomia do pensamento ou letramento midiático	20	E	Também, eu uso muito a questão dos vídeos para ensinar, até para até para dar aula na minha sala mesmo, eu uso vídeos mas em questão de mensagem essas coisas, é importante porque são vários meios de comunicações, cada um pode abranger um ponto diferente, visão, audição, Depende do que, a gente, o público-alvo a gente vai querer alcançar Então, você acha que a mídia vai depender do público? Exatamente	Demonstra compreensão da mídia vídeo e de que cada mídia tem uma poder de comunicação específico que também está relacionado ao público
Criatividade	21	P	Certo, tem alguma coisa específica que você faz diante das câmeras que você acha que deixa sua marca? Ah isso aqui é a minha cara?	
	22	E	Não, não, eu não procuro chamar muita atenção para mim não, eu gosto de deixar a atenção justamente nas reportagens, fora nossa abordagem "meu nome é Nicolas meu nome é Nayara "normal.	

	23	P	Agora vamos passar um pouco na produção tá você é apresentador, né? Como é que funciona essa questão da elaboração? do processo? Vocês sentam juntos para elaborar, vocês fazem um esquema do que você vai falar, você pensa aonde você vai se posicionar com relação a câmera sua postura tua voz?	
Letramento digital Cenário + reportagem	24	E	Sim, sim cada tema É decidido em conjunto, todo jornal faz uma reunião de pauta, antes de cada reportagem, para decidir o tema da reportagem, para os seis tópicos específicos, em questão do cenário, de gravação, o cenário vai depender muito da reportagem, vamos dizer que a gente vai gravar no centro de condicionamento de computadores de Recife. É, a gente gravou justamente lá. Gravou, aí não faria uma gravação de abertura do Jornal dentro de uma sala de aula, aí poderia fazer dentro de um laboratório cheio de computadores, que tem um tema relacionado com que a gente vai gravar [certo geralmente tem essa preocupação né? O que você vai fazer com essa relação com a reportagem. ] Sim, puxando justamente ao ponto que a gente quer alcançar no vídeo.	O tema é decidido em conjunto e há a pretensão de se relacionar o cenário ao tema da reportagem
	25	P	E você considerava no caso, seu, se você tá falando muito rápido, o tom da sua voz, o tempo do vídeo, se você iria usar algum recurso? Não sei se caberia como apresentador?	
ND = o presente da sua voz	23	E	Sim principalmente a voz, a voz é bem importante e se a gente fala muito rápido, muito lento tá com a voz ruim, as pessoas que vão escutar o vídeo vão interpretar aquilo de um jeito diferente. Isso pode atrapalhar as pessoas, então a gente tá com a garganta ruim, então adia um pouco a gravação, o vídeo saiu com a voz muito rápida, refaz o vídeo, justamente para ter o máximo de perfeição no vídeo.	A qualidade da voz pode interferir na interpretação da reportagem Adia-se ou é refeito
	27	P	Você pensava em usar algum recurso para ajudar na apresentação?	
	28	E	A gente usa lapelas, pra não, também não ficar com sopro de vento e para pegar a dicção da voz melhor	
	29	P	Ok e para finalizar, você pensava na repercussão dos vídeos ou <i>feedback</i> da audiência?	
Reflexão A web	30	E	Não. De início a gente pensou que o <i>jornal fato social</i> só iria preencher justamente a escola, quando nós lançamos na internet, o nosso canal, a gente sabe que tudo que a gente lança na rede hoje não fica só para nós, pode levar ao mundo, e foi isso que aconteceu, o fato de pessoas de todos os locais de tarem vendo. De tá reconhecendo nosso trabalho, isso é bem significativo para todos nós	Noção de conceito de rede  Valorar o reconhecimento apesar de não ter sido uma coisa que antecipou
	31	P	Ah, só mais uma perguntinha que eu esqueci, no caso da sua fala é você mesmo que elabora o que você vai dizer, ou outra pessoa que diz para você?	
Autoria	32	E	As falas dos apresentadores, normalmente a gente mesmo faz, justamente para não sobrecarregar tanto os roteiristas, já que eles tem muito trabalho para fazer o roteiro de outras pessoas, então, já como a gente é uma a fala mais simples, eu e Nayra consegue fazer isso muito bem, a gente consegue elaborar a nossa própria fala.	
	33	P	Você treina antes? Faz de improviso	
	34	E	A gente faz uma treinamento antes, justamente para não ficar aquilo tão forçado, nem tão robótico	
	35	P	Ok muito obrigada contribuição, pela entrevista	
	36	E	Obrigada também, valeu	

05. ENTREVISTA COM REPÓRTER				
CATEGORIA	Linha	P/E	UNIDADE SIGNIFICATIVA	ANÁLISE
			Idade: 17 Série: 2º ano Curso: Desenvolvimento de Sistemas	
	1	P	Antes de participar do jornal O Fato Social você já fazia vídeos?	
	2	E	Não assim, não para YouTube ou para outra plataforma, não,	Primeira experiência fazendo vídeos
	3	P	[certo, mas vídeos, assim, caseiros?]	
	4	E	Também não, eu não gosto, eu não gostava de ser filmado	Timidez
	5	P	Ah, ok, certo e qual tem sido a tua atuação no jornal em 2019?	
	6	E	Olha eu venho melhorado desde o ano passado, perdendo a timidez e sempre buscando dar o meu melhor  [certo, aí você tem sido repórter?]  Isso  [desde o início até agora] ...desde o início	
	7	P	Certo, e você participou de algum treinamento para fazer os vídeos ou pra a tua função de repórter?	
Investigação  Críticidade	8	E	Não na verdade, ela, a professora escolheu pessoas pela sua personalidade, "ah essa pessoa é boa para Repórter", e e como eu sou mais comunicativo apesar de ser tímido, mais comunicativo, "ela fez, não ele vai ser repórter", eu aceitei e comecei a olhar no YouTube, eu botei no YouTube: como ser repórter aí tipo não aparecia muita coisa aí fiz, não, eu vou pensar. Tipo em um jornalista e vou me basear nele, aí eu sai pegando várias, várias inspirações, pra, resumindo eu descobri que eu tenho que ser eu mesmo, [ah ah] mas é bom sempre ter inspirações [é, joia, então foi buscar na internet], fui pesquisei lá no Google, no YouTube ... [ahaha, massa]	Estratégias para aprender, não tinha feito treinamento antes, aprendeu só A escolha das funções foi indicação da professora, mas os alunos são voluntários
Todo mundo ajuda  Todo mundo Coletivo	9	E	Havia, ano passado existia mais, eu considero que no passado existia mais porque tinha o roteirista, uma pessoa para ser roteirista e o era o Repórter, mas a no caso a minha roteirista sempre me ajudou, por isso que eu digo que tinha mais esse vínculo de um ajudar o outro, <i>todo mundo ajuda todo mundo</i> , roteirista e repórter, é que tem esse elo, esse laço, entre eles e atualmente, esse ano, nesse caso eu mesmo faço meu roteiro e eu mesmo gravo 0é eu e eu, aí ano passado acho que tinha mais, mas em relações a outras funções tem sim essa ajuda, esse incentivo, até da própria professora Mércia, ela chega em mim, ela faz "Daniel você tá se sentindo bem?", eu eu digo, tô", aí sempre teve isso Alex que é o diretor, agora do jornal, também sempre buscando organizar todo mundo	Análise crítica pois diz os porquês, compara a ajuda de 2019 e 2018,  Ter apoio e incentivo é com relação a demonstração de cuidado e organização
	10	P	Joia, então com relação aos vídeos que vocês fizeram, sua opinião, você acha que os vídeos do jornal que vocês fizeram, podem ajudar outras pessoas a aprenderem sobre os conteúdos das reportagens?	
Autoria	11	E	Sim, com certeza, como agora roteirista e Repórter eu consigo perceber que tipo tem muito conteúdo, tipo antes eu pegava o conteúdo decorava, é assim ao pé da letra e transpassava para as pessoas, com o meu jeito claro, agora não, agora eu faço, eu estudo, Eu sei tudo que tá ali, tudo que eu vou falar e passo para as minhas palavras, para o meu jeito de agir de ser, e tipo a agora aí eu percebo sim ajuda muito as pessoas eu entendi aquilo e é sim, os assuntos são bem variados, agora eu sou repórter de Ds, as pessoas querem entrar aqui na escola, querem fazer Ds, entendeu o que é Ds e como é esse mundo, então ajuda sim, as pessoas.	As mensagens das reportagens de Daniel pela fala dele saem bem da sua cultura de referência...é o que ele sabe que acha que outras pessoas vão precisar saber e conseguir entender também Marcas de autoria e criatividade. Tenta fazer do jeito dele.
	12	P	Joia, e qual o vídeo você mais gostou de ter feito em 2019? Esse ano no caso, [é...] [se você consegue lembrar desse ano, se foi do ano passado pode ser também, se você acha que o que mais gostou de fazer foi só o do ano passado...]	
	13	E	Ah, o que eu mais gostei... de fazer foi do ano passado, [certo,] foi assim tava, tipo ai meu deus, como vai ser repórter, e foi o vídeo eu ainda era o repórter de adolescência em Foco	O que valoriza no vídeo foi o conteúdo, a

			que era um dos quadros que tinha e era exatamente o tema da cabeça do adolescente, como é tipo, aí teve uma entrevista com uma psicóloga que veio para cá e foi bem interessante porque eu até hoje, Assisto esse vídeo. Porque tudo que foi dito lá é tipo de suma importância, acho que vou levar para o resto da minha vida aquele aprendizado, eu sempre gosto de revê-lo, Apesar de eu não gostar da minha voz, mas eu gosto de ver aquele vídeo, do ano passado.	temática e a aprendizagem  O tema que ele considera importante.  Autocritica
	14	P	Ah, joia. Se tiver algum vídeo que você menos gostou ou não gostou de fazer?	
	15	E	Não nenhum eu não gostei de fazer, esse eu me apeguei mais [ahaha] mas que eu não gostei, não tem nenhum	
	16	P	Que bom, você se considera um craque dessa mídia? Você considera que consegue se expressar se comunicar através de vídeos?	
Superação	17		Um craque assim eu não sou, eu caminho, eu busco dar o meu melhor, mas ser um craque assim não eu entendo que <i>Esqueci a pergunta</i> [se você se considera um craque se você consegue se comunicar, mas de qualquer forma você consegue se comunicar...] é eu consigo me comunicar dá um nervosismo na hora, quando eu pego aquela câmera, parece que, dá um branco, eu esqueço tudo, o medo todo, é... tem um rancinho, porque eu sempre atraso as gravações porque eu fico nervoso, eu esqueço mas eu busco dar sempre o meu melhor, agora eu faço um roteiro bem top bem feição, entendo e gravo mas ser um craque, assim especialista, não, mas sempre busco dar o meu melhor  Certo, considerando o que você já sabe fazer com vídeos, você acha que se expressa melhor através de vídeos ou teria uma outra mídia que você gosta de fazer também? Texto por exemplo? Ah eu acho que eu me expressaria melhor em texto porque eu gosto de escrever e não teria uma câmera aí me observando, aí eu estaria 100% livre, só, uma câmera vai me dar um nervosismo, aí eu me expressaria melhor, ou sem uma câmera se fosse uma aula, exemplo, seria as pessoas, mas acho que a câmera em si, [a câmera ainda] é... [dá um certo nervosismo] isso.	Autocritica  Não é craque mas considera que consegue se expressar nos nessa mídia e supera a timidez e vergonha das câmeras  Autocritica/autoavaliação Consegue avaliar bem porque não considera vídeo o seu meio principal para expressão
	18	P	Certo, aí com relação aos vídeos do jornal, quando você assiste os vídeos do jornal você presta atenção os recursos sonoros visuais? Você acha que eles ajudam a compreender a mensagem?	
	19	E	Sim, ajuda porque, exemplo você vai ver um vídeo que é só uma pessoa falando querendo ou não vai dar um sono, vai dar vai ter uma perda de interesse, mas tipo se usar o audiovisual uma imagem, um fundo musical diferente. Vai dar um interesse melhor, pode ser 15:10 não importa a quantidade de tempo, você vai ficar focado naquele vídeo, Então acho que ajuda e muito	Conceito de um bom vídeo, não pode ser chato, pois dá sono, tem que ser interessante. Obs.: o vídeo que ele mais gostou não tem recursos
	20	P	E você considera que os vídeos do jornal prendem mais pelo conteúdo ou pelos recursos	
	21	E	Eu acho que os dois, os dois estão lado a lado e os dois funcionam para que o vídeo seja top.	Busca o seu jeito que pelo visto é a brincadeira e quebra de formalidade, e euforia, percebe-se que reflete sobre suas ações
	22	P	Certo, aí você falou que gosta de falar do seu jeito, né, então você acha que tem alguma coisa assim que é a sua identificação que a sua cara quando você faz o vídeo, sempre tem aquilo?	
Autoria Criatividade?	23	E	Ah, tem que ter a representatividade, eu me considero a representatividade e nos vídeos eu sempre busco transpassar isso, a minha alegria, a minha euforia, e é isso. Eu sempre, porque você tá fazendo uma entrevista, aí aquela coisa formal, você está acostumado com aquela coisa formal, mas se você fizer, sei lá, uma brincadeira, uma coisa mais voltada para o entretenimento, acho que muda, aí eu busco sempre isso, tipo numa pesquisa, numa fala, dar sempre meu jeito, como eu falo, o meu jeito.	
	24	P	Certo, pra gente finalizar só um pouquinho do processo como é que vocês elaboravam a reportagem na caso que você fazia, você planejava, você fazia o roteiro? Como era essa	

			busca de era preparar a matéria em si, você escrevia, você gravava um áudio antes? Como era isso?	
Autonomia, autoria Auto avaliação	25	E	Ano passado, Cada repórter tinha seu roteirista e eles que pesquisavam lá, e eu não sabia bem o que acontecia [certo] só sei que em tal data que recebi já pronto, aí esse ano como eu sou meu próprio roteirista e Repórter, eu sei passo a passo, e é bem tipo, tudo é bem, complexo tem que pesquisar, ver várias fontes, pra mensagem não ser passada errada, tem todo esse detalhe enfim em cada detalhe e você tem que entender, porque querendo ou não, você está transmitindo uma mensagem para a pessoa que tá lá no YouTube ouvindo, e vendo então você tem que ser bem fiel, você tem que ser bem verídico, e aí eu vou, pesquiso tudinho no Google em vários sites, monto, vou escrevendo, gosto de escrever, não gosto de escrever no celular, eu gosto de escrever no papel. Meu negócio é papel e uma caneta, e faço tudinho e separo por partes depois entra parte de gravar [certo, e geralmente quem escolhe onde vai ser gravado? como é que você vai ficar diante das câmeras? É você sozinho é que dá opinião em relação a isso?] é bem conjunto isso eu dou uma opinião, o editor, e você quando faz o vídeo, você considera a sua voz quanto tempo vai ser o vídeo quanto tempo vai ser o vídeo se vai ser mais rápido se vai ter muito recurso, você pensa antes? eu penso, eu treino em casa, o tom, a tonalidade da voz, tanto é que esse ano uma funcionária aqui da escola Sandra, ela percebeu que houve uma melhora muito grande, dá dá minha forma de se expressar, antes nervoso agora tranquilo e com uma boa entoação, então eu sempre olho, treino casa o ritmo a voz de tudo para ficar tudo perfeito porque eu tenho tenho problema com minha voz, não consigo ouvir ela me dá uma agonia, aí por isso que eu busco, pra as pessoas não sentir essa agonia que eu sinto	
	26	P	[e como é preparar o texto? Vocês liam coisas pegavam na internet?]	Quem é o pessoal, a audiência?
	27	P	E a última pergunta, você considera a repercussão que o vídeo vai ter como vai ser a resposta da audiência?	
Compartilhamento Distribuir conhecimento	28		A gente considera né, que muitas pessoas vejam compartilhem nos grupos para ter uma maior visibilidade O que é informação, informação tem que tá sempre em andamento não existe informação parada informação tem que girar pelo mundo e é isso que a gente busca, sempre transpassar a mensagem.	
	29	P	Ok muito obrigada. Foi ótimo	
	30		De nada	

06. ENTREVISTA COM FORMADORA				
CATEGORIA	Linha	P/E	UNIDADE SIGNIFICATIVA	ANÁLISE
			Idade: 16 Curso: Guia de Turismo	
	1	P	Antes de participar do jornal O fato Social você já fazia vídeos?	
	2	E	Não	Sem experiência prévia em produção de vídeos
	3	P	Qual foi sua função nesse ano agora de 2019?	
	4	E	Em 2019, eu entrei como, para dirigir uma das turmas daqui da escola do primeiro ano na produção de vídeos para que eles tivessem, como dizer, capacitados para entrar no jornal no ano seguinte, no caso, em 2020	
	5	P	Certo, e no ano passado?	
Colaboração	6	E	No ano passado eu era da parte técnica, eu era que ajustava cenário, que sabe, tudo, que o pessoal daqui ia gravar precisava era minha função, tá ali, ajudando eles, e quando eu, foi na última edição teve uma menina que saiu, aí eu entrei como repórter de, história mas infelizmente o vídeo não foi ao ar, mas mesmo assim eu fui Repórter, [E no caso você fez algum treinamento para produzir vídeos ou para aprender alguma coisa dessa tua área? ] Quando eu entrei no jornal, acho que foi metade do ano passado acho que é agosto, mais um pouquinho aí nisso a gente teve a oficina com Rafael, Oficina da EPC ai foi, que ajudou bastante para produzir os vídeos	Cenário E uma vez como repórter  Oficina de produção e edição de vídeos  Aprendeu fazendo
	7	P	[e no caso, para aprender a fazer essa questão que o você falou cenografia, você fez algum curso assistiu alguma coisa, fez algum tutorial?]	
Colaboração	8	E	Não. Minhas amigas elas eram do jornal, então sempre que elas estavam gravando e tal eu tava ali junto com elas e sempre que eu tinha coisa do jornal eu tava ali junto delas, tipo, desde que começou, eu tava ali ajudando e tal, eu não era nitidamente do jornal mas eu sempre ajudava, mas ai eu via o pessoal fazendo, e aprendi e quando foi na minha hora de entrar eu sabia fazer,	
	9	P	Com relação aos vídeos do jornal, você considera que eles podem ajudar outras pessoas a aprenderem sobre o conteúdo das reportagens?	
Distribuição do conhecimento	10	E	Com certeza, tanto de história quanto a carta que, do jornal, que é de sociologia, acredito que pode ajudar também para quem está produzindo, porque tinha questões de, para quem fez, SSA, ano passado que tinha questões sobre fato social ano passado, eu sabia desenrolar porque eu fui ver vi os vídeos que tinha coisa sobre isso, e para o pessoal que tá assistindo, eu acho que eles conseguem do mesmo jeito que eu consigo	As reportagens são relativas à cultura deles de alguma forma
	11	P	Certo. Qual que você mais gostou de fazer? No caso os vídeos de ano passado é aí é difícil [algo que chamou atenção]	
Criticidade Letramento crítico Autoria	12	E	Eu acho que o primeiro vídeo, é assim, eu acho que eu já assisti aquele vídeo mais de 500 vezes, mas sei lá, o que mais gostei de fazer, eu acho que foi um eu acho que você não me engano foi a terceira Edição do ano passado que foi quando eu tava bem assim na parte técnica e tal ajetei tudinho aí foi o que mais gostei, mas todos os vídeos do jornal Sei lá são bons,	Gostou de fazer porque sua atuação foi bem positiva para a qualidade do produto
	13	P	Teve alguma que você não gostou de fazer?	
	14	E	Eu não me lembro de nenhum	
		P	Você se considera um craque dessa mídia você considera que consegue se expressar através dos vídeos?	
Autoavaliação Autoria do pensamento	15	E	eu acho que na proporção que eu era eu consigo bem, Eu não me considero uma pessoa craque, até porque dentro do jornal tem alguém que sabe mais disso, outro sabe mais disso, eu acho que aprendi muito a lidar com esse pessoal que chegou, a repassar conhecimento, eu acho que eu me identifico mais nessa área, na produção de vídeo eu ainda fico, mas eu acho que sei ser uma boa câmera, porque agora com o primeiro ano, eu tenho que ensinar eles, eu acho que eu não manjo muito de edição, edição é sempre algo mais trabalhoso que requer que Você fique tentando várias vezes, aí eu acho que é meu ponto fraco, mas eu, consigo desenrolar.	Analisa, e explica o porquê que ela acha
	16	P	Considerando o que você já sabe sobre vídeos, Você considera que se expressa melhor através de vídeo ou existe para mídia que você se identifica mais pode ser papel?	
Letramento	17		Eu nunca tentei, foto, eu gosto muito de foto, mas acho que vídeo sei lá, por produzir, já cria uma intimidade com a coisa, aí hoje acho que consigo me expressar melhor por vídeo	

	18	P	Quando você assiste aos vídeos do jornal, você presta atenção os recursos sonoros e visuais você acha que eles ajudam a compreender a mensagem?	
Letramento digital	19	E	Com certeza, eu acho que se o áudio não está bom, se a câmera não focou, sabe tem que tudo tá encaixado, para que venha prender a sua atenção, ali,	O todo é que prende a atenção do espectador
	20	P	E no caso dos vídeos do jornal, você acha que eles prendem mais atenção pelo conteúdo pelo uso dos recursos?	
Criatividade	21	E	Eu acho que o conteúdo, porque eu acho que é uma coisa aqui eu nunca, nunca, vi um jornal de sociologia no YouTube. A gente tá no ensino médio, eu nunca vi, acho, as pessoas se sentem muito presas, pela, por, não ser uma coisa comum, e, os efeitos eles ajudam muito, de assistir, você cria uma expectativa, e esses efeitos, eles conseguem dizer, não eu esperava isso mesmo.	Os efeitos conseguem dizer algo, e ajudam na expectativa gerada na audiência O jornal é visto pela aluna como algo original, criativo, por quebrar um certo padrão de canais no YouTube
	22	P	E quando você produzia e ajudava na cenografia ou na edição tem alguma coisa assim que você fazia que era sua cara que se podia dizer que quem fez foi isso foi "fulana", e dava seu toque? Não, nada especificamente né? não sei. Quando vocês vão preparar o vídeo você geralmente fica mais nos bastidores, né? E aí como é essa questão de como vai ficar o vídeo? vocês sentam juntos fazem roteiro descrevem como é que vai ser? decidem antes como é que vai ser a posição da câmera repórteres? esses elementos mais técnicos, como era pensar nisso antes de gravar?	
Colaboração Todo mundo opinião	23	E	A gente senta, a gente vê o que que a gente vai, todo mundo da equipe por mais que tenha sua função, diz o que é que é interessante você botar no vídeo e a gente passa para o repórter, e ele mesmo faz um roteiro, o que que ele quer, o que ele acha melhor colocar e tal aí daí a gente parte, se for uma externa, a gente saiu e quando chegar lá não tem muito que a gente pensar, que dentro da escola, como que a gente vai colocar a câmera, como a gente vai fazer isso, quando chegar lá o ambiente geralmente não colabora, a última acho que na última que a gente fez foi no Miguel Batista a gente foi para lá a gente foi pegou lá o negócio lá na área de convivência do pessoal E a gente foi montou e o pessoal que tá de fora no caso, é mais a minha parte de tá como o telespectadora, a gente consegue ver, mais ou menos o que o pessoal vai ver no vídeo, aí a gente vai opinando e tal Então depende muito de onde vai ser feita [é onde vai ser o vídeo] e o que tem] é disponível.	Demonstram ter muito trabalho em equipe
	24	P	Como é que você considera a questão técnica a voz da repórter o ritmo a duração de vídeo vocês pensam nisso?	
	25	E	É importante, principalmente, quando a gente vai fazer a reportagem a gente prepara o roteiro preparar, as perguntas aí quando a gente vai entrevistar, a pessoa ou ela, sei lá, eu já fiz isso uma reportagem uma vez, se que a pessoa era muito tímida muito tímida, e eu perguntava, fazia a pergunta a ela e ela, sim, não, sim, isso é muito difícil para o repórter, e você tem que tentar soltar o entrevistado e é bem difícil e tem a questão também do tom do repórter, de como você está conduzindo as perguntas e as pessoas vão te responder. E aí quando elas te respondem e aí elas estão respondendo à pergunta que você vai fazer lá na frente e você tem que saber tem que saber administrar isso, é bem [complexo] [é bem complexa], mas é legal.	
	26	P	Você considera o feedback da audiência Como vai ser a repercussão do vídeo?	
Compartilhar. Ser comentado e assistido	27	E	A gente quando a gente faz o vídeo aí a gente solta. Bem no começo, até hoje, ai solta no grupo da família, solta no grupo dos professores, os próprios professores aqui da escola, eles saem compartilhando os vídeos da gente e tal, e depois eles parram a gente no corredor, olha ficou muito legal, massa porque aquele teu vídeo que tu fez assim ficou muito bom, então tipo é super, esse <i>feedback</i> é super. Dá muita energia para gente continuar e também tem os pontos negativos, já não sei se foi ano passado ou foi esse ano, a gente postou um vídeo, que é, um rapaz que assistia a gentes e foi lá e comentou sobre o vídeo e dói um comentário, ele já era um telespectador, do jornal, e quando ele viu o vídeo tinha uma coisa que a gente tinha deixado a desejar e ele foi lá e comentou isso é super importante	Cultura do compartilhamento de Castells  Reconhece quando o vídeo não fica bom, valoriza os comentários dos outros,
	28	P	Ok. Muito obrigada pela sua contribuição	

07. ENTREVISTA COM REPÓRTER				
CATEGORIA	Linha	P/E	UNIDADE SIGNIFICATIVA	ANÁLISE
	0		Idade: 17 Série: 2º ano Curso: Guia de Turismo	
	1	P	Ok, antes de fazer, antes de participar do jornal social você já fazia vídeos?	Primeira experiência fazendo vídeos
	2	E	Não não fazia [então começou aqui né?]	
	5	P	Qual tem sido sua atuação no jornal?	
<b>Autonomia</b>	6	E	Ah, sou repórter desde o início eu gosto muito de fazer isso e foi algo muito do acaso, acho que eu já falei isso aqui que..., eu na verdade, fiz uma entrevista especial que era do tema a relação entre alunos e professores, aí eu pedi para Alex, ah eu quero aparecer – só tirando onda, aí ele, vamos, aí eu acabei indo, aí Mércia viu. Ela gostou e eu me tornei Repórter,	Motivação e interesse em participar do jornal, começou por acaso
	7	P	Joia. E você participou de um treinamento para fazer a tua função do repórter ou para fazer os vídeos?	
	8	E	Não, foi algo bem natural mesmo, [nem para os vídeos aquela oficina que teve, você não chegou a participar?]  Eu fiz uma oficina, com Rafael que foi de edição de vídeo.	Aprendeu fazendo
	9	P	Certo, e o que você acha dos vídeos do jornal você acha que ajudam as outras pessoas a aprenderem sobre os assuntos que são passados no vídeo?	
	10	E	Sim, eu acho que sim porque aborda temas que é a atuais, muito importante, e ajuda às vezes até em coisas escolares, se você pesquisar lá é eu acho que é muito necessário sim	Aborda temas atuais, escolares e necessários
	11	P	Joia. Qual foi o vídeo que você mais gostou de fazer? De preferência os de 2019 mas se for os do ano passado também pode?	
<b>Criticidade</b>	12	E	Acho que foi do circuito dos museus, foi um conteúdo muito, muito rico, eu achei, gostei muito	
	13	P	Ah teve algum que você não gostou de fazer ou menos?	
<b>Autoavaliação</b>	14	E	Deixa eu ver, eu acho que foi uma entrevista que eu fiz na Caravana da Educação Foi algo tipo de estética mesmo porque eu tinha gravado aí as meninas perderam aí eu tive que gravar e foi tipo para gravar agora do nada e eu não estava arrumada Eu tinha esquecido a fala, foi muito eu acho que não gostei não] foi de supetão né] foi	Valore de estética, bom vídeo é não ter falhas
	15	P	Você se considera craque nessa mídia você considera que consegue se expressar bem através de vídeos?	
<b>Superação Motivação Autoavaliação</b>	16		Mais ou menos, eu sou uma pessoa muito tímida muito muito muito foi bem difícil no início, eu acho que quando você gosta é algo mais leve, você, é algo mais fácil, mas não que eu seja craque, Eu ainda estou aprendendo, Mas aos poucos eu vou me desenvolvendo, eu acho	Superação, motivação e engajamento, autoavaliação
	17	P	E mesmo estando aprendendo você acha que se expressa melhor em vídeo do que em outros tipos de mídia?	
	18	E	Eu acho que em relação ao jornal sim,	
	19	P	Quando você assiste aos vídeos do jornal você presta atenção os recursos sonoros e visuais eles ajudam a compreender a mensagem?	
	20	E	Sim é importante, tanto na qualidade do áudio para gente entender né e as imagens que eu acho que algo mais dinâmico ao invés de ficar só naquele áudio só só ilustração também é importante a junção dos[certo] dois	
	21	P	Você acha que os vídeos do jornal eles prendem mais atenção pelo conteúdo ou pelo uso dos recursos?	Poderia ter perguntado mais detalhes
	22	E	Eu acho que os conteúdos	
	23	P	Joia, já que você começou a falar dos roteiros é como é geralmente é essa elaboração da reportagem para você? você trabalha sozinha, você já falou que mostra como que tá ficando, você busca na internet, você escreve um texto, faz uma planilha como é que faz?	
<b>Letramentos, leitura, escrita, busca Investigação</b>	24	E	Eu pego o tema, penso, nada distraído, só os pontos importantes, para que serve como atua, dependendo do tema aí eu pego só os pontos importantes, eu pesquiso na internet faço um rascunho e depois eu vejo que é necessário mesmo falar e faço,	Cria o roteiro a partir dos pontos importantes, faltou perguntar o que e importantes o que o público quer saber

	25	P	E é você também que pensa nas imagens que vai usar, [mais ou menos] como vai ser no cenário, que vai gravar?	Quem é o pessoal, a audiência?
	26	E	Às vezes eu tenho uma ideia de, as imagens que precisa, mas normalmente é mais com a edição com os meninos, que eles pesquisam mais,  Você fica mais na questão do texto mesmo... [é]...	É negociável
	27	P	E quando você fazia os vídeos Teve alguma coisa que é a sua cara que deixa sua marca? [Como assim] alguma marca, como repórter, alguma coisa que te identifica que geralmente você faz daquele jeitinho se prestar na frente das câmeras?	
Autoria Criatividade	28		Eu acho que é a introdução, tipo, "olá eu sou KV, eu sempre falo isso na introdução, olá eu sou KV, sou repórter de turismo, o tema da edição é tal tal tal. Eu acho que sempre falo isso	
	29	P	E você pensa assim na voz que vai mudar o timbre o ritmo essas coisas assim?	
<b>Autoavaliação Autoria</b>	30	E	Sim eu penso, tipo, que não seja tão acelerado eu gosto muito não tá muito acho que deu para entender aí sempre pensa nisso se [você geralmente treina antes?]  Sim, sim mais ou menos, não sempre, quando eu gravo os áudios normalmente é o áudio separado do vídeo, eu mesmo que gravo, com o áudio do celular, eu faço tipo um teste com o áudio, para ver se a voz tá boa, se eu preciso aumentar o Tom, coisas assim.	Preocupação com a qualidade, autocrítica na qualidade técnica
	31	P	Ok, muito obrigada, repórter	Esqueci de perguntar sobre a repercussão dos vídeos

08. ENTREVISTA COM REPÓRTER				
CATEGORIA	Linha	P/E	UNIDADE SIGNIFICATIVA	ANÁLISE
			Idade: 17 anos Curso: Guia de turismo	
	1	P	Antes de participar do jornal O fato social você já fazia vídeos?	
	2	E	Não, nunca fiz [nunca fez né]	Sem treinamento ou experiência previa
	3	P	E qual a tua função em 2019 no jornal?	
	4	E	Eu sou repórter de sociologia [sempre foi sua função] sim	
	5	P	Certo. E no caso você recebeu algum treinamento para fazer vídeos ou para a função que você iria desempenhar no jornal?	
	6	E	Não, anteriormente eu era monitora de sociologia e por isso entrei no jornal para ser repórter, sem nenhum preparação.  [certo nem como produzir vídeos?] não [e você fez alguma pesquisa sua para aprender alguma coisa, ou] também não [é inato] Foi natural	Aprendeu fazendo, não relatou busca individual para aprender algo.
	7	P	Com relação aos vídeos do jornal, com relação ao conteúdo você acha que quem assiste os vídeos conseguem aprender as mensagens que estão lá, o quer será que eles passam para audiência? Em termos de conteúdo?	
Criticidade O conhecimento é distribuído	8	E	Eu acho que é bem esclarecedor os vídeos do jornal, tem uma temática bem jovem acho que isso ajuda as pessoas ao Jovens que tão a procura desses vídeos, a entenderem, às vezes e acho que a gente se expressa bastante também E é isso.	A clareza do vídeo como um todo ajuda o espectador a compreender a mensagem
	9	P	Qual foi o vídeo que você mais gostou de fazer de preferência agora em 2019?	
	10	E	Ah eu gostei do vídeo da edição no Miguel Batista acho que ficou bem interessante, o vídeo, a gente entrevistou algumas pessoas,	
	11	P	Alguma coisa específica que chamou mais atenção nesse vídeo, por que você gostou mais dele?	Difícil separar mensagem, de recursos, do jornal, do contexto de produção
	12	E	Sinceramente acho que tudo, o espaço, o acompanhamento que a gente teve lá, tudo, foi incrível.	
	13	P	E a produção final do vídeo você gostou?	
	14	E	Eu gostei bastante também	
	15	P	Que você não gostou? gostou menos?	
Autoavaliação Criticidade	16	E	Eu não diria que eu não gostei, mas eu queria sim o primeiro vídeo, eu achei, bem ruim entre", porém foi um dos vídeos que eu mais gosto até hoje sinceramente assim foi no sentido de que de não ter muita qualidade técnica mas foi incrível é um dos meus vídeos Favorito é bem interativo eu participei desse vídeo também, para vista do que está hoje, evoluiu bastante, em tecnologia e tal, mas esse vídeo ele tem esse ponto negativo porém ele acrescenta muito hoje Nesse quesito de gostar, eu gosto bastante.	
	17	P	Com relação aos vídeos ainda você considera que eles prendem a atenção pelos recursos sonoros e visuais, aprender a mensagem?	
Autoria Senso de pertencimento	18	E	Eu acho que tem ajuda, ajuda bastante como eu disse tem uma temática bem jovial, e como nós somos jovem, nós procuramos isso, eu acho que jornal ele representa bem essa questão,	Parte da cultura de referência do aluno. Identificação
	19	P	Como essa questão da mistura entre recurso e conteúdo acha que está equilibrado o recurso de repente chama mais atenção do que o conteúdo	

Letramento técnico	20	E	Acho que é equilibrado, acho que é bem equilibrado ao mesmo tempo que a gente tem uma boa desenvoltura prende atenção das pessoas e passa conteúdo ao mesmo tempo,	
Criticidade	21	P	E você se considera craque nessa mídia? Você acha que consegue se expressar bem através desse vídeo?	
Autoavaliação	22	E	Acho que sim, ninguém nunca reclamou. Tem alguma outra mídia que você também gosta? Eu gosto bastante [comparando vídeo escrever você acha que se identifica mais? Vídeo]	
	23	P	Tem alguma coisa que você faz, que é a sua cara, ah isso aqui foi fulana...	
Autoria Criatividade	24	E	Não sei acho que eu gosto de fazer as pessoas rirem, [Tá vendo já é alguma coisa] o	
	25	P	Ok, então rapidinho, pra gente, saber como foi o processo assim, você no caso e repórter ne, sim, aí esse ano você é a que faz a própria reportagem? Certo, aí como é que é esse processo de planejamento, dessa reportagem, geralmente você lê, busca, pergunta, escreve, treina? Isso]	
Cooperação	26	E	Antes eu leio, faço o roteiro, se eu precisar de ajuda a prof. Mércia sempre me auxilia, e a equipe toda também, ...eu digo, gente eu tô com uma dúvida, eu não sei o que perguntar, se for uma entrevista, tenho que perguntar, vocês tem alguma ideia, eles sempre auxiliam,	Pelo que se percebe nas falas quando há dúvidas eles cooperam entre si para que a pessoa consiga concluir sua parte, e há colaboração quando eles estão discutindo a reunião de pauta porque querem juntos chegar um uma ideia só.
	27	P	Você geralmente escreve o que vai ser dito antes,	
Letramento Narrativa digital	28	E	Sim, tudo escrito, tudo escrito, né, [aí geralmente é um texto corrido?] Sim, algumas perguntas, se for entrevista, ou se for só explicando eu faço um texto leio, estudo, pra poder passar	
	29	P	Certo. E você considera [assim,] é você também que pensa como é que vai ser a gravação em si se você vai sentar, se vai ficar em pé a posição da câmera a tua voz? O ritmo do vídeo, se vai ser mais rápido, essas coisas assim? Você também atua nessa parte?	
Cooperação	30	E	Não, nessa parte aí, é mais os meninos da gravação da edição que sempre auxiliam na gravação, falam, olha é melhor tu ficar nessa posição e tal.	
	31	P	Ah, certo, e pra fechar, você costumava pensar na repercussão dos vídeos, como que seria o <i>feedback</i> da audiência?	
Distribuição de conhecimento,	32		Ao nunca pensei, na verdade eu não esperava e o jornal teria tanta visibilidade Quanto tem hoje mas eu fico muito feliz porque eu sei que a gente vai sair dessa escola e esse projeto vai passar para outras pessoas e esses vídeos vão ficar na mídia para outras pessoas, para gente ver quando tiver mais velhinho ver os vídeos e se orgulhar, né	
	33		Obrigada	

09. ENTREVISTA COM EDITOR				
CATEGORIA	Linha	P/E	UNIDADE SIGNIFICATIVA	ANÁLISE
			<b>Idade: 16</b> <b>Curso: Guia de Turismo</b>	
Letramento	1	P	Certo. Antes de fazer os vídeos aqui do jornal fato social você já fazia vídeos?	Muita experiência com vídeos principalmente com edits
	2	E	Bem antes	
	3	P	Qual o tipo de vídeos, assim, que você fazia?	
	4	E	É eu gostava muito de fazer umas edits pessoal, tipo, edits (agenda??) umas edição que tá até muito famosa hoje O que é aquelas edição que que tipo, tá assim, ai tem tipo uma transição que vai que vai, outra que passa, vai e volta, eu gosto muito de fazer eu fazia,	
	5	P	Joia, e qual tem sido tua atuação no ano 2019?	
	6		Eu sou editor	
	7	P	Ah certo, você participou de algum treinamento para realizar essa atividade especificar ou para produzir os vídeos?	
	8	E	E você participou de algum treinamento para realizar essa sua atividade de edição ou de fazer vídeos? [treinamento como?] oficina algum minicurso? Não. Ou você assiste algum vídeo na internet? [só assistia vídeo na internet] mas já pensando especificamente no jornal ou por que você sempre quis? [sempre quis, sempre quis me interessa]. Certo, [então você meio que aprendeu sozinho] [é...] tá	Sempre estudou sobre vídeos e edição porque gosta dessa área
	9	P	OK. Agora falando um pouco dos vídeos que vocês fizeram não no jornal você acha que os vídeos podem ajudar outras pessoas aprenderem sobre o conteúdo das reportagens?	
Produção da narrativa digital Investigação Planejamento Críticidade	10	E	Mas é muito do que você tá buscando também, porque eu acho que por exemplo, digamos que eu estou buscando aquilo, aí eu acho que me ajudaria muito porque tem todo um trabalho de pesquisa antes de fazer cada coisa tem toda uma produção roteiro, como vai se encaixar nisso naquilo Acho que sim tem uma didática também, aí eu acho que sim	Aqui ele demonstra como é importante o planejamento e que ocorre um trabalho de pesquisa antes de executar tanto a narrativa/roteiro quanto o vídeo
	11	P	Certo Qual o vídeo que você mais gostou de ter feito de 2019? se você lembrar dos vídeos de 2019?	
Autoria  Críticidade	12	E	Para mim tá no jornal para mim o que eu mais gostei foi o documentário a gente fez no início do ano, [ano passado ou desse ano] no início do ano, acho que foi de Ilha de Itamaracá, acho que foi que ele é de Itamaracá, [o que vocês foram para praia?] Não, não é que a gente foi, tipo a gente foi para o carnaval, aí o tema meio que foi Itamaracá, aí eu gostei muito porque tanto eu aprendi sobre tudo isso aqui, tanto como eu gostei muito de editar, eu gostei de editar e aquela pressão tipo vai logo é pra terça feira, é foi bom eu gostei	Conceito de gostar está relacionado com o envolvimento, ele aprendeu com o vídeo e a edição foi boa
	13	P	Certo. Tem algum vídeo que você menos gostou de fazer?	
Auto avaliação	14	E	Os vídeos que eu menos gosto de fazer, é quando, não tem tipo um vídeo, negócio de fazer as coisas quando está tipo eu aqui e a outra pessoa me dizendo como fazer, o tipo é para fazer isso isso, isso o resto tu faz, trabalhar em grupo é complicado trabalhar em grupo, [certo, então é quando já tem as tarefas certas para fazer, qualquer um deles] é... E o resto pode ser de criatividade minha	Reforça o não gostar de trabalhar em equipe
	15	P	Você se considera um craque nessa mídia?	

Letramento, novos letramentos, novo ethos	16	E	Mas você considera que consegue se comunicar através de vídeos? Sim, é tipo áudio visual é uma arte de que é tipo uma música, sei lá você escuta uma música, é legal essa música, poxa essa música foi para mim, e tipo a professora de artes disse que a arte era meio de expressão, então o áudio visual é o meu meio de expressão é como eu me expresso pelo que eu faço. [você considera que se expressa melhor através de vídeo que em outra mídia?] Depende muito do que você tá querendo passar também, por que por exemplo, um vídeo sobre suicídio, tipo eu falando talvez não tivesse tanto Impacto quanto por exemplo uma pessoa vendo Então depende muito muito muito muito [do tipo de [mensagem], isso [do tipo de conteúdo] é.... No que eu tô querendo passar.	Demonstra uma boa compreensão do conceito de mídia é arte, uma forma de expressão, é subjetivo, cada pessoa tem uma resposta diferente  Percebe a relação entre mídia e conteúdo, mensagem
Criticidade				
Autoria				
Autonomia				
Autorreflexão				
	17	P	Ainda com relação aos vídeos do jornal você presta atenção os recursos sonoros e visuais eles ajudam a compreender a mensagem?	
	18	E	Como assim?	
	19	P	Quando você assiste aos vídeos você presta atenção mais aos recursos, você acha que os recursos que estão sendo usados, ali, em cada vídeo, ajudam na mensagem?	
Estética	20	E	Depende muito da mensagem, porque tem mensagem que eu acho chata, aí eu só presto atenção na edição e tudo, mas quando tipo tá legal (???????) meu presto atenção na mensagem.	
Ética				
	21	P	Você considera que os vídeos do jornal têm mais atenção pelo uso dos recursos ou pelo conteúdo?	
Estética	222	E	Eu acho que depende muito do que você tá querendo observar, é tudo muito é uma questão, eu tô querendo isso ou querendo aquilo, então acho que depende muito	A qualidade da narrativa e do vídeo está atrelada ao objetivo do espectador, dependendo do que ele está interessado, gostos, objetivo
Criticidade				
	23	P	Tem alguma marca sua registrada que quando a gente Assiste a esse vídeo, ah já sei então foi ele que fez? tem alguma coisa específica que você sempre faz nas suas edições?	
Autoria e subjetividade e identidade	24	E	Assim, eu acho as minhas edições, eu gosto muito de fazer uma coisa meio suave, não tipo aquele corte Cruz de filme, tá na cara de um e vai para o outro, eu gosto de fazer uma coisa meio suave, que você relaxa quando assiste, não gosto de fazer uma coisa tipo isso isso, uma coisa é para você vai indo, porque. Eu sou assim também, eu gosto muito das coisas mais, bem calma, be bem é assim mesmo.	Estabelece uma relação entre sua personalidade e sua edição, e os vídeos permitem, não há repressão
Autoavaliação				
Autonomia				
Estilo				
	25	P	No caso da produção no caso a edição do vídeo, não sei quando vai fazer essa edição você geralmente planeja antes imagina qual vai ser a imagem que você vai usar o meio que vai fazendo e vai pensando?	
Investigação	26	E	depende muito, tudo depende eu só tô falando isso, mas tudo depende muito porquê por exemplo digamos, a gente foi uma vez para Itamaracá para fazer uma edição, aí então quando eu vou gravar aquilo eu já vou pensando o que que eu posso colocar naquilo, mas digamos gravou um áudio agora e me deu para editar, é claro que lá que eu vou ter que ir pesquisar ver todo o trabalho de busca escolher as imagens e tal, para Então depende muito tá meio confuso mas eu não sei se você tá conseguindo entender minha linha de raciocínio, [ e como é que vai ser feito se vai ser uma coisa externa se depois você vai ter que buscar fotos né para associar dentro do vídeo uma coisa assim,	A preparação depende do tipo de gravação se seja ao vivo ou totalmente editada. Na outra parte menciona planejamento, prepara uma lista, mas na hora não dá certo e acaba não saindo tão bem
	27	P	E geralmente você, bom você disse que gosta de trabalhar sozinho aí como é que você produz a edição mesmo quando	

			você tem dúvida você vai buscar a informação na internet você assiste tutorial você mexe muito nos aplicativos como é?	
	28	E	É é é... Como essa questão quando eu tenho dúvida assim querendo aparecer muito não, só que tipo, eu entendo muito dê em inglês eu tenho conhecimento bom de inglês, então sempre tem alguma dúvida geralmente não tenho quase nada, aí eu vou pesquisar em inglês tem cursos de graça em inglês em português não eu acho muita coisa em inglês e em português é só acho isso então é mais tutorial mesmo principalmente em inglês. Português tem quase nenhum	Busca na internet para sanar problemas de edição. Podemos perceber que nesse caso é sempre a expressão dele para os outros, e não o contrário, ele não menciona a expectativa da audiência
	29	P	Ah você considerava Quando ia editar os vídeos a integração do conteúdo e recursos visuais e sonoros? o ritmo a duração do vídeo? a voz dos repórteres uma música como é que fica isso tudo assim na sua cabeça quando vai deitar o vídeo?	
Letramento digital	30	E	Fica confuso porque tipo [e como é que você sabe se já ficou bom já está o ideal? Se o que a gente planejou para colocar ia caber, porque é muito, aqui eu faço uma lista das coisas que eu quero fazer só que na hora que a gente vai olhar, tudo que fez é uma coisa muito diferente do que a a gente tava planejando, aí a gente olha assim tipo, Poxa o que poderia fazer, aí acaba ficando meio confuso às vezes, o que a gente coloca aquilo sendo que não combinou, só que tá aquilo, aí é bem confuso, [então de novo tudo depende] é depende, é porque é tudo muito relativo depende muito confuso eu fico muito confusa  Mas tudo geralmente não está na sua cabeça, né É Você considera esses elementos que tem que fazer parte [aí vai indo] vai fazendo vai descobrindo [vai fluindo], então é uma coisa mais pessoal? É em gosto quando é para fazer uma coisa mas pessoal porque tipo eu eu nunca trabalharia para ganhar, meu, minha comida dessa época, é uma coisa minha é uma coisa pessoal, não é uma coisa tipo tua, é uma coisa minha, aí é isso.	Apesar do planejamento nem tudo dá certo, se pretende colocar certas coisas e o efeito final não foi o desejado mas aí não tem muito o que fazer. A técnica é muito pessoal, há fluidez
	31	P	Depende [na questão de edição] Depende muito do meu momento também, porque às vezes eu tô no momento boa, às vezes tão ruim, hoje hoje tô tão bom, tô tão ruim é mais ou menos isso	
	32	E	Ok muito obrigada	

10. ENTREVISTA COM FORMADORA				
CATEGORIA	Linha	P/E	UNIDADE SIGNIFICATIVA	ANÁLISE
			Dados pessoais Idade :17 Curso: Guia de turismo	
	1	P	Pronto, antes de começar no jornal, você já fazia vídeos?	Primeira experiência fazendo vídeos
	2	E	Não	
	3	P	E qual foi a sua função no jornal?	
	4	E	Oh, logo de entrada eu entrei como, fiquei como editora, agora como teve a mudança eu fiquei responsável pela turma, que é para ajudar, para nova equipe do jornal, para ano que vem, [ai você ajudava como um todo] Sim, para auxiliar eles, tipo guiando-os, para como vai ser a função de cada um,	
	5	P	Você participou de alguns treinamentos como fazer vídeos?	
	6	E	Sim, sim [e também para essa parte de fazer a formação recebeu alguma dica, alguma informação] Sim, [Buscou informação?] Não, recebi dicas. [Dicas, ne, do pessoal mesmo daqui?] É	Participou da oficina e recebeu dicas
	7	P	E com relação vídeos do jornal, você acha que quem assiste aos vídeos do jornal, eles conseguem aprender o conteúdo das reportagens? Como é que você acha que é o conteúdo das reportagens?	
Criticidade	8	E	Eu acho que é bom, são assuntos bem didáticos, assim, que até nós mesmos que fazemos precisamos entender, então eu acho bom já assisti vários vídeos [...??] então acho bom.	Os conteúdos são bons porque são didáticos, são necessários, devem ser aprendidos
	9	P	Teve algum vídeo que te chamou mais atenção, que você gostou mais?	
Autoria	10	E	Sim, Ilha de Itamaracá Você participou da gravação dele? Não em si Da edição? Sim ajudei sim, sim ajudei algumas partes, algumas partes que e eu aprendi eu ajudei	Deveria ter perguntado por que,
	11	P	Teve algum vídeo que você não gostou de fazer?	
	12	E	Não, não teve nenhum não. Foi tudo OK tudo.	
	13	P	Joia. Você se considera craque nessa mídia? Você acha que consegue se expressar através de vídeos?	
	14	E	Não, não é uma coisa boa para mim não. Tem alguma que você gosta de se expressar? Não [Texto, figura, foto, colagem, gravar <i>podcast</i> eu acho que textos] Textos Humhum Acho mais fácil Conversar no telefone, conversar no WhatsApp, também tudo é comunicação	Não gosta de se expressar através de vídeos Prefere textos por achar mais fácil
	15	P	E quando você assiste aos vídeos do jornal você presta atenção aos recursos sonoros e visuais? eles ajudam a passar mensagem?	
Letramento digital	16	E	Eu presto, por conta de um cursinho que a gente fez, que teve aqui, então em tudo que eu aprendi eu fico observando. Você quer ver como é que está, fica avaliando se ficaram legais?] É	Relacionar o que aprendeu com o que continua fazendo
	17	P	E o que você acha que chama mais atenção o recurso ou as mensagens? Conteúdo das reportagens?	

	18	E	Eu acho que os dois, os recursos também são bons, o conteúdo também são bons eu acho que os dois [os dois são importantes?] E	
	19	P	Certo, tem alguma coisa quando você ajudava na edição, que você acha que era sua cara e deixava a sua marca, que você gostava de fazer?	
Autoria ou criatividade, mas a integrante não desempenha	20	E	Que eu gostava de fazer... [é] Não Ou quando você ensina os novos jornalistas tem alguma coisa que você sempre faz? Ah, há alguma coisa que sempre faço, [alguma coisa que deixa assim sua marca registrada] Não, não, acho que não	
	21	P	E quando você estava fazendo a questão da edição como é que você geralmente trabalhava, ficava sozinha, pesquisava alguma coisa, planejava como seria feito?	
	22	E	Como eu ia sempre com Erick, ele estava sempre me guiando, eu tive pouco tempo na edição ele, eu eu, eu já ia planejando com ele como a gente ia fazer, então, ele ia mais ou menos me guiando, tinha alguém sempre me acompanhando, me guiando, e eu também botava minha ideias também E você chegou a fazer algum tutorial? Cheguei sim ele mandava vários vídeos assisti vários vídeos ele mandava eu assistir	
	23	P	E como é pensar qual vai ser o recurso que você vai usar o que é que você geralmente pensam?	
	21	E	Me dá medo por quê, porque se não saber mexer nisso, se não saber mexer naquilo, vai dar errado nesse lado, etc., dava medo, Mas tem algum critério que você usava vamos aqui recurso por causa disso? Não, não, eu ia mais pelo que era para fazer não tinha nenhum critério não	
	24	P	E você costumava pensar na repercussão do vídeo como seria o <i>feedback</i> da audiência como as pessoas iriam falar sobre os vídeos?	
	25	E	Sim, costumava, porque toda vez que saia um vídeo ou então Alex, eu perguntava a Alex do jornal essa semana, Alex falava, eu ficava esperando comentário, eu ia la ver	
	26	P	Ok. Então, muito obrigada Então é isso muito obrigada	
	27	E	Obrigada também	

11. ENTREVISTA COM FORMADORA				
CATEGORIA	Linha	P/E	UNIDADE SIGNIFICATIVA	ANÁLISE
	0	Dados pessoais	Ok estamos aqui com mais outra entrevista Idade: 16 Curso: DS	Primeira experiência fazendo vídeos
		P	Pronto, antes de começar no jornal, você já produzia vídeos?	
	2	E	Não foi minha primeira experiência aqui.	
	3	P	Você participou de algum treinamento para fazer os vídeos?	
	4	E	Eu entrei meio aleatório, porquê a roteirista que era R, ela saiu e o repórter já me conhecia, ele sabia que eu me interessava muito por escrever, aí ele já me chamou já fui entrando, já fui praticando por aqui mesmo, [você, então, você aprendeu fazendo realmente? [é...] e vídeo antes você aprendeu a fazer?] Não, não trabalho com essa área não. [ficou mais na área de roteiro mesmo, né?] Sim, sim	
	5	P	Certo, em 2019 Qual foi a tua função?	
Compartilhar o conhecimento  Motivação Prazer	6	E	Eu ensino os alunos novatos para eles fazerem o que eu fazia antes, aí a gente divide tudo direitinho e vai ensinando para eles o que a gente sabe, E você gostou de ter feito isso Sim sim eu gostei muito, eu achei muito legal, eu me divertia muito, ainda me divirto com eles hoje em dia,	Geralmente eles gostam de se referir às atividades como prazerosas ou não. Será que a qualidade das produções está associada a ludicidade tanto do processo quanto do produto?
	7	P	Certo. Tu ainda estás ajudando?	
	8	E	Estou. Toda quinta-feira tem reunião a gente conversa, eu vou ensinando algumas práticas botando alguns vídeos para eles fazerem,	
	9	P	Ah você já considera que sabe fazer vídeos?	
	10	E	Eu não faço, mas na minha equipe tem Yuri que ele sabe fazer, ele ensina a eles, eu ensino mas na parte do roteiro, da criatividade, essas coisas,	
	11	P	Agora com relação aos vídeos do jornal certo, Você considera que os vídeos podem ajudar outras pessoas a aprender sobre o conteúdo das reportagens?	
	12	E	Sim, sim eu tava até conversando sobre os comentários tem professores que usam os vídeos para ensinar os alunos e acho que é uma coisa muito, que se tu assistir vai ser bem mais fácil para você aprender tá entendendo,	
	13	P	Qual o vídeo que você mais gostou de fazer - no caso - do ano passado?	
Narrativa digital, roteiro	14	E	[E, deixa eu ver, [teve algum, assim que você] como ao passado eu participei do roteiro dos vídeos, eu acabava assistindo e eu acho que eu gostei de todos, os vídeos na verdade porque são muito interessantes [e teve algum roteiro que você gostou mais de ter escrito?] não porque meus roteiros eram bem básicos eram mais apresentando o jornal, esse tipo de coisa e não mudava tanto, todos os vídeos eram muito legais	Gostar de um vídeo é dizer se ele é legal ou interessante.
	15	P	Você se considera um craque nessa mídia?	

Letramento midiático	16	E	Não, todo mundo tem muito a aprender ainda. [mas você acha que consegue ficar na frente das câmeras se comunicar e dizer que você tem a dizer?] Eu sou meio tímida em relação a essas coisas	A timidez a impede de se expressar diante das câmeras
	17	P	E qual outra mídia que você gosta de usar que você acha que se expressa melhor? [Como?] Vídeo você não usa porque se sente tímida, aí tem uma outra mídia?	
	18	E	Texto Eu gosto de escrever eu fico mais à vontade [mas a vontade, né você se identifica mais, né ]	
	19	P	Quando você assiste aos vídeos do jornal você presta atenção aos recursos sonoros e visuais? você acha que eles ajudam a compreender a mensagem, passar uma mensagem?	
Letramento digital	20	E	Ajudar bastante é isso é muito importante em relação, porque ninguém vai querer assistir um vídeo que não tá com som bom, que não sabe, que a pessoa não tá sabendo falar, eu acho muito legal que as pessoas, as pessoas estão se esforçando muito para isso, isso é muito legal,	Os recursos são importantes, demonstra preocupação com os espectadores,
	21	P	E você acha ainda com relação aos vídeos do jornal certo eles prendem mais atenção pelo conteúdo ou pela reportagem, ou desculpa, pelo conteúdo ou pelos recursos sonoros e visuais?	
Letramento digital Críticidade	22	E	Eu acho que, embora os recursos sejam muito importantes, eu acho que, o que mais prende realmente é o conteúdo, porque não adianta nada ter um vídeo com a voz super boa mas o assunto é chato então eu acho que conteúdo prende mais.	Os recursos e a voz são importantes mas o conteúdo prende mais a audiência, o conteúdo é com quando não é chato
	23	P	Quando você preparava seus roteiros as falas dos repórteres, tinha alguma coisa que era sua cara você sempre usava alguma palavra algum jeito?	
Autoria	24	E	Eu não eles sempre que começavam tipo Olá meu nome é Nicolas meu nome é Nayara sempre isso, mas eu não sei eu só tentava mais deixar de uma forma mais dinâmica, sabe apresentação ser uma conversa bem diária mesmo	
	25	P	E você chegou a fazer reportagens mesmo ou eram mais as falas de Nicolas e Nayara?	
Investigação Análise	26	E	Não, era mais as falas de Nicolas e Nayara, [aí você se preparava antes você...] Eu procurava ver mais sobre o tema que eles iriam falar, para poder encaixar direitinho, mas era bem básico, [Mas você fez alguma pesquisa para ver como é que se faz fala de apresentador?] Eu vi por quê, Eu não cheguei bem no início do jornal, então eu assisti os vídeos anteriores deles, para ver como eles gostavam de falar, como era o estilo de fala deles.	Teve a preocupação de estudar os vídeos anteriores para aprender a fazer sua função
	27	P	Você também ajudou alguma coisa em relação a edição as filmagens, gravação ou as filmagens?	
	28	E	Eu já fiz uma entrevista uma vez basicamente, eu tentava ver também se alguém tinha dúvida, em outro tipo de coisa, eu tentava ajudar, quando eu sabia mas,	O processo estimulou a cooperação dos participantes, uma oportunidade para que talentos venham à tona,
	29	P	Joia Ok muito obrigada	
	30	E	De nada	

12. ENTREVISTA COM FORMADORA				
CATEGORIA	Linha	P/E	UNIDADE SIGNIFICATIVA	ANÁLISE
	1	P	<b>Idade: 17 Curso: DS</b> Antes de participar do jornal você já fazia vídeos?	
Letramento	2	E	Na verdade não, não fazia nenhum vídeo, mas eu entrei mais no jornal mas na parte escrita na redação assim, eu gosto muito disso, que eu sou monitora de português, aí eu curto muito essa parte de escrever escrever né É	Sem experiência previa de vídeos, mas prefere escrever e veio para o jornal para ser roteirista em 2018
	3	P	Qual é tua função no jornal, qual foi qual é hoje?	
Autonomia Autoria Letramento	4	E	No começo, era parte de criar, como é o nome, dos textos que o repórter da repórter ficaria responsável de estudar para quando fosse fazer o vídeo já falar, [certo] e e depois a gente ficou na parte, dividida, para pegar os alunos do primeiro ano já tá passando para eles o que a gente tinha aprendido, porque ano que vem eles que vão ficar no nosso lugar	Descreve a narrativa
	5	P	[Jóia] Certo, e você participou de algum treinamento para fazer vídeos sobre isso que você está fazendo, você buscou alguma informação de como passar a informação para as outras ou de como fazer roteiros?	
Investigação Autoria	6	E	Bom eu fui aprendendo na prática né, algumas coisas eu pesquisava na internet, fazia alguns slides para eles,	Sem treinamento. Aprendeu fazendo e alguma busca da internet
	7	P	Certo, jóia, agora com relação aos vídeos do jornal, você considera que eles podem ajudar outras pessoas a a aprender os conteúdos que são trabalhados Nas reportagens?	Perguntar: Qual era o objetivo das reportagens para vocês, qual mensagem vocês queriam comunicar para o espectador?
Novo letramento Conhecimento compartilhado para outras pessoas	8+	E	Acho que podem sim, os alunos que criam aquilo então a gente fica tipo nossa que curioso foram eles que fizeram realmente para a pessoa que for ver vídeo consegue entender aquilo, realmente levar para vida	A narrativa é criada a partir da cultura de referência do aluno e segundo eles isso auxilia a compreensão da mensagem
	9	P	Certo, e qual foi o vídeo que você mais gostou de fazer?	
Criatividade Letramento =narrativa	10	E	Foi com os meninos, que a gente ia selecionar algumas turma, aí a gente ficou, eu fiquei responsável pela parte do primeiro ano do DS-A, e a gente criou um vídeo bem legal que era sobre o hino nacional, só que a gente, além de só, da gente colocar o hino nacional, a gente colocou figuras, que eles fizeram, a gente fez meio que uma paráfrase do hino e ficou bem legal. [Ah tá, eu o que te chamou mais atenção?] A interatividade pelo querer deles. Foi muito legal.	Descreve a construção da narrativa
	11	P	Você se considera craque nessa mídia? você consegue se expressar através de vídeos?	
	12	E	Não, eu não sou tão craque em relação aos vídeos, mas eu acho que eu sou boa na parte de escrever, de ter criatividade de ideias para o que por lá.	
	13	P	E com relação aos vídeos do jornal, atenção, você presta atenção nos recursos sonoros e visuais? Você acha que eles achou de contribuir com a mensagem?	
	14	E	Sim, ajuda bastante somente quando alguém tá narrando alguma coisa e tem algumas imagens que tem a ver com a narração, fica mais interativa dá para você imaginar também.	
	15	P	Certo, e você considera o que chama mais atenção no caso, os vídeos que já estão prontas os conteúdos ou esses recursos?	

Criticidade	16	E	Eu acho que é a junção dos dois, porque não adianta ter só as imagens sem ter uma narração boa e ter as imagens e sem a narração, então a junção fica muito bom	Recurso e narrativa devem estar equilibrados para compreensão do vídeo, mensagem
Letramento digital	17	P	Você tem alguma outra mídia que você prefere se expressar que você consegue se comunicar melhor, com outro tipo de mídia, ou você acha que vídeo?	
Qualidade da narrativa	18	E	De novo, Eu gosto muito da parte de escrever, não só da parte do jornal, mas de sentimento mesmo eu gosto de escrever no caderninho, no celular mesmo, é bom se expressar dessa forma, [certo, mais escrita] [e desenho, arte?] desenhou desenho também não, mas acho que figura também dá pra gente se expressar.	Demonstra ter noção de comunicação, que pode ser por várias mídias, a dela a preferência é a o texto escrito
Letramento	19	P	E no caso na execução dos roteiros, quando você fazia ano passado, como é que você geralmente preparava?	
	20	E	Eu costumava dar uma primeira estudada no tema, Tipo digamos que a gente vai para Itamaracá, ai eu já pesquisava, quais são as partes atrativas de lá, a função histórica, também é bom a gente trazer um pouco do significado da palavra, e traves disso eu escrevia, umas partes legais e passava para eles e deixava bem claro pra eles que mesmo que não seria necessário, você decorar daquela mesma forma que eu escrevi, mas tipo se você entende aquilo você pode passar e ficar até mais suave, para não ficar tão robótico Certo ai no caso quando você escrevia, você sempre fazia um texto corrido? Sempre costumava fazer um mapa mental? [não] alguma coisa assim Quando eu escrevia eu costumava tipo, colocava o nome da pessoa que no caso era o repórter, e abaixo eu colocava meio que uma expressão que ele poderia pronunciar, só pra não ficar tipo, só uma coisa: vamo apresentar não sei o que; parado, mas algo tipo, acenar a cabeça, falar um ok... [já botava os gestos que ele poderia usar] é isso, para não ficar tão robótico. E você também dava uma dica assim como deveria ser a montagem do vídeo? Não eu nunca fiz isso nunca pensei para pensar nisso você podia colocar alguma imagem, alguma coisa assim, nessa parte não, né?  Nessa parte não era mais as pessoas que estavam ...[realmente, ficava com relação ao texto né] então você também não pensava nessa questão como seriam os recursos visuais e sonoros que seriam usados? Assim, eu também gostava de dar uma ideia. "Porque não coloca essa imagem", pra fazer a junção, né, do que o repórter vai perguntar, depende do que a pessoa tá respondendo para ele]... E o que você considerava que tinha que ter na mensagem na reportagem o que você pensava mais em transmitir quando você preparava o roteiro?  Eu acho que o resumo de tudo é o resumo.	Sua narrativa seguia um planejamento semelhante aos demais, apenas especificou com mais detalhes os aspectos que iria pesquisar, enfatizou que preza pela organização do texto, demonstra considerar que o texto seria narrado, então insere a linguagem gestual para auxiliar os apresentadores, e que isso acaba por se tornar sua marca.
	21	P	E você acha que tinha alguma coisa que era sua marca era o estilo do seu texto esse texto já sei quem foi que fez o roteiro a gente escutar?	
	22	E	Assim, eu acho que assim na parte da organização eu gosto muito de, se tem, nome do repórter, tem que grifar deixar bem direitinho, ai abaixo como eu falei, a como deveria falar, como, acena a cabeça, [...], fala um ok, se a a pessoa fosse ler/ver já conseguiria saber que sou eu, porque eu gosto muito dessa parte.	
	23	P	Então o teu planejamento para fazer roteiro seguia essa sequência, pensava o texto, ia fazendo essa organização	
	24	E	[isso]	
	25	P	Eu acho que é isso. Obrigada.	

13. ENTREVISTA COM FORMADOR				
CATEGORIA	Linha	P/ E	UNIDADE SIGNIFICATIVA	ANÁLISE
	1	P	<b>Idade:</b> 16 <b>Curso:</b> GT Antes de participar do jornal você já fazia gravações de vídeos?	
Algum letramento	2	E	Assim de brincadeira com a minha amiga, brincando só por diversão [algum tipo de vídeo específico Não, e era só pra gente, a gente não. ] só de brincadeira, né] é	
	3	P	Qual é tua função no jornal, qual foi qual é hoje?	
	4	E	É formar a próxima equipe para o ano de 2010 [e ano passado que você foi repórter.] É ano passado, eu fui repórter. [certo]	
	5	P	E você participou de algum treinamento para realizar essa atividade? [não] ou para fazer os vídeos?	
	6	E	Não	
	7	P	E você percebia que eles dependiam de você?	
Colaboração Responsabilidade	8	E	Sim, pra, porque, muitas coisas eles eram novo, ai vídeo, roteiro, a gente sempre tava dando os toques pra eles.	
	9	P	Você considera que os vídeos podem ajudar a aprender sobre os conteúdos das reportagens?	
Criticidade	10	E	Pode porque a intenção do Jornal já era essa, informativo, e atingir não só a escola, mas outras pessoas.	Narrativa, o objetivo é informar que leva a aprender
	11	P	Qual o vídeo que você mais gostou de ter feito?	
	12	E	O do Sítio Histórico de Igarassu [certo, nesse, você foi repórter?] Foi	
	13	P	E teve algum vídeo que você não gostou?	
	14	E	Não, não teve.	
	15	P	Você se considera um craque dessa mídia, de produzir vídeos, de fazer vídeos, você acha que consegue se expressar através de vídeo?	
Autoavaliação	16	E	Não, não sou muito bom não	
	17	P	E tem alguma coisa especifica que você acha que tem que melhorar?	
Autoavaliação	18		Assim, em tudo a gente sempre precisa melhorar alguma coisa, mas eu nunca parei, assim para reparar muito.	
	19	P	Você acha que tem alguma outra mídia que você consegue se expressar melhor do que em vídeos?	
	20	E	Mais por trás, por trás das câmeras	
	21	P	Quando você assiste aos vídeos do jornal, você presta atenção nos recursos sonoros, nos recursos visuais, ou presta mais atenção na mensagem?	
Criticidade	22	E	Assim de tudo um pouco, porque se a gente presta mais atenção no visual, a gente esquece do áudio, ai a gente sempre tem que estar prestando nos dois.	
	23	P	E você considera que os vídeos do jornal prendem mais a tenção, pelo conteúdo ou pelo uso dos recursos?	
Uso dos recursos	24	E	É pelo uso dos recursos, é assunto como a gente é jovem, pode achar chato, entediante, ai a gente sempre usa os recursos, para prender a atenção mesmo.	O uso dos recursos é para prender a atenção e evitar que a narrativa seja entediante para o público jovem.
Autoria, criatividade, mas não identificou nada.	25	P	E quando você estava produzindo vídeos, no caso ano passado, tinha alguma coisa que você fazia que deixava a sua cara, há esse vídeo foi ele?	
	26	E	Não, não sei	

	27	P	E como era assim, esse processo de produzir vídeos, você planejava a sua reportagem, você planejava onde que iria ser feito, você fazia um roteiro, buscava informação?	
	28		Assim, ano passado, a gente tinha os roteiristas, ai eles já mandavam pra gente, e a gente escolia o local que a gente achasse melhor, pra gravar, [certo, então você fazia, o que eles já tinham mais ou menos encaminhado] É	
	29	P	Então no caso você não escrevia a reportagem.	
	30	E	Não, até ano passado não Só fazia a gravação Não	
	31	P	E você costumava pensar como você iria entrevistar alguém, que critérios você iria usar para fazer essas filmagens?	
Discutia, a gente colaboração	32	E	A gente sempre elaborava algumas coisas, [decidia junto mais ou menos como seria feito] É, porque não ia sempre um só, ia vários, ai a gente discutia antes, e via, o que ficava melhor a gente fazia.	Mais um exemplo de que as decisões eram em equipe, mas sempre em relação às questões técnicas
	33	P	E você pensava qual seria a repercussão do vídeo, qual seria o <i>feedback</i> da audiência?	
	34	E	É às vezes, às vezes,	
	35	P	Ok, muito obrigada pela sua entrevista	

## APÊNDICE 08

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E TECNOLÓGICA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Concordo

que

\_\_\_\_\_ participe, como voluntário(a), do estudo que tem como pesquisador responsável a aluna de pós-graduação Ana Luiza Wayand de Andrade, do curso de Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica, da Universidade Federal de Pernambuco, no PPG-EDUMATEC — **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E TECNOLÓGICA**, que pode ser contactada pelo *e-mail* luizawayana@gmail.com e pelo telefone (81) 9.8133-2016. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar uma Dissertação como requisito para a conclusão do curso de pós-graduação intitulada **NARRATIVAS DIGITAIS: Uma análise da criação de narrativas digitais em vídeo, na perspectiva dos multiletramentos**

A participação de meu(minha) filho(a) consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita, assim como, a análise dos vídeos produzidos para o Jornal O Fato Social, os mesmos serão transcritos e algumas imagens podem ser usadas no corpo do trabalho. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que, nesse caso, será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim sua privacidade. A aluna deixará a disposição uma cópia das transcrições coletadas para meu conhecimento. Além disso, sei que posso cancelar a participação de meu(minha) filho(a) na pesquisa quando quiser e que ele(ela) não receberá nenhum pagamento por esta participação.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.